

Magda Sarat (Org.)



ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL

SEI Dourados/MS
(1980-2023)

História e Memórias



**ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO
INTEGRAL-SEI DOURADOS/MS
(1980-2023):
História e Memórias**



Pedro & João
editores

**MAGDA SARAT
(ORGANIZADORA)**

**ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO
INTEGRAL-SEI DOURADOS/MS
(1980-2023):
História e Memórias**



Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Magda Sarat [Org.]

Escola Serviço de Educação Integral-SEI Dourados/MS (1980-2023): História e Memórias. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 338p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1319-4 [Impresso]

978-65-265-1320-0 [Digital]

1. História de instituições. 2. Memória da Escola. 3. Educação Infantil. 4. Educação em Mato Grosso do Sul. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Lourdes Kaminski

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
Jezio Hernani Bomfim Gutierre	
APRESENTAÇÃO	13
Magda Sarat	
CAPÍTULO 01	19
ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL-SEI: história oral e memória	
Magda Sarat	
CAPÍTULO 02	35
AS ORIGENS DA ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL-SEI (1980-1995)	
Eliana Maria Ferreira Samara Grativol Neves	
CAPÍTULO 03	67
O MAGISTÉRIO: Escola Serviço de Educação Integral-SEI (1995-1998)	
Luana Tainah Alexandre Braz	
CAPÍTULO 04	95
CELEBRAÇÕES E FESTAS DA ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL/SEI	
Luciene Cléa da Silva	
CAPÍTULO 05	129
A “ARTE DA ESCUTA”: memória e histórias da escola-SEI	
Magda Sarat	

CAPÍTULO 06	143
PERCURSOS E MEMÓRIAS DE FUNDAÇÃO: múltiplos olhares	
I. MEU SONHO ERA TER UMA ESCOLA Ezir Bomfim Estremera Gutierre	143
II. A ESCOLA SEI É A EZIR QUE TEM IDEIAS FANTÁSTICAS! Jesus Estremera Gutierre	178
CAPÍTULO 07	193
TRAJETÓRIAS e MEMÓRIAS: os olhares docentes	
I. EU APRENDI A SER PROFESSORA! Telma Koller	193
II. MEU SONHO ERA SER PROFESSORA! Neusa Néspolo	207
CAPÍTULO 08	217
A (RE)CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DE PROFESSORAS DE BEBÊS: DA ESCOLA SEI (1983) À LICENCIATURA UEMS (2023)	
Giana Amaral Nedina Stein	
CAPÍTULO 09	231
ESCOLA SEI UM LUGAR ONDE ENSINO E APRENDO TODOS OS DIAS	
Rosana Palhano Taveira de Mattos	
CAPÍTULO 10	237
O QUE EU VIVI NA ESCOLA SEI – MEMÓRIAS DE PROFESSORA	
Márcia Prenda	

CAPÍTULO 11 **243**
MEMÓRIAS E OLHARES DO CUIDADO

- I. EU CONSTRUÍ A ESCOLA SEI, E ESTOU AQUI
HÁ 31 ANOS! 243
Wilson Correia Saraiva
- II. “MEU LANCHINHO, MEU LANCHINHO, VOU
COMER” HÁ 25 ANOS! 247
Marilei da Silva Flora Ortis
- III. EU SEI CUIDAR DE GENTE! É O QUE FAÇO NA
ESCOLA SEI! 252
José Carlos Pereira

CAPÍTULO 12 **257**
MEMÓRIAS DO VIVIDO: os olhares da família

- I. ESCOLA SEI - LUGAR QUE LAPIDOU A VIDA
DA MINHA FAMÍLIA! 257
Ivan Valente
- II. A ESCOLA SEI É UMA FAMÍLIA PRA MIM 265
Maria Elizabeth Bagio Cassel
- III. UMA ESCOLA EXITOSA 269
Dirce Nei Teixeira de Freitas
- IV. A ESCOLA SEI E A FORMAÇÃO DAS MINHAS
FILHAS 279
Almerinda Maria dos Reis Vieira Rodrigues
- V. PEQUENA MEMÓRIA COM ELOGIO ESCOLA SEI 285
Renato Suttana

CAPÍTULO 13	301
MEMÓRIAS DE ENCONTROS COM A VIDA: olhares de alunos e alunas	
I. VIDA LONGA A ESCOLA SEI E A TIA EZIR! Tadeu Fernando Figueiredo	301
II. NA ESCOLA SEI ME FORMEI E FOI COMO A MINHA FAMÍLIA! Denis Morel	310
III. CARTA ABERTA À TIA EZIR Janaina Bianchi de Mattos	316
IV. A ESCOLA SEI UMA GESTÃO FAMILIAR Tatiane Silveira Doffinger Bruneto	326
V. SEI SEMPRE SEI DESDE O INÍCIO! Luciana Bagio Cassel	327
VI. O SEI É CINQUENTA POR CENTO DA MINHA VIDA! Alexsandro silva Ferreira	327
VII. PORQUE A ESCOLA SE CHAMA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL? Marina Sarat Suttana	328
VIII. DO SEI EU ME LEMBRO... Mariana Barros	332
SOBRE OS/AS AUTORES/AS	333

PREFÁCIO

A avaliação de qualquer objeto é mais precisa quando se preserva uma certa distância. Por isso mesmo, autocríticas e autobiografias são frequentemente vistas com suspeita: quando o analista é também o analisado, é natural que se espere alguma parcialidade e condescendência. Sabemos bem como as vaidades, simpatias e antipatias tendem a se impor ao nosso juízo e, por isso mesmo, em julgamentos, o júri nunca pode ser composto pelo acusado ou por seus íntimos, da mesma forma que qualquer prêmio teria sua idoneidade questionada se os responsáveis pela escolha fossem muito próximos do premiado. Elogio em boca própria é vitupério!

Tudo isso é, acredito, universalmente reconhecido, mas merece ser salientado nas circunstâncias desta apresentação. Quando fui gentilmente convidado a escrevê-la, não me considere – e ainda não me considero - capaz de elaborar uma avaliação objetiva daquilo que constitui o centro de atenção deste volume. Em primeiro lugar, porque, embora tenha exercido o magistério por décadas, minha prática profissional foi sempre limitada ao ensino superior em áreas alheias à pedagogia e ao ensino fundamental. Em segundo lugar, sinto-me inadequado justamente porque estou muito próximo dos idealizadores e diretores do Serviço de Educação Integral, de seus desafios, angústias, trabalho constante, soluções e vitórias; durante décadas preocupei-me com as preocupações deles e comemorei seus triunfos. Não sou, portanto, um observador isento. Mais do que isso, os responsáveis pela condução do SEI são meus pais e meus irmãos, com quem tenho vínculos que não podem ser descritos em palavras e por quem tenho admiração, que também desafia qualquer limite. Por tudo isso, sou forçado a concluir que sou um apresentador incompetente.

Entretanto, admitindo-se de saída que, objetivamente, não sou tecnicamente qualificado para falar do SEI e que não seria capaz de desenvolver relato isento, talvez ainda caiba espaço para algumas considerações subjetivas, escoradas na minha convivência – mesmo que a distância e fragmentada – com esse empreendimento familiar.

Este livro traça, de maneira muito vívida, a trajetória da escola, desde suas origens, passando pelo início modesto, pelo gradual crescimento e sofisticação de instalações e práticas, até chegar ao estágio maduro atual, em que assume posto sólido como exemplo de excelência educacional e presença constante na vida social da cidade e do estado. Os depoimentos e a iconografia agregados na sequência atestam e dão cor a essa jornada tão bem sucedida. Assim, não cabe nesse contexto enfatizar esses passos, tão apropriadamente documentados a seguir, mas apenas enfatizar alguns elementos que julgo importantes e definem o pano de fundo que acompanhou esse caminho cheio de conquistas.

Pessoalmente, acredito que as pessoas, de fato, têm estilos. E o que define tais estilos são alguns valores presentes em sua personalidade e no perfil de vida que levam. Invariavelmente, em qualquer atividade que desempenhem, tais valores estarão presentes e serão identificáveis. No caso dos meus pais, ao lado de outros tantos traços e valores pessoais, percebo princípios profissionais nítidos: respeito pelo trabalho, busca da excelência e competência, responsabilidade (brio) e idoneidade. Embora nenhum desses princípios, isoladamente, seja capaz de cobrir uma quadra esportiva ou educar uma criança, nem por isso, em seu conjunto, deixaram de manter contraponto com tudo o que foi conquistado.

A Escola SEI nasceu com pouquíssimo capital de base, mas com disposição permanente ao trabalho. Tenho lembrança das longas horas de planejamento e estruturação necessárias à composição do projeto e mesmo à preparação da ambientação física das classes. A instalação da Escola foi muito trabalhosa, mas o ritmo de dedicação nunca esmoreceu até hoje, muito após a esperada maturação e

estabilização do projeto. Cada passo foi cumprido com o devido suor do rosto e com o reconhecimento de que este é o caminho justo e esperado.

Mas o trabalho constante, por si só, não é suficiente. A intenção original nunca foi meramente a de se criar mais uma escola, mas de prover o aluno de um cabedal que lhe seja valioso para toda a vida. De fato, o nome de registro “Serviço de Educação Integral” não é protocolar, mas uma expressão do que sempre se pretendeu: fornecer ensino de qualidade e formar cidadãos. Um ideal como esse, extremamente ambicioso quando confrontado com o cenário da educação brasileira atual, persiste sendo o objetivo que insistentemente se persegue; os alunos e seus pais merecem que lhes seja oferecido o melhor serviço disponível, e é isso que baliza os dirigentes e corpo docente da escola: educação e formação de excelência.

É esse reconhecimento da responsabilidade associada à tarefa de ensinar que substancia o terceiro grupo de valores (ao lado do valor ao trabalho e busca da excelência) presentes na constituição do SEI. A educação de qualidade não é um processo automático e não tem paralelo com dinâmicas industriais. Educadores precisam levar em conta a individualidade dos educandos e preservar o entusiasmo e atenção característicos de sua função. É a isso que me refiro como “brio profissional”: vejo nos dirigentes do SEI o orgulho e a auto assumida responsabilidade de preservar a qualquer custo a qualidade do ensino que oferecem, algo que se reflete em cada ação entusiasticamente empreendida em favor de seus estudantes.

Finalmente, chegamos ao último dos valores que selecionei: idoneidade, talvez o mais abstrato dentre eles, mas nem por isso menos presente. Por formação, disposição e convicção pessoais, fiando-se no trabalho, na busca de qualidade e na consciência de sua responsabilidade pedagógica, os dirigentes do SEI nunca se afastaram de parâmetros rígidos de idoneidade administrativa, profissional e pessoal. Os mesmos valores éticos que se procura

incutir em classe são professados diariamente com alunos, docentes, funcionários e colaboradores.

Com esse elenco de valores, pretendi, como disse anteriormente, dar conta do contraponto, às vezes oculto, que sempre se entrelaçou com a construção da escola aqui discutida. Mas a esse comentário confessadamente subjetivo, creio ser cabível acrescentar um elemento complementar. Algumas empreitadas são diariamente levadas adiante de maneira quase indiferente. E não me refiro apenas àquelas atividades do dia a dia como tomar banho ou abastecer o carro. Para algumas pessoas, mesmo sua rotina profissional ou seus vínculos afetivos são um tanto marginais para a definição de suas metas cardeais.

Por oposição, um outro grupo de atividades é visto por seus praticantes de maneira muito mais sanguínea e central, algo que se entrelaça com a vida de seu praticante, a define e é definida por ela. É nesse sentido e com esse peso que vejo a dedicação de minha família ao SEI. Não é atividade marginal, mas visceral, algo que ocupa corações e mentes e que tem acompanhado por quatro décadas o dia a dia, o imaginário, as preocupações e anseios de meus pais. Nesse sentido, a trajetória emotiva e pessoal do SEI deixa de ser algo integralmente detectável, seja por estatísticas, seja por análises pedagógicas, seja até mesmo pelas abordagens historiográficas que este livro tão bem empreende.

Dado o entrelaçamento constante dessa escola com a história de seus queridos e diferenciados fundadores, sua trajetória assume alguma coisa da riqueza, emoção e mistérios de suas vidas.

Jezió Hernani Bomfim Gutierre

São Paulo, abril de 2024.

APRESENTAÇÃO

Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu (Bosi, 2003, p. 69).

A Escola Serviço de Educação Integral (SEI) tem sua história contada nessa obra, resultado de uma longa trajetória de pesquisa, que envolveu muitas pessoas, histórias de vida e memórias de profissionais da Educação e outros trabalhadores, que como a epígrafe acima diz, não foi feita somente para ser arquivada e publicada, mas foi um material organizado em torno de uma instituição de Educação Básica, que começou como escola de Educação Infantil e se consolidou com o Ensino Fundamental, atendendo crianças de 02 a 14 anos, no município de Dourados em Mato Grosso do Sul, por mais de quatro décadas, mudando a vida de muitas crianças e adolescentes. Assim, essa história de tantas vidas precisa ser contada, conhecida, lida e seguir transformando a cidade onde ela foi plantada, cresceu, floresceu e gerou frutos que ainda hoje seguem frutificando e alimentando o presente.

A Escola Serviço de Educação Integral tem como princípio a integralidade nas suas ações, embora não tenha o período integral como atendimento, mas pensa os discentes como indivíduos que precisam ser atendidos de forma completa, não somente atendimento pedagógico, mas atenção humana, afetiva, psicológica, motora, espiritual, cuidando de todas as dimensões do indivíduo em suas necessidades.

Neste contexto, procuramos em parceria com diversos projetos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD e do GPEPC, Grupo de Pesquisa “Educação e Processo Civilizador”, levar adiante um plano de trabalho que

permitiu visibilidade às trajetórias de pessoas e profissionais ligados à Escola SEI, como ela é carinhosamente conhecida, e assim, nasceu este livro, resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido na UFGD, desde o ano de 2007, com o primeiro trabalho de Conclusão de Curso, quando a escola completou vinte e cinco anos.

Assim, convidamos leitores e leitoras à imersão por mais de quarenta anos de história e memórias da Escola SEI.

A presente obra articula-se a partir de duas partes. Na primeira parte estão as pesquisas acadêmicas que contam a história da instituição, a partir das investigações feitas por alunas da UFGD, sob minha orientação, desde os anos de 2007, por ocasião do primeiro Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), já mencionado, sobre a Escola SEI. Logo depois, ainda sobre o tema, foram desenvolvidas duas Dissertações de Mestrado, além de vários trabalhos de Iniciação Científica. Tais experiências aparecem prioritariamente nos quatro capítulos iniciais, deste livro, além do quinto capítulo, no qual, teoricamente apresentamos a segunda parte do livro.

Além disso, trazemos um pequeno fragmento do rico e imenso acervo de imagens fotográficas que a escola possui. Características da instituição, desde os tempos iniciais, quando registra todas as suas atividades. No princípio, as fotos eram analógicas e reveladas, portanto, a escola possui um acervo imenso, cuja sua história poderia ser contada, somente usando esse arquivo iconográfico, ou seja, pelas lentes dos fotógrafos da casa, especialmente do professor Fábio Bomfim Gutierre (filho da professora Ezir). Acervo que esteve à nossa disposição durante a pesquisa, com o qual foi possível trabalhar, respeitando as devidas autorizações, por isso, desde já agradecemos profundamente, especialmente, na figura da professora Telma Koller, a guardiã dos arquivos.

A fotografia é um rico documento histórico que conta a trajetória e revela uma época, com todas as nuances e os detalhes do registro de quem se deixa fotografar. Ela é o espelho do passado que se traduz em um instante e nos reporta a um tempo, nos faz viajar na riqueza de detalhes. Procuramos fazer esse mergulho com as

imagens, lembrando da beleza dos primeiros tempos, pelas lentes dos que nos legaram um passado que retorna no momento que a imagem ajuda a lembrar e a trazer de volta, no presente, o vivido de forma concreta e emocionada, portanto este lugar da fotografia está reservado nessa obra.

A segunda parte apresenta as pesquisas com as histórias de vida e as memórias de todos os personagens que estiveram na Escola SEI nos últimos quarenta anos. Teríamos muitas outras pessoas e tantas outras histórias a serem contadas, mas não foi possível abarcar tantas experiências. Seria impossível mensurar a riqueza de depoimentos, nessas poucas páginas, no entanto, conseguimos reunir um grupo de diversos setores que estiveram envolvidos com a instituição e que puderam dar seu depoimento, ou escrever de próprio punho, sobre sua participação na vida da instituição. Alguns fizeram textos mais elaborados, outros pequenos fragmentos, outros deram entrevistas longas ou curtas, mas todas as histórias são ricas de emoção e afetividade de cada um, lembrando de um tempo, quando a instituição fez diferença em sua vida, em sua formação ou na formação escolar de seus filhos.

Neste contexto, podemos contar com histórias e memórias desde as origens com o/a fundador/a representado/a pelos docentes “tio” Gutierre e “tia” Ezir, como são conhecidos, passando pelas professoras, prioritariamente, as mulheres que se dispuseram a contar ou a escrever suas histórias, reafirmando o lugar do magistério como trabalho feminino, especialmente, com crianças menores, embora na escola tenha professores homens com as crianças do fundamental II.

Depois, passamos pela trajetória das pessoas que cuidam dos serviços gerais, da cantina, da portaria e convivem com as crianças, cotidianamente, na instituição e que também contaram suas experiências. Convidamos ainda as famílias, que nos brindaram com textos autorais de diversos períodos, falando de seus filhos e filhas, que hoje, adultos são um orgulho para todos. Finalizamos com as memórias de ex-alunos e ex-alunas, abarcando vários períodos,

desde aqueles que estudaram, quando a escola começou na década de 1980, no primeiro prédio, quando havia somente 66 alunos, até aqueles que estudaram até o ano de 2020, quando a escola já contava com mais de 1100 alunos. Estas saíram recentemente e ao ingressar no Ensino Médio foram homenageadas na formatura por terem estudado toda a Educação Básica no SEI.

Todas estas vozes nos contam um pouco da instituição, da sua educação, das experiências vividas, dos desafios, dos objetivos, do cotidiano e daquilo que se tornaram, os que são adultos, e o que desejam para os próximos quarenta anos, não somente para si, como para a Escola SEI, ou seja, o mesmo sucesso, com competência e eficiência no fazer pedagógico.

Importante destacar que esta pesquisa só foi possível, pois foi realizada em uma universidade pública, com fomento e apoio institucional, há bolsistas que ajudaram no trabalho, desenvolvendo projetos na escola e recebendo apoio das agências de fomento, tais como a CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; FUNDECT - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul; CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Esta publicação está sendo financiada com recursos da Faculdade de Educação e do Programa de Apoio à Publicação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em parceria com a Escola SEI, a quem agradeço imensamente. Agradeço aqui, especialmente, minhas alunas, Suzana Maria Santos Pires, Élide Danielle da Silva, Samara Grativol Neves, Michelly Fermino da Silva e Luana Tainah Alexandre Braz, pela dedicação à pesquisa na Escola SEI, e ao aprendizado que tivemos juntas no desenvolver deste trabalho.

Concluo, desejando que esta leitura traga não somente conhecimentos sobre a história da educação no município de Dourados, mas também alegria, deleite e prazer em reviver a memória de voltar aos bancos escolares com seus rituais, em um tempo da nossa infância carregado de experiências, como nos

ensinou Ecléa Bosi, que não vieram para serem guardadas nas gavetas, mas, para se espalhar pela cidade, encantar as pessoas, preencher os espaços, frutificar e seguir formando gerações, como vem fazendo há quatro décadas “Tia” Ezir e sua equipe.

Vida longa ao SEI e a toda a sua comunidade!

Magda Sarat
Organizadora

Dourados/ MS, verão de 2024.

CAPÍTULO 01

ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL-SEI: história oral e memória

Magda Sarat

Ninguém começa do nada: todos começam onde outros ficaram (Elias, 2008, p. 36).

A epígrafe do livro *Introdução à Sociologia*, de Norbert Elias, revela a necessidade de olhar para o passado, para nossas ancestralidades, para aqueles que construíram antes de nós. Nesse sentido, a história seria a continuidade e extensão de projetos sonhados, idealizados e executados, por indivíduos que se aventuram pelas mais diferentes áreas e deixam um legado para as gerações futuras. No caso dos projetos educativos e das instituições, podemos observar que, nem sempre, tais marcas advêm de políticas públicas, podendo vir das iniciativas de indivíduos que se preocupam com a Educação e, individualmente constroem propostas e edificam escolas. É o caso da história que contamos nesta publicação.

A história, as memórias, as experiências e as vivências de uma instituição educativa criada nos finais do século XX, e que há mais de quatro décadas de atuação formou grande parte dos profissionais de classe média e as lideranças do município de Dourados e região. Falamos da Escola Serviço de Educação Integral (SEI), criada em setembro de 1980, por uma professora e sua família, tendo iniciado seu funcionamento em 1981, estando em plena atividade até o presente.

Ao pesquisarmos a história da Educação, no município de Dourados e região, essa instituição se destaca pela sua longevidade e por um trabalho reconhecido na área da Educação Básica do Ensino Fundamental, embora, tenha começado como uma

experiência exclusivamente dirigida para a Educação Infantil. Posteriormente, o SEI prosseguiu incluindo outras séries, a fim de atender demandas da comunidade, que pedia a continuidade da escola, para atender os primeiros anos do Ensino Fundamental. Portanto, acreditamos que analisar, a partir do viés sociológico, com base nas teorias eliasianas, como se deu a constituição da Educação nas instituições, nos permitem contar a história de toda a região, pois é o que faremos a partir da Escola SEI.

A escola representa um fragmento da cultura instituída e permite compreender de que modo a educação local é percebida, no caso desta iniciativa que foi conduzida por uma família, e se ampliou para toda a região criando redes de relacionamentos com os mais diversos grupos de indivíduos. Para Elias (2008), qualquer aspecto da vida humana pode ser tratado sociologicamente, eu acrescentaria, que pode ser analisado historicamente, considerando a História Oral, o tempo presente, as trajetórias individuais e a ascensão da instituição no espaço coletivo, mesmo que esta tenha partido de um projeto pessoal, resultado do sonho de uma professora, como ela mesma relata: “[...] eu nunca deixei de ser professora. Eu queria ser professora, o meu sonho era ter uma escola” (Profa. Ezir). Este projeto coletivo alcançou amplitude e relevância social, incluindo diversos grupos de pessoas e segmentos em seu entorno.

A Escola que apresentamos é de caráter privado, criada a partir de um projeto pessoal, cuja história será relatada a partir de fontes documentais produzidas com respaldo da História Oral, uma perspectiva em torno de pessoas comuns, que contribuem socialmente com suas experiências. Em outra publicação, discutimos essa metodologia com mais detalhes, mas, destaco os motivos pelos quais continuamos a trabalhar com essa perspectiva, pois ela “valoriza as vozes das pessoas, as trajetórias de vida, memórias, biografias, histórias que possam dar respostas aos nossos questionamentos (Sarat; Santos, 2010, p. 51), para além das fontes

oficiais e permitem utilizar um material produzido a partir das memórias e histórias contadas pelas pessoas que viveram o fato.

Neste capítulo, todo o material utilizado refere-se a fragmentos de uma longa entrevista, realizada com a professora Ezir Bomfim Estremera Gutierre, no mês de novembro de 2011, em várias sessões ao longo de semanas, quando ela me recebia na Escola SEI, em seu gabinete e conversávamos sobre diversos assuntos. Na entrevista, formalmente, começamos pela sua história de vida e sua formação até a criação da escola, material que será apresentado na segunda parte deste livro. A entrevista foi transcrita, conforme os procedimentos específicos desta metodologia, sendo depois apresentada para a entrevistada, que autorizou o que poderia vir a público. Além disso, na pesquisa, tivemos acesso aos arquivos e fontes da própria instituição.

Na entrevista, foi muito importante ouvir a história da professora Ezir, conhecida por todas as pessoas como “tia Ezir”, não vou aqui discutir o tão propalado tratamento de “tia” para a docência com crianças pequenas, pois já escrevi sobre isso (Sarat, 2015)¹, em outro momento e pessoalmente discordo, mas ainda é utilizado na maioria das escolas com crianças pequenas. No entanto, retomando a vitalidade em utilizar a história oral e ouvir os fragmentos das memórias da vida pessoal das pessoas, podemos dizer que estes nos permitem contar com momentos inspirados pelas complexidades de cada pessoa, pois como nos ensina Ecléa Bosi (2003, p. 20):

A narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana. Colhe pontos de vista diversos, até opostos, é uma recomposição de dados. Não esqueçamos que a memória é parte do presente, de um presente ávido pelo passado.

¹ SARAT, M. História da formação de professoras para a infância: experiências no Brasil e na Argentina. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v. 18, n.1, p. 23-36, Janeiro/Abril 2015.

Nesse aspecto, contarei com a professora Ezir, trazendo avidamente suas memórias do passado, para tentar recuperar, no presente, a história de uma pessoa que foi a idealizadora, executora e mantenedora do projeto da instituição. Uma escola na qual ela ainda hoje, (2024), aos 92 anos, trabalha cotidianamente à frente de várias atividades, dirigindo o SEI com sua presença forte, imponente e respeitada. Portanto, essa é a trajetória e as memórias de uma mulher que levou seu sonho adiante, pois a proposta de criar a escola veio, também, para dirimir seus “traumas” com a escola da sua infância, em um tempo do qual ela não guarda boas lembranças e, segundo seus relatos, não teve o menor prazer em frequentar.

Em um documento publicado no mês de setembro de 2005, Jornal comemorativo dos 25 anos da escola, ela escreveu uma pequena crônica:

Era uma vez uma menininha de 8 anos que foi estudar em uma escola com prédios grandes, cores neutras, sala escura. Rostos severos, filas, ordens secas. Ao entrar, ela sentiu todo o impacto que uma criança pode sentir ao trocar o calor do lar, pela frieza de uma escola simplesmente (Profa. Ezir).

Considerando o lugar da escola na história da Educação, não podemos esquecer que a professora Ezir estudou em meados da década de 1940, pois ela nasceu em 1931, então, a preocupação com a disciplina, os modos e o comportamento dos alunos era de submissão ao professor e muita austeridade nas regras, além disso, os docentes poderiam utilizar práticas de castigos físicos, se necessário, com a anuência da família. A escola, na época poderia ser tão assustadora quanto qualquer estratégia para coagir as crianças. Na literatura de Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, o autor descreve um episódio sobre o menino que seria enviado para a escola: “a escola segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes [...] a escola era horrível” (Ramos, 2000, p. 104).

Em uma perspectiva eliasiana, sobre o processo de civilidade, a presença das crianças, na sociedade, sempre esteve condicionada à regulação dos seus comportamentos e os adultos tiveram uma preocupação de “civilizá-las”, para inseri-las nos grupos, portanto a escola, a família e outros espaços de poder são permeados por uma educação reguladora dos modos, como assevera Erasmo de Roterdã, em seus escritos, dentre estes, a *Civilidade Pueril*, destinado à educação dos nobres, ainda na infância:

A boa educação consiste em dar às crianças, desde que a idade permita, regras comportamentais de polidez que as tornem suportáveis aos outros, particularmente àqueles que não têm razões familiares de amá-las. Assim a civilidade permitiria uma ampla sociabilidade, conduzindo, conseqüentemente, a criança a uma humanização progressiva (Jolibert, 1995/96, p. 41).

Deste modo, podemos dizer que, a escola é um dos lugares da aprendizagem das normas de civilidade fora do ambiente doméstico, onde a criança precisa enfrentar socialmente regras, desde muito pequena. Em casa, a criança tem limites impostos e determinados pelas famílias, mas, na escola o ambiente é coletivo e precisa ser compartilhado, portanto, o controle e o autocontrole são fundamentais.

A professora Ezir não nega esse lugar da disciplina, ela apenas questiona os modos como eram aplicados e os métodos de ensino da escola na sua infância. Questiona os níveis de rigor, a rispidez das ações, a falta de proximidade, a ausência de afeto entre adultos e crianças e outras práticas de severidade, austeridade na relação docente. E, ainda, imaginava que, se um dia pudesse dirigir uma escola faria diferente, e na sua escola estes elementos de controle dos comportamentos estariam presentes mas, segundo ela, com afeto, respeito e consideração pelas necessidades da criança:

No SEI há filas, comandos, castigos, mas, há também muito respeito e muito amor. A escola é diferente. Os professores são diferentes. A

administração é diferente. Os pais são diferentes. Nenhuma criança se sente só. Ela está cercada pela atenção de professores e pais que trabalham em conjunto porque têm objetivos semelhantes (Profa. Ezir).

O fragmento acima retrata sua concepção sobre a disciplina escolar e a filosofia da escola sobre o tema. Esta proposta foi percebida nas entrevistas com ex-alunos, para a nossa pesquisa, ao abordar tal aspecto verificamos, nos relatos das pessoas, como a Escola SEI tratava as questões relativas ao comportamento com as crianças. As memórias de um ex-aluno corroboram a reflexão da professora Ezir:

A disciplina era fundamental se você errasse [...] a tia Ezir te chamava, olhava firme no olho e perguntava o que tinha acontecido? Por que você fez isso? Era uma bronca para você não fazer mais. Quando você via ela de novo; nossa atitude como aluno era pensar que ela poderia estar brava com a gente, mas para ela aquilo já tinha passado, ela já vinha te abraçava, te beijava e perguntava se estava tudo bem (Morel, participante da pesquisa).

A percepção de que as crianças precisam ter seu comportamento regulado e controlado é socialmente vinculada à educação e à civilidade, em uma sociedade altamente regulada como a que vivemos, na qual as crianças, segundo Elias (1994), precisam aprender em um pequeno espaço de tempo a controlar suas emoções, para que possam ser aceitas como parte do seu grupo social. Em um processo histórico em que a humanidade levou uma longa duração para aprender a se controlar e a lidar com suas emoções, na infância precisa ocorrer em um tempo relativamente curto, pois esta dura apenas doze anos, se considerarmos o que o Estatuto da Criança e do Adolescente normatizam como de 0 a 12 anos incompletos. Esse é o tempo que todas as crianças estão na Escola SEI, sob a batuta da professora Ezir.

Nessa perspectiva, a construção de uma escola que viesse permitir a liberdade de se expressar, sem medo de errar, sem medo de represálias e, ao mesmo tempo ser feliz e vivenciar boas

experiências, era o que almejava a professora Ezir, como ela afirma em seu relato, quando explica a epígrafe que está na entrada da escola em letras grandes **“Nessa escola é permitido errar”**:

Da experiência, foi de onde eu tirei isso. O meu erro e o meu acerto. Cada coisa que eu fiz eu guardo para repetir o acerto e deixar o erro! Eu continuo errando é claro, mas continuo tomando cuidado, para dar certo. Então, a minha filosofia era essa, uma escola onde a criança fosse alegre, fosse mais solta, mais que soubesse que havia limite (Profa. Ezir).

Uma escola na qual a criança tem liberdade de errar e aprender com seu erro está em consonância com as pedagogias de autonomia e de valorização do protagonismo infantil, tão discutidas na atualidade, isso a Escola SEI já trazia em sua proposta, na década de 80, quando foi criada. Como uma escola particular, ela pode oferecer atividades diferenciadas e proporcionar novas experiências, pois a professora chegava de São Paulo e trazia em sua bagagem, muitas novidades pedagógicas para a região. Segundo seu relato:

Me formei no magistério nos anos 50. Eu tinha vinte e um anos. Fiz o magistério no Colégio Batista Brasileiro, em São Paulo. [...] Fiz cursos de formação no Caetano de Campos, em São Paulo, depois do magistério. Os cursos eram muito bons, muito interessantes, bons professores. Eu gostava, tinha algumas ideias novas, algumas coisas para você pensar. Mas, o Magistério foi a chave para dizer, você se achou, isso que me ajudou (Profa. Ezir).

A experiência de uma formação, em outro estado, foi muito importante para imprimir à concepção da escola, as inovações pedagógicas que a professora trazia, embora sua formação fosse ainda no curso de Magistério. De qualquer forma, a família vai viabilizando as questões burocráticas ao longo do ano de 1980, e, no ano seguinte, a escola entra em funcionamento. Segundo seu relato:

Começamos em 1981, com 66 crianças.... Turmas de Maternal, Jardim, Pré I e Pré II. Eram quatro professoras. Eu pensava em ter somente a Ed. Infantil. No Pré, os pais já começaram a pedir que ampliássemos. Eu não queria mais papelada, autorizações, aquelas coisas que eu detesto. Mas, solicitei para poder continuar esse caminho. Fomos até o quarto ano. No final do quarto ano, o mesmo pedido dos pais. Eu continuei e estamos nisso. Nem me pergunte há quanto tempo (risadas). Estou cansada, mas eu estou feliz (Profa. Ezir).

Segundo o relato da professora, a ampliação da escola foi resultado do trabalho realizado pela instituição, fruto de sua abrangência junto à comunidade. A princípio, uma escola que atenderia somente as crianças pequenas da Educação Infantil, na época, seriam as crianças até 06 anos de idade, pela Legislação, a Lei n. 5692/71, que vigorou até meados dos anos 90, quando foi substituída pela LDBEN-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei n. 9394/96, que regulamentou a Educação Infantil e a definiu como primeira etapa da Educação Básica. Mas, na Escola SEI, a educação escolar das crianças pequenas foi prioridade, desde a abertura da instituição. Segundo a professora Ezir, uma de suas preocupações era criar um espaço no qual as crianças gostassem e pudessem se expressar, criassem memórias afetivas e desejassem frequentar, pois esta não foi sua experiência na escola da infância.

Eu queria fazer um infantil feliz. A minha experiência sempre foi de escola triste, escura. Eu lembro que trabalhava muito com minhas professoras para fazer uma escola onde se ensina o livro, mas também o que eles possam vivenciar. Lembro, por exemplo, que eu organizei uma 'corrida de formiga', com torcida (risadas) para a formiga que ganhasse. Às vezes, é só passear no pátio. Eu fazia a 'parede mágica', usavam as mãozinhas, dava aula de relaxamento, eles ficavam mais calmos. Eu digo sempre, 'não tenham medo da sujeira. A sujeira diária não mata ninguém. Vamos vivenciar diversas atividades, porque a criança precisa disso' (Profa. Ezir).

Essa perspectiva voltada para uma escola, na qual a criança seja feliz, possa brincar e viver fora das paredes e muros, faz parte dos debates mais atuais sobre as práticas pedagógicas na Educação Infantil, no sentido de permitir que elas se expressem a partir de diferentes linguagens. A proposta é que possam vivenciar, experimentar e participar de atividades que ajudem na sua formação.

A professora de Educação Infantil precisa ser estimulada e incentivada a deixar a criança se “sujar”, colocar a mão “na massa”, experimentar. No SEI, ainda que a escola seja de caráter privado essa possibilidade é real, pois a professora Ezir, em sua fala reforça: “Eu digo sempre, não tenham medo da sujeira!”, indicando que nessa instituição, a possibilidade de os docentes desenvolverem trabalhos que permitam a expressão da criança é muito concreta. No documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/DCNEIs (2009), as docentes são convidadas a investir em uma prática pedagógica que priorize a criança, seus processos de ludicidade, a linguagem dos jogos e brincadeiras, de modo a permitir a expressão e o pleno desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicossocial da criança, pois esta ação envolve descobertas e aprendizagens.

O respeito incondicional ao brincar e à brincadeira é uma das mais importantes funções da Educação Infantil, não somente por ser no tempo da infância que essa prática social se apresenta com maior intensidade, mas, justamente, por ser ela a experiência inaugural de sentir o mundo e experimentar-se, de aprender a criar e inventar linguagens através do exercício lúdico e da liberdade de expressão (Barbosa, 2009, p. 70).

Na Escola SEI, segundo a professora Ezir, estes aspectos eram possíveis pois a escola precisava refletir uma outra experiência educativa, diferente da sua, em outro fragmento quando debatíamos sobre o projeto da proposta curricular da escola, como ela percebia sua realização concreta, a professora narra que contou com a ajuda

de algumas professoras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que auxiliaram a pensar as questões pedagógicas, que ela concebe como um fazer “construtivista e tradicional”. Segundo a professora Ezir “havia duas turmas, a mãe podia escolher. Minhas professoras foram fazer curso na Escola da Vila², em São Paulo. Depois de eu ter feito e visto que era bom para elas (Profa. Ezir). Ou seja, havia uma preocupação com a formação docente e que as professoras puderam se preparar, fazendo cursos em instituições de referência, como a Escola da Vila, em São Paulo, que a profa. Ezir também conheceu. Na sua percepção de tudo o que tinha de bom nos diferentes métodos, as professoras poderiam se apropriar desde que fizessem um bom trabalho.

A escola SEI sempre teve preocupação com as práticas pedagógicas, logo com a formação docente, tanto que a professora Ezir criou no ano de 1995, um curso de Magistério, para formar professoras que pudessem atuar na escola, de acordo com suas concepções pedagógicas, no entanto, diante das mudanças que ocorreram na legislação educativa, este curso só formou uma turma. Sobre este tema, o mesmo será tratado em um capítulo específico, resultado de uma Dissertação de Mestrado sobre o Magistério do SEI. Apontamos essa questão, pois a prof. Ezir tem uma concepção sobre a docência com crianças e prioriza algumas características, como nos relata:

Nós começamos com quatro professoras e até hoje quando eu vou entrevistar alguma pretendente ao cargo, não pergunto quantos diplomas ela tem, mas se gosta de trabalhar com criança. Você gosta

² A Escola da Vila foi criada em 1980, “neste ano que um grupo de professoras decidiu fundar uma escola para oferecer uma pedagogia ativa, que fosse capaz de possibilitar uma formação crítica, com base teórica construtivista. Elas sabiam que para o projeto avançar era importante formar educadores e educadoras. Assim, criaram o Centro de Estudos, atraindo profissionais de todo o país, que estavam interessados nesta concepção de ensino e aprendizagem”. Pesquisa realizada em 16 de fevereiro de 2024.

<https://www.escoladavila.com.br/historico>

de ensinar crianças? Para mim é o principal. Eu acho importante conhecer o funcionamento da escola, mas o básico é que goste de trabalhar com criança, o meu estilo é esse. As ajudantes das professoras, todas cursam Pedagogia ou estão formadas. Então, o meu termômetro é gostar do que faz. O aluno está aqui para aprender, para crescer, em todos os sentidos (Profa. Ezir).

Ainda que tenhamos muitos debates sobre a formação docente fundamentados na LDB/1996, é importante lembrar os requisitos mínimos para a formação do docente para atuar na Educação Infantil, tal como aparece no Art. 62 da citada LDB.

Para atuar na Educação Básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade Normal (Brasil, 1996).

Para a professora Ezir, o elemento subjetivo, os aspectos emocionais e afetivos são prioritários, para a atuação docente na Educação Infantil. Entretanto, não basta só gostar de criança, precisa saber como trabalhar com elas, aprender este trabalho, ter formação para lidar com estes indivíduos em seus anos iniciais. Valorar o aspecto emocional e afetivo da educação escolar, não só remete à necessidade da professora Ezir, em criar uma experiência diferente da sua infância, mas, está em diálogo com a necessidade de fazer uma escola, na qual as crianças se sintam bem, gostem e sejam felizes, tal como mencionou em outros relatos.

Pois, a instituição precisa ser esse espaço, no qual toda a comunidade de adultos e crianças se sintam valorizados em seus processos de aprendizagem, como a própria literatura nos ensina, desde a Educação Infantil, “implica pensar a escola como um tempo e um lugar divertido, de reflexão, de investigação e de aprendizagem. Um lugar que promove a satisfação pessoal e a alegria de estar junto, convidando à familiaridade e ao diálogo. Para

tanto, torna-se importante a disponibilidade adulta para a escuta das crianças (Barbosa, 2009, p. 78).

Um adulto, docente que se preocupa em escutar a criança, precisa ter sensibilidade, conhecê-la e principalmente ter formação e conhecimento adequado sobre sua prática cotidiana, ou seja, “o exercício do magistério envolve concepções, técnicas, procedimentos, instrumentos, estudos e projeção de experiências” (Barbosa, 2009, p.101), de modo a tornar a ação pedagógica bem-sucedida. Assim, quando a professora Ezir reivindica um docente que “goste de criança, de trabalhar com criança”, ela está desejando situações nas quais:

A professora está sempre implicada e ocupada com as crianças, mesmo quando está distante apenas observando. Seu olhar atento, os gestos delicados, as palavras escolhidas, a oferta de ideias e materiais, garante às crianças a segurança necessária para ir além do conhecido e experimentar o novo. Um olhar de aprovação torna-se então fundamental para dar sustentação e demonstrar a confiança do adulto na criança. É também através do olhar e da voz que o professor demonstra seu interesse pela singularidade de cada criança que está sob sua responsabilidade. A professora, ao observar e escutar as crianças, aprende a perceber a complexidade das suas ações (Barbosa, 2009, p. 100).

Esta professora está na memória de muitos alunos e alunas egressos/as da Escola SEI, que foram entrevistados para as pesquisas sobre a escola, cujos relatos constituem a segunda parte deste livro. Essas mulheres, especialmente, como professoras das crianças deixaram marcas na história da Educação de Dourados, cumprindo um papel relevante na formação de muitos quadros de liderança local e regional, pois a instituição está há mais de quatro décadas em funcionamento.

A Escola SEI, desde o início, fez uma opção pela Educação Básica, a princípio, seria somente a Educação Infantil, mas, avançou até o final do Ensino Fundamental. Ou seja, atende todas as crianças e adolescentes que entram na escola com 2 anos e podem estudar até

os 14 anos, quando ingressam no Ensino Médio. Muitos alunos fazem esse trajeto e realizam na Escola toda a sua Educação Básica. Temos um relato de uma ex-aluna que diz: “Eu estudei no SEI desde o início. Sou do SEI desde o início, eu fiz tudo lá, comecei junto com a escola, quando foi criada, e estudei a vida toda lá dentro (Cassel, participante da pesquisa).

Segundo a professora Ezir, seu projeto foi muito além do que ela esperava, as dúvidas do início da fundação da escola foram sendo dirimidas ao longo dos anos, especialmente, devido ao sucesso do trabalho propalado pelas pessoas que a frequentam. Assim ela considera ter alcançado seus objetivos pelo modo como a comunidade douradense acolheu a proposta e com sua família prosseguiu. Para ela:

Qual era o meu objetivo? Se alcancei, se superei... eu quero ser bem honesta. Hoje, nós fizemos bem feito. Sinceramente eu falo pelo grande número de filhos, de quem entende de educação e matrícula na nossa escola. Muito antes de abrir as matrículas, país de todos os lugares - vindo morar em Dourados, ligam de outros estados por ouvirem falar da escola. Então, hoje, eu acho que conseguimos, mas naquela época não, eu tinha dúvidas. Você nunca viu uma propaganda nossa na cidade, a gente não faz. A propaganda quem faz são os pais e as pessoas sobre nosso trabalho (Profa. Ezir).

O relato da professora informa que ela tem consciência do processo e do tempo que levou para consolidar o trabalho da escola e chegar ao que a mesma representa atualmente na comunidade. Foi uma longa jornada representada pelo trabalho realizado coletivamente e, que reverbera na popularidade da instituição, junto as pessoas que estudaram e continuam levando seus filhos para a escola. O SEI tem uma segunda geração estudando na escola, os filhos dos que estudaram, hoje, levam seus filhos e dão continuidade a atividades que ficaram na memória, lembradas com carinho dos seus tempos de aluno no relato: “Hoje eu tenho duas filhas que estudam no SEI. Quando eu as vejo cantarem as músicas que eu

cantava, tendo as mesmas experiências boas que eu tive, parece um sonho. Tenho a sensação que eu estou revivendo aquelas experiências, eu revivo com as meninas” (Figueiredo, participante da pesquisa).

A professora Ezir avalia a sua bem-sucedida ação e a criação da escola, pela quantidade de mensagens recebidas de ex-alunos e ex-alunas, também, pelas visitas que recebe ao longo do ano, adultos que vêm vê-la e recordar os tempos, quando estudaram na escola: “Eu tenho várias caixas com coisas guardadas, cartas de médicos, engenheiros, agrônomos, arquitetas, todas as profissões, para a tia Ezir. Dizendo que estão indo bem. Outros vêm me visitar” (Profa. Ezir).

A professora conclui a reflexão sobre sua participação na história da Educação de Dourados, de uma forma que só ela poderia, segundo seus interlocutores e quem a conhece, com seu bom humor e uma característica inconfundível, da qual ela é lembrada, sua risada sonora e envolvente, ela finaliza agradecendo e fazendo uma promessa que não pôde cumprir até os dias de hoje, para a alegria da comunidade da Escola SEI:

Eu agradeço a Deus, porque eu realizei o meu sonho. Estou fazendo o trabalho da melhor forma possível. É por isso que eu estou revoltada com velhice (risos), eu detesto ser velha. Eu ainda tenho muita coisa para fazer, mas não tenho ânimo e força (risadas). Mas, eu ainda tenho muita coisa a fazer. Estou preparando o pessoal para tocar e continuar isso no meu lugar (risadas)... (Profa. Ezir).

Vida longa à Escola SEI e à professora Ezir!

Volto a lembrar que realizei esta entrevista, em 2011, há treze anos atrás, ela dizia estar preparando alguém para assumir seu posto e diminuir suas atividades. No entanto, ela ainda, hoje, aos 92 anos, continua à frente da escola, podendo ser encontrada, todas as manhãs, cumprindo horário na escola. Além de estar à frente das festas e das celebrações da escola, como formaturas, apresentação do Coral, da Bandinha e outros eventos. Celebrações marcadas por uma peculiaridade, pela qual a escola é conhecida, como o “horário

britânico”. Todas as festas da Escola começam rigorosamente no horário. Sempre capitaneadas por “tia Ezir”, que abre as celebrações. Deste modo, ela educou toda a comunidade, que horário é para ser cumprido, em favor das crianças, especialmente, com os pequenos, que têm dificuldade para esperar os adultos e precisam ter respeitadas suas necessidades. Além de ser educado como todas as pessoas que chegam no horário. Assim é uma instituição que leva a sério seu lema: ESCOLA SEI, MUITO MAIS QUE ESCOLA!

Referências

BARBOSA, M. C. Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em: 25 fev. 2024

BRASIL. **Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971**. Estabelece Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/ed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 25 fev. 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei8069_02.pdf. Acesso em: 25 fev. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 25 fev. 2024.

BRASIL. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf . Acesso em: 25 fev. 2024.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

RAMOS, G. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SARAT, M. História da formação de professoras para a infância: experiências no Brasil e na Argentina. **Teoria e Prática da Educação**, v. 18, n. 1, p. 23-36, jan./abr. 2015.

SARAT, M.; SANTOS, R. História oral como fonte: apontamentos metodológicos e técnicos da pesquisa. *In*: COSTA, C. J.; MELO, J. J. P.; FABIANO, L. H. (org.). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2010, p. 49-78.

CAPÍTULO 02

AS ORIGENS DA ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL-SEI (1980-1995)

Eliana Maria Ferreira
Samara Grativol Neves

O começo de tudo...

Este capítulo é resultado de uma pesquisa desenvolvida na UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados, entre os anos de 2015-2017, na Linha de Pesquisa “História da Educação, Memória e Sociedade”, que teve como tema, a experiência da Educação Infantil no estado de Mato Grosso do Sul, a partir da trajetória de uma instituição educativa, a Escola Serviço de Educação Integral – SEI (1980-1995). No texto, contaremos parte da história desta instituição, interesse de investigação em um projeto anterior que culminou na Dissertação de Mestrado intitulada “Educação ‘Pré-Escolar’ em Dourados: a Escola Serviço de Educação Integral - SEI (1980-1995)”, defendida em 2017, por Samara Grativol Neves, membro do GPEPC - Grupo de Pesquisa “Educação e Processo Civilizador”, da Faculdade de Educação da UFGD, grupo do qual somos pesquisadoras. No site do GPEPC estão disponíveis as publicações de seus membros¹.

Para este recorte, apresentamos uma caracterização a partir da história das instituições de Educação Infantil, da cidade de Dourados-MS, em especial, da Escola SEI, que surgiu para atender, prioritariamente a educação escolar de crianças menores de 6 anos, sendo a pioneira a ser aberta, no município, somente para este

¹ Grupo de Educação e Processo Civilizador/GPEPC. Disponível em: <https://ufgdpesquisaeducac.wixsite.com/gpepc>

segmento. Realizamos algumas visitas à escola e, durante três meses, fomos uma vez por semana à instituição para trabalhar na pesquisa e no acervo da mesma.

Nosso foco vai para os arquivos da escola, atentos para a riqueza de tudo que envolve a história dos sujeitos envolvidos. Assim, nos empenhamos, precisamente, no grande arquivo de fotografias, representado por uma caixa de papelão (com medidas em torno de 80 cm por 60 cm de largura e 50 cm de altura), onde foi possível encontrar memórias e recordações de mais de trinta anos de história da escola. As visitas ocorreram de forma mais eventual, ou quando havia a necessidade de conferir melhor algum item demandado na pesquisa.

A primeira etapa da pesquisa foi dividida em três fases: a) conhecimento do campo da investigação, verificação dos documentos arquivados, sobre o que tratavam, estado de conservação, acesso, modo de arquivamento, entre outros; b) catalogação destes arquivos em tipos de documento, ano de produção, assunto, quantidade etc. e; c) seleção do material para a pesquisa, na qual buscamos aqueles documentos referentes à pré-escola e ao período compreendido entre os anos de 1980 a 1995, período de interesse da investigação para o projeto da Dissertação de Mestrado.

As fases iniciais da pesquisa nos proporcionaram, enquanto historiadora da Educação, um avanço no conhecimento das fontes e registros do passado e tal experiência acompanhou todo o processo da escrita e da compreensão dos arquivos, focando em como estes se constituíram, pois estes são nosso “porto seguro”, o local de todos os “achadouros”, daquilo que buscamos investigar e esperamos encontrar, assim íamos aos arquivos, conforme nos ensina a bibliografia, como historiadoras que “se dispõe a fazer as coisas falarem” (Pesavento, 2005, p. 59), trabalho nem sempre fácil e imediato, mas que exige um olhar minucioso em todas as fases da empreitada.

Para este capítulo, elegemos uma seleção das fotografias utilizadas na pesquisa e recolhidas no acervo da escola, elencadas seguindo alguns critérios: a) qualidade da fotografia e sua nitidez como requisitos básicos da análise; b) imagens nas quais estivessem desenvolvimento de atividades pedagógicas, em grupos ou individuais, pois nossa ênfase estava calcada na concepção e no trabalho pedagógico da escola; c) por último, a partir da recorrência com que determinadas atividades eram fotografadas, levamos em consideração aspectos materiais da imagem, elementos que indicavam o período da foto como cortes de cabelos e vestimentas e anotações no verso etc. Todos estes cuidados foram necessários, pois uma grande parte do acervo não está catalogada e não contém muitas informações sobre a fotografia. Assim, estes cuidados nos permitiram detectar o tempo, pois guardavam as marcas do período pesquisado, quando não encontrávamos explícitos nas imagens fotográficas.

Para a escrita da pesquisa, consideramos uma pequena parte do imenso acervo de fotografias disponíveis nos arquivos da escola, contendo registros de inúmeras atividades, tempos distintos e anos de história registrada e guardada naquelas caixas e álbuns. Ao final, selecionamos, em torno de 95 fotografias antigas e recentes, com o objetivo de analisá-las, a partir dos estudos acerca da utilização do retrato como fonte para a Historiografia da Educação.

A fotografia é um gênero da história que perpassa a “ciência e a arte”, ela faz parte do processo histórico e atua como meio de expressão e comunicação, de modo a representar a realidade. O pesquisador ainda pode contar com essa fonte “como meio de conhecimento visual da cena passada e, portanto, como uma possibilidade de descoberta” (Kossoy, 1989, p. 34). Neste trabalho, fazemos uso da análise iconográfica indicada por Kossoy (1989), nas análises das fotografias, nos atentamos somente em relação ao conteúdo fotográfico, ou seja, o “assunto da fotografia”, aquilo que é registrado e que conta nos inúmeros álbuns, os registros de muitos aspectos internos da instituição.

Quando falamos de fotografia e de recolhimento de imagens estamos tratando de algo acontecido, um evento que se passou em algum momento, algo que foi apreendido por uma imagem representativa de um passado que ficou guardado em algum lugar como registro daquele instante. Portanto, como fonte histórica consideramos que toda reprodução fotográfica foi tirada com uma finalidade e intencionalidade, se constituindo em um meio de informação e conhecimento de valor documental e iconográfico.

Historicamente, a fotografia forma, com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de uma determinada época. Tal ideia implica a noção de intertextualidade para a compreensão ampla das maneiras de ser e agir de certo contexto histórico: à medida que os textos históricos não são autônomos, necessitam de outros para sua interpretação. Da mesma forma, a fotografia – para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo – deve compor uma série extensa e homogênea para dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar (Mauad, 2005, p. 143).

A mesma autora aponta que as fotografias não devem ser consideradas produções culturais de um dado momento ou tempo histórico e sim, como fruto de um trabalho social, produzido por pessoas dentro de uma instituição que traz as marcas do lugar, portanto, precisam ser percebidas pelo pesquisador, considerando todas estas variantes (Mauad, 2005), tanto da produção, a intencionalidade, a preservação, a opção do registro.

Neste contexto, da produção material da fotografia, a imagem representa um testemunho visual pois “[...] é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos” (Kossoy, 1989, p. 22). Na Escola SEI, a todo momento havia situações a serem registradas, e tais momentos foram sendo construídos, a partir de um ponto de vista, portanto, não estava isenta de algum tipo de opinião. Alguém, no momento do registro,

demonstra sua intenção de fazê-lo de determinada maneira, assim, sempre haverá uma interpretação cultural, ideológica e estética (Kossoy, 1989).

Dessa forma, a fotografia se torna objeto de pesquisas na área de Educação, aqui, mais especificamente na Educação Infantil, ao trazerem em si, uma série de informações, capazes de responder a diversas questões e hipóteses, proporcionando inúmeras possibilidades de análises à medida que “toda a imagem é histórica [...]. A história embrenha as imagens nas opções realizadas por quem escolhe uma expressão e um conteúdo, compondo por meio de signos, de natureza não-verbal, objetos de civilização, significados de cultura” (Mauad, 2005, p. 151). Por suas inúmeras possibilidades, elegemos fontes iconográficas para responder nossas indagações sobre as concepções de criança e do trabalho pedagógico da Escola SEI, considerando sua criação e desenvolvimento entre os anos de 1980 a 1995.

A escola SEI e sua história nos documentos e registros (1980-1995)

A Escola Serviço de Educação Integral (SEI) foi fundada em 1980, por iniciativa particular, pela professora Ezir Bomfim Estremera Gutierre e seu esposo, Jesus Estremera Gutierre, com intuito de oferecer educação integral para crianças menores de 6 anos. A escola apresentava um currículo diferenciado, centrado na formação da criança e seu conteúdo e abarcava as áreas da arte, natureza, música e ludicidade. Esta instituição educativa não era confessional e foi aberta por interesse particular desta professora, oriunda de São Paulo que veio residir em Dourados.

Segundo a documentação presente no estatuto da escola, sua proposta educacional consistia em “uma educação integral com condições para o desenvolvimento moral, intelectual do aluno, tornando-o consciente de seus direitos e deveres, como cidadão brasileiro, para a construção de uma sociedade cristã mais justa e humanitária” (Gutierre; Koller, 2005, p. 3). Embora, a escola não seja

ligada a instituições religiosas, suas práticas pedagógicas e, todo o trabalho cotidiano se pautam em concepções confessionais expressando sua cultura escolar². Por cultura escolar, entendemos, de acordo com Silva (2006), a partir de quatro aspectos basilares: a) os atores, formado pelo corpo docente, discente, administrativo e comunidade escolar; b) os discursos e linguagens que fazem parte do modo de comunicação entre os mesmos; c) as instituições, ou seja, de que maneira está organizado o sistema educativo e escolar e; d) por fim, as práticas, os comportamentos que regem os demais aspectos e que se consolidam com o passar do tempo. Assim, tudo que estava envolvido contando sobre a instituição nos interessava diretamente.

Os documentos informam que o ano de 1980 foi dedicado aos atos legais da criação da escola. De acordo com Silva (2007), a instituição começou suas atividades com crianças, em fevereiro de 1981. As crianças estavam divididas por faixa etária da seguinte forma: Maternal (3 anos), Jardim (4 anos), Pré I (5 anos) e Pré II (6 anos). Posteriormente, foi ampliada para outros níveis de ensino, até concluir o primeiro grau, atualmente, denominado de Ensino Fundamental, compreendendo os nove primeiros anos da Educação Básica. Destacamos que a escola foi aberta para oferecer somente a educação pré-escolar, mas hoje atende crianças até a conclusão do Ensino Fundamental II.

Segundo a documentação nos informa, a Escola SEI, nos anos de 1980, tinha no início uma base teórica pautada nas concepções piagetianas de desenvolvimento e aprendizagem. Tal abordagem considera a criança como o centro e enfatiza a construção de suas estruturas mentais em parceria com o ambiente que a cerca. A teoria construtivista estava muito em voga nos anos de 1980, século XX, partia da valorização dos estágios de desenvolvimento psicológicos da criança. A teoria aponta que em todos os estágios de desenvolvimento, as crianças criam esquemas de ação que as ajudam na compreensão de novos conhecimentos a cada novo estágio e, aos desafios as quais ela é

²Ver mais sobre cultura escolar no site: <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a13n28.pdf>

submetida durante o processo de aprendizagem e da apreensão de novos conhecimentos (Oliveira, 1999).

Nesse período, entre os conteúdos organizados na proposta pedagógica para o pré-escolar, encontramos conteúdos como integração social, comunicação e expressão (linguagem oral e escrita), educação artística, educação física, matemática, educação religiosa, e um conteúdo conhecido como “auto educação” representada por um bloco de atividades a serem desenvolvidas que se relacionavam a aprendizagens como: relaxamento, “aula de silêncio”, equilíbrio, atenção, concentração entre outras. Nesse aspecto podemos perceber algumas características da educação pautada no método Montessori, conhecido e admirado pela professora Ezir, a fundadora da escola, que aplicou algumas de suas técnicas, também subsidiada pela sua formação como psicóloga.

Aqui faremos um parêntese para destacar que na história da Educação em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, esse método Montessori foi muito utilizado e teve bastante importância, sendo divulgado de forma pioneira em algumas instituições, especialmente na ampliação da educação pré-escolar, nas décadas de 60 e 70, do século XX, quando se instalaram as primeiras instituições de atendimento à infância no Estado. “Creche e Lar Santa Rosa, 1963, em Corumbá; Creche Lar Santa Rita, 1965 em Dourados e Casa Escola Infantil do Bom Senso, 1970, também em Dourados” (Sarat; Silva, 2015, p. 222), portanto essa foi a proposta que esteve na gênese da Educação Infantil pública e particular, na região.

Retornando as fontes documentais da Escola SEI, na década de 1980, percebemos que estes itens caracterizavam práticas de autoeducação e educação física com atividades direcionadas para ações específicas como varrer, transportar, flexões, foram atividades observadas na segunda versão do documento da escola, aprovado após a análise do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (CEE/MS). Na proposta educacional continha ainda uma seção denominada “Integração Social”, nela

encontramos um rol de atividades que fazem referência a conteúdos, relacionado às ciências sociais.

No documento da época, havia uma lista de conteúdos e atividades com um trabalho pedagógico que partia do entorno da criança e caminhava numa perspectiva do micro para o macro, assim, o trabalho passava do ambiente da sala, pela relação com as professoras, (na escola eram chamadas de “tias” o que permanece até os dias de hoje), pelos colegas e ia em direção à própria escola, a família e ao bairro. Entre as atividades, destacamos as datas comemorativas e as práticas relacionadas às ações de plantio de flores, hortas, sementes, árvores, estas atividades realizadas ao ar livre. Posteriormente, o tema foi revisto pela instituição e incluído na disciplina de ciências (Proposta Educacional do SEI, 1980, p. 42).

Outro destaque observado na proposta da época, está no direcionamento para uma concepção filosófica cristã, em todos os momentos educativos, pois embora seja uma escola laica, em termos jurídicos da documentação, ela sempre teve uma percepção cristã humanística desde a sua origem com a presença de elementos e rituais religiosos de tradição protestante como: orações, cânticos, estudos bíblicos e músicas religiosas, por conta da confessionalidade religiosa de seus proprietários. Na proposta, a seção denominada “Educação Religiosa” apresenta os conteúdos: “Deus Criador: água, terra, sol, plantas etc. Quadrinhas. Cânticos. A vida de Jesus. Histórias bíblicas. Dramatizações (Proposta Educacional do SEI, 1980, p. 43). Com a recomendação: “sempre que for conveniente, as atividades poderão ser acompanhadas de música, dramatização, projeção de slides ou qualquer outro recurso facilitador da aquisição, fixação ou verificação da aprendizagem” (1980, p. 43).

O aspecto religioso, em uma escola laica está diretamente ligado à confissão religiosa dos proprietários da escola, e não a um direcionamento legal de uma determinada organização ou denominação religiosa. Observamos que o documento fala em aprendizagem sobre os conhecimentos bíblicos. É importante dizer, que ao trabalhar, com crianças pequenas, certamente algum

benefício pode advir, ao serem ministrados determinados conteúdos, ainda que de modo proselitista, mas no caso da escola, essa prática contava com a aprovação das famílias.

Na documentação da Escola SEI, do período, este aspecto é caro à instituição pois podemos verificar como um dos objetivos a serem alcançados, aparecendo no Estatuto Escolar desde o Título I das Finalidades, Cap. II Filosofia da Escola, no Inciso II, ao apontar: “Dar condições aos educandos para que desenvolvam suas potencialidades, visando auto realização e *participação da obra do bem comum, através da formação espiritual e humanística*” (Proposta Educacional do SEI,1980, p. 3, grifo nosso). Tal formação de caráter religioso ou espiritual, pode ser percebida cotidianamente, bem como nas atividades desenvolvidas em diferentes momentos dos rituais escolares, nas festas culturais e celebrações ao longo do ano. E nos parece ter o apoio da comunidade escolar e das famílias das crianças.

As práticas pedagógicas na escola SEI (1980-1995)

Ao abordar as práticas pedagógicas, estamos falando de algo que está imbuído em um contexto mais amplo, nas práticas sociais, pois envolve um contexto educativo além da esfera escolar, e se constitui também, a partir das relações sociais. Portanto, não pretendemos nos debruçar na temática, mas queremos considerar a documentação e apresentar alguns vestígios dessas práticas, considerando que “[...] uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, é inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social [...]” (Veiga, 1992, p. 16), ou seja, ela é parte do que se aprende socialmente, e a escola tem o aspecto formador, não só intelectualmente, mas como função de formar o cidadão, atendendo comportamentos pré-estabelecidos por seu grupo. É uma instituição formadora e reafirma tais concepções no desenvolvimento de seus ritos cotidianos e suas práticas pedagógicas diárias.

Nesse contexto, ao tomar a prática pedagógica, como possibilidade de transformação e reflexão da prática social, daquilo que acontece fora dos muros da escola, nos reportamos às atividades desenvolvidas na escola SEI para as crianças da pré-escola. A organização da escola refletia as discussões que repercutiam no país sobre a educação escolar dos menores de sete anos, no período, de acordo com a Lei n. 5692/71, Lei de Diretrizes e Bases, em vigência. As crianças estavam na chamada Pré-escola até os 6 anos e, somente aos 07 anos, ingressavam na primeira série.

As propostas de atividades da instituição, segundo a documentação, tinham o propósito de proporcionar aprendizagem por meio de experiências, tanto sensitivas, exploratórias, quanto imaginárias e lúdicas sendo que todas as práticas eram desenvolvidas pelas crianças do pré-escolar. Nas imagens fotográficas percebemos, que as atividades mostravam o aspecto da ludicidade como característica a ser cultivada na proposta da escola.

Estávamos no início dos anos de 1980 e a bibliografia sobre a educação das crianças menores de sete anos era escassa, havia poucas experiências com atividades diferenciadas, bem como escolas ou instituições educativas de pré-escolares no município de Dourados. Nesse sentido, a Escola SEI surge com atividades inovadoras para a época como: a valorização dos jogos, do faz de conta, das fantasias, das experiências múltiplas para o desenvolvimento infantil, da ludicidade como centro do processo educativo, do atendimento a uma educação integral.

Tais práticas diferenciadas tiveram êxito e foram bem recebidas pela comunidade, pois traziam novidades para as crianças e, entre estas, os documentos pontuam, atividades artísticas, música, pintura, teatro, jogos, além daquelas relacionadas ao cultivo da terra e ações ao ar livre. As atividades condizem com um currículo que parte da criança pequena, pois ao tomá-la como ponto de partida exige “compreender que para a criança o mundo envolve afeto, o prazer e o desprazer, a fantasia, o brincar e o movimento, a poesia, as ciências, as artes plásticas e dramáticas, a linguagem, a música e

a matemática [...]” (Kuhlmann Jr., p. 65, 2003), ou seja, todo o contexto social envolvido.

Dentre tais atividades, destacamos algumas delas que foram consideradas um diferencial na escola e que as crianças gostavam muito, por exemplo, a “Parede Mágica”, a Piscina, o Bosque (atual Fazendinha). A “Parede Mágica”, aos nossos olhos, era e ainda é, uma atividade simples, mas que contempla o contato da criança com as cores, com texturas, universo imaginário, contemplando experimentos que envolvem o olhar, tato, o paladar, o olfato, o prazer, a contemplação enfim, a descoberta dos sentidos e do trabalho coletivo. Elaborada com uma tinta especial, vinda de São Paulo, permitia às crianças do pré-escolar, se expressarem de forma livre, executando diversos movimentos com a tinta em uma parede de azulejos, e até mesmo colocar na boca para provar seu gosto. Era destinada exclusivamente às crianças da pré-escola, ou seja, desde o maternal à pré-alfabetização (Informativo de 25 anos da Escola SEI, 2005). Segundo a documentação, a produção da tinta, especialmente desenvolvida para as crianças, continha elementos laváveis e antitóxico, ao que aparece nas imagens, permitia às crianças provarem, pois, crianças pequenas levam tudo à boca.

Nas imagens (Figura 1), as crianças aparecem cobertas com tinta, aparentando sentimentos de curiosidade, prazer e alegria e os professores não as impediam, por entender como uma atividade prazerosa e segura, que permitia novas experiências. As brincadeiras elaboradas na Parede mágica estão retratadas em muitas fotografias da instituição, conforme ilustrações nas Figuras 1 e 2.

Figura 1 - Crianças em atividade na Parede mágica, 1981.

Figura 2 - Crianças em atividades na Piscina, 1981.



Fonte: Arquivos da Escola SEI (1981)

Observamos que os docentes, também faziam parte das brincadeiras, de forma ativa. Observamos nas imagens, as roupas e partes do corpo com tinta, percebemos ainda, que mesmo tendo sido convidadas a olhar para o fotógrafo, as crianças permanecem sensibilizadas e em conexão com o campo sensorial, por meio dessa experiência estética que nos parece estar mobilizando seus sentidos, quando vemos as crianças tocando uma mão na outra, sentindo e experimentando a textura da tinta, pois:

As experiências estéticas seriam aquelas que envolvem todos os nossos sentidos, percepções e emoções, não se limitando ao domínio da prática artística historicamente estabelecida. [...] ela está presente em tudo aquilo que mobiliza nossos sentidos e sentimentos, aquilo que nos emociona, nos toca, nos atravessa, nos faz sabermos vivos (Guedes; Ferreira, 2017, p. 6).

As cores das tintas apresentavam várias tonalidades, mas, ao serem misturadas, no momento da atividade, ficavam mescladas em tons mais escuros, parecendo um único tom. O êxito dessa atividade está na memória de todos que passaram pela instituição e, hoje, adultos falam da experiência e do prazer que sentiam ao brincar com esse material. São fragmentos de uma memória individual

produzida em um contexto coletivo pois a memória “é constituída de elementos individuais e coletivos, possuidora de contextualidade e é possível ser atualizada historicamente” (Oliveira, 2009, p. 5), portanto lembrada por todos.

Daremos destaque a outra atividade, conforme a imagem acima (Figura 2), que na época foi uma novidade no cenário das práticas pedagógicas em Dourados, ou seja, a utilização da piscina no espaço escolar. Naquela época, apenas esta instituição oferecia tal possibilidade. A piscina se localizava em um lugar com um gramado ao fundo, cercado por calçadas e, também, protegido por um muro baixo, o suficiente para garantir a segurança das crianças e a possibilidade de que eles tivessem interação com atividades com água, terra, gramado, sendo observado, ainda, a altura e a quantidade de água em proporções seguras ao tamanho da criança, bem como, a presença de um adulto dentro da água, acompanhando a atividade junto com as crianças.

As atividades desenvolvidas a partir da água e elementos da natureza promoviam e possibilitavam interações entre os adultos e as crianças em espaço de convívio coletivo, instigando experiências individuais e coletivas. A escola elegia ambientes educativos como espaços de aprendizagem, considerando que as interações,

[...] são a vivência das práticas sociais, a arena onde as crianças internalizam os signos sociais: regras, normas, valores, formas e condições de ser e estar no mundo. Nas interações elas aprendem as formas de ser e estar na escola, com todas as singularidades que permeiam essas instituições. Tais signos e a maneira como eles são valorados socialmente e pelo grupo familiar da criança mostram-se fundamentais no processo de desenvolvimento (Kramer, 2009, p. 151).

Neste contexto, corroborando com a autora, podemos dizer que os vínculos estabelecidos na instituição escolar, por meio das vivências e experiências, promoviam nas crianças, atitudes cada vez mais autônomas nas suas tomadas de decisões. Tais práticas continuam presentes na instituição ainda nos dias de hoje, pois são

as interações, em interlocução com as práticas sociais, que permitem às crianças internalizarem signos, valores e normas, presentes no grupo social ao qual ela faz parte. Assim, concretizar esses momentos por meio de práticas pedagógicas lúdicas constitui um caminho facilitador para a sua internalização.

Outro destaque, é o espaço físico da escola, que permitia atividades diferenciadas, aparecendo na documentação, como aspecto importante para as crianças, pois a escola esteve desde o início, localizada em uma área arborizada, desde sua autorização de funcionamento. Mesmo quando estava em um prédio alugado, em 1981, ou quando a escola foi planejada em definitivo, a partir de 1989, teve preocupação com os espaços e com a arborização.

Em 1989, foi adquirido um terreno para a construção do prédio da Escola SEI, situado à Rua Balbina de Matos, n. 1895, Jd. Universitário, quando ficou definitivo e manteve a experiência com a natureza, ainda hoje valorizada como parte do trabalho pedagógico na formação das crianças, priorizando áreas verdes e abertas, campos e espaços amplos. No documento redigido pela instituição, para a autorização de funcionamento (1980), existe um espaço dedicado a esse local dentro da escola, chamado na época de “bosque”. No prédio atual é chamado de “fazendinha”, espaço onde são criadas algumas pequenas espécies de animais, como galinhas, pintinhos, coelhos, um pônei, entre outros. A imagem (Figura 3), mostra o bosque, material encontrado na documentação. Este espaço localiza-se nas instalações do primeiro prédio, demonstra um local com vegetação rasteira, grandes árvores e espaço entre elas para as crianças brincarem.

Figura 3 – O “Primeiro Bosque”. Área externa da Escola SEI, 1981.



Fonte: Arquivos da Escola SEI

A valorização do espaço é importante para a instituição, à medida que as crianças têm possibilidade de interagir, em diferentes contextos de aprendizagens, pois “o espaço externo possibilita o surgimento de experiências diferenciadas, principalmente quando elas observam, tocam, ouvem, criam hipóteses e testam respostas sobre o que sabem em relação às coisas do mundo e com as pessoas que as rodeiam [...]” (Ferreira, 2019, p. 139). A dimensão ambiental ligada aos aspectos da natureza, propicia momentos privilegiados para aprender e ensinar. De acordo com as imagens observadas no arquivo da escola, jardins e espaços verdes sempre estiveram presentes, desde a criação da escola, entendidos como parte importante na formação do ser humano.

Assim, podemos dizer que, as possibilidades de interações, brincadeiras, criações e outras diversas experiências podem ser vivenciadas nesse espaço-ambiente, como por exemplo, a formação do imaginário e do conceito do *Eu* (Oliveira, 2014). Entretanto, tais interações são possíveis, à medida que exista um planejamento contemplando, tanto em seus aspectos teóricos, quanto práticos,

com materiais adequados, brincadeiras e atividade mediadas pelo professor, ou seja, por meio de uma intenção pedagógica que se faz ao utilizar toda a riqueza do espaço físico.

Nas fontes documentais, percebemos que no ano de 1981, quando começaram as atividades da escola, a comunidade promoveu o Dia da Árvore, comemorado em 21 de setembro, com a experiência de plantar mudas, além de outras atividades lúdicas no espaço do bosque. Assim, aprendendo em meio às práticas escolares e pedagógicas que valorizam o meio-ambiente, compreendem a relação de interdependência entre a escola e a comunidade. O espaço físico permite interações entre a criança e o adulto, o professor, a professora, os demais funcionários da escola, envolvendo todos em ações concretas de aprendizado entre todos os indivíduos, aprendendo uns com os outros, de diversas maneiras.

Neste aspecto, considerando o que os participantes da pesquisa nos relataram, sobre as práticas pedagógicas da Escola SEI, percebemos que a partir de planejamento e envolvimento da comunidade escolar, havia uma ênfase no estabelecimento de diversos vínculos, proporcionando, além de confiança e afeto, uma melhor compreensão sobre o que era proposto nas atividades pedagógicas. Embora, as atividades estivessem pautadas em alguns aspectos da novidade, do caráter inédito para a cidade, elas buscavam desenvolvimento pessoal, autonomia e protagonismo das crianças, além de uma sólida formação de normas, valores, regras de conduta sociais que permitissem inseri-los em seus grupos, concretizando assim os processos de ensino aprendizagem, de modo significativo, criativo, lúdico e eficiente.

As celebrações e as datas comemorativas na Escola SEI (1980-1995)

Os rituais e as celebrações estão presentes em todas as culturas como parte de uma dimensão social da vida humana, pois “os rituais concedem autoridade e legitimidade quando estruturam e organizam as posições de certas pessoas, os valores morais e as

visões de mundo” (Rodolpho, 2004, p. 139). Na Antropologia, ritual é definido como um sistema de comunicação simbólica dentro de uma cultura, constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por vários meios, que podem ser a dança, gestos, músicas, cantos etc., como exemplo: rituais de nascimento, celebrados de diversas maneiras; rituais da circuncisão de meninos ou da excisão das meninas; rituais da escolha do nome de crianças, rituais religiosos, tais como, os casamentos, os batizados, os funerais, entre outros. Há, também, os rituais institucionais, escolares, como as comemorações cívicas, os dias pátrios, as datas importantes do calendário escolar celebradas na instituição, as formaturas.

Nesse contexto da ritualização do cotidiano, o que nos interessa são as celebrações escolares, as comemorações que ocorrem dentro do espaço educacional, no caso, na Escola SEI, com suas especificidades que foram pesquisadas em outros trabalhos no nosso grupo de pesquisa (Silva; Sarat, 2019; Silva, 2019; Pires; Silva, 2019). Os momentos vividos na escola, por anos a fio, nos marcam para sempre, portanto:

Há gestos na escolarização que são inesquecíveis na liturgia da memória. As crianças em fila, a organização do espaço em classes seriadas, [...] as interações do professor e dos alunos no espaço da sala de aula, as carteiras enfileiradas, o ponto registrado no quadro negro, tudo isso indicia ações e andanças implicadas no que compreendemos por vida escolar (Boto, 2014, p. 104).

Tais aspectos estão presentes na memória de todos que passaram por uma instituição escolar em algum momento da vida e a infância esteve na pauta de muitas celebrações pesquisadas desde o começo do século XX. As comemorações faziam parte de projetos que envolviam a área médica, a assistência, a proteção e o cuidado com a criança pequena, discurso muito comum em fins do século XIX e início do XX (Veiga; Gouvêa, 2000). Em tais comemorações estava presente o patriotismo e a instauração da república no país,

assim se idealizava nas crianças o cidadão do futuro, com vias a construir uma mentalidade cívica, “no caso da criança, geração nascente, não haveria nada a conservar, tratava-se mesmo de um renascimento físico e mental para compor uma nova raça” (Veiga; Gouvêa, 2000, p. 138), assim a partir dessas celebrações pretendia-se disseminar uma nova nação republicana, sendo que investir nas crianças era a forma de vislumbrar o êxito de tal projeto.

Nesse período histórico, celebrar a infância era necessário pois tais comportamentos se concretizavam, à medida que os ritos se estabeleceram em um processo da chamada “*pedagogização da infância e das famílias*”, quando as comemorações presentes nos processos de escolarização contribuem na constituição de modelos para a sociedade da época, esta preconizava “a produção de uma identidade marcada pelo ideal de criança civilizada com hábitos e valores homogeneizados [...]” (Veiga; Gouvêa, 2000, p. 140).

A partir de tais concepções, se instauram diferentes manifestações da cultura escolar, que passam a ser consideradas nos estudos sobre as comemorações escolares, pois as festividades foram sendo moldadas de acordo com os contextos de cada escola e seus agentes. Nesse sentido, apresentamos algumas celebrações da Escola SEI que desde o início de suas atividades, optou por realizar celebrações e comemorar algumas datas festivas que foram se consolidando, e se tornaram parte do calendário até os dias atuais. Entre estes exemplos destacamos algumas festas: a cerimônia de formatura do pré-escolar; as apresentações da “bandinha” e do “coral”; as festas juninas; o “Chá das mães”, a festa dos pais, entre outras datas.

A comemoração nas escolas de datas históricas e religiosas também está ligada à cultura nacional, que por sua vez, são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza também nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos (Oliveira, 2009, p. 5).

Considerando o calendário letivo diante de tantas datas importantes é possível que uma das primeiras festas comemoradas pela Escola SEI, com a comunidade, tenha sido a festa do Dia das Mães, em maio de 1981. Segundo informações de um documento chamado “Jornal Comemorativo dos 25 anos da Escola”, a festa ocorreu, mas, neste dia houve vários imprevistos que dificultaram significativamente a celebração da data. Entre estas, uma forte chuva que alagou o local. As crianças e as mães tiveram que ser retiradas às pressas para outro espaço e pela imagem abaixo, vemos todos no pátio da escola (Figura 4), onde as crianças estão encostadas na parede umas próximas às mães à frente, provavelmente para assistir as apresentações que foram preparadas pelas professoras, no entanto, o lugar foi improvisado, sem enfeites e em meio a uma grande poça de água da chuva.

Figura 4 – 1ª Festa do Dia das Mães, 1981.



Fonte: Arquivos da Escola SEI

Essa festa ainda acontece na escola, no entanto, ela passou a ser um encontro somente para as mães sem a presença das crianças. Atualmente, é chamada “Chá das mães”, sendo um momento em que as mães se encontram para tomarem um chá/café/suco com diversas

iguarias e passar uma tarde agradável com as amigas e com outras mães. Durante o encontro, tem uma reflexão especial proferida por Dona Ezir Bomfim Extremera Gutierre ou convidados. Por vezes, tem uma apresentação preparada pelas professoras (cânticos, poemas, peça teatral etc.), e ao final do encontro, as mães recebem de presente algo confeccionado, durante a semana, pelo filho/filha. Além disso, o presente feito para as mães fica em exposição, decorando o espaço onde acontece o Chá das mães.

Outra data celebrada em todas as instituições escolares são as festas do calendário junino, uma comemoração cultural, tradicionalmente realizada nas escolas. A festa junina também é celebrada na Escola SEI, como podemos ver na imagem (Figura 5). A imagem retrata várias crianças do pré-escolar, realizando a dança da quadrilha. Ao fundo, muitas pessoas assistem, provavelmente as famílias das crianças. Observamos a presença de fotógrafos registrando a apresentação das crianças. Existe uma grande quantidade de imagens desta celebração, e, em diversas delas, vemos os funcionários da instituição vestidos a caráter e participando com as crianças das danças e das atividades desenvolvidas durante a festa.

Figura 5 – 1ª Festa Junina, 1981.



Fonte: Arquivos da Escola SEI

Nas imagens acima, tanto a figura 4 como a figura 5, embora a comunidade que está assistindo seja, majoritariamente, formada por mães, é possível refletir sobre o lugar social que a escola reserva e como este significa para as famílias, nas celebrações escolares, bem como, a alusão às datas comemorativas nas escolas como um dos lugares sociais reservados às famílias, pois em inúmeras comunidades essas “datas são vistas como indispensáveis, pois são momentos em que as famílias podem admirar as crianças em situações de protagonismo, de apresentações que causam emoção (Santos; Pereira, 2018, p. 213). Assim, as famílias observam o crescimento de seus filhos/as e podem valorizar o que a criança aprendeu, como também o que a instituição ensinou ao longo do ano frequentado, as apresentações seriam como ‘termômetros’.

Além disso, para as instituições, algumas comemorações como as alusivas às festas juninas, por exemplo, são festividades, que não somente constituem o campo educacional e cultural rico em experiência e atividades de música, dança, folclore, mas passaram a significar também oportunidade de geração de renda para as escolas. A festa junina permite possibilidades de captação de renda com a venda de produtos típicos do período, comidas, jogos, brincadeiras, brinquedos, desafios que são organizados e propostos em “barracas” enfeitadas para a ocasião, formando um cenário ideal para a celebração. Todas as escolas promovem a festa junina como um momento de captar recursos e investir na instituição durante o ano letivo, tanto as instituições públicas como as particulares.

No término do ano letivo, na Escola SEI, tornou-se tradicional a realização das cerimônias da Formatura do Pré-escolar, desde o início no ano de 1981, até o presente, quando marca a passagem das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Tais celebrações são marcadas por outro rito de passagem protagonizado pela saída da Bandinha do SEI e ingresso no Coral. Abaixo, apresentamos duas imagens (Figuras 6 e 7), que representam os dois ritos de passagem, quais sejam, a “Formatura do Pré-escolar” e a “Bandinha do SEI”.

Figura 6 – Formatura do Pré-Escolar, 1983.

Figura 7 – Bandinha da Escola SEI, 1990.



Fonte: Arquivos da Escola SEI

A formatura é o momento de encerramento da pré-escola. A criança, na década de 1980, em geral ficava um ou dois anos na escola e depois adentrava para a primeira série, atualmente elas entram com 2 anos no Maternal. Na imagem da Figura 6, as crianças estão se preparando para cantar a música “Adeus Prézinho”³, em tom de despedida de uma etapa, celebrando o que foi aprendido durante o período que estiveram na Escola SEI

Adeus prézinho (Sic)
Foi muito bom estar aqui
O tempo voa
Passou correndo e eu não senti
Os meus amigos
Minhas tarefas
Os bons momentos
Que vivi aqui no SEI

Por toda vida vou recordar
Vou recordar o que aprendi
Das minhas Tias
De quem carinho eu recebi

³Música composta pela professora Ezir Bomfim Extremera Gutierrez, em 1983, passou a fazer parte das celebrações da escola, durante um longo período. Atualmente não tem sido mais cantada, nas festividades.

Tenho certeza me lembrarei
E a Deus por isso eu Louvarei

Meu prézinho
Ilusão, realidade
E amor
Crescimento, amizade
Vida em flor

Mamãe, papai
Foi uma etapa que eu venci
E com vocês e por vocês eu consegui
Tenho certeza que sempre assim
Terei vocês pensando e acreditando em mim.
(Prof. Ezir, 1989, p. 28, compõe o material *Sentindo a vida*).

A letra da música exalta e celebra os conceitos valorizados e as qualidades esperadas do “bom aluno”, “bom cristão”, “bom filho”, e menciona os pais, as professoras, os amigos, Deus, os momentos vividos no tempo em que a criança esteve na Escola, deste modo apresenta aspectos que relacionam a vida particular, social e religiosa. Enfoca uma educação pautada em valores que destacam a formação de bons comportamentos, disciplina, obediência às normas e padrões de conduta. Tais valores passam a ser difundidos nos círculos dos quais os indivíduos fazem parte e vivem, neste caso, a escola é um destes exemplos, conforme Elias (2011), portanto, no ritual, tais valores passam a ser exaltados publicamente.

Ainda sobre a mesma celebração, temos outro rito de passagem relacionado a este acontecimento e que foi implantado, em anos posteriores, como parte da Formatura. Observamos na imagem da Figura 7, as crianças com uma espécie de capa, na cor amarela, em uma formatura da Pré-escola, já na década de 1990; algumas crianças estão sentadas, segurando um chocalho, pois fazem parte da “Bandinha” do SEI. Todos os integrantes da “Bandinha” se apresentaram na celebração da Formatura, os que estão de pé são as crianças da pré-escola que foram formados e ingressaram no Ensino

Fundamental. Esse rito de formatura se aprimorou e tornou-se uma cerimônia especial para as crianças da Escola SEI, pois elas ingressam com 2 anos no maternal e depois de 3 anos passam para o Ensino Fundamental.

O ritual de troca da capa amarela é importante e simbólico pois a capa não é simplesmente um uniforme ou parte da beca da formatura, ela tem um significado simbólico de passagem para o Ensino Fundamental. Ao término da música “Adeus Prézinho”, as mães das crianças e, somente elas, são chamadas ao palco e retiram as capas amarelas do ombro de seus filhos e filhas. Este momento simboliza a formatura das crianças no pré-escolar, indicando que a partir de agora elas saem da Educação Infantil, logo tocavam na Bandinha, e ao ingressarem no Ensino Fundamental, poderão cantar no Coral da Escola SEI. O Coral é composto por mais de 500 vozes, e só é frequentado pelas crianças do primeiro até o nono ano do Fundamental. Cantar no coral confere outro *status* ao aluno, indicando que ele cresceu.

Assim, mais que a formatura do pré-escolar também significa seu rito de passagem, pois até a retirada da capinha será o momento no qual a criança fará sua última participação na “Bandinha” do SEI e também na Pré-escola. A cerimônia é acompanhada de um texto que vai sendo lido por um orador, apresentando os passos da caminhada da criança até aquela etapa, informando à plateia que a partir daquele momento ela ingressará no Ensino Fundamental, enquanto isso, as mães as acompanham retirando as capinhas amarelas em lágrimas.

Figura 8 – Crianças entregando as capas para as mães, 1983.



Fonte: Arquivos da Escola SEI

Tanto a cerimônia da “capinha amarela” na formatura, como na festa do dia das mães, na qual somente as mães/mulheres estão convidadas para serem protagonistas, com seus filhos e filhas, destaca-se um aspecto significativo, para pensarmos, em que medida a escola reforça e naturaliza a ideia de que as mulheres, mães são as responsáveis diretas pela educação das crianças, atribuindo a elas as qualidades socialmente femininas? Onde estaria o lugar da diversidade na composição e recomposição das famílias em seus diversos modelos familiares? Atualmente, existem diferentes formas de se constituir as famílias e, muitas vezes, a escola não se atenta para essas tantas configurações, tratando-as como iguais (Silva, 2015). Não é aspecto a ser debatido, neste capítulo, mas vale à reflexão, pois a escola é um dos espaços sociais de constituição identitária das crianças.

As celebrações têm o objetivo de culminância da prática pedagógica e docente, uma resposta expressa pelas mostras culturais e educacionais, pelas experiências que as crianças vivenciaram ao longo do ano. Para as famílias, significa o retorno do investimento na educação escolar dos filhos, a celebração dos esforços empreendidos, o reconhecimento financeiro, afetivo e

emocional despendido em educação. Tais aspectos comemorativos e ritualísticos, além da função social de dar visibilidade à escola, a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas no seu interior, também funcionam como um balanço pedagógico das atividades propostas nos projetos, que passam a ser do conhecimento de toda a comunidade vendo os modos como as crianças estão aprendendo, o que estão aprendendo, e quais aspectos são fundamentais à sua formação.

Terminando parte da história (anos 1980-1995) que continua...

Buscamos, neste capítulo, apresentar as concepções de criança e o trabalho pedagógico de uma instituição de educação pré-escolar do município de Dourados-MS, entre os anos de 1980 a 1995, a Escola SEI, aberta em um período que o atendimento às crianças pequenas ainda não se configurava como prioridade na legislação nacional. Utilizamos na escrita do capítulo, entre outros documentos aqueles que tratavam da implantação da escola, os cadernos de matrículas, as Atas, os projetos pedagógicos, os livros comemorativos, listas de nomes de professores, boletins de alunos, entre outros documentos aos quais tivemos livre acesso.

Assim, procuramos contar a história de uma escola em Dourados, de iniciativa privada, uma vez que, comumente, as instituições educativas de caráter religioso ou filantrópico, localizadas no interior do país, têm pouca visibilidade nas pesquisas da área de Educação. Portanto, consideramos a investigação científica de relevância social, pois a Educação escolar das crianças, na história da Educação tem pouca visibilidade, e a produção sobre a história da Educação Infantil, no município e no estado também são escassas.

A história do SEI com os trabalhos da educação pré-escolar teve início, antes mesmo deste nível da educação escolar ser regularizada, legalmente, como parte de um projeto nacional, assim Escola SEI foi pensada e planejada a partir de concepções

pedagógicas, priorizando o espaço escolar e um currículo que promovesse o desenvolvimento educativo integral da criança. A proposta inovadora e significativa para as crianças fazia parte das ideias criativas, da formação intelectual, da experiência e da concepção pedagógica da Sra. Ezir, proprietária da escola. A professora, com formação em Psicologia, esteve à frente do projeto orientando, organizando e planejando o processo de criação e implantação da instituição, que na época, teve sua inspiração nas teorias construtivistas de Piaget, sendo pioneira em algumas práticas pedagógicas na cidade de Dourados, MS.

A proposta da Escola SEI previa o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil, o que não significava que as crianças permanecessem em período integral na instituição, mas, sim uma aprendizagem completa em todos os sentidos da experiência escolar desta faixa etária. Na documentação da Escola, registramos que, embora, tivesse mais vagas para crianças de 5 e 6 anos – em tese, aquelas em fase da pré-alfabetização –, não encontramos modelos restritos de alfabetização (alfabetos, letras, números), mas uma variedade de atividades pautadas em linguagens lúdicas, favorecendo à educação escolar das crianças. Destacamos que ainda que, fosse uma escola particular e houvesse pressão social e familiar para antecipar a alfabetização restrita das crianças, a documentação informa que a escola trabalhava na perspectiva das diferentes linguagens lúdicas e artísticas, certamente agradando mais às crianças do que aos pais. A Escola apresentava uma proposta pedagógica que colocava a criança no centro do processo educativo, valorizando seu desenvolvimento e seu ritmo de aprendizagem.

Quanto ao aspecto das celebrações, segundo os documentos iconográficos, percebemos a participação de toda a equipe escolar (administrativa, docentes, crianças), com enfoque na família e na comunidade, a partir das celebrações e dos ritos escolares. Os resultados das atividades desenvolvidas pela instituição, durante o ano letivo, se expressavam, principalmente nas comemorações que

envolviam a comunidade escolar, por exemplo: o Dia das Mães, as Festas Juninas, as Festas de Formatura, encerrando o ano letivo.

Deste modo, as fotografias e a documentação nos informam concretamente que as práticas pedagógicas da Escola SEI e as suas ações, sempre procuraram valorizar a proposta inicial com relação a tempo, espaço físico e organização curricular, invocando uma concepção de criança e trabalho pedagógico, tomando a criança como o ponto de partida e colocando-a como o centro do planejamento e das atividades. A escola sempre buscou o desenvolvimento biopsicossocial a partir da ênfase em linguagens lúdicas, interatividade e respeito ao tempo e ao ritmo da criança.

Concluimos sabendo dos limites com relação ao trabalho de pesquisa em arquivos e documentação, existem meandros que escondem outras leituras, outros problemas e outros dilemas, no entanto, por hora, apontamos a contribuição desta instituição à formação de inúmeras gerações de indivíduos, que compõem a comunidade e a História da Educação do município de Dourados, que a Escola SEI ajudou a construir. Neste ano de 2024, quando este capítulo está sendo escrito, o SEI completa quarenta e quatro anos de existência. Uma escola pela qual passaram meninos e meninas, desde a antiga pré-escola até a atual Educação Infantil, e que certamente seguirá abrindo inúmeras possibilidades de investigação e contribuindo com a História da Educação da nossa região e do país.

Vida longa ao SEI!

Referências

BOTO, C. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes. Revista **História da Educação**, Porto Alegre, v.18, n. 44 set/dez 2014, p. 99-127.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/1971**. Senado Federal, Brasília, 1971.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2 ed. vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERREIRA, E. M. **Educação infantil no cotidiano**: Diálogos entre adultos e crianças. 161fs. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, 2019.

GRATIVOL, S. **Educação Pré-Escolar em Dourados**: a Escola Serviço de Educação Integral - SEI (1980-1995). Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, 2017.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

KRAMER, S. (org.). **Retratos de um desafio**: crianças e adultos na Educação Infantil. São Paulo: Ática, 2009.

KUHLMANN JR., M. Educação Infantil e Currículo. *In*: FARIA, A. L.; PALHARES, M. (org.). **Educação Infantil pós - LDB**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2003, p. 99-112.

MAUAD, A. M. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *In*: **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura. Material museu paulista, v.13, n.1, São Paulo jan./jun.2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-47142005000100005>

OLIVEIRA, M. S. **Lembranças de infância**: que história é esta? Dissertação. 209 f. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, 1999.

OLIVEIRA, R. B. de. A comemoração de datas histórico-culturais e religiosas na escola: um lugar de memória e de representações. **Anais do II Seminário Anual de Ciências Sociais da UESC**, 2009. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/romilton_batista_de_oliveira.pdf/. Acesso em: 17 jan. 2020.

OLIVEIRA, Z. M. R. de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, v. 44. n. 2. p. 138-146, 2004.

SANTOS, N. de O.; PEREIRA, R. M. R. Quando o calendário se transforma em relógio: as datas comemorativas no planejamento escolar. **Revista Veras**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 199-218, julho/dezembro, 2018.

SARAT, M.; SILVA, A. S. A Educação Infantil em Mato Grosso do Sul: histórias das práticas montessorianas. In: FURTADO, A. C. ; SÁ, F. E. de (org.). **História da Educação do Centro-Oeste**: instituições educacionais e fronteiras. Cuiabá: Ed UFMT, 2105.

SILVA, C. D. **Família e Educação Infantil**: relações interdependentes. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, 2015.

SILVA, É. D. da; SILVA, L. C. da; SARAT, M. Ritos e celebrações escolares: Escola Serviço de Educação Integral- SEI. In: **Anais do V Congresso de Educação da Grande Dourados**, set.2019. Disponível em: <https://congressoeducacaof.wixsite.com/ufgd/anais/>. Acesso em: 17 jan. 2020.

SILVA, É. D. da; PIRES, S. M. S.; SILVA, L. C. da. Ritos e Celebrações escolares: Fazendo história na Escola Serviço de Educação Integral- SEI. In: **Anais do SEMIEDU**. Seminário de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso, set. 2019. Disponível em: <https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/semiedu/SemiEdu2019/> Acesso em: 17 jan. 2020.

SILVA, F. de C. T. Cultura Escolar: quadro conceitual possibilidades de pesquisa. **Revista Educar**, Curitiba, Editora da UFPR, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, M. F. da. **História e Memória da Educação Infantil**: os 25 anos de atuação da escola SEI – Serviço de Educação Integral (1980 – 2005) no município de Dourados. TCC (Trabalho de Graduação em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2007.

VEIGA, C. G.; GOUVÊA, M. C. S. Comemorar a infância e celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.26, n.1, p.135-160, jan./jun. 2000.

VEIGA, I. P. A. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1992.

Referências Documentais

ESCOLA SEI. **Ata de criação do Serviço de Educação Integral para pré-escolar**. Dourados, 1980.

ESCOLA SEI. **Proposta Educacional SEI: Autorização de Funcionamento**. Dourados, 1980.

ESCOLA SEI. **Estatuto Escolar SEI - Autorização de Funcionamento**. Dourados, 1980.

ESCOLA SEI. Serviço de Educação Integral – SEI. **Livreto Sentindo a Vida**, 1989.

GUTIERRE, E. B. E.; KOLLER, T. Um conto com final feliz. **Informativo especial de aniversário da Escola SEI**. Dourados, 2005.

CAPÍTULO 03

O MAGISTÉRIO: Escola Serviço de Educação Integral- SEI (1995-1998)¹

Luana Tainah Alexandre Braz

Nós tivemos uma experiência de formação de professores na Escola SEI, com o curso de Magistério. Tentei fazer uma elite (risos), uma tentativa da qual não me arrependo. Mas ninguém mais queria fazer o Magistério. Tivemos 10 ou 12 meninas e um rapaz. Formamos somente uma turma, pois não tinha procura (Prof. Ezir, 2011).

Figura 01 – Registro da primeira turma de Magistério, primeiros dias de aula, 1995.



Fonte: Arquivo pessoal.

¹Este capítulo faz parte da Dissertação de Mestrado defendida em 2021, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal da Grande Dourados, com apoio da Bolsa de Demanda Social/CAPES, sob orientação da Profa. Dra. Magda Sarat.

A epígrafe que abre este capítulo é significativa, pois neste texto, abordamos a trajetória do curso de Magistério, oferecido pela Escola Serviço de Educação Integral (SEI), a partir de um recorte temporal que compreende os anos de 1995 a 1998. O referido curso teve como objetivo, habilitar professores para atuar na Pré-Escola e no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries, conforme legislação vigente na época.

Conforme a fala da professora Ezir Bomfim, proprietária e diretora da instituição, a escola formou uma única turma, no entanto, constituiu uma parte importante da história da formação de professores no município de Dourados, Mato Grosso do Sul-MS e da história e memória da Escola Serviço de Educação Integral (SEI).

A documentação histórica informa, conforme Ata lavrada no dia 15 de agosto de 1994, às 17 horas, nas dependências da Escola SEI, a época chamada de “Serviço de Educação Integral para Pré-Escolar e 1º Grau Ltda”, situada à Rua Balbina de Matos, nº 1875, município de Dourados-MS, que aconteceu uma reunião com a finalidade de discutir e dar um parecer sobre a criação do curso de Habilitação Específica de 2º Grau para Magistério da Pré-escola e do Ensino de 1º Grau da 1ª à 4ª séries, para funcionar na Escola SEI. A reunião contou com a presença de seis pessoas sendo elas: Mauro Henrique Bomfim Gutierre, Fábio Luiz Bomfim Gutierre, Jesus Estremera Gutierre, Ezir Bomfim Estremera Gutierre, Elizabeth Maria Cuoco Gutierre e Telma Koller, após discussão da proposta o parecer foi favorável à criação do referido curso que se iniciou no ano seguinte, 1995.

O curso de Magistério era um desejo da Professora Ezir², assim sendo, ficou decidido em reunião, que caberia a ela a responsabilidade de selecionar profissionais que iam assessorá-la na execução e concretização do referido projeto. Na ocasião foram também realizados vários planejamentos quanto à localização, horários e currículo,

²A “Tia Ezir” como é conhecida é professora, formada em Psicologia. Fundou junto com seu esposo, Jesus Estremera Gutierre, em 1980, a instituição Escola Serviço de Educação Integral (SEI). Foi diretora da instituição e lecionou diversas disciplinas no curso de Magistério. Dona Ezir ainda atua na Escola SEI.

visando um curso que oferecesse uma formação qualitativa, especialmente, para que não perdesse de vista o objetivo principal: O desenvolvimento máximo das potencialidades físicas, intelectuais e morais do futuro educador (Ata de criação do SEI, 1980).

Por seguinte, no dia 30 de agosto de 1994, foi elaborado o processo de criação oficial do curso de Magistério e nele constava a justificativa da escola para esta nova oferta, a qual pretendia desenvolver nas/os alunas/os, além do gosto por ensinar, também a necessidade de saber como ensinar e a importância do conhecimento teórico relacionado ao que se pretende ensinar. Uma vez que, a desvalorização da carreira de professor, de acordo com o documento (a justificativa), tanto pela sociedade, quanto pelos poderes constituídos, só se agrava, à medida que, os profissionais deixam de buscar aquisição e aprofundamento teórico, como ferramentas necessárias ao seu desenvolvimento, bem como, para melhor análise crítica das suas práticas pedagógicas.

Conforme a justificativa apresentada pela escola, o curso foi implantado com o objetivo de ensinar os conhecimentos básicos necessários à formação do educador, assim o/a aluno/a deveria saber que só é possível mudança de comportamentos à medida que se conduz a uma aprendizagem produtiva, com intencionalidades pedagógicas definidas. Tais premissas fundamentavam o curso e, faziam parte das concepções pedagógicas da Professora Ezir, pois conforme a epígrafe mencionada no início deste texto, ela acreditava nessa perspectiva formativa. Em suas palavras seria possível formar uma 'elite' de docentes que posteriormente seguiram lecionando na escola.

Nos documentos analisados, é notório que a escola SEI quisesse formar bons profissionais para a Educação, a fala da Professora Ezir vai na mesma direção, seu desejo de investir na formação docente de nível médio, em um período no qual o magistério ainda poderia ser uma porta de entrada para a docência e o ingresso na educação. Entretanto, tal debate levanta algumas questões e nos permite uma reflexão acerca dos limites da formação de "bons profissionais",

especialmente, considerando aspectos que envolviam uma proposta oferecida em cursos de nível médio, no caso, o magistério.

Assim, indagamos em que medida o curso em nível de magistério conseguiria articular teoria e prática, levando os formandos à reflexão crítica sobre a escola e sua função social, como preconizado nos documentos que justificavam a sua abertura, se alunos do magistério eram meninas e um menino ainda adolescentes (faixa etária entre 14 e 15 anos), em processos de desenvolvimento e amadurecimento. Estariam eles de fato em condições de atender às responsabilidades que viriam com a formação dessa pretendida 'elite' educacional, bem formada. Obviamente não responderemos tais indagações, mas nos instiga a seguir contando a história e buscando respostas para junto com a Professora Ezir, entender os motivos pelos quais "ninguém mais queria fazer o magistério". Levando a Escola SEI a encerrar o curso em 1998, após formar uma única turma, pois segundo seu relato "não tinha procura", o que não justificava mais o oferecimento de vagas nos anos posteriores.

A História de uma turma e um curso único

Para mim, o melhor curso que fiz foi o Magistério, pois me deu uma base sólida para a minha profissão (Tatiane, 2019, participante da pesquisa).

A fotografia (Figura 2) é um registro do dia da formatura da única turma de Magistério formada pela Escola SEI, na qual verificamos a imagem das meninas e de um menino, com roupas de gala, adolescentes entre 14 e 15 anos, sorridentes e alegres celebrando o término de uma etapa da vida escolar, em dezembro de 1988. Na ordem, temos da esquerda para a direita: Luciana Baggio Cassel; Elaine Alves da Silva Palacio; Janaina Bianchi de Mattos; Erika Moreira; Paula Ferreira Quedi Taborda; Silvia Helena Martins da

Silva; Tatiana Aleixo Bologna; Tatiane Silveira Doffinger; Vanessa Paiva Reynoso Ramos; Alesandro Silva Ferreira.

Figura 02 - Formatura do Magistério, 1998.



Fonte: Arquivo pessoal

Ao prestarmos atenção nos documentos, observamos que estes mostram que havia preocupações legítimas para a não abertura de novas turmas, entre estas: a) baixa procura pela carreira docente, decorrente de uma provável desvalorização da profissão; b) o fato de a escola ser de caráter privado, concorrendo no município com mais duas outras escolas públicas com cursos de Magistério e; c) mudanças na legislação educativa brasileira que alterou as regras da formação docente, priorizando-a no Ensino Superior.

Para além do ano de 1998, formatura do curso de Magistério da Escola SEI, infelizmente, o contexto de falta de público para a formação docente tem sido um problema não somente foi para a Escola SEI, mas de um modo geral, a ausência de público foi sendo sentida ao longo dos anos, mesmo nas oportunidades de formação básica, pois os processos de desvalorização da profissão docente e dos profissionais da Educação, estão ligados a inúmeros entraves que poderíamos elencar como: condições inadequadas de trabalho, falta de recursos financeiros para as instituições, ausência de programas de formação continuada, insuficiência de materiais

pedagógicos, processo ineficiente na organização de tempos que possibilitem planejamento das aulas e atividades docentes, e por fim, não menos importante a remuneração, os planos de carreira, as perspectivas de ascensão na carreira, aspectos insuficientes diante do importante papel político e social que os docentes de todos os níveis de Ensino desempenham na sociedade brasileira.

Toda esta conjuntura permitiu a reflexão da profa. Ezir sobre a formação docente e a necessidade de encerrar a oferta do curso de Magistério. Ao refletir sobre o processo formativo de professoras e professores qualificados, verifica que os limites não estão somente na oferta ou não de um curso de formação, mas também sujeitos ao aparato legal, ao qual a escola, como instituição social está sujeita durante todo o período e posteriormente à sua criação.

Nessa perspectiva, da formação e da promoção do desenvolvimento integral a partir do arcabouço legal, se impõe a direção de uma educação democrática e cidadã, portanto, a proposta da formação havia que ser pautada por uma documentação que obedeceria a Constituição Federal (1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB n. 9.394/96 (1996), em processo de aprovação no período de criação do Magistério da Escola SEI. Importante destacar que até o ano de criação do referido curso, qual seja, o ano de 1994/1995, a Escola SEI ainda tinha por base de regimento, a Lei n. 5.692/1971 (Brasil, 1971), que regulamentava a Educação no país.

Nesse contexto, a instituição acompanha a legislação sabendo que a formação de professores necessita ser orientada em determinada direção, pois em geral a “trajetória da formação dos profissionais da Educação é ajustada constantemente à imagem do projeto educativo nacional”, tal projeto pode orientar o pensamento das novas gerações direcionando para transformações sociais ou para a manutenção das estruturas já existentes (Scheile, 2008), nessa linha, a instituição pode fazer suas escolhas e projetos educativos de renovação ou de manutenção.

Observamos, nos documentos, que embora a Escola SEI tivesse necessidade legal de seguir uma documentação específica, as escolhas para seu projeto pedagógico poderiam pautar-se em suas concepções de formação, indo na direção proposta pelo grupo de formadores, no sentido de buscar uma educação para a cidadania, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, preconizar uma formação pautada em compromissos sociais, políticos, educativos com a formação para a docência.

O curso do Magistério, em nível nacional, foi regulamentado por meio da Lei n. 5.692/1971 (Brasil, 1971). No ano seguinte, por meio do Parecer n. 349/1977 (Brasil, 1972), houve a organização do Magistério em duas modalidades, uma com duração de 3 anos e a outra com duração de 4 anos. A primeira habilitava para atuar até a 4ª série e a segunda, para atuar até a 6ª série do primeiro grau, conforme nomenclatura da época. Quando o curso da Escola SEI foi criado, o mesmo estava amparado legalmente por essa regulamentação.

Enquanto isso, tramitava no Congresso Nacional, a discussão da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, resultado da abertura política (1984), trazendo muitas mudanças sociais e educacionais em diversos sentidos. Em meados da década de 1990, foi promulgada a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDBEN - Lei n. 9.394/1996, orientando que somente profissionais de nível superior atuassem na Educação Básica, o que ocasionou o fechamento dos cursos de Magistério no país. O contraditório é que mesma Lei abriu precedente para a contratação de pessoal de nível médio, na modalidade Normal:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (Brasil, 1996).

O Magistério da Escola SEI começou a ser oferecido em 1995, ou seja, um ano antes da promulgação da nova LDB ser publicada com as alterações já citadas acima, o que em certa medida, serviu também para justificar o fechamento do referido curso em 1998, conforme brevemente, relataremos mais adiante, mas também fez com que o curso começasse em termos legais, tendo que se adequar às novas leis da educação e mudar sua proposta pautando-se na legislação anterior, ou seja, nasceu defasado no sentido legal, pois com apenas um ano de idade, a legislação o alterou.

No período de 1995, no município de Dourados havia somente duas escolas públicas da rede Estadual de ensino e uma da rede particular que oferecia o curso com a habilitação para o Magistério. As três instituições dividiam e concorriam pelo público que se interessava pela formação docente. Estas instituições públicas ofereciam a maior quantidade de vagas para o turno noturno e a Escola SEI apenas no turno diurno. Todas as escolas eram relativamente próximas e localizavam-se num raio de 3 km da Escola SEI, o que geograficamente favorecia ao público escolher a concorrência, ainda mais levando-se em consideração a gratuidade de dois deles, o horário de oferecimento que favorecia aos que precisavam trabalhar, estes fatores podem ter contribuído com a baixa procura pelo curso da Escola SEI.

O Magistério da Escola SEI: organização, funcionamento e encerramento

A Escola SEI é parte/metade do homem que eu sou, a formação e a educação que eu tenho e todos os predicados do que um ser humano pode ter de forma positiva, foi a Escola SEI que me encaminhou (Alessandro, 2019, participante da pesquisa).

Figura 03 -Turma de Magistério com a professora.



Fonte: Arquivo da Escola SEI

A criação do curso de Magistério poderia ser celebrada pelos seus ex-alunos e pelas experiências contadas sobre sua estrutura, mas, para compreender a escola é preciso ir além da subjetividade expressa na epígrafe que abre esta seção do texto. Portanto, consultamos a documentação de criação do curso, buscamos o relatório que foi apresentado à Secretaria de Estado de Educação do governo do estado de MS, solicitando a autorização de funcionamento. Verificamos como o relatório apresentava aspectos relacionados às condições físicas da instituição, o planejamento de ampliação e reforma e outras mudanças em andamento para o funcionamento do curso.

Neste sentido, para justificar a abertura do curso, a instituição já contava com uma estrutura física que estava em pleno funcionamento, por exemplo: a diretoria, a secretaria, a tesouraria, a sala de mecanografia, a sala de vídeo, a sala dos professores, a cozinha, a despensa, o depósito, os sanitários, a área coberta para passeio, 02 piscinas, parque infantil, quadra coberta, área de atletismo, caixa de areia, 06 salas de aula simples e 13 salas de aula

com sanitários privativos, além disso, estavam em construção um laboratório e sanitários externos.

Assim, cumpridos todas as formalidades legais e burocráticas para a abertura e regulamentação do curso, no dia 19 de maio de 1995, publicou-se no *Diário Oficial* n 4038, página 05, a Deliberação do Conselho Estadual de Educação, autorizando o funcionamento do curso de Magistério e a nova denominação da escola, que passava a se chamar “Serviço de Educação Integral para Pré-Escolar, 1º e 2º Graus”, pois o curso de Magistério se caracterizava como uma habilitação do chamado 2º grau, na época. O curso de Magistério foi ofertado em 4 anos (séries), de forma gradativa, a partir da 1ª, no turno diurno, período matutino, numa única turma que deveria ter no máximo 40 alunos. No ano de 1996, foi aberta uma segunda turma, porém a quantidade de alunos não foi suficiente e a mesma foi fechada.

O corpo docente oficial da escola que atuou no 2º Grau eram todos habilitados e credenciados com formação específica para este nível de ensino. Nos documentos, constam a relação nominal desses professores e professoras, que em diferentes momentos vieram a atuar no curso. Foram 12 profissionais, a princípio, sendo 09 professoras e 03 professores, conforme quadro abaixo:

Quadro 01 - Corpo Docente 1995

Ordem	Nome dos professores
01	Aristides Estevan Almeida Filho
02	Delenir Aparecida Romanini do Prado
04	Eliana Mara Volaco Doff Sota
05	Enio Ribeiro de Oliveira
06	Ezir Bomfim Estremera Gutierre
07	Maria Marques Paz
08	Marta José Rodrigues Simis
09	Nize Souza Bianchi
10	Rosania Aparecida Almeida dos Reis
11	Tarcísio Antonio Boatrelí Cesar
12	Telma Koller

Fonte: Arquivo da Escola SEI, quadro editado pela autora

Destaco que ao longo dos quatro anos, muitas mudanças no corpo docente foram acontecendo, como é natural no processo de organização das instituições, no entanto, as alterações não mudaram a base do curso, que se manteve com o mesmo núcleo básico, representado pelos primeiros docentes que o iniciaram.

No que tange à organização e estrutura do Projeto Curricular, na época, “grade curricular”, seu funcionamento tinha carga horária total de 3.760 horas, (três mil setecentos e sessenta horas) divididas nos quatro anos da formação. Tal carga horária estava dividida da seguinte forma: 900 horas (novecentas horas) por ano de curso, com 24 (vinte e quatro) disciplinas e o Estágio Supervisionado. Conforme quadro a seguir:

Quadro 02 – Quadro Curricular

Disciplinas
Língua Portuguesa
Literatura
Língua estrangeira moderna inglês
Língua estrangeira moderna espanhol
Geografia
História
Matemática
Física
Química
Biologias e programas da saúde
Educação física
Ensino religioso
Educação artística
Psicologia da educação
Estruturas e funcionamento do ensino de 1º grau
Didática
Metodologia do ensino de educação física
Metodologia de estudos sociais
Metodologia de ciências
Metodologia de português
Metodologia de matemática

Metodologia de pré-escolar

Estágio curricular supervisionado

Fonte: Arquivo da Escola SEI, quadro editado pela autora

Como se tratava de um curso de ensino médio, havia as disciplinas do curso regular e acrescentava-se as especificidades da formação docente no período, pautada pelas disciplinas de caráter didático, os estágios, a disciplina de Psicologia da Educação e as diversas metodologias de ensino que conferiam ao curso seu caráter de formação de professores/as, pois os/as alunos/as deveriam aprender os conteúdos e ainda, aprender como ensinar didaticamente os mesmos.

Nas fontes documentais, temos a relação nominal da primeira turma, e embora a Escola SEI, tivesse autorização e capacidade para receber até quarenta alunos por sala, conforme aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, a primeira turma se caracterizava por um pequeno quantitativo de 11 alunas e 1 aluno matriculadas/os no ano de 1995. Seguindo uma situação recorrente no Magistério, a maioria eram mulheres. A turma constituiu um grupo restrito e bem abaixo da expectativa que a instituição tinha ao oferecê-lo à comunidade. No Quadro 03, apresentamos os nomes dos ingressantes da única turma do Magistério da Escola SEI:

Quadro 03 - Alunos do primeiro ano de curso de Magistério.

Quantidade	Nome completo
1	Alesandro Silva Ferreira
2	Ana Paula Marques Abdala
3	Diaine Jacobben
4	Fabrizia Arruda Gonçalves
5	Gislaine Moreira da Silva
6	Janaina Bianchi de Mattos
7	Luciana Baggio Cassel
8	Mirella Biasotto
9	Paula Ferreira Quedi Tabora
10	Silvia Helena Martins da Silva

11	Tatiana Aleixo Bologna
12	Tatiane Silveira Doffinger

Fonte: Arquivo da Escola SEI, quadro editado pela autora

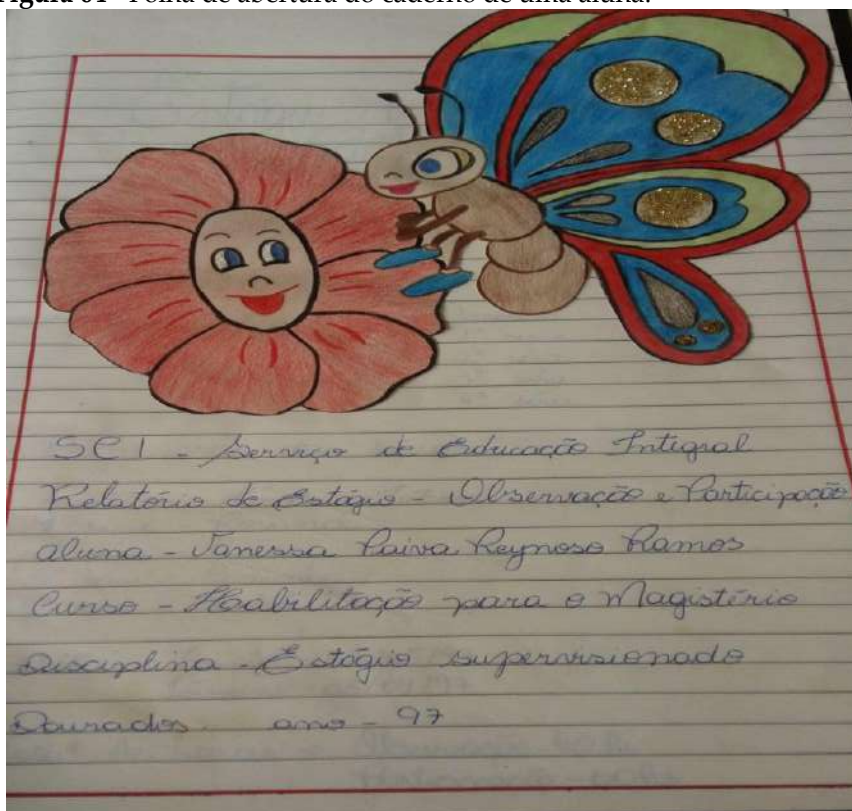
Nesse primeiro ano, as aulas seguiram o curso normalmente e ao término do ano de 1995, mesmo a turma sendo pequena ainda tiveram baixas, somente 08 discentes continuaram, pois houve 1 reprovação, 2 desistências e 1 transferência. No ano seguinte, não foi possível abrir turma, pois o ingresso foi pequeno e assim continuou nos anos posteriores. Ao final do ano de 1998, término do curso, o Magistério tinha 10 alunos na formatura, sendo 9 meninas e 1 menino.

Enquanto estes alunos e alunas estiveram na Escola SEI, dedicaram-se integralmente ao curso de Magistério em toda a especificidade de um curso de formação de professores, que com sua proposta curricular exigia o Estágio Supervisionado, para a conclusão da formação de professores. O Estágio se configura como algo fundamental na formação docente e na proposta da Escola, estava presente e era obrigatório para todos os discentes.

O Estágio era organizado e dividido em três partes, como em geral eram as propostas do período, constava de observação, participação e regência. Realizava-se, nas salas do Pré-escolar e de 1ª a 4ª séries, com o total de 40 horas, desenvolvidos todos no interior da própria Escola SEI, que também funcionava como uma escola de aplicação para as alunas do Magistério. Aquelas que tivessem bom desempenho, poderiam almejar, no futuro, fazer parte do quadro docente da instituição, como foi o caso de uma das alunas que nos relatou: “A tia Ezir me propôs assumir uma sala de aula. Era o Pré I e foi a realização de um sonho” (Tatiane, 2019, participante da pesquisa).

Ao final do Estágio, todas as atividades desenvolvidas deveriam ser minuciosamente relatadas em um caderno a ser entregue para a professora que supervisionava o Estágio.

Figura 04 - Folha de abertura do caderno de uma aluna.



Fonte: Arquivo da Escola SEI, quadro editado pela autora

Ao analisar os documentos apresentados pelos relatórios, observamos que todos seguem a mesma estrutura, feito de forma manuscrita, seguindo um padrão composto por: capa com desenhos, uma contracapa com a identificação pessoal de cada discente e a identificação das turmas nas quais os estágios foram desenvolvidos. Os cadernos de estágio encontram-se guardados nos arquivos da escola, compondo o acervo documental do curso no referido período.

O caderno do relatório de estágio continha as páginas pré-textuais, como dedicatórias, poemas, a filosofia da escola representada pela epígrafe de “formar cidadãos críticos e tementes a Deus”, entre outros elementos. No mesmo relatório, ainda, a/o

estagiária/o deveria apresentar os problemas observados na escola e apresentar sugestões, sobretudo, apontando como ocorriam as relações interpessoais dentro da escola, com destaque para os relatos das atividades com as crianças e a relação com o/a docente da sala. E, por fim, deveria escrever uma conclusão, incluindo todos os apontamentos observados.

A documentação mostrou que o curso de Magistério oferecido pela escola SEI, estava bem organizado, tinha uma proposta curricular definida, uma equipe técnica e docente com todas as condições de realizar o trabalho com eficiência, contudo, isso não foi suficiente para a continuidade do curso, que encerrou suas atividades a partir de 1998. Tendo um pequeno número de ingressantes, o curso se manteve assim durante toda a sua trajetória. Segundo a documentação, em 27 de fevereiro de 1998, foi organizado, pela equipe gestora, o processo de solicitação da desativação do mesmo, com as devidas justificativas para o seu encerramento.

Dentre os motivos pelos quais tal solicitação estava sendo feita, podemos elencar de acordo com os documentos: a) o argumento de que havia uma saturação de profissionais na área de ensino; b) a ausência de uma política educacional de valorização docente que justificasse mais formandos; c) além da falta de planos de cargos e salários para a categoria, desestimulando a procura por cursos de formação como o Magistério. Estes motivos justificaram o fechamento do curso. Além disso, foram apresentados os números que mostravam a entrada e saída de alunos ao longo dos últimos quatro anos. No ano de 1997, não houve nenhuma matrícula para a 1ª série, sendo que para a 2ª série, havia apenas uma matrícula, pois as alunas aprovadas (8) optaram por outros cursos, que não o Magistério, funcionando, portanto apenas a 3ª série com 11 alunas, conforme o quadro abaixo:

Quadro 04 - Matrículas por ano no curso

Ano	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
1995	12	-	-	-
1996	02	12	-	-
1997	-	-	11	-
1998	-	-	-	10

Fonte: Relatório do processo apresentado à Secretaria de Educação em 1998

A partir destes dados, a direção da instituição optou pela desativação do Curso de Habilitação para o Magistério de Pré-Escolar e Ensino de 1º grau- 1ª a 4ª séries, sendo oficialmente legalizado, por meio de Parecer, no dia 12 de março de 1998. No entanto, o encerramento das atividades no Magistério da escola SEI, marcaram significativamente seus participantes e muitas foram as histórias construídas a partir das relações que se estabeleceram no grupo, não somente entre as/o alunas/o, mas também, entre a equipe técnica e pedagógica, sobre tal aspecto trataremos a partir de agora.

O Curso de Magistério na Escola SEI: vozes dos egressos

Eu sou do SEI, desde o início da escola. Eu comecei junto com o SEI (Luciana, 2020, participante da pesquisa).

O Magistério da Escola SEI terminou por uma série de fatores, já elencados acima, mas deixou marcas indeléveis na vida de seus egressos, representado por um grupo de alunas e um aluno que ainda hoje lembram de sua formação e das experiências vividas na instituição. Tais aspectos serão explorados, a partir das narrativas produzidas pelas memórias³ de seus egressos, pessoas que ao contar

³Fizemos uso de entrevistas gravadas em áudio a partir de um roteiro semiestruturado, com o objetivo de conhecer a história do curso na perspectiva das/o alunas/o envolvidas/o. Para este capítulo, destacamos três entrevistas, dentre as realizadas na pesquisa mais ampla. Foram cumpridos todos os procedimentos técnicos referentes a autorizações necessárias para a divulgação do material produzido.

suas lembranças, retratam de um modo muito peculiar e afetivo, as experiências vividas durante o período de formação na Escola SEI. Segundo os relatos, para além da ampliação e construção de conhecimentos pedagógicos, a experiência estreitou laços e fortaleceu amizades que perduraram ao longo da vida.

Figura 05 - Aluna recebendo o diploma da Professora Ezir.



Fonte: Arquivo pessoal

Na epígrafe que abre esta seção do texto, uma das egressas expressa a relação que muitas crianças tiveram com a instituição, pois passaram todos os anos de sua formação escolar, compartilhando dos mesmos aprendizados na mesma escola. No caso da egressa Luciana, ela frequentou a Escola SEI, desde a Educação Infantil até a formatura do Magistério, participando até o fim deste projeto.

Apresentaremos fragmentos das narrativas recolhidas a partir das memórias de duas alunas e um aluno, egressos do Magistério do SEI, que se dispuseram a fazer parte da nossa pesquisa mais ampliada. Registramos alguns recortes sobre suas experiências no Magistério que nos auxiliam a compreender a melhor a proposta pedagógica da instituição. São estes Tatiane, Luciana e Alesandro, referenciados pelos

seus nomes próprios, com as devidas autorizações e os procedimentos técnicos e éticos da pesquisa da qual este texto faz parte:

Tatiane fez o Magistério na Escola SEI. Durante o período como estudante do magistério, foi estagiária na instituição e, mesmo antes de se formar assumiu uma turma como professora de Educação Infantil na Escola SEI. Atualmente é professora da Educação Básica na rede pública no município de Dourados.

Luciana fez o magistério na Escola SEI. Durante o tempo em que estudava também trabalhou como estagiária na instituição. Atualmente é arquiteta. Luciana além de ter toda a história da sua educação ligada à Escola SEI, da Educação Infantil até o Magistério, ainda mantêm vínculos com a Escola, pois seus filhos são alunos na mesma instituição, e agora ela frequenta a instituição como mãe de aluno.

Alesandro fez o Magistério na Escola SEI. Estudou da sétima série até o Magistério. Graduou-se em Educação Física, mas exerceu a carreira docente por pouco tempo. Atualmente exerce o cargo de funcionário público, na função de policial. Ele foi o único menino de uma turma majoritariamente feminina.

Estas pessoas se formaram no curso de Magistério e foram convidadas a contar suas memórias, entre outras perguntas que fizemos foi, como a Escola SEI marcou a sua formação? A proposta era levá-los a buscar nos recônditos da memória e trazer à tona, lembranças da escola e dos momentos ali vividos, nesse lugar social e institucional, que tem dinâmicas específicas e peculiares. Pois,

A vida escolar se desenrola no tabuleiro social como um rito, como uma liturgia. Há uma maneira de ser escola, que se expressa mediante rituais, mobilizando sentimentos, experiências e símbolos. Há um *script*, uma coreografia, que a escola estrutura em seu dia a dia e com a qual apenas os que passam por ela se familiarizam. Nenhuma outra instituição no cenário social é capaz de ocupar esse papel (Boto, 2014, p.102).

Podemos dizer, concordando com a autora que tais marcas começam a se constituir desde a infância, nos primeiros anos quando

a criança passa a frequentar uma instituição educativa, saindo da experiência familiar e adentrando no processo escolarizado, que tem um *script* e uma coreografia específica, para ser apreendida. Estas aprendizagens ficam na memória de quem passou pela escola e vivenciou seus modos e comportamentos, sua etiqueta, seus roteiros, seus símbolos e todos os rituais necessários para sobreviver nesse lugar social no qual as crianças, desde cedo aprendem a transitar.

Na epígrafe que traz um fragmento da fala da egressa Luciana, ela afirma que passou toda a sua vida escolar na Escola SEI, assim é possível acompanhar todo seu percurso e ainda acrescentar o caráter geracional à sua experiência, à medida que ela repassa aos filhos o mesmo processo. Ao considerar a escolarização destes, na mesma instituição, suas palavras demonstram a alegria de ter realizado seus estudos no SEI:

Eu fiz tudo lá. Minha mãe era amiga da tia Ezir, antes de abrir a escola. Depois de dois anos que eu nasci, o SEI surgiu. Então eu já entrei no SEI e estudei lá até o Magistério. E, hoje, meus filhos estão estudando lá. Tenho dois meninos que estão na Escola SEI, também. Da minha época, lembro das 'Noitadas'. E que o tio Fábio fazia à parte [...] os 'fantasmas', o 'tiriçu'⁴. Agora, meus filhos estão caçando o 'tiriçu'. Meu filho disse: mãe eu não achei, mas meu colega viu o rabo. Esse ano foi a primeira noitada dele (Luciana, 2019, informante da pesquisa).

Muitas experiências ficaram marcadas nas inúmeras atividades vivenciadas, mas vamos apresentar uma delas aproximando o aspecto geracional, no caso de Luciana, que também mantém seus filhos na mesma escola e, de algum modo, todos os anos revive, com os filhos, e a partir das experiências deles, algumas atividades que

⁴ A caça ao "tiriçu" foi uma brincadeira inventada pela profa. Ezir, na qual as crianças levam uma lanterna para a escola e a noite saem no escuro para caçar o tal "tiriçu", assim passam a noite acordadas brincando e inventando histórias sobre quem viu ou conseguiu pegá-lo. Ganha quem encontrá-lo. A brincadeira faz parte de um dos repertórios lembrados por todos os egressos que viveram a infância na escola.

ela fazia na sua infância, quando era aluna. Algumas atividades se mantêm até a atualidade e ainda fazem muito sucesso entre as crianças e a comunidade escolar.

Destas, cita a “noitada”, um evento no qual a Escola SEI proporciona aos alunos, todos os anos, desde o início de sua fundação em 1981, o que na época se constitui como uma atividade pioneira pois, o SEI foi a primeira escola no município de Dourados a organizar tal atividade com caráter pedagógico para as crianças (Grativol, 2015). No evento, as crianças pequenas têm a oportunidade de dormir na escola, o que é muito importante para sua autonomia, pois na maioria dos casos, será também a primeira vez que a criança vai vivenciar tal experiência.

A entrevistada Luciana (2020), ao falar da experiência da primeira “noitada” de seu filho, relatou que ele tinha uma preocupação: “Mas é de noite mãe”, provavelmente temendo ser escuro, ao que ela respondeu tranquilizando-o: “Não tem problema é só levar uma lanterninha” [...], e assim muitas crianças partem para sua primeira experiência de dormir longe dos pais. Para alguns, será o primeiro ano e para aquelas que já foram é muito animado, pois conhecem e sabem da diversão, e não querem faltar nos anos posteriores, tal atividade ocorre até o quinto ano do ensino fundamental, ou seja, somente para as crianças, até em torno dos 10 anos.

O ponto alto do evento da “noitada” é a brincadeira da caça ao “tiriçu”, mencionado por Luciana, e envolve todos os participantes, crianças, professores, funcionários, toda a comunidade escolar saem a caça dessa espécie de “monstro imaginário”, que estaria escondido nas dependências da escola. A atividade provoca risos, histórias, correria, agitação e muita diversão a noite toda. Além disso, tem as histórias de fantasmas, as brincadeiras surpresas no meio da noite, as guerras de travesseiros, os lanches altas horas da noite, atividades fora da rotina do sono cotidiano. Essa atividade atravessa gerações, e vem sendo mantida na escola com muito êxito, pois é uma oportunidade na qual a comunidade vivencia experiências de amizade, proximidade, criação de vínculos, solidariedade, respeito

pelo outro, desenvolvimento da autonomia da criança entre outros. Termina com um café da manhã quando os pais vão buscar seus rebentos sonolentos, cansados, mas felizes e cheios de histórias de uma noite longa e divertida.

Outro entrevistado, em suas memórias das experiências vividas na Escola SEI, destaca os valores aprendidos ao longo da sua escolarização, apontando como cruciais para a sua formação humana, pessoal, afetiva, moral, para além da formação profissional que ele obteve no curso de Magistério. Quando indagamos ao egresso Alesandro o que a escola representou para sua formação, seu relato destaca:

A tia Ezir me ensinou a ser homem na palavra. Houve um evento esportivo em outra escola próxima e eu queria assistir. Fui pedir para a tia Ezir para sair e assistir ao jogo. Ela pediu que eu falasse com minha professora, se ela autorizasse eu poderia ir. Mas, eu não falei e fui direto. Quando voltei a tia Ezir já sabia que eu tinha saído sem falar com a professora. Ela me chamou e perguntou: Alessandro o que que eu te pedi? Você é um homem e não tem necessidade de mentir ou omitir as coisas? Não faça mais isso! Por que eu te amo. Você é como um filho para mim e eu não gostei que você mentiu. Aquilo para mim foi igual uma 'voadora no peito' (um tapa). Dali para frente eu percebi que a gente não perde por falar a verdade, até hoje a minha conduta mudou por conta daquilo. Eu me encaminhei dentro da polícia, sei que foi por conta desta disciplina e do jeito que eles nos educavam, nos orientavam. Eles ensinam o aluno dentro do que é certo, e quando o aluno falha, eles fazem o aluno enxergar a falha para não errar mais (Alessandro, 2020, participante da pesquisa).

Tais situações vividas na escola, segundo Alessandro, contribuíram para forjar seu caráter, seu comportamento e sua compreensão sobre a convivência no coletivo, revelando a importância que a instituição e os/as professores tiveram na sua vida. O relato de Alessandro corrobora com a máxima da instituição ao apontar em seus princípios, o comprometimento da escola SEI, em formar cidadãos responsáveis e éticos. Pois segundo ele, o modo

como a profa. Ezir conduziu a situação, responsabilizando-o pelas suas atitudes contrárias às orientações recebidas, causou importante reflexão, gerando o amadurecimento, como relata Alesandro (2020, participante da pesquisa): “Dali para frente a molecagem acabou”. Revelando uma referência a sua tomada de decisão a partir de então. Ele aprendeu a responsabilizar-se pelos seus atos e a seguir as orientações recebidas.

O relato demonstra o que representou a formação recebida na Escola SEI, para o egresso Alesandro. O mesmo reflete sobre a decisão profissional decorrente da educação escolar, reconhece a importância das experiências e vivências na instituição educativa, pois ainda que ele não tenha seguido carreira nessa área, como ele mesmo informa, a formação do Magistério contribuiu para seu amadurecimento em outra área de atuação.

Atualmente eu me encaminhei dentro da polícia, por conta desta disciplina e desse jeito que eles nos educaram e nos orientaram. Eles são linha dura de um jeito certo. Não privam, não humilham os alunos. Ensinam o aluno dentro do que é certo ensinar. Se o aluno falha eles fazem o aluno enxergar a falha para não errar mais. Você junta isso com a educação recebida dentro de casa, então temos uma boa base, a escola só vai potencializar (Alesandro, 2020, participante da pesquisa).

A educação escolar, na concepção de Alesandro, é partilhada com a família. Segundo ele, a educação integral do indivíduo estabelece uma relação recíproca entre a família, a comunidade e todas as figurações sociais das quais faz parte. Portanto, ao valorizar os aspectos subjetivos da formação, ele atribui e partilha, em grande medida, com os agentes escolares os êxitos que ele, e outros indivíduos, adquiriram ou se tornaram ao longo da vida adulta.

A egressa Tatiane, dentre os entrevistados, foi a única que seguiu a carreira docente, ao falar da experiência da formação no Magistério na Escola SEI, ela lembra com afeto da experiência formadora e do curso, desde as atividades, os estágios, as relações

com os professores/as, os conteúdos didáticos, fazendo uma narrativa marcada pela experiência de professora. Destaca a orientação recebida e valorizada por ela, ao optar por um curso superior que lapidou sua carreira como docente. Assim ela relata:

As disciplinas no curso do Magistério não eram fáceis, eram bem difíceis. No decorrer do curso, foram ficando cada vez mais específicas, com metodologias, estágios e aulas práticas. O curso todo foi muito bom. Foi intenso e nos preparou, não apenas na teoria, mas principalmente para a prática na sala de aula. Após o Magistério, eu fiz o curso de Letras, orientada pela tia Ezir (Tatiane, 2019, participante da pesquisa).

A memória da formação remete a um curso de qualidade, capitaneado pela professora Ezir, e provavelmente pela sua concepção e desejo de formar o melhor time de professoras, a tão sonhada e propalada “elite pedagógica”, que ela diz não ter conseguido, pois logo teve que fechar o curso. Contudo, as egressas guardam uma memória da qualidade das aulas e da dedicação dos docentes ao projeto do Magistério. Em outro relato, a egressa aponta:

A tia Ezir me marcou muito. As atividades dela, eu me lembro até hoje. Eu ainda tenho a pasta com atividades que ela mandava fazer, todas elas (lágrimas). O caderninho. Materiais que estão guardados. Eram pastas cheias de desenhos, exemplos de atividades, uma agenda com o que ela dizia e a gente ia anotando[...] (Luciana, 2019, participante da pesquisa).

O curso de Magistério ofertado pelo SEI marcou a vida dessas pessoas, pois para alguns, a permanência na instituição ocorrera desde a Educação Infantil, outros ingressaram ao longo da escolarização. As marcas estão presente nas referências aos trabalhos desenvolvidos no curso e às vivências experienciadas. Pois as narrativas das memórias trazem, não somente as experiências afetivas e relacionais de caráter mais subjetivo, mas todo material que foi produzido e que foi guardado pelas pessoas. Assim, se

constituindo nos arquivos pessoais que em dado momento, as pessoas relatam. No caso de Luciana, ela conta que, embora, tenha descartado muita coisa, por motivo de mudanças, algumas ainda se mantêm “guardadinhas”, pois fazem parte desse baú de memórias da sua vida escolar.

A entrevistada Luciana relata ainda as experiências de formação construídas nas relações entre professora e aluna, bem como, o modo como se organizavam as práticas da professora. No fragmento citado, se refere à profa. Ezir e as suas orientações nos cadernos, nas agendas, nos modos de fazer ou de ser professora, as anotações, as músicas, os exemplos de atividades pedagógicas, um arcabouço que pode contribuir para que façamos inferências com relação ao modo como eram conduzidas as aulas do curso, bem como a preocupação com o aprendizado dos futuros docentes, ainda hoje reverbera nas vidas dessas pessoas, o que também foi lembrada pela egressa Tatiane, ao falar da sua relação com a professora:

Quando iniciei o quarto ano do curso de Magistério. A Tia Ezir me propôs assumir uma sala de aula. Minha responsabilidade aumentou muito no curso de Magistério. Eu não era mais uma aluna, passei a ser Professora do SEI e colega de trabalho dos meus professores. Assumi minha responsabilidade como professora e me dediquei ao máximo no curso de Magistério. Ao final do ano de 1998, recebi da escola, um certificado de Honra ao Mérito, uma homenagem tradicional que o SEI faz aos que obtêm a melhor média anual da turma. Certificado que guardo até hoje com carinho (Tatiane, 2019, participante da pesquisa).

Na narrativa de Tatiane, o curso de Magistério deixou marcas na sua trajetória de vida pessoal e profissional, que estão expressas na materialidade dos “guardados”, nos arquivos pessoais que ela mantém com carinho. Tatiane seguiu a carreira docente. Por um período foi professora na mesma instituição que a formou, conforme mencionamos, anteriormente, quando o convite foi feito pela Professora Ezir para que ela assumisse uma sala de pré-escolar. Em

seu relato, ela afirma ter sido a realização de um sonho, que se concretizou definitivamente.

A partir destes aspectos, foi possível destacar o lugar e a concepção da formação do Magistério da Escola SEI e sua representação na trajetória pessoal e profissional das pessoas que por ali passaram, por alguns anos, fazendo parte da única turma de Magistério da instituição. Segundo os relatos, todos tinham para com o curso uma dedicação exclusiva, entre todos os motivos é provável que de algum modo, tinham a expectativa de continuar na instituição como profissionais da Educação, tanto pela concepção da profa. Ezir, quanto por parte das alunas e do aluno que queriam seguir carreira docente.

Neste contexto, podemos inferir que trabalhavam e se dedicavam, também, para impressionar positivamente a profa. Ezir, pois poderia ser este o caminho para quem desejasse seguir carreira docente na própria Escola SEI, como profissionais e almejavam trabalhar com ela no futuro, já que nutriam pela mestra grande admiração, como se observa em uma das falas de Tatiane:

Para nós do Magistério, ela era simplesmente a nossa Professora. Amávamos as aulas dela, com certeza todos os alunos lembram de cada pedacinho de suas aulas, que podemos chamar de ‘encantamento’. Ela sempre estudou e pesquisou muito. Pesquisa escolas, materiais e metodologias que dão certo em grandes centros, no exterior. Ela é uma amante da pesquisa e da educação (Tatiane. 2020, participante da pesquisa).

Assim, é provável que desejassem ser como esta professora que os conduzia no processo de formação.

Enfatizamos, neste capítulo, que celebra junto com outros, deste livro, a história e a trajetória da Escola SEI, nos coube destacar o percurso formativo, no qual se inseriu o curso de Magistério, entre os anos de (1995-1998). Destacamos a sua inexorável contribuição na formação de professores do estado de Mato Grosso do Sul, em especial, no município de Dourados. Como vimos, nem todas/o

seguiram a carreira docente, alguns enveredaram-se por outras profissões, no entanto, apoiados nas narrativas aqui expressas, apontamos um período específico, no qual o curso de Magistério da Escola SEI deixou marcas perenes na vida de seus alunos e alunas.

Concluindo, as marcas positivas expressas nos relatos revelam a concepção de formação docente da instituição. Demonstram o trabalho desenvolvido por uma equipe pedagógica gestora familiar comprometida com processos de ensino e aprendizagem e com seus discentes em formação. Embora, não seja uma escola de natureza confessional, seus documentos revelam um viés religioso cristão. Segundo uma das entrevistadas, o êxito destes anos de trabalho pode ser atribuído ao fato de ser uma “gestão em família”, serem “muito unidos”, além de serem, “rígidos e prudentes” com relação à tomada de decisões, conhecem todas as famílias e os funcionários. O relato de Tatiane finaliza acrescentando, “e o mais importante sabem que é Deus quem os capacita e são imensamente gratos por tudo o que construíram em relação à Educação” (Tatiane, 2020, participante da pesquisa). Deste modo, pelo exposto, estão credenciados a gozar do êxito junto à comunidade e à formação das crianças no município de Dourados, contribuindo com a História da Educação e da formação docente na região.

Referências

- ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BOTO, C. A Liturgia da Escola Moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **Revista História da Educação** (on-line), Porto Alegre, v.18 n. 44 set/dez. 2014, p. 99-12.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, Senado Federal, 1996.

GRAVITOL, S. **Educação pré-escolar em Dourados: a escola Serviço de Educação Integral – SEI (1980-1995)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD, 2017.

SARAT, M.; SANTOS, R. dos. História Oral como fonte: apontamentos metodológicos e técnicos da pesquisa. *In*: COSTA, C. J.; MELO, J. J. P.; FABIANO, L. H. (org.). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010.

SCHEIBE, L. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 41-53, jan./dez.

CAPÍTULO 04

CELEBRAÇÕES E FESTAS NA ESCOLA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL/SEI¹

Luciene Cléa da Silva

Alguns ritos fazem parte da nossa cultura, na Escola SEI. Porque a cultura é algo que vai se repetindo e tem um porquê. Tudo o que fazemos na escola tem um motivo. Começou lá em 1981 e fomos crescendo com os ritos [...] São coisas que vêm e ficam marcadas (Koller, 2019)².

Neste capítulo, falaremos sobre a história e os ritos da Escola SEI, uma instituição que além de atuar como um espaço socializador de práticas educativas, também promove o intercâmbio de muitas ações sociais e culturais imbricadas à realidade de todos os indivíduos presentes no meio ao qual ela se insere.

Conseqüentemente, os ritos que acontecem em seu espaço carregam consigo representações de todas as ações presentes neste meio, consolidadas pelo tempo e pelas tradições, pois “[...] a cultura perpassa todas as ações do cotidiano escolar, seja na influência sobre os seus ritos ou sobre a sua linguagem, seja na determinação das

¹ O capítulo faz parte de um projeto intitulado “Trajetórias Docentes na Educação Infantil: pesquisas em escolas públicas de Mato Grosso do Sul”, cadastrado na UFGD e desenvolvido por alunas de Iniciação Científica (Braz, 2018; Pires, 2019; Silva, 2019), no Grupo de Pesquisa “Educação e Processo Civilizador” (GPEPC), sob orientação da Profa. Dra. Magda Sarat. Agradeço especialmente à Élide Danielle da Silva do curso de Pedagogia da FAED/UFGD do PIVIC - Programa Voluntário de Iniciação Científica, pela coleta dos dados, contribuindo com a escrita deste capítulo a quem dedico este trabalho.

² A Professora Telma Koller participou do processo de criação da Escola SEI e trabalha na mesma instituição desde 1980.

suas formas de organização e de gestão, seja na constituição dos sistemas curriculares” (Silva, 2006, p. 204).

O fragmento de fala da professora Telma (2019) expressa a concepção da Escola sobre os ritos que fazem parte da cultura da Escola SEI, marcados por inúmeras atividades ao longo de mais de quarenta anos de existência (1980-2023). Estes ritos contam uma trajetória institucional carregada de intencionalidade pedagógica e de muito significado para toda a comunidade interna e externa ao SEI, produzindo assim uma cultura escolar específica, ritualizada cotidianamente em simbologias e atividades que se repetem a cada ano, com novos sentidos.

A bibliografia nos informa que “[...] a instituição escolar constitui o universo de uma cultura própria e sedimentada historicamente, sendo também a produtora dos traços/documentos dessa cultura” (Mogarro, 2005, p. 105). Neste sentido, pesquisar a história das instituições educativas permite ampliar o conhecimento sobre a história da educação em suas múltiplas perspectivas, o que possibilita, dentre outros aspectos a expansão do conhecimento sobre os ritos escolares como constituintes desta cultura, com o intuito de preservar a memória e também a história da Educação local e regional.

Esta cultura está presente no cotidiano escolar, expressando-se a partir de cada indivíduo pertencente a essa figuração³ e espaço institucional, assim podemos dizer que em todos os nossos grupos sociais, de algum modo, temos a necessidade de ritualizar a vida e “[...] o rito é a ação que dá sentido à interação, estabelecendo diálogo entre os espaços e as experiências humanas” (Almeida, 2013, p. 83),

³ Consideramos a palavra “figuração” no diálogo com Norbert Elias, destacando que “[...] figuração distingue-se de muitos outros conceitos teóricos da sociologia por incluir expressamente os seres humanos em sua formação. Há figurações de estrelas, assim como de plantas e animais. Mas apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros” (Elias, 2006, p. 25). Estas figurações estão expressamente relacionadas com a sociedade, pois segundo o mesmo autor há uma interdependência entre indivíduos e sociedade.

correspondendo assim, às ações desenvolvidas diariamente pelos indivíduos.

Assim, entendemos sociedade a partir de Norbert Elias, pois vivemos relações sociais em grupos interdependentes e só podemos existir, indivíduo e sociedade de forma imbricada, pois: “[...] A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo” (Elias, 1994, p. 67), portanto, a necessidade de socializarmos os símbolos que nos unem e dão significado ao nosso cotidiano ritualizado em diferentes dimensões é algo evidente em nossas relações.

Nesse contexto, dizemos que os ritos apresentam semelhança aos jogos à medida que estabelecem regras e ordens, mas também vão além e trazem uma multiplicidade de significados e simbologias (Terrin, 2004). Desta forma, é possível ponderar que a compreensão destes e sua corporificação ao cotidiano das experiências humanas vão depender do modo, do tempo e da periodicidade em que tais ritos acontecem, do local onde são realizados, portanto quando a professora Telma fala, na epígrafe: “[...] nós fomos fazendo as coisas aos poucos e, desde 1981, foram ficando e se repetindo, todo ano [...]” (Koller, 2019), ela indica que a escola foi criando de modo concreto, corporificado, essa ritualização pretendida e prescrita por um contexto, calendário ou particularidades determinadas pelo grupo.

De tal modo, ponderamos que no cotidiano escolar “o rito escolar é a rememoração perene do que aconteceu numa primeira vez e que voltou a acontecer, graças ao ritual que abole a distância entre o passado e o presente” (Almeida, 2013, p. 85), portanto, a necessidade de rememoração, repetição, reconstituição inesgotável destes, no ambiente educativo, apresentando significados diversos, dependendo do momento, dos indivíduos e das simbologias que a eles são atribuídas. Assim, o “[...] o rito tende a criar o momento coletivo e é o veículo básico para transformar algo que é considerado natural em algo puramente social” (Pavan, 1996, p. 33), o qual envolve toda a comunidade.

A transformação do rito em um momento coletivo e social passa pela necessidade de uma forma qualquer de dramatização, configurando assim o ritual, atrelado à realização de interações e práticas simbólicas que o caracterizam em dimensões espaciais e temporais diversas (Vilhena, 2005). Em consonância com esse diálogo, é possível considerar as disposições, propósitos e sequências que as atividades cotidianas da escola apresentam, instituídos e distribuídos ao longo de uma semana, mês, bimestre ou ano, um calendário escolar de regularidades e formalidades que auxiliam na organização institucional do grupo social, ao qual pertencem os ritos no ambiente escolar.

Dentre as muitas interações que também fazem parte deste cotidiano, é possível mencionar a chegada à escola, as formas de saudação e acolhimento, as cantigas, a hora do repouso, da alimentação, dentre outros momentos, que simbolicamente buscam perpetuar rituais e construtos sociais e culturais de muitas gerações. Existem ainda manifestações por meio de representações teatrais e modos de celebrar datas comemorativas como dia das mães, dia do folclore, festa junina, datas que trazem para o interior dos espaços educativos a amplitude das interrelações entre o que acontece no meio sociocultural e que constituem a própria cultura escolar, pois:

[...] parece não haver inconvenientes em considerar a escola como uma instituição com cultura própria. Os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo) (Silva, 2006, p. 202).

Considerando a relação existente entre as práticas, os discursos, as linguagens e os principais atores, indivíduos constituintes da cultura escolar, para esta discussão, trouxemos alguns rituais da Escola Serviço de Educação Integral - SEI, nos seus mais de quarenta anos de existência, perpassando representações simbólicas propostas

pela instituição, as quais estiveram presentes no cotidiano de muitas famílias do município de Dourados, Mato Grosso do Sul, pois tais práticas ensejam particularidades de se conceber a educação.

Neste contexto, os rituais que apresentaremos e que se repetem ano a ano na Escola SEI foram rememorados pela professora Telma Koller, uma das funcionárias mais experientes da instituição, trabalhando na mesma desde 1980, quando participou do processo de criação e reelaboração de quase todos os ritos e rituais presentes na escola, sempre ao lado da professora Ezir, coordenadora geral e proprietária da escola, e como ela mesmo relata, sempre “dei corda à imaginação”, e juntas pensaram em formas distintas de celebrar momentos importantes ao processo ensino-aprendizagem das crianças, buscando alternativas para criar e inovar, a partir do que era comum em celebrações já existentes, ou seja, a instituição criou ritos e rituais e conseqüentemente construiu uma cultura escolar própria que marca a Escola SEI e tornou-se parte de sua identidade.

Assim, conhecemos tais propostas, a partir das narrativas da professora Telma Koller e fundamentadas em suas memórias buscamos compreender a constituição da cultura escolar respaldados na metodologia da História Oral, temática que “[...] enquanto método e prática no campo de conhecimento histórico, reconhece que a trajetória dos indivíduos e dos grupos merecem ser ouvidas, também as especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas” (Matos; Senna, 2011, p. 107), pois as pessoas que vivenciaram constroem a história.

Portanto, na perspectiva de conhecer determinados rituais da Escola SEI, a metodologia pode nos auxiliar, pois no contato direto com a professora Telma Koller, ela trouxe para o tempo presente (momento de sua fala) as vivências das ocasiões marcantes em suas relações com as crianças, professores/as e gestores/as da instituição, apresentando suas memórias, coadunando com Bosi ao destacar que: “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (1994, p. 55).

Entre tantos momentos vividos na Escola SEI, das atividades que poderiam ser elencadas e mencionadas como acontecimentos importantes na instituição, a professora destacou alguns: “Dia Maluco”, “SEI Saber”, “Abril Brasil”, “Semana do Conto”, “Coral”, “Bandinha”, “Formaturas”, “Viagens Pedagógicas”, “Pensando Juntos”, “Festa junina”, “Noitada”, “Diada”, “Tardada”, dentre outros que foram sendo incorporados ao calendário desde sua criação, ou foram acrescentados com o passar dos anos, de acordo com as necessidades ou com as potencialidades “inventivas” e criativas de suas gestoras, pois algumas ideias deram mais certo que outras.

Diante da criatividade e da profusão de atividades, elegemos para explorar mais demoradamente dois eventos que nos pareceram bastante relevantes e ocorrem na escola em períodos específicos, envolvendo a comunidade escolar externa e interna. Sendo estes o “Coral”, criado na década de 1980 e a “Semana do Conto”, criada no final dos anos de 1990, envolvendo a integração das crianças e de suas famílias.

Os dois eventos têm envolvimento das famílias, sendo que o primeiro, o Coral tem apresentações públicas abertas à comunidade externa; o segundo, somente para as crianças e familiares em áreas internas da sala de aula, ambos ocorrem ao longo do calendário letivo. Informamos que elegemos esses dois eventos, pois eles nasceram praticamente juntos com a Escola SEI, e desde a sua criação constituem a identidade da instituição, assim como configuram parte de sua cultura escolar.

A Escola Serviço de Educação Integral foi criada pela professora Ezir Bomfim Estremera Gutierre e por seu esposo Jesus Estremera Gutierre, em setembro de 1980, contudo, em função dos processos burocráticos para sua abertura, as atividades educacionais foram iniciadas apenas em fevereiro de 1981, voltadas inicialmente para o atendimento das crianças da Educação Infantil.

Em um documento da instituição, mais especificamente no *Livreto Serviço de Educação Integral – SEI Sentindo a Vida*, publicado internamente no ano de 1989, a professora Telma Koller fala da

expectativa para a abertura oficial da Escola SEI: “Finalmente, a realização de um grande sonho: começaram as aulas!!! Era o dia 16 de fevereiro de 1981, numa manhã ensolarada, retratando todas as expectativas e anseios de um grupo de educadores” (Koller, 1989).

Destacamos o crescimento de uma instituição que inicialmente recebeu um público de 66 crianças matriculadas em salas de Maternal, Jardim, Pré I e Pré II e, na trajetória de quatro décadas ampliou gradativamente de tamanho, mas sempre desejando manter-se como uma escola de porte médio. Posteriormente, por solicitação das famílias, foi ampliando seu atendimento e passou a oferecer o Ensino Fundamental, ampliando também sua estrutura física, arquitetônica, aspectos que assegurassem o aumento gradativo no número de matrículas, bem como, em investimentos em sua estrutura educacional e pedagógica. Até o ano de 2019, período em que os dados empíricos para esta e outras discussões⁴ foram coletados⁵, a escola registrava o quantitativo de 1.020 estudantes.

No município de Dourados, a instituição foi pioneira em oferecer muitas atividades diversificadas em seu currículo, como já mencionamos, dentre outras é possível citar exposições, feiras de ciências e arte, além da celebração de alguns ritos, tais como o “Dia Maluco”, “Parede Mágica”, a criação da “Bandinha”, a celebração

⁴ BRAZ, L. *O curso de magistério na Escola SEI - Serviço de Educação Integral em Dourados – MS*, 2019; BRAZ, L.; SARAT, M. *Pesquisa sobre o magistério: aproximações teóricas*, 2019; GRATIVOL, S. *Educação pré-escolar em Dourados: a Escola Serviço de Educação Integral - SEI (1980-1995)*, 2017; SANTOS, L.; BRAZ, L.; SARAT, M. *Memória e trajetória da Escola SEI - Serviço de Educação Integral*, 2019; SILVA, M. *História e Memória da Educação Infantil: os 25 anos de atuação da escola SEI – Serviço de Educação Integral (1980- 2005) no município de Dourados*, 2007; SILVA, É.; PIRES, S.; SILVA, L. *Ritos e celebrações escolares: Fazendo história na Escola Serviço de Educação Integral*, 2019; SILVA, É.; SILVA, L.; SARAT, M. *Ritos e celebrações no espaço escolar: memórias de uma escola de Dourados/MS*, 2019. Todos estes trabalhos se respaldaram na Escola SEI como objeto de discussão, além das demais pesquisas em andamento.

⁵ Destacamos os dados e levantamentos empíricos como já mencionados pela acadêmica Élide Danielle da Silva, participante do PIVIC - Programa Voluntário de Iniciação Científica.

da “Formatura”, o “Dia dos Pais”, o “Chá das Mães”, a “Quadrilha dos avós”, estes programas tornam a cultura escolar do SEI muito particular, marcando a infância e a adolescência de todo os que passaram pela instituição, pois algumas dessas celebrações se renovaram, mas em sua essência se repetem anualmente ficando na memória de todos os egressos do SEI.

Este conjunto de experiências, com ênfase nos ritos escolares, nos foi narrado como parte da história das instituições e, em especial, a história do SEI, pela professora Telma Koller, que por meio da História Oral temática, relatou suas reminiscências, especialmente sobre o “Coral” e a “Semana do Conto”, acreditando na importância do protagonismo das crianças e dos adolescentes que participam desses eventos.

O Coral: ritos e rituais na Escola SEI

Figura 1- Registro do Coral da Escola SEI



Fonte: Arquivo da Escola SEI

A professora Telma Koller relata que tudo começou em 1981, na época o Coral “[...] ainda era uma coisa tímida e depois foi crescendo [...]”. Ela mencionou que desde a sua criação três professoras se dedicaram à Bandinha e ao Coral, destas fez especial destaque à

professora Débora que está na escola há mais de dez anos como regente do Coral e da Bandinha, voltando-se para o trabalho de orientação musical com todas as crianças. A professora Débora é formada em música, empenha-se em realizar um trabalho com todas as crianças e adolescentes nessa área, tendo sua atividade pedagógica ligada e organizada diretamente à professora Ezir, as quais atuam em parceria. “Elas escolhem as músicas e todo o repertório que vai ser trabalhado. A professora Débora incrementa a questão gestual, às vezes, trabalhamos a linguagem de Libras, algumas músicas são apresentadas em Libras” (Koller, 2019).

Figura 2- Profa. Ezir apresentando o Coral **Figura 3-** Cantando em Libras



Fonte: Arquivo da Escola SEI no *Facebook* (2019)

Na figura 2, a professora Ezir à frente do Coral, dá início a mais uma apresentação ocorrida no ano 2019, o que nos mostra que a atividade nasceu na década de 80 e permanece ativa, mantendo suas apresentações no calendário letivo anual da escola com muito vigor. O Coral é composto por crianças e adolescentes que participam efetivamente, sendo os alunos das salas do 2º ao 9º ano do ensino fundamental, contando com um número significativo em torno de 300 vozes de meninos e meninas. Importante destacar que a participação no Coral é facultativa aos alunos e alunas, aqueles que não desejam participar no horário dos ensaios fazem outras atividades, só participam os que desejam cantar.

Na Figura 1, as crianças estão em uma de suas apresentações de final do ano, a apresentação de novembro (vestem o uniforme do Coral, uma camiseta com o nome da escola e imagens de claves de sol e letras de música), as camisetas são azuis nas cores da escola. Nesse dia, todos estavam usando um gorro vermelho, simbolizando o Natal. Os membros do Coral são dispostos por turmas, dos menores aos maiores, do primeiro ano até o nono ano.

A entrada deles no local de apresentação é um acontecimento, pois fazem em tom marcial com uma música altissonante, entram perfilados, organizam-se no palco para a apresentação e são prestigiados por uma plateia composta por pais e familiares como se pode ver na imagem, além de seus professores, professoras e toda a comunidade escolar.

Em geral, as apresentações começam no horário marcado, sem nenhum minuto de atraso, capitaneadas pela professora Ezir como é possível ver na imagem da Figura 2, quando ela faz a abertura da celebração. Aqui vale um parêntese para destacar uma das marcas que faz parte da cultura escolar da Escola SEI, a pontualidade das festividades, reuniões ou qualquer atividade que têm um caráter “britânico”, conseguido especialmente pela figura da Tia Ezir⁶ que educa pais e filhos, iniciando sempre no horário previsto, nem antes nem depois. Assim, para a plateia é interessante perceber que por vezes, a música começa, é possível ver algum retardatário chegando sorrateiramente por trás para se incluir na referida apresentação, para a qual ele passou dias ensaiando, e a criança não quer perder.

A plateia assiste a tudo em silêncio e com muita atenção, demonstrando entusiasmo, emoção, afinal são pais, mães e avós que veem seus pequenos no palco, executando canções que foram escolhidas por um repertório prévio, sempre dividido em duas partes. No primeiro momento, um caráter religioso com cantos de

⁶ A professora Ezir, chamada por toda a comunidade escolar de ‘tia’, tem a pontualidade como sua marca, qualquer pessoa que teve oportunidade de participar de eventos na escola vai lembrar e referir-se a ela como tia Ezir e pode mencionar o compromisso com o horário de início e término das apresentações.

cunho confessional, exaltando a fé cristã que faz parte da confissão religiosa dos donos da Escola e da regente do Coral. No segundo momento, músicas do cancionero popular, sempre trazendo alguma novidade, misturando gestos, teatralização, diferentes linguagens e, também a linguagem brasileira de sinais, como é possível perceber na imagem da Figura 3.

Apenas ao final das apresentações, a professora Ezir sempre à frente orientando as atividades, sugere que pais e familiares se desloquem de seus lugares, caso desejem, para fotografar seus rebentos mais de perto. Participar do Coral traz consigo a marca de um compromisso das crianças com o que se propõe junto aos ensaios do Coral, afinal participar é uma escolha delas e cabe aos familiares o compromisso com os horários definidos para as apresentações anuais, pois as crianças dependem destes para chegar à escola e os pais juntos com seus filhos têm que se atentarem para manter o que assumiram.

Na Figura 3, observamos as crianças cantando em Língua Brasileira de Sinais, pois assim como relatou a professora Telma Koller, ao realizar o ensaio, a professora Débora toma os cuidados necessários para que algumas músicas sejam interpretadas e apresentadas em LIBRAS. Os ensaios acontecem semanalmente, em uma sala específica destinada para o ensaio do Coral e da Bandinha. Como o número de crianças é grande, conforme mencionado, pois são todas as salas (cerca de 300 crianças), elas ensaiam em grupos organizados por turmas, em dias distintos, depois são reunidas apenas para os ensaios gerais.

Além das orientações da professora Débora, também participa dos ensaios a professora Ezir, contribuindo e sugerindo. O auge da organização são os ensaios gerais com todas as crianças da Escola, em dias específicos, nos quais são observados e corrigidos todos os detalhes, para que no dia da apresentação tudo esteja perfeito. Os ensaios são realizados no final da manhã e feitos sob a supervisão da professora Ezir. Nesse momento, ensaiam as músicas e as entradas no salão principal, como deverá ser no dia da grande

apresentação. É preciso uma logística e uma operação orquestrada, para que o funcionamento dê certo, pois estamos falando de um grupo muito grande de meninos e meninas juntos no mesmo espaço, o que tem funcionado muito bem, pois o Coral é uma atividade que conta com a grande participação de professoras e demais colaboradores, sendo trabalhado com múltiplos objetivos.

Nosso objetivo principal é aguçar a audição e despertar o gosto pela música. Mas eles aprendem o ritmo, perdem o medo de se apresentar em público, o que é ótimo! Aprendem a obedecer às ordens, agora vocês vão fazer isso ou aquilo [...] eles sabem os comandos e isso desperta a atenção. Se ele não tiver atenção, ele não faz. Assim já estamos preparando-os para o Fundamental. Aprendem a se concentrar na professora e acompanhar. A apresentação do Coral ajuda a manter a atenção e o respeito ao colega (Koller, 2019).

Todos esses objetivos, segundo a professora Telma Koller, são importantes para despertar desde cedo o interesse da criança para a música, pois ao seguir a professora em relação às sequências musicais e ao que deve ser feito durante as apresentações ela fica atenta a conhecimentos que a estimulam em outros aspectos. Algumas crianças despertam para a música, para o canto, ou para a aprendizagem de instrumentos musicais, tanto que no Coral, muitas vezes, há apresentações e solos de meninos e meninas que se apresentam individual e coletivamente.

Além disso, toda a atividade com o Coral envolve uma dinâmica de trabalho em equipe, uma relação de confiança, tanto por parte da professora, como por parte das crianças, assim como um construto de muitas aprendizagens e demais relações que vão ultrapassar a apresentação no Coral e o ambiente escolar, podendo refletir nas práticas sociais que os pequenos estabelecem em seu cotidiano.

A apresentação do Coral ocorre em duas sessões por ano, ao final do segundo bimestre, quando as crianças têm um pequeno recesso, seguindo o calendário escolar e no encerramento do ano

letivo. Ressaltando que já tiveram a oportunidade de se apresentar publicamente em alguns lugares da cidade no final do ano, tal como em praças públicas, shoppings, teatro, em programações festivas do calendário municipal de Natal.

A atividade do Coral é parte da proposta pedagógica da Escola SEI e da sua cultura escolar, não tem como pensar o SEI sem o Coral. Assim as crianças participam do Coral como uma atividade com dia e hora prevista no calendário letivo, não é algo esporádico ou passageiro, elas estão sempre se preparando para a sua próxima apresentação, segundo o relato, “o Coral se apresentou e já estão se programando, pois já tem músicas para o repertório do ano que vem⁷. O Coral fez sua apresentação, mas eles continuaram ensaiando até a última semana de aula, preparando-se para o primeiro semestre do próximo ano” (Koller, 2019), mantendo sua continuidade e compromisso.

Seguindo na perspectiva proposta para a compreensão dos ritos escolares, é possível verificar que a apresentação do Coral está no calendário desde a formação da Escola SEI cunhado como um dos rituais escolares, pois traz consigo uma representatividade simbólica de significados, principalmente ao imbricar as experiências humanas, culturais e educativas, exercendo caráter social e extrapolando os muros escolares pois, para Almeida (2017, p. 47), “o ritual acontece em comunhão entre sujeitos, tempo e espaço”, entre estes elementos são importantes “as práticas sociais que dão sentido a todas as manifestações e tradições”, que podem ser demonstradas a partir de “atividades que envolvem músicas, [...] vestimentas, culinária, por exemplo, fazem parte de um universo cuja ordenação social, cultural e política amplia o conceito de ritual” (Almeida, 2017, p. 47).

Nesse sentido, passamos para outro ritual da cultura escolar com o propósito de compreender um pouco mais sobre a cultura escolar do SEI, analisando as relações sociais apresentadas e considerando o

⁷ Como esta entrevista aconteceu em Dezembro de 2019, as duas apresentações do Coral já tinham acontecido, mesmo assim as crianças continuaram com os ensaios.

sentido das manifestações e tradições dentro do espaço escolar. A seguir analisaremos a “Semana do Conto”, prática que envolve as crianças, suas famílias e toda a comunidade da escola, configurando-se como um momento único de muita alegria e encantamento, no qual meninos e meninas apresentam uma relação com o imaginário, a fantasia, a criatividade e a ampliação do repertório linguístico propiciados pelo contato com a literatura infantil.

A Semana do Conto: ritos e rituais na Escola SEI

Figura 4- Semana do Conto na Escola SEI



Fonte: Arquivo da Escola SEI

A Semana do Conto tem a mesma trajetória do Coral, começa na instituição de modo experimental e tímido e a proposta se define por alguém da família da criança que se voluntaria a ir até à escola e contar uma história. Pode ser a mãe, pai, tio/a, avós, padrinho, madrinha, qualquer pessoa que tenha um vínculo com a criança. A proposta envolve as crianças da Educação Infantil até o 5º ano e é desenvolvida por professores/as, gestores/as e demais funcionários da instituição.

A atividade traz para dentro da escola a presença da família que se compromete em levar para as crianças um conto a ser apresentado de forma especial. A/o voluntária/o a contar a história vai até a escola e combina o dia e a hora da apresentação. Em geral, são dez minutos

por história e é permitido ao/a contador/a levar apetrechos para enriquecer seu conto (fantasia, fantoche, livro, bonecos), ou ainda levar algo para dar às crianças ao final (bala, pirulito, pipoca).

[...] a ‘Semana do Conto’ fazemos há uns vinte ou vinte e cinco anos. Começamos timidamente com o ‘Dia do Conto’, depois passamos para ‘Os dias do Conto’ e então para a ‘Semana do Conto’. Na secretaria tem um mapa do período da manhã com todas as salas, de segunda a sexta feira todos os horários preenchidos [...] vira briga. (risos) pois todos querem participar (Koller, 2019).

A professora Telma Koller ressalta o alto índice de participação da família na “Semana do Conto”, que começou pequena e tornou-se constante com uma agenda repleta no calendário escolar, gerando também muita expectativa nas crianças. A Escola envia para as famílias, o convite e os horários nos quais os pais podem se inscrever e a disputa é grande, pois as famílias precisam correr para fazer sua inscrição e conseguir o horário desejado, especialmente, do meio da semana em diante, pois o cronograma fica todo preenchido. As crianças ficam ansiosas para receber e ouvir histórias diferentes nesta semana.

Esta atividade torna a semana cheia de momentos diferentes e envolventes, pois apresentam interrelações entre o que está sendo feito pelos/as voluntários/as e pelas diversas trocas e aprendizagens que acontecem ao longo do período, assim quando a professora Telma Koller fala que na segunda-feira é mais tranquilo, pois a semana está começando e os pais estão iniciando a “contação”, mas depois [...] “quando chega quinta e sexta-feira, os filhos começam a cobrar os pais, então se no começo da semana foram duas apresentações, no final da semana são seis, oito apresentações, sai um, entra outro, e a gente limita, são dez minutos no máximo” (Koller, 2019).

A Semana do Conto também é uma oportunidade para a família ir à escola e se envolver em uma atividade pedagógica direta na sala de seu filho, os pais em geral esbanjam criatividade, segundo a professora Telma Koller, as pessoas preparam a história, levam

objetos e promovem situações que materializam para as crianças vivências concretas e várias aprendizagens. Como por exemplo, em um episódio de uma história sobre animais “[...] em um ano fizeram uma exposição de cachorros [...]. Tudo bonito, diferentes tipos de cachorros [...]” (Koller, 2019), ou seja, imaginem a satisfação das crianças que receberam e os/as filhos/as que podiam dizer aos demais que sua história promoveu tudo aquilo.

Na Semana do Conto, as crianças realizam diversas atividades diferentes e assistem a performances de contadores distintos, assim fazem também outros trabalhos além de ouvirem as histórias. No exemplo da Figura 5, as crianças posam para uma fotografia ao lado dos pais de um colega, que veio participar da Semana do Conto e trouxe para contribuir com a história, o seu cachorro de estimação (um cachorro grande e preto), provavelmente, o cachorro protagonizou a história e os colegas tiveram a oportunidade de conhecê-lo, tornando um momento rico de aprendizado entre as crianças e os adultos.

Figura 5 - Semana do Conto na Escola SEI



Fonte: Arquivo da Escola SEI no *Facebook* (2019)

Um aspecto muito importante dessa semana, ocorre a partir do momento em que os pais estabelecem interações de trocas, descobertas e aprendizagens com seus filhos e as demais crianças da turma, pois estão assumindo, também, um compromisso com a

escola e ampliando suas relações sociais, contribuindo assim para a constituição histórica e cultural do meio no qual estão inseridos, pois a comunidade escolar é ampla e com diferentes grupos. Além disso, o envolvimento dos pais faz com que estes percebam os esforços dos profissionais do interior da escola, das crianças, assim todos passam a se conhecer melhor e a trabalhar em parceria. Os pais trazem para a escola as experiências que vivenciam com as crianças em seus ambientes domésticos, as histórias escolhidas geralmente são aquelas que seus filhos e filhas gostam, assim compartilham saberes e modos de perceber a educação familiar.

Como a Semana do Conto ocorre somente entre as crianças, considerando as salas de maternal ao 5º ano, ou seja, meninos e meninas entre 2 e 10 anos de idade, as famílias precisam usar de criatividade para chamar a atenção, assim o que se vê na escola é um grande festival, como diz a professora Telma, “[...] os pais vêm contar as histórias na sala, muitos deles vêm enfeitados, travestidos de Lobo Mau, Vovozinha, Chapeuzinho Vermelho, Fada. É um espetáculo à parte. E eles adoram! Os pais adoram fazer isso!” (Koller, 2019).

Figura 6 - Chapeuzinho Vermelho na Semana do Conto na Escola SEI



Fonte: Arquivo da Escola SEI

Na Figura 6, a participação de uma das famílias, na Semana do Conto, ilustra a história que a professora relata. Na ocasião, o conto do “Chapeuzinho Vermelho” foi uma das histórias que mais agradou as crianças da turma do maternal. Assim, se para os adultos mergulhar na imaginação é algo instigante, para as crianças se torna algo mágico e extremamente motivador, pois além de se identificarem com o mundo da fantasia, elas se sentem importantes e colaboradoras com a Semana do Conto, principalmente, a partir do momento em que seus pais participam das apresentações, vestidos à caráter, elas se sentem valorizadas e estimuladas pois é como se a atividade que está sendo promovida para toda a sala também estivesse sendo feita por ela.

A Semana do Conto tornou-se um sucesso e ocorre todos os anos, a escola conta com a colaboração dos pais para trazerem novas histórias e perspectivas diferenciadas de integração entre as famílias e a comunidade. No entanto, não são apenas os pais que participam da contação de histórias, ao observar o cronograma do ano de 2019, a professora Telma Koller nos informou que aproximadamente 300 pessoas participaram da Semana do Conto, mas como ela mesma relata elas vêm “[...] de manhã e à tarde. Às vezes, vêm os avós, às vezes, uma madrinha, as pessoas não têm a ver diretamente com a escola, tem até filho em outra escola, mas vêm aqui contar a história [...] então é muito gostoso!” (Koller, 2019).

Assim, consideramos que os ritos escolares, neste caso específico, o Coral e a Semana do Conto possuem singularidades ímpares representadas pelas interrelações de seus indivíduos – crianças, famílias, gestores/as e demais funcionários da instituição educativa, pela forma diversificada de interação e socialização dos saberes e experiências, constituindo assim uma cultura de valores sociais, morais, educativos, contribuindo com a construção da cultura escolar do SEI que se perpetua por gerações.

Considerações finais

São o pensamento a palavra, sim, porém, do aluno. É a procura, a busca, a visão, o direcionamento dele. É a sua vez e a sua voz (Koller, 1989).

Finalizamos esse capítulo, retomando o fragmento de um texto da professora Telma Koller, como epígrafe, escrito sobre a Escola SEI no ano de 1989, como parte de uma atividade desenvolvida por ela enquanto docente de Português e Literatura, com seus alunos de sexto ano do Ensino Fundamental, na qual a proposta foi estimular meninos e meninas a escreverem a história da escola SEI, que naquele momento completava quase uma década de vida.

Agora, passados mais de quatro décadas observamos, neste livreto, fonte documental intitulado “Sentindo a Vida”, que tais ritos e rituais estão presentes como parte da voz e da vez das crianças da instituição e da comunidade escolar. Assim, diante das reflexões aqui tecidas, consideramos que tais celebrações escolares presentes na Escola SEI, especialmente a partir das memórias concernentes ao Coral e à Semana do Conto são constituintes de sua cultura escolar e da história da instituição, estruturando-se a partir destes processos educativos e garantindo seus ritos, valores e significados.

Neste movimento constante de construção, significação e ressignificação, a escola se mostra como um espaço onde os ritos escolares, simbolicamente imprimem determinadas formas do pensar social e cultural do meio onde está inserida, e assim os indivíduos encaram tais rituais como algo perene, mas com a possibilidade de atribuir a estes rituais novos olhares e novos significados. Diante disso, os ritos presentes no âmbito escolar, com ênfase para o Coral e a Semana do Conto realizados na escola SEI fazem parte da cultura escolar da instituição e podem ser compreendidos a partir de sua perspectiva histórica e social, principalmente em suas contribuições com a história da Educação local e regional.

Referências

ALMEIDA, A. M. de. Ritualização das práticas e do cotidiano escolar no primeiro Jardim de Infância Público de São Paulo. **Revista Linhas**, v. 18, n. 38, p. 41-62, set/dez, 2017.

ALMEIDA, A. M. de. **Ritos e Rituais na Escolarização da Infância em São Paulo (1896-1912)**. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Educação: História, Política e Sociedade da PUC-SP, 2013.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAZ, L. T. A. O curso de magistério na Escola SEI - Serviço de Educação Integral em Dourados - MS. *In: Anais do Semiedu*, Cuiabá, p. 3882-3889, 2019.

BRAZ, L. T. A.; SARAT, M. Pesquisa sobre o magistério: aproximações teóricas. *In: Anais - XI Jornada Nacional de Educação da UFMS/CPNV*, Naviraí, p. 191-195, 2019.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIAS, N. Conceitos sociológicos fundamentais. *In: NEIBURG, F.; WAIZBORT, L. (org.). Escritos e ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 21-33.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GRATIVOL, S. **Educação pré-escolar em Dourados: A Escola Serviço de Educação Integral - SEI (1980-1995)**. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação (FAED), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, 2017,

MATOS, V. J; SENNA, K. A. História Oral como Fonte: problemas e métodos. **Revista História**, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MOGARRO, M. J. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. **Proposições**, v, 16, n. I (46) - jan./abr. 2005.

PAVAN, D. O. **Cerimonial de Formatura**: representação simbólica do sucesso escolar. Dissertação (Mestrado em Educação: Administração e Supervisão Escolar) – Programa de Pós-graduação em Educação: Administração e Supervisão Escolar. Universidade Estadual de Campinas, 1996.

SANTOS, S. M.; BRAZ, L. T. A.; SARAT, M. Memória e trajetória da Escola SEI - Serviço de Educação Integral. *In: Anais - XI Jornada Nacional de Educação da UFMS/CPNV*, Naviraí, p. 946-957.

SILVA, É. D. da; PIRES, S. M. S.; SILVA, L. C. da. Ritos e celebrações escolares: Fazendo história na Escola Serviço de Educação Integral – SEI. *Anais – Semiedu*, Cuiabá, p. 4257-4362, 2019.

SILVA, É. D. da; SILVA, L. C. da; SARAT, M. Ritos e celebrações no espaço escolar: memórias de uma escola de Dourados/MS. *In: Anais - XI Jornada Nacional de Educação da UFMS/CPNV*, Naviraí, p. 894-905.

SILVA, F. de C. T. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. *Revista Educar*, Curitiba: Editora UFPR, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, M. F. da. **História e Memória da Educação Infantil**: os 25 anos de atuação da escola SEI - Serviço de Educação Integral (1980 – 2005) no município de Dourados. TCC (Trabalho de Graduação em Educação). Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, 2007.

TERRIN, A. N. **O Rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004.

VILHENA, M. Â. **Ritos**: expressões e significados. São Paulo: Paulinas, 2005.

Entrevista

KOLLER, T. **Ritos e rituais escolares**. relato oral concedido à Luciene Cléa da Silva, Dourados, 09 dez. 2019.

Documento

Livreto Serviço de Educação Integral – SEI **Sentindo a Vida**, 1989.

Imagem 01: Primeira Festa Junina do SEI (Professor Gutierre, Professora Ezir docentes e discentes) na primeira sede da Escola SEI



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 02: Apresentação do Coral Professor Gutierre e Professora Ezir (década de 1980)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 03: Formatura do Infantil (1980)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 04: Professora Ezir na Festa Junina (junho de 1981)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 05: Festa da Páscoa no primeiro prédio da escola situado na Avenida Hayel Bon Faker (1982)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 06 Celebração da Páscoa (1983)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 07: 1ª turma da 4º série Professoras Ezir e Cleuza (1985)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 08: Diretores, tesouraria e secretários (1986)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 09 Formatura da 4ª série (de terno o Sr. Isaac Bonfim paraninfo da 2ª turma de formandos da 4ª série) em 1986



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 10: Apresentação da Páscoa (1987)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 11: Professor Gutierre e as crianças em restaurante na “Noitada”
(1989)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 12: Caça ao “Tirisco” atividade da noitada (década de 1990)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 13: Família Gutierre (década de 1990)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 14: Apresentação teatral (A bela e a fera) com as professoras (1995)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 15: Café da manhã, “Pensando Juntos (década de 2000)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 16: Professores celebrando 25 anos da Escola SEI (2005)



Fonte: Arquivo da Escola SEI.

Imagem 17: Atividade do “Dia Maluco” outubro de 2017



imagem 18: Professor Gutierrez e Professora Ezir ainda em atividade na escola (2023)



Fonte: Página da Escola SEI (Facebook)

CAPÍTULO 05

A “ARTE DA ESCUTA”: memórias e histórias da Escola-SEI

Magda Sarat

A História Oral para Alessandro Portelli (2016) é a “arte da escuta”, a quem peço emprestado o conceito para intitular este texto e, informar que escutar histórias tem sido meu objeto de estudo e pesquisa há mais de três décadas. Nesse tempo, a experiência de contar histórias, ler memórias, biografias, e ouvir relatos de pessoas é um exercício de conhecimento e produção de saberes sobre Educação, faço isso com o auxílio de anônimos que passam pela história e com suas vivências, suas “miudezas”, “insignificâncias” e belezas, alimentam minha profissão e minha trajetória acadêmica. Portanto, nesse momento, contar a história da escola Serviço de Educação Integral, tão somente pelas lembranças e memórias das pessoas que viveram e estiveram nesse lugar, é uma forma de mergulhar em uma profunda subjetividade e se deparar com os diferentes significados que a instituição teve para cada pessoa que lembrou pela singularidade do seu cotidiano individual.

Nos próximos capítulos, temos a história da escola na voz daquelas pessoas que viveram na instituição, indivíduos de todos os segmentos da comunidade (professoras e professores, famílias, ex-alunos e ex-alunas, funcionários e funcionárias, direção, pais e mães entre outros), que ao contarem vão se utilizando de termos como: “eu me lembro”, “quando isso aconteceu...”, “nossa eu tinha esquecido!”, “veja você me fez recordar isso”, “será que minha memória é tão boa”, e outras expressões que remetem ao modo de lembrar.

As histórias vêm dos recônditos da memória em pequenos fragmentos com cheiro, som, sensações, gostos e olhares sobre um

passado que retorna de mansinho no ato de lembrar e se torna presente e significativo, como um convidado que acaba de chegar. Em uma das entrevistas com a professora Ezir, ela narra um fato que expressa essa seletividade da memória chegando devagarinho. Na sua infância havia um costume em algumas famílias de celebrar os aniversários com uma iguaria especial, o “queijo do reino” conforme ela me conta:

Nos meus aniversários tenho poucas lembranças. Eu lembro mais dos meus irmãos, as festinhas. Havia sempre queijo do reino (risadas). Bolo, pão e fatias de queijo do reino. Eu não conseguia imaginar uma festa sem o queijo do reino, fazia parte. Interessante que não era só no meu aniversário, na vizinhança também havia o queijo do reino (gozado!). O bolo como sempre era o centro, mas havia o queijo do reino. Nossa! Eu lembrei agora e me trouxe uma doce memória, a compra do queijo do reino pelo meu pai (risadas) (Profa. Ezir).

Ao relatar uma memória tão singela trazida dos recônditos da sua memória, é como se ela estivesse sentindo o gosto daquele queijo especial, vindo recheado de sensações boas e lembranças agradáveis daquele tempo da infância. E será assim que os próximos capítulos serão construídos, pois exercitamos nossa “arte da escuta”, e por horas a fio, em datas diferentes, ouvimos a comunidade do SEI.

Nosso objetivo foi procurar a expressão de distintas vozes e perspectivas sobre o mesmo tema, pois estas pessoas estiveram e estão envolvidas na história da escola até o presente. Assim, elencamos muito mais pela importância de cada uma, do que da função delas na construção da instituição, expressando mais de quatro décadas de trabalho envolvido, hoje algumas distantes e outras ainda na instituição.

Ecléa Bosi (2003) escreve que a memória é parte do presente e só pode ser contada neste momento, é um “presente ávido pelo passado”, e assim percebemos que ele pode ser reconstruído individualmente, embora também o faça a partir de memórias coletivas. No caso da instituição, podemos dizer que é a história

contada por todos e todas, como parte de um passado que nos apegamos com afincos, pois sabemos que de alguma forma ele não volta e não nos pertence. Um dos entrevistados, ex-aluno da escola na década de 1980, menciona que a vida na instituição “era fantástica, dá uma saudade, vontade de voltar no tempo, mas infelizmente não dá, então só fica na memória” (Morel, 2021, participante da pesquisa), como um fio no qual se deseja apegar para retornar, mas que ficou na distância do tempo e, só é possível voltar na memória e a partir das lembranças seletivas que o passado permite.

Nesse contexto, resolvi ouvir diferentes representantes da escola em distintos períodos, considerando que nesses fatos cotidianos relatados, também estariam os “esquecimentos, as omissões, os trechos desfiados da narrativa”, que atingiram cada um de determinada forma e, deixando marcas significativas que a memória desejou trazer de volta. Pois a memória é mais que um depósito de lembranças e fatos, ela é seletiva e as narrativas são eleitas por níveis de significado. Quando se começam a ativá-la ao contar a história, ela se transforma em um “processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado” (Portelli, 2016). Portanto, ouvir as pessoas nos permitiu saber sobre o mesmo fato, a partir das escolhas de cada uma.

Um exemplo que integra a história da escola e marcou a vida de diferentes pessoas são os lemas da instituição: “Nessa Escola é permitido errar”, ou ainda, “SEI muito mais que uma Escola”. Quando as pessoas falaram sobre a compreensão desta premissa, faço menção inicialmente à entrevista de uma professora que lecionou na escola, no início dos anos 2000, e expressa o que significou para ela:

A escola tem uma firmeza de organização e de objetivo, pois tia Ezir sabe o quer para cada série. Pedagogicamente ela mostra esse caminho. Me chamou a atenção a frase na entrada da escola: ‘Nessa escola é permitido errar’, eu cometi vários erros no meu primeiro ano, mas todos me levaram a grandes acertos na minha vida profissional, pois fui corrigida por cada um deles. Mas, ao mesmo tempo em que

fui chamada a atenção por erros, fui estimulada e meus pontos fortes foram sempre exaltados (Márcia Prenda, 2020, participante da pesquisa).

Sobre a mesma perspectiva da memória deste fato, tem o depoimento de um ex-aluno da década de 80, ao relatar o modo como ele percebeu a mesma experiência de cuidado, acolhimento e cobrança de disciplina quando esteve na instituição:

No SEI você não é tratado só como aluno, é mais do que isso, você é tratado como um filho! Ensinar todo mundo ensina, mas, no SEI a tia Ezir executava a educação até para as mães. Ela chamava as mães e cobrava dos pais as atitudes referentes aos filhos. E ensinar qualquer escola ensina, mas o aprendizado pessoal nos preparava para o futuro. Por isso, o SEI é muito mais que uma escola! (Denis Morel, 2021, participante da pesquisa).

Escutamos muitas histórias da gestão, da administração, dos docentes e funcionários/as da escola, e, principalmente, de alunos e alunas que passaram pela instituição e deixaram expressar-se nas memórias desse período. Nesse processo, de constituição e reconstituição da instituição, não só pelas subjetividades individuais, foi interessante perceber e compreender, os motivos pelos quais esses indivíduos chamados a falar se prontificaram, mesmo não tendo ideia de como o projeto seria ou caminharia, mas que foram convidados a ativar suas memórias sobre a escola.

Inicialmente, a proposta era ainda maior, enviei muitas cartas pedindo que as pessoas escrevessem suas memórias da escola, mas as adesões foram baixas diante da tarefa de escrever seu próprio texto. Assim, optamos em realizar algumas entrevistas com pessoas da comunidade SEI. Tal aspecto fluiu com mais tranquilidade e alguns se dispuseram a dar uma entrevista, como foi o caso de ex-docentes, ex-discentes e funcionários da escola.

Neste contexto, temos um trabalho dividido em duas partes que podem ser classificadas em histórias e memórias, contadas a partir

das pesquisas acadêmicas desenvolvidas na escola, uma segunda parte com alguns exemplares do imenso acervo fotográfico que a Escola possui, as entrevistas transcritas e cuidadosamente tratadas, conforme a metodologia e os procedimentos específicos, para que viessem a público.

A história da instituição como pesquisa aparece desde o primeiro capítulo até o último, sendo tratada como História Oral a “arte da escuta”, e nos permitiu ouvir muitos documentos, os escritos como: as Atas, os boletins, os panfletos, os jornais, as cadernetas de alunos, os cadernos, uma infinidade de arquivos e acervos escolares, que a instituição deixou à disposição. Mas, também, ouvir a voz de homens, mulheres, crianças e adolescentes, em diferentes categorias que atuam na escola: gestão, funcionários/as, docentes, famílias, discentes, enfim, todos envolvidos na construção da Escola SEI.

Entre as pessoas, personagens e protagonistas dessa obra apresentarei, de modo geral, pois teremos oportunidade de ler suas histórias nos capítulos posteriores, e tomarei a liberdade de fazê-lo pelo meu olhar, que certamente está envolvido nas memórias e histórias desse livro, pois trabalho com ele já tem algum tempo. De qualquer forma apresentarei as vozes desta parte do texto e procurarei organizar de modo que diversas pessoas da comunidade sejam contempladas.

A professora Ezir Bomfim Estremera Gutierre ou “tia Ezir” como é conhecida, representa a gestão da Escola SEI, é também, membro do grupo que dirige a escola. Ela é uma mulher nordestina, passou a infância em alguns estados do país, mas viveu a maior parte do tempo em São Paulo, quando veio para Dourados, no final dos anos de 1970. Fez Magistério e é Psicóloga de formação. É uma mulher religiosa de tradição protestante (Batista), muito respeitada e amada na comunidade. Entre suas características de força, ousadia e liderança é conhecida por uma risada envolvente e tem uma obsessão pelo cumprimento do horário. Educou toda a comunidade

pois a escola é conhecida pelo rigor com que atende aos horários de suas programações, graças a sua “batuta”.

O professor Jesus Estremera Gutierre ou “tio Gutierre”, esposo da professora Ezir, é oficialmente o diretor da escola, pois é Pedagogo de formação. Paulista, trabalhou em empresas em São Paulo até chegar em Dourados. Depois de investimentos na cidade que não tiveram o sucesso esperado, optou por dedicar-se somente à escola, como uma empresa familiar até o presente. O professor Gutierre é conhecido pela sua tranquilidade e seu jeito acolhedor. Atualmente faz pequenos trabalhos na escola e fala, sem sombra de erro, que a “Escola SEI, na realidade foi tudo ela, a Ezir. As ideias dela são fantásticas! As decisões com relação à escola, ela é a cabeça de tudo” (risos).

A professora Telma Koller é Sul-mato-grossenses, trabalhou na rede pública antes de se dedicar somente ao SEI. Formada em Letras, está na escola desde o início. Foi professora, coordenadora e secretária do SEI. Atualmente, aposentou-se da sala de aula e permanece na secretaria. É a guardiã da documentação da escola, dos arquivos e conhece todas as histórias, nos auxiliou nas diversas pesquisas feitas na escola. Tem fama de “brava” e preza pela disciplina de seus alunos com “rigor espartano”. Mas, só no início, depois consegue conquistá-los e ter uma boa relação com crianças e adolescentes. Tem uma parceira de toda a vida com a professora Ezir.

A professora Neusa Néspolo é paulista do interior do estado, veio para o Mato Grosso do Sul, na juventude. Fez Magistério em Dourados, nas Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo e no Colégio Osvaldo Cruz. No curso de Magistério, foi aluna da professora Ezir. Ao ser convidada para trabalhar na escola optou pelo maternal. Não tem uma criança que tenha passado pelo SEI e que não tenha sido aluna da “tia Neusinha”. A docência para ela foi um encontro profissional ao qual ela se dedicou a vida inteira: “O meu sonho sempre foi ser professora. Posso falar que tudo o que sei de educação eu devo à Escola SEI. Tudo o que eu aprendi foi nessa

escola". Está aposentada depois de ter lecionado por 30 anos nas turmas de maternal da Escola SEI.

A professora Giana Amaral Yamin lecionou na Escola SEI no início da sua carreira, no ano de 1983, tendo o curso de Magistério. Posteriormente, se formou em Pedagogia. Atualmente é Doutora em Educação e professora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/UEMS. Leciona nos cursos de Pedagogia formando outras professoras para trabalhar com crianças, da mesma forma que ela começou na Escola SEI, em 1983. A professora Giana tem um trabalho fundamental no estado do Mato Grosso do Sul e na cidade de Dourados, atuando na formação de professores/as para a Educação Infantil e Ensino Fundamental.

A professora Nedina Stein trabalhou na Escola SEI, no ano de 1983, atendendo crianças pequenas. Na época tinha formação em Magistério e depois cursou a graduação em Pedagogia. Atualmente é Doutora em Educação, professora na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/UEMS, leciona nos cursos de licenciatura e formação de professoras/es para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, tem uma atuação importante na docência do estado.

A professora Rosana Palhano Taveira de Mattos fez o curso de Magistério na Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo, também foi aluna da professora Ezir. Tem graduação em Educação Artística e Especialização em Educação Infantil. Leciona na Escola SEI, desde o ano de 1985, (há quase quatro décadas). Já exerceu a função de professora e coordenadora nos vários níveis do Ensino Fundamental I na Escola SEI. Tem uma experiência muito marcante na escola, com famílias, colegas e nos cargos que ocupa, durante sua trajetória, nessas quase quatro décadas de atuação na mesma instituição.

A professora Márcia Prenda Teixeira é formada em Pedagogia, lecionou na Escola SEI entre os anos de 2005/2006, quando ainda estava no início de sua carreira. Posteriormente, fez o curso de Mestrado em Educação, e seguiu a carreira docente como Pedagoga no serviço público. Atualmente é Coordenadora Pedagógica da rede

municipal de educação da prefeitura municipal de Dourados, atua como professora formadora da SEMED-Secretaria Municipal de Educação de Dourados. Após ter saído da Escola SEI como docente, teve a experiência de retornar anos depois com seu filho e passou a condição de mãe de aluno da Escola SEI.

O senhor Wilson Correia Saraiva é pedreiro e mestre de obras por profissão, não tem formação escolar, mas foi ele quem construiu o prédio definitivo da Escola. Acredita que é na escola que “aprendeu muito do que sabe”. Atualmente, trabalha como auxiliar de serviços gerais e se destaca por ser um dos funcionários mais antigos da Escola, desde 1987. Como ele mesmo afirma, seu contato é diretamente com algumas pessoas da gestão, mas ele gosta muito de se relacionar com as crianças e sanar suas curiosidades, quando elas o veem com ferramentas resolvendo algum problema de manutenção da escola.

A senhora Marilei da Silva Flora Ortis, ou “tia Mari”, como é conhecida por todas as crianças e adultos, é a merendeira e responsável pela cantina. Está na Escola SEI desde 1995, completando quase três décadas. É douradense de uma família simples como ela relata, e a escola foi seu segundo emprego, desde então. Ela prepara os lanches do cardápio. Como o cardápio é a regra para todos, ela me confessa que (como toda tia e avó), às vezes, ela “dribla a regra” e troca o lanche que a criança não gosta por outro alimento. E sua justificativa é: “elas são tão pequenininhas e, não podem ficar sem comer, tadinhas!”. Esse “mimo escondidinho” nos faz lembrar momentos bons da nossa própria infância!

O senhor José Carlos Pereira, nascido no interior do estado, no município de Angélica, veio morar em Dourados ainda na infância. Estudou em escolas públicas e como ele conta, viveu sendo cuidado e cuidando de suas irmãs. Foi do exército e atuou em vários espaços como segurança, antes de trabalhar na Escola SEI, onde atua há mais de doze anos. “Tio Carlos”, como as crianças o chamam, está sempre na frente da escola de prontidão para qualquer eventualidade. Segundo ele, seu lema é cuidar das pessoas, portanto, qualquer

querela ou desentendimento entre os pequenos e grandes, ele vai estar lá. Primeiro ele espera que não aconteça, mas se acontecer ele age para apaziguar.

O senhor Ivan Araújo Brandão, graduado em Direito professor aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), na época que a escola foi criada era o gestor da antiga Delegacia Regional de Ensino, a atual Agência Regional de Educação. Foi o professor Ivan que auxiliou no processo de abertura da escola. Da mesma confissão protestante (Batista) da família SEI, são amigos de longa data. O professor Ivan também esteve junto à escola na condição de família, pois seus filhos e filhas estudaram na instituição por longos anos. No livro, ele escreve um capítulo como parte das famílias que integraram a Escola SEI.

A senhora Maria Elizabeth Bagio Cassel foi professora em Porto Alegre. Deixou a docência para dedicar-se à criação das filhas. No livro, fala do lugar de mãe de alunas que frequentaram a escola desde sua abertura. Relata que participava de todas as atividades nas quais a família era convocada, acompanhando a educação das filhas. Atualmente, acompanha e participa como avó, pois seus netos seguem em atividades na Escola SEI.

A professora Dirce Nei Teixeira de Freitas, atualmente professora aposentada, atuou como colaboradora na Escola SEI, na coordenação de um projeto de alfabetização no Ensino Fundamental na década de 1990. No livro, escreve como mãe de aluna da escola. Formada em Pedagogia e Doutora em Educação. Atuou 25 anos na docência e na gestão da Educação Básica, foi professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), entre 1996-2004, e na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), entre 2005 e março/2012.

A professora Almerinda Maria dos Reis Vieira Rodrigues, que nesse livro, escreve no lugar de mãe de alunas que frequentaram a Escola SEI, tem graduação em Pedagogia e Mestrado em História. Atualmente é professora titular aposentada da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), com vasta experiência

docente na área de Educação, especialmente na Educação Infantil, formação de professores e prática de ensino.

O professor Renato Suttana, que escreve como pai de uma aluna da Escola SEI, é professor universitário, Doutor em Literatura, escritor e tradutor. Atualmente é professor titular da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Sempre participou das atividades da escola, especialmente, da Semana do Conto, ajudando na escolha da história a ser levada para a turma. Em 2013, desenvolveu com a filha, uma tarefa escolar que foi a sensação da terceira série naquele ano, um jornalzinho chamado “A Clarineta”, onde ela dava notícias de toda a sala.

A aluna Janaina Bianchi de Mattos frequentou o SEI e fez o curso de Magistério, foi uma das dez formandas da única turma que terminou em 1995. Fez graduação em Psicologia, Mestrado e Doutorado em Psicanálise. Atualmente é professora universitária, Psicóloga com experiência na área de Psicanálise, principalmente nos temas: corpo e fantasia. Segundo Janaína, ser aluna da Escola SEI e da professora Ezir, foram determinantes para a escolha de Psicologia como sua formação profissional e a realização da sua carreira.

O aluno Tadeu Fernando Figueiredo passou pela Escola SEI durante toda sua escolarização, desde que a instituição foi aberta. Hoje, também fala do lugar de pai de crianças que estudam na Escola SEI. Formado em Educação Física, trabalha na área como Educador Físico, *Personal Training* em academias, além de profissional da área do esporte. Atualmente tem um filho e duas filhas na Escola SEI e, revive a cada festa, os momentos pelos quais passou na infância, pois segundo ele, um dos seus sonhos era poder ter a sua família frequentando a mesma escola.

O aluno Denis Morel, nascido em Dourados, estudou na Escola SEI, desde os seis anos de idade, conheceu os três prédios nos quais a escola esteve. Fez toda a sua escolarização no SEI. Atualmente é profissional liberal, e tem as melhores memórias afetivas dos tempos passados na Escola SEI. Na entrevista, relatou que um de seus projetos é ser pai de aluno, na mesma escola que ele estudou, para

que seu filho possa passar pelas mesmas experiências boas que ele teve na instituição.

A aluna Tatiane Silveira Doffinger Bruneto fez o Magistério na Escola SEI, de 1995 a 1998, foi uma das dez formandas da única turma do SEI. Enquanto estudava foi estagiária e depois professora em uma turma de Educação Infantil na instituição. Atualmente é Pedagoga e professora da Educação Básica na rede pública, no município de Dourados. Ela resume seu curso de Magistério como: “o melhor curso que já fiz, foi um curso que eu não precisava fazer mais nada, não precisava de outras licenciaturas” (Bruneto *apud* Braz, 2021, p. 121).

A aluna Luciana Bagio Cassel estudou na Escola SEI, desde o início de sua vida escolar. Fez o Magistério de 1995 a 1998, sendo uma das dez formandas da única turma. Enquanto estudava trabalhava como estagiária na instituição. Atualmente é arquiteta e atua na profissão. Continua mantendo vínculo com a escola pois é mãe de aluno do SEI. Tendo seus filhos estudando na instituição, ela pode reviver algumas celebrações e atividades da sua infância a partir das experiências dos filhos.

O aluno Aleksandro Silva Ferreira fez o Magistério na Escola SEI, de 1995 a 1998, sendo o único menino da turma que se formou. Posteriormente, se graduou em Educação Física, e exerceu a carreira docente por algum tempo. Atualmente é funcionário público, exercendo a função de policial no estado do Rio Grande do Sul. Para ele, a Escola SEI tem grande responsabilidade em sua formação e, nas escolhas que fez ao longo da vida, em suas palavras: “o homem que eu sou, a formação que tenho, a educação, todos os predicados que um ser humano pode ter de forma positiva, foi o SEI que me encaminhou” (Ferreira *apud* Braz, 2021, p.114).

A aluna Marina Sarat Suttana nasceu em Guarapuava no Paraná e veio para Dourados aos 2 anos de idade. Estudou na Escola SEI, desde o maternal até o final do Ensino Fundamental, toda a Educação Básica. Atualmente é acadêmica do curso de Artes Visuais na Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR, no campus de

Curitiba. Tem experiência na área de Artes Visuais, com ênfase em Desenho, Ilustração e Fotografia. Foi estagiária no setor Educativo do Museu Paranaense. Realiza pesquisa como bolsista de Iniciação Científica/CNPq. Sobre a Escola SEI, as marcas estão em toda a sua formação, como ela relata: “Passei pelos momentos mais memoráveis da minha vida nessa escola e sou extremamente feliz e grata por tudo que vivi como aluna do SEI”.

A aluna Mariana Barros estudou na Escola SEI, desde o maternal até o Ensino Fundamental, completando toda a Educação Básica na instituição. Atualmente é aluna do curso de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, em Dourados, Mato Grosso do Sul. Segundo seu relato, a Escola SEI marcou profundamente suas experiências escolares: “Depois que eu saí do SEI, no meu último ano, pensei em tudo o que vivi ali. Todos que passaram pelo meu caminho ajudaram a formar a pessoa que eu sou hoje”.

Ao apresentar esses protagonistas e como suas histórias e memórias ajudaram a compor o projeto que se chama Escola Serviço de Educação Integral, me remeto à pergunta que um dos textos suscitou em seu título sobre o motivo pelo qual a escola se chama Integral, sendo que só tem um período de aula. A resposta vem do fato de ser uma escola que pensa na integralidade da educação. Como a Educação Infantil, que tem sua premissa no cuidar e educar, centrada nas necessidades da criança, essa é a história das memórias do SEI. Portanto, busquei ouvir diversos setores da comunidade para que as vozes pudessem expressar o que pensam e sentem.

Ouvi desde os mentores da proposta, passando pelos trabalhadores, nos perguntando quais motivos levaram estas pessoas a trabalhar décadas em um serviço que não é público e do qual não se tem a estabilidade de um concurso, mas os funcionários estão há décadas na instituição. Depois, ouvi professoras que atuaram e ou atuam em diversos anos, sendo que alguns deles, também, estão há décadas na instituição. Além de pais e mães de alunos e alunas de vários períodos, embora eu tenha priorizado

alguns mais críticos e envolvidos com a educação, que poderiam fazer uma avaliação mais próxima a sua formação, não por acaso, pois essa escola é privada de classe média baixa, com um público de funcionários públicos, professores e pequenos comerciantes. E ainda, ouvi alunos e alunas, também de período diferentes, desde o tempo que não existia *internet*, redes sociais ou outros atrativos na escola, até os que saíram há pouco da escola e viveram uma pandemia global. Assim, esperamos fazer aquilo que nos propusemos na tarefa educativa, que foi contar as pequenas miudezas do cotidiano, na voz dos que fizeram e fazem a história, as pessoas comuns que estiveram e estão na escola, pois como nos ensina o teórico russo Makarenko (1981, p. 24).

O trabalho educativo é antes de tudo um trabalho de organização. E por isso esse assunto não admite mesquinha. Nunca se deve considerar alguma coisa dessa maneira e relegá-la ao esquecimento. Na tarefa educativa não existe mesquinha. Uma fita que se amarra aos cabelos de uma menina, um chapeuzinho, um brinquedo, são coisas de grande importância em sua vida. Uma organização correta consiste precisamente em não omitir os menores detalhes e circunstâncias. As minúcias atuam com regularidade, diariamente, em todas as horas e são as componentes da vida.

Organizar as histórias, os detalhes, as memórias e as lembranças que cada um trouxe sobre a escola, foi algo que busquei no sentido de que agora elas possam compor essa parte do livro e, dar a cada um, o gosto dessa história e apresentar a Escola SEI como ela é no dia a dia, contada pelas pessoas que fazem as suas rotinas. Um cotidiano concreto, cheio de vida, com as crianças, as famílias e a comunidade que frequenta a escola, pois assim a Escola SEI vai construindo mais um capítulo na história da Educação de Dourados e região.

Referências

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. ensaios de psicologia social. São Paulo Ateliê Editorial, 2003.

BRAZ, L. T. **História da formação docente no município de Dourados-MS**: o curso de magistério na Escola Serviço de Educação Integral/SEI (1995-1998). Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, 2021.

MAKARENKO, A. S. **Conferências de Educação Infantil**. São Paulo: Moraes, 1981.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016

Entrevista

MOREL, D. **Relato oral concedido a Magda Sarat**. Dourados, 09 dez. 2019.

PRENDA, M. **Texto escrito pela docente que atuou na escola**, 2020.

CAPÍTULO 06

PERCURSOS E MEMÓRIAS DE FUNDAÇÃO

I. MEU SONHO ERA TER UMA ESCOLA

Ezir Bomfim Estremera Gutierre

Aos queridos pais e amigos do SEI espero dar algumas informações que lhes permitam conhecer um pouco mais da vida dessa escola e de sua criadora.

Meu nome é Ezir Bomfim Gutierre. Bomfim com m para contrariar as leis ortográficas e Gutierre sem z por erro do cartório que fez o registro de nascimento do meu marido. Certamente, jamais escolheria tal nome. Minha mãe escolheu na Bíblia e, para não fugir ao esquema, tirou o h original. Algumas vezes fui chamada na lista do serviço militar na escola, o que divertia a meninada do ginásio...

Nasci no Recife dos rios e das pontes no dia 15 de agosto de 1931. De lá, pouco me lembro, pois, saí aos 2 anos para Fortaleza. Sendo meu pai gerente geral de uma grande loja com filiais no Brasil todo, mudamos muito de cidade e minha formação escolar sofreu influências regionais marcantes por muito tempo. Morei em Recife, Fortaleza, Porto Alegre, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e, finalmente, em Dourados.

Se tudo corria bem no lar, não poderia desejar nada melhor quanto ao ambiente escolar. As professoras da época, em geral, eram melhor preparadas que as de hoje. Os conteúdos continham mais certezas e havia mais atração ao apresentar fatos históricos ou mesmo noções mais teóricas. Temo que estejamos perdendo o prazer de compartilhar com êxito o que sabemos.

Muitos questionam o conceito de vocação. Talvez não seja fácil de explicar mas senti desde bem pequena, como era bonito ser uma professora. Lembro que todas as minhas brincadeiras giravam em torno da escola. O

que eu via, me estimulava. Professoras que amavam o que faziam. Enquanto participava da aula, sonhava com o dia em que estaria à frente de uma sala orientando, corrigindo, estimulando, formando gente capaz.

Quando fui à escola formal pela 1ª vez, já estava alfabetizada. Foi no Grupo Escolar Equador, em Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Sempre tive muita facilidade para decorar e naquela época decorar era a moda, daí eu era uma excelente aluna.

O livro de admissão ao ginásio era enorme e eu estudava com afinco. Que delícia seria entrar no ginásio! Minha expectativa era a maior possível. Eu adorava ler e meu pai me facilitava desenvolver o hábito. Fiz a prova para a 5ª série e passei. Pouco tempo depois de entrar no ginásio, comecei a me desencantar e a me perguntar se valia a pena estudar tudo aquilo. Em pouco tempo me tornei uma aluna indiferente e desinteressada. Lia muito, mas, nada que pertencesse ao currículo escolar. Romances e biografias eram a minha preferência. Minha mãe aceitava o fato de ter uma filha má estudante, mas meu pai foi firme e declarou que não abriria mão do curso secundário por mais tempo que eu levasse para chegar ao final.

Hoje, na nossa escola, sei entender as crianças reprovadas. Elas são chamadas no início do ano para lhes dizer que eu também fui reprovada e "dei a volta por cima". Achava tudo sem sentido e ia à escola para ficar livre de repreensões, mas não gostava de nada! Queria terminar para ficar livre.

Quando um dia, por curiosidade, conheci as disciplinas do Magistério percebi, surpresa, que gostava de muita coisa: Psicologia, Biologia, Pedagogia. Era muito interessante!

Foi como um novo alento! Recomecei a estudar com gosto para entrar em algo novo que iria me preparar para a vida, que eu esperava ter um dia. No Magistério me encontrei! Me formei com a nota mais alta da escola naquele ano e ganhei o prêmio Ana Bagbi, para orgulho do meu pai e surpresa da minha mãe. No ano seguinte, fui convidada para lecionar no colégio onde me formei.

Casei, tive filhos e, quando todos já estavam estudando, retornei à escola fazendo Psicologia em São Paulo. Gostei muito, ganhei uma nova visão de tudo.

Resolvemos mudar para Dourados movidos pela motivação de ganhar mais e trabalhar menos. Na meia idade queríamos algo mais estável financeiramente e mais tempo para ter um controle melhor da nossa vida. Visitamos Dourados e gostamos. O pai de um colega do meu marido estava vendendo um sítio e nós decidimos por comprá-lo. Tínhamos pouco dinheiro, mas muita vontade de mudar nosso esquema de trabalhar e viver. Entretanto, abrir uma escola permanecia no meu coração como um sonho impossível. Nossa intenção era viver do leite tirado das vacas do no nosso sítio.

Não percebemos, na ocasião, que não havia condições de dar certo pois não tínhamos a menor noção sobre mato, bicho, leite etc. Local desconhecido, pessoas desconhecidas, tudo nos dizia que nosso rumo estava errado. Meu pai percebeu a situação crítica em que estávamos e, assim como quem não quer nada, perguntou: -Você ainda quer uma escola? Eu respondi: - Quem sou eu pai? - Eu vou te emprestar o dinheiro para a escola. Veja o que você consegue fazer. Isso aconteceu há mais de 40 anos. Meu pai foi o primeiro ajudador, mas houve outros.

O Seminário Teológico Ana Wolermanm alugou a preço módico uma casa que havia na Rua Hayel Bon Faker onde funciona hoje uma igreja Batista. Abrimos o SEI com 66 crianças distribuídas em 2 períodos, com 4 salas em cada um. Hoje, com mais de 1000 alunos, lembro do nosso passado. Sinto alegria pelo trabalho bonito que temos feito e agradeço a Deus por sua proteção e sua benção constante. O 1º grau foi inevitável. A cada ano surgia uma sala do fundamental. Ao final do 4º ano de funcionamento do fundamental surgiu a pressão para ter continuidade do curso e cá estamos com o nosso 9º ano.

A escola cresceu, mas nossa filosofia de termos crianças felizes enquanto estudam no SEI, permanece. Mesmo assim, valorizamos o fator "autoridade". Cada criança é responsabilizada pelo que faz e cada professor é incentivado a ver em cada aluno um filho. Nunca pensei em formar uma escola grande. Quero controlar tudo e o tamanho pode impedir ou facilitar minha supervisão.

Sou privilegiada quanto à família que tenho: Mauro é o administrador responsável pelas finanças, Fábio se encarrega da informática e é perito no

computador, Marcos cuida das compras e manutenção da escola. O tio Gutierre corrige as provas antes de serem rodadas, a Beth é campeã no atendimento e a Fernanda, uma excelente professora-coordenadora. Ainda tenho 2 filhos que não moram aqui mas mandam o que sai de novo na área educacional em São Paulo ou em Luxemburgo, onde moram.

É claro que nem só a família se empenha. Há toda uma equipe coesa na disposição de colaborar para fazer do SEI, uma ótima escola. A Dirce Nei, por exemplo nos ajudou muito na implantação do construtivismo em nossas aulas. Foi uma experiência rica que permitiu aos pais optar pela metodologia tradicional ou construtivista. Nestes anos de trabalho, muita coisa mudou. A legislação mexe com tudo: programas, conteúdos, idade legal etc. Cada ano é uma lei diferente! Nossa secretaria é suficientemente eficiente para manter tudo em ordem, atendendo plenamente às determinações da fiscalização.

Espero ter dado, em traços gerais, uma noção simplificada da criação e manutenção de uma escola como o SEI. É claro que há uma permuta mútua de influências entre mim e o SEI, mas há um ideal único: fazer do SEI uma escola que ajude cada aluno a crescer plena e adequadamente. Alunos que respeitam porque são respeitados e que acreditam no poder de um Deus que nunca falha. Não posso encerrar sem agradecer aos pais que colocaram seus filhos em nossa escola. Confiança se retribui com honestidade de princípios e dedicação.

Contem conosco!

O texto¹ a seguir é resultado de uma entrevista realizada a partir da metodologia de História Oral de vida, com todos os procedimentos e autorizações de pesquisa, quando estivemos com a professora Ezir, por uma semana nos meses de outubro e novembro de 2011, e ela apresentou um pouco de sua trajetória de vida, formação, vivências, bem como a criação da Escola SEI, mostrando toda a riqueza da sua personalidade generosa, vivaz e as nuances do

¹ Texto composto com recortes da entrevista realizada entre os dias 08 e 28 de novembro de 2011, nas dependências da Escola Serviço de Educação Integral (SEI), com a professora fundadora da escola.

que se pode perceber nesta conversa sobre educação, escola, infância, aprendizagem e o que foi possível intercambiar nestes momentos de aprendizagem.

Esperamos que os/a leitores se cheguem à professora Ezir, ou “tia” Ezir, como ela é conhecida e conheçam um pouco mais dela, a partir das suas palavras e do que ela decidiu revelar, neste fragmento que transcrevemos a partir de agora.

Infância e escolarização

Ezir Bomfim Estremera Gutierre nasceu em Recife, Pernambuco. Sua mãe alagoana e pai pernambucano de Recife se encontraram numa igreja, com 9 meses e 5 dias de casados ela nasceu.

Nasci de uma forma muito interessante porque as pessoas contavam como foi incrível o que aconteceu. Minha mãe sofreu muito tempo no trabalho de parto. Naqueles tempos não havia recursos como hoje, para o parto de uma primípara, foi um parto longo e terminou numa mesa de cozinha depois de 24h tentando. Até hoje eu tenho medo da cozinha por causa disso (risos). O médico colocou minha mãe em uma mesa da cozinha e ali fez o restante do parto, só que demorou muito e quando eu nasci estava completamente roxa, ele me embrulhou num lençol e disse para minha tia: “Prepare o enterro para amanhã”. Me enrolaram naquele lençol e me colocaram em cima de um baú, em um corredor perto da cozinha.

Depois, o médico precisou de um lençol e outra tia foi correndo buscar e abriu o baú. Aquele pacote com aquela menininha dentro que estava em cima do baú caiu no chão e ao cair ela regurgitou, havia vômito na minha garganta. Então disseram: “Espera, ela está viva!” Foi aquela correria. “Alta aparelhagem”, para desentupir minha garganta com uma pena de galinha (risos). Eu sei que deve

ter demorado no mínimo meia hora e fiquei desacordada enrolada em um lençol em cima daquele baú. Sabe o que eu penso? A minha impressão simples foi de que está confirmado que Deus tem um plano na nossa vida. Quando o médico disse: “Prepara o enterro para amanhã” [...], o médico sabia, mas os médicos não sabem tudo. Eu começo a ver a relatividade do nosso saber. A partir disso, minha história foi contada pela minha mãe, meu pai, minha tia, minha avó, todos falavam dessa história. A renascida!

Meu nascimento aconteceu na manhã do dia 15 de agosto de 1932, pois minha mãe passou a noite toda naquele sofrimento. Ela viveu junto com a minha avó, casou em 1931, e foi morar com a sogra. Olha só que “azar”, já foi morar com a sogra (risos). Eu lembro que era uma casa, com aquele quintal grande, havia muita mangueira, jaqueira, coqueiro, tanta coisa boa. A minha primeira lembrança realmente é do quintal. Lembro como eu gostava daquilo, tomar banho na bacia, jogar água da tina, coisas que não existem mais e me marcaram de uma forma muito positiva. Eu me sentia livre e, ao mesmo tempo, amparada. Havia minha tia, minha avó, minha mãe e meu pai. Essa cobertura eu sempre tive, embora, nenhum deles fosse de afago, de carinho próximo, mas a cobertura era total. Sempre senti isso! Mais tarde eu traduzi, mas eu sempre senti.

Depois, eu lembro da infância em Porto Alegre. Aquele frio! Eu lembro da neve, dos vestidos de tricô feitos para mim, o churrasco na loja onde meu pai era gerente. Lembro que participei de uma apresentação em um teatro, a história com uma Gueixa, eu era uma “gueixinha pequenininha” que passava no teatro de um lado para o outro do palco. O teatro ficou meio mágico para mim. Aquela imagem, aquela ‘armação’, aquelas coisas lá dentro, meio sujas, fúnebre, desgastadas, mas que delícia quando você chegava no palco e via aquela gente toda, aquilo me marcou. Eu tinha uns seis ou sete anos em Porto Alegre, nossa vida social era intensa e eu gostava.

Minha mãe foi uma mulher de curso primário que se realizava somente nas pinturas e nos bordados dela. Bordava muito bem e nunca deixou um filho ir para a escola sem ser alfabetizado em casa.

Ela fazia questão disso! Como ela foi alfabetizada debaixo de palmatória, temia que os filhos tivessem que passar pelo mesmo. Na concepção dela, a escola continuava igual, então ela temia. Quando nós entramos na escola, fomos os quatros alfabetizados.

Esse fato nos dava um certo destaque, porque a gente já entrava bem e a professora gosta de aluno bom, 'bom' entre aspas (risos). Eu sempre gostei de redação, me lembro daqueles livros eternos, onde se folheava e fazia as mesmas redações o ano inteiro, passava para a outra série, era aquele mesmo caderno-livro. Eu mexendo naquelas cenas, me divertia mudando os nomes dos personagens, porque as figuras eram as mesmas, então eu tinha que criar. Eu ficava imaginando. Eu realmente sou criativa! Eu fico imaginando as coisas e isso me ajudou muito, porque nunca me foi entregue tudo pronto. E eu sempre julguei minha mãe uma sábia, só com o curso primário. Quero dizer que a cultura e o saber não vem só dos livros. Minha mãe realmente incentivava, no que podia ela nos preparava, para que a gente não tivesse percalços. E no restante, ela dizia, agora você faz, é com você.

Mudamos para o Rio de Janeiro, e eu fui para uma escola do governo. Uma escola fria, uma escola com uma professora "seca". Mas, lembro que ganhei um livro, acho que o nome era Luana. Eu devia ter uns oito anos (risos), foi a melhor leitura da classe! Aquilo para mim valeu mais do que um troféu. Não tenho mais o livro, mas ficou marcado, foi importante a valorização. Então, eu lembro dessa parte da escola, fiz um primário totalmente motivada, porque eu sabia que iam reconhecer meus esforços. Tive uma professora que dizia "não durma sobre os louros da vitória". Quer dizer, não era estimulante, mas era um desafio, as professoras assim naquele tempo.

Desde aquele tempo, eu aprendi que a gente precisa do estímulo de uma professora, a gente precisa dessa palavra: - "vai você pode!" - ou então - "estou vendo que você é boa ou bom nisso!". Quando nos reunimos aqui na escola eu digo: por favor "esqueçam um pouco da didática", mas lembrem-se da nossa parte afetiva. Nós já nascemos carentes, é a minha interpretação. Então vamos nos

cuidar! Até na hora que você fica brava é dá umas “pegas”, e precisa dar, às vezes. Mas, sinta aquele amor em dizer: “eu confio em você!”, estou exigindo porque eu sei que “você pode!”. Essa marca em termos de escola, o meu primário deixou, e eu sempre tive apoio da minha mãe e da minha tia.

A infância no Rio, à noite, era para brincar. Brincadeira de “roubar anel”, “ciranda cirandinha”, a “brincadeira do castelo”. Eu tinha um castelo e a fada estava lá dentro (cantarolou), gente como eu ficava entusiasmada com aquilo. Como eu gostava daquilo! No meio disso, imperava a brincadeira de escolinha. Sempre fui professora. Sempre fui mandona desde pequena. Era uma coisa que me realizava, porque eu estava mandando (risos).

Não esqueço uma vez, um menininho, o Toninho brincava comigo de escolinha e eu brinquei de Tiradentes e quase enforquei o menino. Ficou marcado no pescoço, depois daquele dia (risos). Foi muito real e marcou o pescoço do menino. Eu me lembro até hoje do medo que eu tinha da mãe do moleque. Como eu fugia dela. Eu pensava, ela vai me pegar pois eu ia enforcando o filho dela. Mas, eu só quis dar força na interpretação daquela cena de Tiradentes, (risos). As professoras daquele tempo enfatizavam no fato histórico, o enforcamento e esquartejamento, Tiradentes sendo colocado naqueles postes, a gente ficava de olho arregalado com aquelas cenas cruéis. Para elas, deveria ser brutal, mas as professoras passavam isso para nós.

Na infância, eu não esqueço que tive a felicidade de ter a avó, morando conosco, não a minha mãe na casa da avó, mas, agora, a avó na casa da minha mãe. Eu lembro das noites, ouvindo uma história, aquelas histórias inesquecíveis que eu lembro até hoje. Algumas aterrorizantes que minha avó contava, sempre tinha uma madrasta no meio. E a minha avó caprichava. Uma mulherzinha tão inteligente e brilhante ao contar uma história, a gente ficava boquiaberto. Não vou me esquecer nunca e eu não sentia medo.

Eu digo sempre isso para alguma mãe que vem me falar de medo dos filhos, eu digo que está faltando é oferecer segurança para

a criança. Eles precisam saber que têm um pai e uma mãe, que aconteça o que acontecer, estarão com eles. Nunca tivemos medo, porque eu sabia que antes de ir dormir, tinha alguém que dizia: Deus te abençoe minha filha! Minha mãe dizia: Deus te abençoe minha filha e te cubra de felicidade! Eu até hoje fico emocionada quando eu lembro, do que ela complementava e “te cubra de felicidade”, quase como um dever de ser feliz. Alguém já te ensinou com uma benção, Deus vai abençoar você e te cobrir de felicidade (lágrimas). Então, [...] são coisas que, às vezes, se perdem nos dias atuais e que na minha infância eu tive. Eu tive um pai provedor, minha mãe nunca trabalhou fora, mas ele mantinha a família. Era um pai dedicadíssimo que estimulava, falou em estudo ele apoiava. Não era carinhoso, não era piegas nada disso, mas era um pai que você podia contar com ele. Uma infância com mãe totalmente presente, sentindo todo o apoio da família. Nunca houve um tapa, um beliscão, nunca.

Era no olhar que eu aprendia e obedecia. Tem um fato que lembro: meu avô tomava sopa, chupando e fazendo barulho (risos). Na mesa do jantar era terrível, eu ia com medo porque eu ria do meu avô, eu não aguentava e meu pai não queria que dessem risada do meu avô (risos). Então, toda vez que ele chupava, no primeiro chupo, eu já pecava, porque eu já ria.

Lembro do quintal das brincadeiras de panelinhas e fogões. Eu tinha jogos de panelinhas, não sei se era porcelana ou louça barata, mas eu passava a manhã inteira fazendo comidinha com pedrinhas, plantinhas, punha na panelinha, na caçarola, no caldeirão, eu não só me divertia no momento, como eu arquitetava o tempo todo. Então, por isso, digo que nós não estamos dando mais oportunidade para a criança criar. A gente já dá as coisas prontas, “ela vai ganhar isso, vai querer aquilo”, tudo vem pronto. No meu tempo não vinha. Lembro que a gente brincava de escolinha de circo e sempre eu comandando. Brincava de roda, de corrida, de esconde-esconde, e tantas coisas com outras crianças. Quando escurecia a mãe chamava: “Ezir, Lila vem jantar”, nós entrávamos, jantávamos e depois era rádio e história antes de dormir.

Nos meus aniversários, tenho poucas lembranças, eu lembro mais dos meus irmãos, as festinhas, era impressionante, mas havia sempre queijo do reino (risos). Bolo, pão e as fatias de queijo do reino essas coisas assim. Eu não conseguia imaginar uma festa sem o queijo do reino, fazia parte, (interessante), não era só no meu aniversário, na vizinhança, também havia o queijo do reino, (gozado), e o bolo, é claro. O bolo como sempre, era o centro, mas havia o queijo do reino. Nossa! Eu lembrei agora que me trouxe uma doce memória a compra do queijo do reino (risos).

O Papai Noel marca a minha infância. Eu sabia que ele vinha e deixava com medo. Ela (mamãe) avisava que se vissemos ele indo embora nunca mais ele voltaria. Então, eu tinha que dormir logo, senão eu estava perdida. Eu ajudava mamãe a colocar jornais, forrando embaixo da cama para os presentes, era uma ansiedade. Que alegria! E não tinha nada de extraordinário, os presentes eram livros, brinquedos. Como minha mãe nunca teve presente, isso ficou marcado nela, então ela era pródiga nisso. Às vezes, meu pai reclamava, mas ela gastava com prazer e para nós era um dia felicíssimo. Acordar no dia seguinte e encontrar o presente. Mas olhávamos com medo, porque o comportamento estava vinculado e quando víamos o presente, que alegria, que maravilha!

Lembro que na Páscoa havia ovos de açúcar de cristal, com coelhinho dentro, era mais o visual do que o gosto. Hoje, a gente vê esses ovos tão gostosos, mas naquele tempo eu não acreditava que tenha sido. Me marcava o visual, coisas lindas feitas de artesanato e minha mãe não se contentava só em comprar, ela escondia e tínhamos que procurar. Ela curtia aquilo e se sentia feliz. Como era bom achar e saber que aquele ovo era seu. Então, coisas assim, a gente não pode privar a criança, mas hoje não se valoriza muito.

Eu tenho um neto de 23 anos e gosto de comprar ovos para eles, só que eu escondo (risos). Pois, fica aquela marca de uma forma positiva e quando você traduz, agora que eu estou evocando, eu penso em quanta coisa boa que hoje eu não vejo mais. Parece que caiu de moda, tudo está facilitado. As festas de aniversário são um

exagero. Um gasto sem necessidade. Quando com cinco, seis amiguinhos faziam uma festa divertida e para as crianças. Meus pais não tinham muito dinheiro, mas essa parte eles preservaram no sentido de homenagear as datas importantes.

Brinquedos, não tinham muito, eu lembro das bonecas, mas não vejo mais. E aqui para nós, eram feias e de louça (risos). Acho que eram importadas, umas coisas horríveis. O cabelo parecia de verdade, muito feias. Eu lembro que eu gostava de boneca e ganhava também. Meu irmão ganhava mais brinquedos, pois eram objetos feitos com “flandres”, brinquedos de lata, carros, jipe, tinha mais variedade do que as bonecas.

As meninas ficavam circunscritas às bonecas, ao fogão, à baixela e brincavam com aquilo. Era o teu rumo desde pequenininha. Você ouvia e sabia que o destino era casar. Você estava restrita a isso, também. Graças a Deus passou. Não sei avaliar se não era bom. Não tem nada a ver com hoje, mas até hoje eu me pergunto, se não foi bom de alguma forma, preparar as meninas daquela época para [...], eu vou usar o verbo “aguentar” um marido. Porque marido pode ser bom - e o meu é muito bom! -, mas, marido é sempre ‘aguentar”. Então eu julgo, pois de alguma forma mesmo que você se imponha, reivindique, você está amarrada a alguém que diz: “não, sim, quero, não quero”. E a sociedade ainda hoje atribui a ele um papel de liderança. Então, eu fico imaginando, se não tem nada de bom em você já aprender a ficar “amaciando”, “convivendo” com o inevitável que era o casamento para as meninas da época.

A diferença de tratamento entre meninos e meninas sempre foi muito marcante, porque eu e meu irmão mais próximo de mim, dava para perceber. A história, naquele tempo de que “menino-homem não chora” é verdade! Você ouvia dizer “menino-homem não chora”. Era uma coisa que eu sabia que não estava certo, mas eu embarcava e ele (meu irmão), também, coitado! Quantas vezes, ele não deve ter tido vontade de chorar. Hoje, eu vejo que o comportamento dele, - um senhor - aquele machismo muitas vezes é aparente, pois quantas vezes ele teve vontade de chorar e pedir:

“cuida de mim, eu preciso de ajuda”, mas não podia. Fica marcado. O menino não chora!

Esse negócio de menina jogar bola, não podia. Não que eu tivesse vontade. Mas, eu via muita gente querer e ouvir, menina não pode. Quando juntava a turminha da vizinhança, na hora de brincar de roda, de esconde-esconde eles participavam, mas na hora fazer um joguinho de bola ou bolinha de gude, nós víamos os meninos jogarem. As meninas não brincavam de jeito nenhum, era vetado. As brincadeiras eram muito diferentes e os meninos também não chamavam você.

Mas, minha infância foi em meados da década de 1940, o que mais me marcou foi o tempo vivido no Rio de Janeiro. Depois da entrada na adolescência, fui criada com uma tia solteirona (risos), ainda mais sendo evangélica. Os evangélicos naquele tempo tinham um rigor que hoje a gente sabe que é ridículo. Mas tinha. Eu sonhava muito em dançar. Eu queria fazer balé. Minha mãe e minha tia avisaram que crente não faz balé. Era pecado e do diabo (risos). Eu sempre guardei: “isso é do diabo”. E, eu queria tanto. Esse sentimento eu guardava comigo, porque se era pecado, então era bom que o Diabo nem soubesse o que eu pensava e queria.

Outra coisa foi o sexo. Eu ficava encantada quando via uma mulher grávida, mas lembro que eu passei a noite inteira acordada pensando o que aconteceu? (risos). Em Niterói, no dia em que eu vi aquela mulher grávida, eu pensei alto: o que será que ela fez? O pastor ouviu e disse: - cuidado com o seu pensamento. Deus vê tudo. Pensei, eu estou danada. Meu Deus não vai sobrar céu para mim! (risos). Porque era cultivado o medo e sendo criada com essa tia solteirona que via pecado em tudo, na roupa, no cabelo, na dança, tudo! Então, fui muito “tolhida” e não aproveitei coisas que eu deveria ter aproveitado naquela idade, hoje eu penso isso.

Lembro quando adolescente no meio do ginásio, eu li o livro *A Carne*, de Júlio Ribeiro, escondido debaixo do travesseiro (risos). Porque era “um horror” para a época, imagina! Lembro que era muita coisa tolhida. Na escola, na época, eu podia ter sido melhor.

Mas, não sei se foi por causa da educação da época ou, se por eu ser muito religiosa. Tinha muita influência o fato de sermos “os crentes”, e tinha que “dar o testemunho”, eu concordo com essa regra, mas meu enfoque era outro.

Por outro lado, eu ficava feliz, pois na igreja eu participava de tudo, recitava poesias, declamava coisas, participava das apresentações. Só não tive a chance de fazer muita coisa como o balé, por exemplo, porque era pecado. O pecado me amarrava até uns dez anos de casada. Até uns dez anos de casada eu ainda vivia com Deus de “olho em mim”. Não porque Ele me ama, mas para tomar conta, se eu faço algo errado. Foi esse o Deus que me ensinaram. Hoje vejo que eles não tiveram culpa, pois foi assim que aprenderam nos primórdios dos evangélicos, no interior do Nordeste. Mas aquela ideia que nos passaram é porque queriam nos preservar e que fossemos para o céu (risos).

Meus pais eram batistas. Meu pai era um ‘batistão’ (risos) Sempre disse: você vai casar com um batista. O batista é melhor do que qualquer outro homem. O rapaz, o marido batista, coisas incoerentes. Eu obedeci porque calhou. Estava com medo de ficar solteirona e casei com o primeiro que quis (risos). Mas não do jeito que eu queria, pois eu gostaria de ter me casado na Catedral Presbiteriana, em São Paulo, e meu pai não deixou. Eu me casei na primeira Igreja Batista, em São Paulo, esses dogmas, as resistências da família foram coisas difíceis de enfrentar.

Ainda na adolescência quando eu “fiquei moça” meu Deus! A menarca! (risos). Minha mãe nunca conversou comigo, mas minha tia dizia que seria horrível, a pior coisa que pode acontecer, um destino triste, trágico que toda mulher tem que pagar, um preço horrível. Então eu fiquei muito bem preparada. Eu esperava realmente o pior (risos). Mas, eu tirei algum partido, pois como a coisa era muito velada, não se conversava e eu não gostava da escola, então lembro que uma vez disse que estava com uma dor na região da barriga, foi aquela atenção da minha mãe e da minha tia que se entreolharam: vem a menstruação. Não disseram para mim, mas eu

vi e sei que por ali dava para seguir (risos). Assim, com muita frequência, eu comecei a ter uma dorzinha só para conseguir fugir da escola.

Desde o Tibiriçá e no início do Paulistano eu fazia isso (risos). Eu ficava no bem bom, sabendo que vinha algo terrível, mas que eu podia tirar algo de positivo e lucrativo para mim. E eu tirei. Tirei esse lucro de não ir à escola. E quando veio a menstruação, eram as “toalhinhas”, tinha que lavar, realmente nessa época não era tão vantajoso ser mulher. Eu também tinha uma outra tia, separada, e ela dizia a mesma coisa e acrescentava: “cuidado com homem. Homem é a pior raça que existe. Homem não presta”. Então, não havia nada de bom no homem e não havia nada de vantajoso em ser mulher (risos). Para mim, era um mundo meio triste.

A educação sexual e a ideia de sexualidade da minha época foram marcadas por situações veladas e sem informação, foi terrível. A educação religiosa da minha infância teve esses aspectos negativos em termos de felicidade e de plenitude. De plenitude de vida. Eu só podia fazer o que a igreja permitia para mim, o que o pastor não ia me “acusar” nas palavras do culto da noite e o que a minha família queria. Na igreja, era o mesmo estilo éramos divididos por classe de acordo com a idade como agora, só que hoje tem mais recursos, naquele tempo ao ouvir: “cuidado mãozinha no que pega”, ali havia 10 ou 12 cabeças preocupadas com o que a gente pegava, porque o cuidado era a palavra chave que pregavam, o Deus que está “vigilando”. O que eu sempre pensei era: como eu tenho medo daquilo.

Eu penso que esse negócio de “papai do céu” ficar proibindo deveria ser proibido, isso não existe. “Papai do céu” fica triste com você. Imagina colocar na cabeça de uma criança. Eu sempre fui muito “igrejeira” por conta da minha tia e meu pai, acompanhei tudo até a juventude e pela vida. E todas essas coisas, nenhuma delas me libertou, nada. Eu acho que muito pelo contrário, me amarraram. Eu podia ter usufruído mais. Se bem que depois eu tirei a diferença (risos). Eu seguia por medo, segui um Deus do medo. Esse Deus do medo eu fico indignada quando vejo adulto pondo na cabeça de uma

criança. Eu não acredito assim, mas demorei para aprender sobre um Deus que nos ama.

Os anos da formação

Eu não lembro da minha primeira professora na escola e sim da professora do segundo ano, Dona Maróla. Também, com esse nome não podia esquecer, lembro dela até hoje (risos). Ela era uma pessoa de figura alta, o que não era comum, o rosto comprido, pouca maquiagem, óculos, o cabelo sempre preso, mas, era doce. Dona Maróla não era alguém tão chegado, mas era uma professora doce que não gritava, naquele tempo, era muito comum berros, como se hoje não fosse (risos).

Dona Maróla era simples, de vozinha baixa e eu tinha a grande honra e a suprema alegria de carregar a bolsa dela até a sua casa que era antes da minha (risos). Eu voltava andando do grupo escolar e carregava a bolsa dela. Que honra era aquilo para mim! Foi com a Dona Maróla que eu ganhei o prêmio de melhor leitora da sala. Ela foi uma pessoa que me marcou, se me perguntarem se eu lembro de mais alguém, não lembro de ninguém no primário, só dela. Não lembro o que ela ensinava, ou dela ter segurado na minha mão para escrever no segundo ano, só lembro da voz baixa e de como eu gostava dela. Achava ela bonita e para mim ela tinha a aparência do que era ser uma professora, alta, grande e quieta. Ela não gritava e isso me tocou, além disso me deixava levar a bolsa dela. Nessa época, eu morava no Rio de Janeiro, em Vila Izabel e a escola era pertinho e eu vinha andando.

Antes de morar no Rio de Janeiro eu morei em Porto Alegre e lá eu tive uma professora particular, pois na família, a tradição foi ter professor particular para ensinar a ler antes de ir para a escola, todos nós quatro tivemos por causa da minha mãe, era um propósito dela. Ela sempre contava como doía uma palmatória, pois foi assim que aprendeu. Não vou dizer que ela pensasse que a educação continuasse a mesma, mas um pouco era no sentido de pensar:

“detesto essa raça, não suporto a escola e nem professor” e meus filhos não vão passar o mesmo que eu. Ela se ressentia e queria separar os filhos disso.

Eu lembro das aulas, eram muito gostosas, as professoras particulares ficavam de “olho” em um primo meu, então elas punham empenho nas aulas (risos). Eu não era importante, e sim meus primos que estavam por ali (risos). A minha professora se chamava Belinha, não lembro o que ela ensinava, mas sei que ela ficava pertinho de mim. Acho que ela estava preocupada com meu primo e eu queria aprender a ler. E eu aprendi. Todos nós aprendemos com as professoras particulares.

A primeira vez que fui para a escola formal no Rio de Janeiro, já estava alfabetizada, foi o Grupo Escolar Equador, em Vila Izabel. Fiquei pouco tempo, depois mudamos para Niterói, morávamos praticamente a beira mar. Lembro que ia e voltava de bonde ao Colégio Batista. Eu tinha de 10 para 11 anos. Depois precisaram de meu pai em São Paulo, na loja onde ele trabalhava e fomos para São Paulo. Estudei no Rio de Niterói até a primeira série do ginásio. Fiz o exame de admissão em Niterói.

Sou antiga, brinco com as meninas, contando o tanto que nós decoramos. Eu sempre tive facilidade para decorar. Tenho pena da velhice e sou revoltada até hoje pois tenho perdido a minha memória, aliás, a memória que eu tinha. Agora mesmo, foi uma surpresa eu ter lembrado para contar a você do queijo do reino. Fiquei muito feliz (risos), são coisas que já tinham morrido, mas que não podem ir [...].

Lembro do exame de admissão, o livro era um calhamaço enorme e como eu sabia aquilo. Como eu estudava aquilo! Que gosto eu tinha por estudar para entrar no ginásio! Fiz aquela prova e fui para o Colégio Batista. Comecei o ginásio com onze anos e comecei a achar que aquilo não tinha graça e a me perguntar “estudar para que? O que me valia?”. Eu que sempre adorei ler, desde revistas, livros, qualquer livrinho que aparecia eu lia. Meu pai me facultou isso, então eu me alimentava e lia.

No Colégio Batista, em Niterói, era um ambiente familiar, era a turma de igreja, meu pai era da liderança, então era quase que uma família. Então eu tenho quase certeza de que eu fui “empurrada para passar de ano”. Não posso dizer para você que fui, mas quase certeza. Hoje em dia, eu sei avaliar com certeza. Porque eu não estudava nada. Não tinha como passar.

Eu lembro que quando eu fui para São Paulo, eu já tinha feito o quinto ano no Colégio Batista de Niterói, mas eu já estava “relapsa” e já não gostava mais do que estavam me oferecendo. Fui para o colégio Jorge Tibiriçá, pois morava na Aclimação e essa escola era perto da rua onde eu morava. Mas, eu estranhei muito. Então, porque no Colégio Tibiriçá, mesmo tendo passado por essa série eu fui reprovada. Então minha mãe disse: minha filha tem gente que gosta de estudar e tem gente que não gosta. Você vai fazer um bom curso de corte e costura e você vai ser feliz. Porque o que eu quero é que você seja feliz, não quero que você seja iludida.

Meu pai, que nunca falou nada, quando ouviu a conversa disse: você vai ficar velha, de cabelo branco e vai ficar até você terminar o ginásio. Então não adianta, você pode fazer o que quiser, você vai ficar na escola. O que concordaram foi em trocar de escola, me colocaram no Colégio Paulistano. Eu pegava um ônibus até a praça João Mendes, pegava um bonde na praça e ia até o Colégio Paulistano, todo o dia com uma prima que veio estudar comigo. E o que aconteceu? Eu “leveei bomba”!

Sabe o que eu te digo: eu sei entender tão bem as crianças reprovadas. Aqui na escola a cada ano, eu chamo os reprovados que a mãe deixa permanecer, como meu pai deixou e disse: “vai ficar e estudar”. Eu chamo e converso dizendo: “vocês sabem porque eu chamei aqui? Não é para dar uma bronca não. É para dizer que sou mais uma desse grupo. Eu também sou reprovada. Eu também sei o que vocês estão passando. Mas o que eu quero dizer é que vocês vão pegar essa chance, assim como eu peguei e vocês vão aprender isso aqui”.

Então, quando meu pai disse, que não tinha jeito, que eu não ia fazer corte e costura, que eu ia estudar nem que ficasse velha no ginásio, eu comecei a pensar: vão me obrigar a isso. Eu lembro que sentava no sofá aos 12 ou 13 anos, abria um livro e fingia que estava lendo, mas a minha imaginação ia longe. Porque eu lia livros, romances, aqueles romances de capa e espada, como eu gostava daquilo. Eu ficava sonhando com aquilo.

Eu criei o que eu chamava de “mundo de papel”. Eu tinha 12 anos, recortava figuras da revista e fazia famílias, fazia o mundo e, às vezes, uma sociedade ali entre eles, quando uma daquelas famílias tinha um destaque, eu colocava dentro de um envelope e mandava viajar para Maceió, era o grande prêmio (risos). Veja não era uma fantasia comum, hoje em dia levariam essa menina correndo para o Psicólogo. Naquele dia, minha mãe disse que deixaria [...] porque não tinha esperança em mim.

E na escola eu não gostava de nada. Eu não gostava de nada. Eu achava chato, eu achava coercitivo demais, eu tinha vontade de conversar sobre outras coisas, de me enriquecer com outras coisas. Me lembro que depois, no Paulistano, o professor dizia: “mas você é excelente na matemática”. Eu não sabia porque eu nunca pus empenho, aquilo para mim era desagradável. Eu ia porque meu pai já tinha me feito ameaça, não adiantava, eu podia passar 20 anos que eu ia estudar. Então, se a proposta da minha mãe tivesse sido imperiosa, eu não teria continuado, quando ele falou: “vai estudar!”. Fui. E o que aconteceu foi que terminei o ginásio com notas medíocres 5, 6, 7, só por conta de ficar livre logo. Então dei de cara com o Magistério.

Quando eu vi as disciplinas do Magistério, Pedagogia, Psicologia, Biologia e gostava de tanta coisa. Da Matemática do primário eu comecei a ouvir falar de Montessori. Eu ouvi falar de tanta coisa que eu me encontrei. Eu passei com a nota mais alta, não foi somente da minha classe, foi a nota mais alta do Colégio Batista Brasileiro. E uma das lembranças mais ternas que eu tenho foi quando fui receber o prêmio e lá na frente, no salão do Colégio

Batista, meu pai estava lá (risos). Aquele homenzinho, balançando a cabeça. Ele não me disse, parabéns, nada, mas ele balançava a cabeça (lágrimas). Então, valeu tudo! Valeu tudo porque ele acreditou em mim e eu mostrei para ele do que eu era capaz. No mesmo ano fui convidada para dar aula na escola Batista, dava aula no Estado e comecei no Magistério.

No Magistério me encontrei. Eu vi que tinha coisas numa escola que poderiam me agradar pois até então eu só havia tido uns professores secos, conteúdos bobos, livros que não explicavam e descobri que podia ser muito interessante. No Colégio Batista, havia cinco intervalos, a escola levava pianistas, oradores, músicos, poetas, outras coisas e eu descobri que a escola poderia ser boa, já moça, no Magistério.

Minha trajetória começou na hora em que eu descobri o magistério. Eu estava apaixonada e na hora em que a gente se apaixona a gente vai de cabeça, lembro uma vez que uma professora perguntou: quem quer dar a primeira aula prática? E eu fui correndo me oferecer, e minha aula não foi tão boa, a primeira aula prática, pois ela não tinha me dado nenhum modelo. Eu lembro que contei a história da cinderela para falar de animais nocivos “os ratos”. Contei a história, levei um bolo e estava encantada! Quando vieram as críticas de que a abordagem não foi bem-feita, pois eu me ative mais ao bolo do que aos ratos e os problemas dos “animais nocivos”, mas a professora estava cheia de razão, só que eu fui “metida”, me ofereci de feliz que eu estava por estar ali. Não tinha um dia em que eu não saísse feliz da aula. Todos os dias, era impressionante.

A formação no Magistério, na minha época, era de três anos. No primeiro ano, aprendemos português complementando o ginásio. Tinha, português, ciências, matemática, biologia e eu amei essa matéria. Lembro que era nesse esquema. Independente disso, no colégio Batista, nós tínhamos diariamente, um espaço onde o diretor da escola levava cantores de música erudita, pianistas, nós tínhamos um enriquecimento muito bom nessa parte.

No meu magistério eu tive o canto orfeônico (risos). Aprendemos a solfejar e além do mais a cantar. Quando chegava a hora de cantar, tinha o nosso professor pianista que tocava aquelas músicas lindas, lembro que havia uma letra, versão do *Guarani* do Carlos Gomes e também a música Sussuarana², nós cantávamos aquela história tão gostosa. Eu me transportava imaginando, são coisas que nós estamos esquecendo na escola hoje. Eram cantos populares, folclóricas e mesmo um canto popular como Sussuarana “final de semana Sussuarana me chamou para conversar”, a mente dessa menina começa a imaginar essa conversa. Eu pelo menos, viajava, tinha aquele momento de trégua, daquelas matérias que eu não gostava tanto, mas no magistério eu gostava de tudo, então tudo era enriquecimento.

As matérias pedagógicas começaram no segundo ano como: Pedagogia, Psicologia. Tudo era educacional, a Biologia, a Matemática era como ensinar, mas mesmo hoje eu avalio que recebíamos pouco. Penso que é um problema geral dos professores, nós nunca conseguimos trabalhar aquilo tudo que os alunos estariam prontos para receber, por causa de programa mesmo. A gente tem que se ater aquilo. Na escola não tinha laboratórios, no período de aula, o canto orfeônico era diferente. Não lembro de ter visto nenhuma novidade ou materiais pedagógicos, o Material Dourado, nunca vi no Magistério, só conheci quando fui fazendo cursos paralelos como: “vamos aprender isso”, “vamos aprender

² Música “Sussuarana” é uma composição de Heckel Tavares e Luiz Peixoto. “Faz três semanas. Foi na festa de Sant’Ana. Que o Zezé Sussuarana. Me chamou pra conversar. Dessa bocada. Nós saimo pela estrada. Ninguém num dizia nada. Fomos andando devagar. A noite veio. O caminho tava em meio. Eu tive aquele arreio. Que alguém pudesse nos vê. Eu quis dizer Sussuarana, vamo imhora. Mas Virem Nossa Senhora. Cadê boca pra dizer. Mais adiante. Do mundo já bem distante. Nós dois paremo um instante. Prendemo a suspiração. Envregonhado. Ele partiu pro meu lado. Ai Virgem dos meus pecados. Me dê a absorvição. Foi coisa feita. Foi mandinga, foi maleita. Me botaram é capaz. Sussuarana. Meu coração não me engana. Vai fazê cinco semana. Tu não volta nunca mais”.

aquilo”, mas no meu magistério não tinha novidades, era um “corriqueiro” gostoso e comecei a me apegar ao Magistério.

Fiz estágio na escola em anexo ao Colégio Batista que tinha o primário e o infantil, e a gente dava algumas aulas lá. Eu tive a oportunidade de ir para uma escola pública. Eu não consigo saber com certeza, mas parece que fiquei uma semana. Ficou por minha conta, a gerência da sala. Eu lembro até hoje com remorso tudo que eu fiz de errado, oh! Deus quanta coisa errada! E peço perdão a Deus. Imagina chegar no primeiro ano, uma turma pobrezinha, e eu dizia: “tem que limpar essas unhas!”, sem o tato que eu tenho hoje, ou que deveria ter tido, ou que não me ensinaram a ter. Hoje eu peço perdão e espero que não tenha traumatizado muita gente (risos).

No Magistério, não lembro da leitura de livros ou de manuais, mas lembro que meu pai sempre colocava ao meu alcance e comprava o que precisasse. Eu gostava muito de ler. Nesse curso, eu me encontrei, meu magistério foi nos anos 50, mas definiu minha vocação, eu não sabia que podia passar aquele período tão “chato” de quatro horas como era no ginásio e vivenciar aquilo de modo tão gostoso, no Magistério foi um encontro. Um encontro!

Desde pequenininha eu brincava com os botões da minha mãe, ela costurava e tinha muitos botões. Eu fazia fila, levava todos para passear, eram todos meus “aluninhos”, dava aula para os botões, eu gostava muito. E aquilo foi sufocado de alguma forma, por algum motivo na adolescência, foi uma judiação. Quando foi no Magistério, eu fui de corpo inteiro, comecei com outros estímulos paralelos, fui me percebendo: ah! Então eu sou boa mesmo!

Estudei o Magistério no colégio Batista Brasileiro e comecei como professora no Colégio Paulistano - tinha uma diretora que gostava de mim, apesar de eu ter sido relapsa e reprovado no Paulistano, uma vez (risos) e também em um colégio do Estado. Me formei em 1951, com 20 anos, tinha reprovado dois anos. Lembro que eu casei em 1952, e trabalhava em um lugar que tinha que pegar um bonde na esquina da minha casa. Eu ia chupando gelo devido ao enjoo por causa da gravidez que logo veio. Isso era outra coisa

cobrada com o casamento. Cadê o neném, não vem! Então, eu grávida de manhã, tomava o bonde e um ônibus para ir à escola estadual no bairro do Brás, era bem longe. A tarde lecionava no Paulistano.

Depois, o Colégio Batista me chamou e na mesma hora eu deixei a escola estadual, que era longe e fui para o Batista. Peguei uma sala de primeiro ano com quase quarenta crianças. Dei conta, prontamente, e me descobri como alfabetizadora. Naquele estilo trabalhando as famílias silábicas e a cartilha *Caminho Suave*, não era a alfabetização ideal, mas funcionava. É o que sempre digo, precisa gostar e se você gostar e se dedicar as crianças aprendem. Eu tinha a classe assim e foi uma maravilha. No final deste ano, o diretor me pagou mais um salário, pois nessa época não tinha décimo terceiro. Depois, ele me pediu para acompanhar as crianças e eu assumi o segundo, depois o terceiro, depois o quarto ano. Detestei o quarto ano. Gostava do primeiro e do segundo ano, especialmente, do primeiro ano, onde a criança é doce e o que você trabalhar com ela aparece, é impressionante! Eles são verdadeiros com você. A criança do primeiro ano é outra. Eu me sinto até hoje, como alguém que foi feita para alfabetizar, apesar de estar desatualizada, talvez hoje eu fosse um fracasso, mas naquela época eu me realizei.

Fiquei uns seis anos lecionando e fiz todos os ciclos de uma série, depois fiz mais duas vezes, o outro, creio que foi uns seis anos de Colégio Batista. No Colégio Paulistano eu fiquei uns dois anos e no Estado foram só uns meses, no começo, era longe demais e eu não aguentei. Lecionei até nascer o terceiro filho. Enquanto tive o primeiro, segundo, minha tia velha era quem ajudava a cuidar. Na hora que eu tive o terceiro, não tinha mais condições de deixar três crianças com ela e sair para lecionar. Depois que todos estavam na escola, eu também retornei e fui fazer Psicologia.

Escolhi fazer Psicologia, primeiro porque todo Psicólogo é “doido” (risos), isso é uma certeza que eu tenho. Todo Psicólogo não “bate” muito bem. Então, a gente vai logo de início, com aquela sensação de deixa eu ver como eu estou nessa visão geral de mundo.

Vou dizer uma coisa sobre a minha experiência. Eu devo ter feito bem a poucas pessoas e fiz o meu melhor enquanto cliquei. Mas, a Psicologia fez muito bem para mim mesma. Eu fiz muito bem para mim. Me enriqueceu demais. Saber que todos nós estamos no mesmo barco, que não existe erro grave, erro pequeno, não tem. A Bíblia já tinha me dito isso, eu não guardei, mas quando você estuda e aprende isso é enriquecedor.

Até hoje não sei até onde vai o alcance da Psicologia no reerguer de uma pessoa, mas eu sei o que ela foi para mim. Eu fazendo o curso, aprendendo, observando, vendo o que e como era, me deu uma outra visão de tudo. Eu gostei muito. Aprendi muito. Eu gostava muito de estudar, era atraente, eram conversas excelentes, tinha a Psicologia Social. Lembro a primeira vez que foi na sala, uma pessoa lésbica para falar - eu que tinha um certo preconceito, percebi como a pessoa é igualzinha a todo nós. Então você se abre, passa a ter aceitação, aceita o outro como você se aceita. Para mim foi muito importante.

Em São Paulo, eu trabalhava como estagiária de Psicologia, nos anos finais, mas aí viemos para Dourados, faltando concluir o quinto ano e a clínica que eu terminei em Campo Grande, com os filhos grandes. (Ah! A minha menininha, minha única filha, ficou “mocinha” e eu não estava em casa, queria tanto estar, mas estava lá terminando o curso. Ela ligou para contar). Antes de terminar o curso, em São Paulo, viemos embora para Dourados, pois eu tinha que cuidar, agora em termos financeiros da minha família, pois não estava dando do jeito que vivíamos e resolvemos mudar para Dourados. Mesmo faltando um ano de clínica em São Paulo, pensei: não vou esperar fazer o ano de clínica, vou embora com minha família. E assim vim para Dourados fazer “arroz para as vacas”³ (risos).

³ Dona Ezir explica essa expressão com uma sonora gargalhada: “tal era minha inexperiência com atividades do campo, que eu pensava que para o gado deveria ser servido o arroz cozido”.

A história da Escola SEI: meu olhar

Em São Paulo, meu marido era empregado, ele sabia que como empregado, a tendência não era crescer, e sim estagnar e depois o declínio. Meus filhos crescidos pensei: é agora ou nunca. Nós mudamos para Dourados e veja como éramos “bobos”, talvez “ingênuos” em pensar que ter uma chácara resolveria tudo. Viemos e compramos uma chácara e fomos criar gado e produzir leite, mas apanhamos muito. Não tínhamos experiência. Eu tenho até vergonha de dizer, mas a minha ideia era de que tínhamos que fazer um arroz grudado para as vacas, tal era a minha noção de criação de gado (risos). Eu achava que um arroz poderia complementar o capim para que assim elas produzissem mais leite. Imagina o gado comendo arroz. E eu fazendo arroz. A turma dizia: por favor! (risos). Só que eu estava disposta a fazer qualquer coisa para ajudar, nem que fosse “arroz para as vacas” (risos).

Abrir uma escola, estava no meu coração, só que eu não tinha dinheiro e, quando viemos para Dourados foi para produzir leite, mas percebemos que não daria certo. Então, eu me perguntava: e agora? Não tínhamos como abrir a escola. Por isso, eu digo sempre que a Escola SEI é fruto, inicialmente, de um grande sonho, que existia mesmo sem estar descoberto, desde a minha meninice quando eu brincava e sempre terminava em escola. Mas, eu nunca pensei em poder ter uma escola, quando em Dourados, nossas economias escassearam, foi a hora que meu pai disse: eu quero ajudar você.

É por isso que eu sempre ressalto: eu tenho o meu marido, eu tenho quatro filhos homens, mas o homem da minha vida é o meu pai (risos), e vai ser sempre! Aquele homem meio sisudo, mas que via longe, tinha visão e estava sempre pronto. Ele era um pai com P maiúsculo! Quando ele viu a situação, eu querendo ter um sítio, vender leite, as economias que havíamos trazido sumindo, ele me perguntou: você ainda quer uma escola? Eu respondi: Pai, quem que não queria uma escola, mas quem sou eu? Ele falou: eu vou te

emprestar o dinheiro para uma escola. Veja o que você consegue fazer. Nesse sentido, Deus me encaminhou, e ele me emprestou.

Isso aconteceu há mais de quarenta anos, foi há muito tempo, mas eu nunca deixei de ser professora e meu sonho era ter uma escola. Então, essa ajuda do meu pai foi o início da realização de um sonho e muitas pessoas ajudaram. Na época, eu dava aula no Seminário Teológico Ana Wolerman. Eles tinham uma casa na Rua Bahia (atual Rua Hayel Bom Faquer), onde hoje fica a Igreja Batista, alguns colegas, os diretores do Seminário, me ajudaram junto à igreja Batista e consegui alugar, por um preço mais em conta, para começar as atividades da escola, naquele prédio.

Recebi ajuda de muita gente, pois logo que cheguei eu dava aulas no Colégio Osvaldo Cruz e no CCOP (Campo de Capacitação e Orientação Profissional), da Igreja Luterana. Enquanto eu dava aula no CCOP, eu também fazia a clínica em Campo Grande e conheci a Telma, (nossa professora de Português e Secretária da Escola), aquela pessoa “intratável”, de temperamento “terrível” (risos), mas foi quem mudou minhas aulas na época, me ajudou e me apoiou quando eu mais precisei. Então, você acha que eu ia esquecer o que a Telma fez por mim? Por isso, quando vem alguma mãe aqui e diz que a única coisa que estraga essa escola é a Telma, eu respondo: Oh! Que pena! (risos). Oh! Meu Deus! (risos), mas ela continua.

Aluguei o espaço e começamos, me lembro que faltava muita coisa. Era um prédio velho, eu ficava no prediozinho no fundo, quando chovia tinha que chamar as crianças, no portão da Rua Hayel Bon Faker⁴ para atravessar com guarda-chuva. Começamos com 66 crianças. Quantas vezes as meninas caíam na lama! Uma vez eu desmaiei na porta da cozinha com uma labirintite de nervoso, pois eu queria dar jeito em tudo, mas não conseguia (risos).

Mas, pouco a pouco construímos as salas, dividimos o campo, fizemos a sala de repouso e fomos melhorando, mas sempre foi algo

⁴ Conforme o Regimento Interno da Escola (1980), sendo o prédio de esquina o endereço da escola ficava na Rua Ciro Melo, nº 2.236, centro, Dourados.

provisório, pois o prédio não era nosso. Nós começamos graças à ajuda do Seminário, no sentido de cobrar um aluguel mais em conta e graças ao meu pai que financiou o começo, pois nós não tínhamos dinheiro para isso. Ficamos na Rua Bahia ... meu Deus, agora vai começar o nosso problema porque tem coisas que eu não lembro (risos) e não vou saber. Uma sugestão seria entrevistar a Telma, porque a Telma sabe das coisas (risos). Ficamos bastante tempo na Rua Hayel Bon Faker, só não sei especificar o quanto tempo, mas depois teve outra casa próxima e mudamos.

Na nova casa, já podíamos pagar um “aluguel melhor”, tínhamos alunos que comportavam as despesas então mudamos. Era outra situação, fizemos algo melhor em termos da casa e o endereço era próximo⁵. Depois de um tempo, também não cabia mais nesse prédio e foi quando começamos a construir aqui, a sede própria⁶, tínhamos um ônibus que pegava um grupo de crianças e trazia para cá, tivemos turmas lá e cá até acabar a construção. Foi uma reviravolta até acomodar tudo, e conseguirmos trazer todo mundo para cá e estabilizar.

Abri a escola com 66 crianças nos níveis de Maternal, Jardim, Pré I e Pré II, com essa divisão. Éramos quatro professoras. Eu lembro que duas delas eram meninas que eu conhecia da igreja Batista. Uma era a “Tia” Neuza que hoje é a mais velha da escola (risos). A Neuza foi minha aluna na Escola Menodora, quando dei aula no Magistério, eu via nela o gosto pela criança e era isso que eu queria. Havia a Maura e a Márcia, as convidei para o Pré I e II. Com este quarteto eu comecei. Eu ficava na secretaria, atendia tesouraria, pedagogia, psicologia, tudo. Mas dava, pois era um sonho que estava se realizando e eu tinha gostado de conversar com as mães e explicar tudo.

⁵ O prédio ficava na Rua Monte Alegre, 2.180, centro, Dourados. Passou a funcionar em 1988.

⁶ Desde 1993, a escola SEI funciona em seu prédio e endereço definitivo situado à Rua Balbina de Matos, nº 1895, Jardim Universitário, Dourados.

Eu comecei pensando em ter somente a Pré-escola, hoje, a Educação Infantil. Mas quando o Pré II foi terminando, começou a pressão para continuar o primeiro ano. Cada sala tinha uns 7 ou 8 alunos. Eu pensei se não iria entrar em mais um dilema. Pois a papelada era diferente, outras autorizações, aquelas burocracias, que eu não gosto, detesto isso! Mas, eu tive que entrar para poder continuar nesse caminho. Fiz a documentação e passei a ter até o quarto ano na escola. Naquele tempo era assim e para mim estava joia.

Quando chegou o final do quarto ano, começou novamente a mesma pressão dos pais: “não vai pegar ano que vem”, “não pode ficar sem o fundamental”, “não pode parar aqui tem que completar o fundamental”, então eu avancei e estamos nisso. Não me pergunte há quanto tempo estamos nisso! (risos). Mas, eu estou muito feliz, pode acreditar. Me sinto muito feliz. Estou cansada, mas feliz. O que eu não estou dando conta é de pegar tudo como eu pegava, ou como gostaria. Tenho certeza que ia estar melhor ainda do que está agora (risos), mas não dá! Não dá!

Eu vejo o ginásio, tem pessoas que Deus manda para nos ajudar e eu estou preparando. O Aristides, por exemplo, ele tem pulso, sabe falar, tem experiência, ele é adequado. Então pensei e este ano já tenho largado mais para ele. Quero ver se eu consigo largar mais ainda. Ao invés de pôr a minha cara, quero o Aristides, pois tenho que ver que sou finita. Chega um tempo para parar. Não precisa pensar em morte, mas vou pensar em descanso, descansar, passear. Eu tenho o direito de fazer as coisas que eu gosto, o que fazemos chega em troca com “recados de amor”! (risos). Olha os recadinhos que recebo na escola, me alimenta muito mais que ganhar dinheiro.

Se você me perguntar quanto é a mensalidade, eu não sei. Digo de mente limpa e diante de Deus, eu sou vocacionada. Hoje, eu não teria condições de estar em sala de aula. Mas quando eu estive eu dei conta de uma forma muito criativa, com muito amor e gosto. Cometi erros, muitos erros, mas nunca com má intenção, sempre fazendo o melhor que eu podia.

Hoje, eu lamento, às vezes, fico com “raiva” das minhas professoras e brigo muito com elas. Eu “pego muito no pé” (risos) de todas elas, fico em cima para fazer o trabalho que nós podemos fazer. Atualmente, com a estrutura que nós temos, onde que a gente não pode ir? Se a gente não se amarrar só naquela rotina de “cumprir programa” vamos longe. É isso que eu queria, pois, minhas professoras têm juventude, vida e conhecimento. Mas, eu vou falar, acho que as professoras leem pouco. Vamos ser muito honestas, a professora do infantil e do fundamental lê pouco, precisava ler mais. Com o auxílio da *internet* poderiam se enriquecer. Mas, parece que a vida se tornou tão problemática, outras coisas se tornam prioridades, nós estamos perdendo muito esse enriquecimento pedagógico. Além disso, tem também o amor, o interesse ao que se faz, principalmente, estamos perdendo isso. Só que aqui na Escola SEI tem cobrança, eu cobro o comprometimento (risos).

A minha proposta, quando abri a escola, era realmente ter só o infantil, e eu queria fazer um infantil feliz. A minha experiência de escola sempre foi uma escola triste, escura, que não batia com o que eu sentia, então a minha intenção era trabalhar muito com minhas quatro professoras para fazer uma escola feliz. Depois, fomos crescendo, mas eu queria que as crianças fossem felizes na escola, mas nunca separei o fator “pulso e autoridade”, acho que é super necessário para que se caminhe. Por exemplo, uma das nossas atividades é o Coral SEI, quando as pessoas assistem elas se perguntam como tantas crianças ficam juntas no mesmo lugar ao mesmo tempo, tão organizadas? Elas ficam mesmo. Sabe, cada criança precisa “arcar” com aquilo que faz, pois para os alunos não é obrigatório cantar no coral, ele pode sair, conversar, brincar lá fora durante o ensaio, não precisa ir se não quiser. Mas, se ele quiser estar ali, vai ser assim. Ele escolheu. Então esse é um conceito que eu tentei manter. A responsabilidade pela escolha que fez.

Meu objetivo foi fazer uma escola onde ensinássemos muita coisa dos livros, mas também coisas que as crianças pudessem vivenciar. Eu lembro uma vez que eu organizei uma corrida de

formiga. Que interessante foi aquilo! E a torcida para a formiga ganhar (risos). Então, essas coisas são simples, é só passear no pátio e sair da sala. Eu fazia a “parede mágica”, as crianças lambuzavam as mãozinhas, depois lavava e pronto. Eu fazia um relaxamento, uma coisa gostosa. Eles ficavam mais calmos.

Hoje em dia eu falo: não tenham medo da sujeira. Sujeira diária não mata ninguém. Vamos fazer, pois as crianças precisam. O “caminho da sorte”, como falamos. Vamos explorar o tapete que não está sendo usado. Nós temos que usar coisas que não estão no livro. Não tem no livro. A mãe, às vezes, chega e questiona o fato de a criança estar no jardim e não usar o caderno todo, ou usar só meia dúzia de páginas. E daí? E o que ela usou fora do caderno? Então, é preciso que a gente se sobreponha, discuta e faça um trabalho no qual a gente acredite.

O meu objetivo era exatamente algo novo e embasado, eu digo novo e as coisas foram acontecendo pois eu comecei a nossa escola com 66 alunos e ela foi crescendo e crescendo, então funcionou. É claro que não só por causa da minha competência ou das minhas professoras, todos nós nos esforçamos e, o que é muito importante, fazendo aquilo que a gente gosta, nos esforçamos com a benção de Deus, essa também eu não dispenso.

Quando a Escola SEI abriu, só existia umas quatro escolas particulares em Dourados e eu queria formar uma escola, mas nunca pensei em escola grande. Fico triste até, pois acho que está ficando muito grande, pois eu digo: Deus, eu não tenho mais condições! Pois eu quero tudo na palma da minha mão (risos). Eu quero controlar tudo e não tenho condições de cuidar de tudo. Na hora que eu digo uma coisa tem que me seguir mesmo (risos).

Eu sou aquela que se destaca pelo choro fácil, pela gargalhada, pelo riso, mas principalmente por aquilo que eu digo. Digo para a mãe, para a professora, para meu funcionário: vai por mim. Porque é a minha experiência. Não, uma experiência de quem viveu um ano ou dois e fez tudo igual. Minha experiência eu tirei dos meus erros e acertos. Cada coisa que eu fiz, guardo para repetir o acerto e deixar

o erro. Continuo errando, mas continuo tomando cuidado, para dar certo. Então, a minha filosofia era uma escola onde a criança fosse alegre, solta, mas soubesse que havia limites e havia controle.

Com os pais e familiares, no começo, era mais fácil porque era um número menor. Há 30 anos atrás, eles vinham e nós podíamos atender melhor. O fato de eu ser psicóloga me dava um certo respaldo, deviam pensar: é capaz que ela saiba do que está falando, ou ela sabe o que está fazendo, então eu arriscava (risos). Hoje em dia, há muitos psicólogos, pedagogos e gente bem mais entendida do que nós e, às vezes, nos “batemos” para atender. Eu admito que posso errar, e erro. Mas é difícil o que eu não tenha experimentado antes, e principalmente pensado, tentado resolver.

Então, eu sempre tive muitas ideias, pois eu penso, confiro e aplico, mas depende muito, pois eu preciso das professoras. Você pode ter duas professoras da mesma série e, muitas vezes, uma caminha e a outra não, depende da aplicação de cada uma. Eu estava conversando com os meus filhos, esse é um problema para qualquer profissão, você depende das pessoas para aplicar, depende do desempenho delas e nesse aspecto eu “apanhava” pois eu tinha ideias e queria colocar em prática. Por exemplo: fazer o “dia do amigo”, as crianças trazerem um coleguinha para conhecer a escola e passear na classe com ele, como isso é bom!

A ideia do SEI SABER, escolhíamos um tema e a escola inteira trabalhava sobre ele durante o ano, ao final fazíamos uma exposição do que foi estudado. Tivemos um curso onde pais vinham compartilhar com outros pais, atividades que eles sabiam, desde dobradura, até conhecimentos de Pedagogia, Psicologia no sentido específico, nos reuníamos aos sábados, estudávamos, tomávamos um cafezinho e íamos embora felizes. Terminou. E terminou, pois não havia mais adesão e nem interesse, pois sábado é dia do “cabelo”, do “cabeleireiro”, ou de fazer coisas mais importantes (risos). São essas coisas que fazem a escola!

Quando os professores, a cada ano, fazem a seleção, eles até estranham porque eu ao entrevistá-los pergunto: Não vou lhe

perguntar quantos diplomas você tem, mas se você gosta de criança. Elas dizem eu gosto. Mas, você gosta de trabalhar com criança, ensinar? Elas respondem que gostam, então isso para mim é o principal. A partir daí, eu passo a falar tudo o que é importante na formação e no funcionamento da escola. Mas o básico é que você goste de trabalhar com criança e de criança. O meu estilo é esse.

Uma mãe me perguntou, certo dia, se as ajudantes de professoras cursaram Pedagogia e respondi: Todas! Ou cursando ou formada. Pois, estou adotando essa norma, que é selecionar a auxiliar para começar na classe, assim, já vai conhecendo o esquema da escola. É melhor formar auxiliares do que contratar uma pessoa completamente inexperiente. Meu termômetro é gostar do que faz. Nós tivemos uma experiência de formação de professores na escola SEI com o curso de magistério. Tentei fazer uma elite (risos), uma tentativa, da qual não me arrependo. Mas é claro, fracasei, pois ninguém mais queria fazer Magistério. Tivemos 10 ou 12 meninas e tinha um rapaz, agora ele se tornou policial. Formamos somente uma turma e terminamos pois não tinha procura pelo curso.

A escola seguiu, crescemos e construímos nosso prédio, no começo houve muita aceitação da redondeza, no bairro, muita gente vinha perguntar da escola. Eu creio que aqui foi um lugar “cavado” por Deus é uma área boa, pudemos fazer a piscina, a área aberta, o parquinho, cobrimos o tanque de areia e continuamos querendo, sonhando e, se Deus quiser, como na velhice, se parar de sonhar envelhece e morre, tem que continuar sonhando. A escola é a mesma coisa, nós temos que ir em frente, vamos fazer isso, fazer aquilo e vamos fazer.

Eu sou muito privilegiada, pois os filhos que Deus me deu estão aqui comigo. Eles tocam tudo e me dão a mão. Agora, eu que dou a mão para eles (risos). Eu tenho um administrador de empresas, o Mauro, ele não existe, foi talhado para isso. Eu tenho uma pessoa como o Fábio, operacional cem por cento, para o que der, desde computador até “assustar os meninos” na disciplina, quando ele aparece com aquele físico e aquele vozeirão (risos). Eu

também preciso de gente assim. Tenho o Marcos, o que for preciso para manter a escola ele faz. Meu marido corrige as provas de ginásio, tem mais tempo, mais calma e ele gosta. Estou cercada de pessoas, tenho a Bete com um atendimento excelente. Falo pela própria família.

Além da família, eu preciso enriquecer o grupo com outros elementos como já estou fazendo, então estarei satisfeita e vou poder descansar numa boa! (risos). Mas, é urgente para mim. Eu tenho que cuidar disso, porque assim vai ser aquela escola dos meus sonhos. Quando eu ouço mãe falando bem, crianças, falando: eu gosto daqui, da escola, dá vontade de chorar de felicidade. Saber que uma criança gosta. Eu digo: ensinar é quase conseguir, porque o que você faz primeiro é cativar, se você conquistar a criança você ensina a ela qualquer coisa. A experiência tem revelado isso, mas não queremos perder tempo com isso.

Na escola, eu continuo sonhando e tendo ideias e quando eu resolvo fazer uma coisa, sou super mandona (risos). Super mandona mesmo. Conselho, comissão para decidir, conversa (risos). Nós temos o conselho, eu até dou um recado, digo vamos fazer a votação, mas “o que eu quero é isso daqui”, “nós vamos fazer isso daqui” (risos). Eu já fui pior, muito pior. Estou mais maleável, já estou deixando as coisas. Mesmo porque estou querendo que eles assumam a responsabilidade e tenham iniciativa. Eu não quero ter prejuízo quando disserem que ali não tem a minha cara, pois isso é uma escola e não a escola da tia Ezir.

A escola não é minha, trabalhamos muito e tivemos muita gente nos ajudando, por exemplo com relação à proposta da formação dos professores eu sempre acompanhei, na época do construtivismo a Dirce Nei trabalhou aqui e nos ajudou muito, trabalhou quatro anos, dando aula de políticas. Nós trabalhávamos com o Construtivismo e o Tradicional, havia duas turmas e a mãe podia escolher. As professoras da escola foram fazer curso na “Escola da Vila”, em São Paulo. Todo ano, eu mandava quatro, cinco para aprender, depois de eu ter ido, feito e visto que era bom para elas. Custou caro naquela

época, mas compensou porque elas ficaram por dentro de como funcionava e o que podíamos fazer na nossa realidade e o que poderia ser adaptado.

Quando eu falo o tradicional e o construtivismo tem a ver também com a professora que aplicava. O tradicional é juntar o B-A-BA pensado como um esquema já montado anteriormente, é claro que não chegamos a aplicar a cartilha *Caminho Suave*, mas naquele estilo! (risos). Eu alfabetizei muito com essa cartilha e funcionava na época (risos). Mas é que eu digo aqui entre nós e o gravador – método não faz a diferença, o que faz a diferença na alfabetização é a professora.

A professora faz a diferença, se você motivar você consegue. Agora, tem professor que eu posso mandar fazer no tradicional, no construtivismo, com o método Montessori, seja lá o que for, não vai dar em nada. Pois, ele não está motivado, essa é a diferença. Por isso, que às vezes não temos o êxito que deveríamos ter, pois tem gente que é mole, não aprende, não cria e não faz.

Um aspecto da escola que muitos perguntam é sobre religião, veja, quando abrimos a escola, o prédio alugado era da igreja Batista, mas a escola não é Batista. Batista é a direção. A escola não tem nada a ver. Inclusive eu não quero que falem especificamente de uma religião, nesta escola. Eu quero que falem sobre o “Papai do céu”, e Ele seja apresentado como alguém amigo, pois a criança precisa entender que ela tem um amigão que gosta dela, está olhando por ela, então é isso que a gente tem e faz. Nisso, tenho sido rigorosa, a escola não é Batista, eu é que sou. Para mim, o importante é o que você vai ensinar, no sentido mais elevado da companhia divina, ou seja, dizer que Deus é um dos recursos na hora do atropelo. Nossa escola ensina isso o tempo todo.

Uma vez, um pai me disse, desde o começo da escola ainda na Rua Hayel Bon Faker: eu não quero que falem em Deus para meu filho. Eu respondi: então não é esta a escola do seu filho. Aqui não se fala de Deus na “aulinha de ensino religioso”, mas, Deus está presente em todo instante. Na hora do lanche, eu acho a coisa mais

linda, ver o maternal dizer obrigado “Papai do céu” e jogar um beijo, como o seu amigo que está ali perto de você e recebe seu beijo, esse é o Deus que eu quero passar para as crianças no dia a dia.

Quando abrimos a Escola SEI tinha poucas escolas particulares e eu quase não acompanhei a história da Educação no município, eu vou te dizer que eu fui fazendo a história (risos). Eu sou uma pessoa, que como diz meu único filho erudito, só tenho um erudito, o primeiro (risos). Ele é todo envolvido, lê muito, é estudioso, sempre foi, atualmente ele é diretor de editora, então aquele é o mundo dele. Ele diz que não conhece uma pessoa mais “anticientífica” do que eu (risos).

Eu acho que ele não me entende. Não é que eu seja anticientífica. Eu acho maravilhoso você saber a razão das coisas, estudar tudo, mas é algo que não me atrai, algo que eu não especulo. Então, quando eu comecei a escola, eu não estava preocupada com o que ela ia ser, ou se seria mais uma escola, naquela casinha humilde da Rua Hayel Bon Faker eu só dizia: Meu Deus me ajuda a sair da lama. Literalmente, porque era uma lama quando chovia (risos). Eu nunca tive essa de pensar em qual o papel que eu estou tomando aqui agora. Ou será que eu estou crescendo? Será que isso vai ser bom? Eu não consigo pensar nisso, eu só pensei no trabalho e fui fazendo. Nesse sentido, ele está certo, posso ser “anticientífica”, porque simplesmente isso não me atrai.

A escola alcançou seus objetivos. Sendo honesta, atualmente, nós fazemos diferença, sinceramente, vejo pelo número de filhos de quem entende de educação e estuda conosco. Nós nunca fizemos propaganda, são os pais que fazem. Se a gente trabalhar bem feito, não precisa da propaganda, uma pessoa conta para a outra. Hoje eu sei que realmente temos um nome, somos uma escola boa, conceituada, é o que eu quero e pretendo continuar.

Nestes anos de trabalho, muita coisa mudou, a legislação mudou, os programas, os conteúdos, a idade etc. Cada vez vem uma lei diferente. Eu acho que as leis deveriam ser feitas por quem está com a mão na massa, pois é assim, agora pode isso, pode aquilo, cada vez é uma coisa. Você fica sem saber o que fazer.

Eu tenho pouca esperança na Educação, no sentido geral, de que a gente melhore e possa se equiparar a outros países, por aquilo que eu lhe disse, minha esperança não é grande, pois poucas pessoas estão pensando na Educação, e as que pensam, ainda é muito superficialmente. Atualmente, nós falamos em humanizar a medicina, vamos humanizar também a Educação, a Pedagogia, a Psicologia.

Na escola, quando uma criança cai, machuca o pé, chora e você a pega no colo e diz: venha aqui meu amor e dá um beijo para sarar o pezinho e acolhe, isso não está no livro, mas funciona. Nós temos vergonha de chorar, de abraçar, de mostrar nossos sentimentos. Nós só podemos mostrar erudição, e o que nós sabemos. Só o que sabemos não vai nos levar muito longe. Nós precisamos do sentimento e na escola isso vem junto com o conhecimento. De todo modo, a expectativa é sempre boa, sempre temos que ter. Sempre haverá um grupo que toca, que quer levar, não é fácil, vai ser difícil.

Concluindo, temos que continuar e, sinceramente, eu sempre digo, não tenho medo de morrer, mas eu tenho saudade. Não sei qual foi o escritor que falou isso (risos). Eu tenho saudade, pois tudo foi muito bom para mim. Em termos de educação, eu tenho caixas com meus guardados de cartas, bilhetes de alunos que passaram pela escola, médicos, engenheiros, agrônomos todos falando para a tia Ezir, contando notícias boas, dizendo como foram bem-sucedidos. Alguns vêm me visitar, conversam comigo, contam que estão bem. Eu agradeço a Deus, porque realizei o meu sonho. Estou feliz e fazendo o trabalho da melhor forma possível, por isso, sou revoltada com a velhice (risos). Eu detesto ser velha. Pois, eu ainda tenho muita coisa para fazer, mas não tenho ânimo, não tenho forças (risos). Mas, eu ainda sonho. E, eu estou preparando o pessoalzinho⁷ para tocar e continuar isso aqui como se deve. É isso! (risos).

⁷ A entrevista dada pela professora Ezir em 2011, segue em continuidade, pois até o presente momento, ela está na Escola SEI, trabalhando da mesma forma. Hoje, com 92 anos, possivelmente com um pouco menos de vigor, depois de uma década, mas com a mesma alegria, a risada contagiante e o desejo de abraçar o mundo e as crianças com sua Escola.

II. A ESCOLA SEI É A EZIR QUE TEM IDEIAS FANTÁSTICAS!¹

Jesus Estremera Gutierre

Infância e a escolarização...

Sou Jesus Estremera Gutierre, diretor da Escola Serviço de Educação Integral/SEI. Nasci faz tempo (risos), em 06 de novembro de 1928, na cidade de Jacareí, no estado de São Paulo. Meu pai tinha um sítio, eu nasci e morei nesse sítio por 9 anos. Tenho 9 irmãos e eu sou de baixo para cima e de cima para baixo, o quinto filho, exatamente o do meio. Até os nove anos, eu morei no sítio e praticamente não estudei, tinha uma escolinha, mas era muito fraca e meu pai, minha mãe “pôs na cabeça do meu pai”, que com essa turma - era muito filho - e onde morávamos não tinha escola, então resolvemos mudar para São Paulo e eu entrei numa escola.

Eu não lembro muito da infância, de brincadeiras, pois minha família era de gente bastante pobre. Meu pai, quando chegou ao Brasil, foi trabalhar numa fábrica de fogões, em Dianópolis. Acho que ainda existe essa fábrica de fogões (Junker). Ele era operário, trabalhava na boca do forno. Era espanhol e veio da Espanha com 22 anos mais ou menos. Aqui, conheceu minha mãe, se casou e comprou esse sítio onde eu nasci. Segundo as palavras dele, seu pai veio “fugido” da Espanha, mas não por ter sido acusado de nada grave. Ele resolveu fugir, pois havia uma guerra entre os espanhóis e os árabes, se não me engano, os marroquinos. Na época, quem ia para essa guerra era para morrer e ele sabia disso, então, com 21 anos pensou: “Eu vou ter que ir para guerra também, então vou dar um jeito de ir embora”.

¹ Transcrição da entrevista com o Diretor e Fundador da Escola Serviço de Educação Integral (SEI), concedida em 14 de maio de 2019, à profa. Magda Sarat e a aluna Suzana Maria Santos Pires, sob sua orientação, a quem agradeço a primeira versão da transcrição.

Ele chegou no porto, comprou uma passagem - não teve problema nenhum- e veio embora para São Paulo, depois, foi para o Rio de Janeiro. Ele nos contava que estranhou muito, no início, quando chegou, principalmente as comidas. Então, conheceu minha mãe e se casou. Minha mãe também era filha de espanhóis. Compraram esse sítio e ali eu nasci.

O sítio chamava-se Bom Jesus, era um bairro de Jacareí. Ali, ele fez a vida, trabalhou muito, era um cara muito esforçado. Nas horas de folga - a gente precisava de dinheiro, lógico, e estavam construindo uma ponte lá no bairro de Bom Jesus - ele foi trabalhar na construção dessa ponte, e ele ia mesmo, não tinha preguiça, nunca teve preguiça. Alguém precisava dele para trabalhar, ele ia ganhar seus trocados e assim foi levando a vida e trabalhando muito.

Quando fomos para São Paulo, foi com a cara e a coragem. Ele logo arrumou um emprego, foi trabalhar e a gente arrumou uma casa. Uma casa pequena, na época já completavam comigo, oito filhos. Em São Paulo, nasceu mais um, passando a ser nove filhos. Uma casa com todos adolescentes e crianças. Meu irmão mais velho estava com uns quinze dezesseis e foi uma fileira um atrás do outro. Primeiro tive uma irmã, depois o Hélio, esse irmão mais velho. Depois o Izidoro, o José, eu, Pedro, Antônio. Teve duas mulheres, a primeira foi uma mulher. Na realidade minha mãe teve dez filhos, mas o primeiro morreu, não sei o motivo. Depois, teve uma menina.

Apesar de ser uma família somente de meninos, todo mundo trabalhava, não tinha diferença entre meninos e meninas. Lavar louça, todo mundo trabalhava. Eu lembro que quando era minha vez eu tinha uma raiva 'desgraçada' de lavar a louça. Não tinha detergente na época, era sabão e areia, eu tinha raiva pois ficava com a mão engordurada. Eu não gostava.

Mas, ainda voltando à minha infância, meu pai que mandava em tudo e quando alguém fazia uma coisa errada era "lenha". No fim, ele não batia, mas, castigava. Eu lembro que uma vez, eu já era grandinho, tinha uns 10 ou 12 anos, lembro de ter feito uma traquinagem qualquer, ele mandou me tirar a calça e ficar pelado,

eu tirei e me deixou andando nu para lá e pra cá! (risos). Depois nunca mais ele fez isso.

Na infância, lembro que alguns assuntos não eram para as crianças saberem e os pais não permitiam. Lembro do meu último irmão nascido e de ver minha mãe grávida, gorda, quando estava para dar à luz. Lembro dela deitada barriguda, mas se pensávamos o que era isso, essas coisas não se aprendiam, não se cogitava e não se falava com as crianças. Eu, na realidade, lembro desse fato dela estar barriguda, mas como nasceu já não sabíamos mais nada. Lembro sobre a questão de morte, quando estava em São Paulo, eu fui em um velório. Não gostei, mas fui. Quem é que gosta de velório? Eu fui com a minha tia no velório de um major do exército, conhecido dela e eu fui acompanhando. Fiquei bem impressionado de ver a “cara” da pessoa meio amarelada, sem cor, sei lá é horrível.

Os anos de formação

Em São Paulo, fomos para a escola, eu fui para a primeira série do grupo escolar. Estudei no Grupo Escolar Campo Sales, até hoje não esqueço. Entrei com nove anos, praticamente, foi bom, eu aprendi logo e fui em frente. Mas, eu era muito caipira. Lá em casa falávamos o idioma espanhol, um espanhol “acaipirado”, era português misturado com o espanhol. Quando eu lembro da escola é da meninada me gozando e me chamando de “caipirão”, pois eu falava meio “espanholado”. Eles me gozavam e riam de mim. Eu ficava com uma raiva “desgraçada”. Uma vez, eu peguei uma mala, mala mesmo, virei com toda velocidade e força em um menino. Ele saiu chorando, mas nunca mais o cara me “encheu” (risos). Lembro desse fato, pois foi em São Paulo. Eu já morava em São Paulo.

Tem uma história: meus pais moravam em Dianópolis perto do aeroporto de Congonhas e eu fui morar no centro de São Paulo (me veio à memória agora). Eu fui morar com uma tia velha do meu pai, que era sozinha, fui eu e um dos meus irmãos para a capital de São Paulo. Lá eu fui para esse Grupo Escolar Campos Sales. Mas, eu

ficava com minha tia fazendo companhia, estudava de manhã e à tarde era livre para fazer meus trabalhos. Eu gostava de estudar.

Mas, quando chegava da escola o que eu queria mesmo, era brincar, eu chegava em casa, fazia as lições e depois ia brincar. Da escola eu lembro, vagamente, lembro de uma professora muito brava Dona Sara. Ela era brava e eu tomei uns puxões de cabelo, mas era uma ótima professora. E quando eu estudei éramos meninos e meninas na mesma turma, todos juntos. Na minha família, meus outros irmãos estudaram também, fizeram o primário. Eu que me meti a estudar um pouco mais. Depois de algum tempo, a minha tia faleceu e eu voltei a morar em Dianópolis.

Mais tarde, eu fui trabalhar numa gráfica, entrava às 06h da manhã, chegava às 16h, em casa, depois voltava para São Paulo, pois eu me matriculei numa escola técnica de comércio (Escola Lindolfo Collor... você está me fazendo lembrar de coisas que havia esquecido). Eu estudava à noite, tinha um professor de português, o professor Manuel Padilha (puxa vida! Estou lembrando de coisas que bom!).

Então, eu não era religioso, nessa época, não ia em igreja nenhuma, mas comecei a ir à igreja em São Paulo, levado por minha tia. Na verdade, a tia do meu pai, minha tia avó, ela me levou e eu gostei da igreja Batista paulistana, ficava na Rua Candido Pinhal, ainda existe até hoje a rua, mas é um pedaço, só fica onde é a rua do fórum de São Paulo. Depois, a igreja mudou para a Rua Bandeira Andrade, eu acompanhei e fui, mas somente eu ia nessa igreja.

Na minha família, de religião tinha de tudo, católico, espírita, uma mistura, mas também não eram fanáticos, nada disso. Eu é que fui mais à igreja Batista e acabei ficando. Depois eu conheci a Ezir na igreja, quando eu ainda estudava. Nós nos casamos e eu terminei o último ano do curso que fazia, pois eu tinha passado da escola técnica Álvares Penteado e segui em frente.

Da escola, posso te falar desde adolescente eu trabalhava de dia e estudava a noite. Trabalhei na empresa gráfica da revista dos tribunais, na Rua Conde de Sarzedas, nº 38. A empresa gráfica da

revista dos tribunais ainda existe, ela publica até hoje coisas dos tribunais e publica livros. Eu lembro que ela publicava para José Olímpio, editora da Companhia Editora Nacional.

Tem uma coisa importante, quando eu trabalhava nessa revista dos tribunais eu era *boy, office-boy*. Adolescente, eu tinha 14 anos e já podia trabalhar registrado. Eu entregava aqueles originais às empresas. Lembro que fui levar originais à Companhia da Editora Nacional e lá na sala de recepção, em uma sala grande, estava o Monteiro Lobato. Então, eu conheci o Monteiro Lobato pessoalmente, (baixinho, cara de bonachão, boa gente!). Lembro que fui levar os originais de um livro, não sei se era livro dele ou de outro escritor, mas lembro, também, de uma vez que eu fui levar os originais do próprio Monteiro Lobato, na casa dele. Ele morava na Aclimação, na Rua da Abolição, nº 290 e pouco. Talvez, fosse 295, ou 296, fui levar os originais de um livro. A empresa imprimia e mandava aquelas folhas, e eu levei na casa dele para corrigir, ele fazia as modificações e eu retornava. Lembrei desse fato também. Então, eu conheci Monteiro lobato, pessoalmente.

Depois, eu li alguns dos seus livros, eu gostava, acho que li *Urupês, América*, li diversos livros dele. Um dos meus filhos não ficou longe desse trabalho com edição de livros (risos). Eu gostava de trabalhar. Tinha que trabalhar. Precisava trabalhar. Nunca fui preguiçoso, essa é a verdade. Estou preguiçoso, agora, aos 90 anos (risos).

Eu conheci a Ezir aos 21 ou 22 anos. Seus pais vieram do Rio de Janeiro. O pai dela era pernambucano, a mãe, alagoana, a Ezir nasceu no Recife, o irmão dela também, pois meu sogro vivia inaugurando as “Lojas Brasileiras”, então ele viajava muito, trabalhando nessa empresa. Inaugurou a loja de Manaus, a loja de Belém do Pará, do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte. Mas, ele veio do Rio de Janeiro para São Paulo, para gerenciar a parte Sul das Lojas Brasileiras. Eles mudaram para São Paulo, a família era da igreja Batista e foram para a igreja que eu frequentava.

Conheci a Ezir, achei bonitinha (risos), mas eu não tinha cacife para enfrenta-la. Mas, então, quando eu acabei me declarando e ela

foi com minha cara ... minha sogra gostava muito de mim, foi com a minha cara também, mas meu sogro era meio ressabiado comigo. Mas, no geral, ele foi bom, muito bom. Eu me dei bem com o casamento. Não sei se ela ficou satisfeita. Se ela está satisfeita até hoje comigo. Eu não me atrevo a perguntar, se ela se arrependeu de ter casado comigo, eu não pergunto (risos).

Depois do casamento, continuamos em São Paulo, capital. Morei pertinho da Universidade Católica, na Rua Monte Alegre. A PUC fica pertinho. Depois de casado fui trabalhar na empresa Lever, eu tinha feito um curso técnico, fiz um curso rápido numa faculdade que fechou, mas, depois eu terminei o curso numa outra faculdade. Lá no Ipiranga, eu concluí a faculdade de Pedagogia, mas eu nunca fui professor. Aliás, para não dizer que nunca lecionei, eu substituí a Ezir, algumas vezes, na Escola Menodora Fialho de Figueiredo, enquanto ela foi à Campo Grande, onde ela fazia o curso de Psicologia. Eu a substituí para não dizer que nunca lecionei.

Sou Pedagogo, mas eu nunca fui professor, essa é a verdade. Eu nunca gostei, nunca gostei. Me interessa muito em ler. Eu trabalhei de auxiliar de escritório, trabalhava em escritório. Depois que casei, o meu sogro tinha muita influência. Eu fui trabalhar como gerente de uma fábrica de brinquedos, olha só, “tem história barbaridade!”. Fui trabalhar numa fábrica de brinquedos, o dono era um comunista e levou a fábrica “para o vinagre”. O irmão dele era o dono de Lojas Brasileiras, tomou posse e então ficou sob a tutela do meu sogro lá em São Paulo.

Meu sogro era gerente regional da Loja Brasileira, e eu trabalhei como gerente nessa fábrica de brinquedos. Tinha brinquedo de todo tipo fogãozinho em miniatura, panelinhas, aquelas coisas todas. Faziam também utilidades domésticas. Era uma fábrica até respeitável pertinho da Estrela, lá em São Paulo, na rua ... “você está me fazendo lembrar coisas” (risos). Os brinquedos eram de meninas fogõezinhos, panelinhas, frigideirinhas, essas coisas, fogão vendia muito. No meu tempo de criança, não tive brinquedos, eram só brincadeiras que fazíamos, era jogar bola no campinho com os

colegas, os irmãos, mas coisas fabricadas só fui conviver depois de adulto onde fui trabalhar e com meus filhos quando eram crianças.

Trabalhei na parte de escritório e administração. Trabalhei na Torion, fábrica de espuma para móveis. Depois, fabricaram colchões e espuma para automóvel. Eu fui representante comercial por uns dez anos. Depois, minha meninada já foi crescendo ... e eu pensava: “Não estou gostando disso. Vou ser um eterno vendedor, um eterno comandado. Estou com vontade de sair daqui”. Conversei com a Ezir e viemos para Dourados. Por que em Dourados? Quando fiz faculdade, lá em São Paulo, eu conheci uma moça que era daqui de Dourados, ela nos convidou para vir para cá. O irmão trabalhava no Banco do Brasil e poderia nos ajudar a encontrar um emprego. No fim, eu vim, me encontrei com o pai dela e acabei comprando um lote. Um sítio de vinte alqueires do pai dela.

Mas vinte alqueires, aqui, em Dourados, não é nada, não dá para nada. Eu comecei com vacas. Tinha cinquenta vacas de leite, mas não dava muita coisa, foi quando a Ezir foi terminar a faculdade e surgiu a oportunidade no Seminário Batista de construir uma escola. A Ezir conversou com a direção da igreja, pois o prédio pertencia à igreja, eles nos alugaram por um preço razoável e a gente abriu a escola. Foi assim que o SEI começou.

A história da Escola SEI sob meu olhar

O SEI começou assim, a ideia, o mérito todo não é meu de jeito nenhum. O mérito é da Ezir. Desde menina ela fazia as suas brincadeiras, suas ideias, desenhava, ela sempre teve essa “coisa”, esse sonho de abrir uma escola. Os pais dela eram fechados, mas ela fazia suas brincadeiras. Então, quando viemos para Dourados, eu não tinha experiência alguma, muito embora, eu tenha morado nove anos num sítio, mas era completamente diferente.

Nós tínhamos algumas vacas e não tinha terra para plantar, era tudo pasto. Eu não tinha experiência e para viver de leite de vaca, dando como se fosse hoje uns 2000 mil reais por mês, não dava para

nada. Trabalhamos no sítio e morávamos na cidade, quando viemos, comprei uma casa no bairro do 3º plano.

A Escola SEI, na realidade foi tudo com ela, as ideias dela. A Ezir tem ideias fantásticas. Veja você, desde quando um “chá da tarde” serve macarronada? Mas, esse ano (2019), O Chá das Mães, em maio serviu. Foi ideia dela porque muitas mães falavam que os filhos adoravam a macarronada da tia Ezir e pediam a macarronada em casa. Então, ela pensou: eu vou fazer uma amostra para essas mães. Só por farra, para ser diferente (risos). Que ideia! Ela fez uma pequena mostra da macarronada e sabe o que aconteceu, não sobrou um grão de macarrão. Não sobrou nada, nem um fio, todo mundo elogiando o macarrão especial. Tudo ideia dela.

O começo foi duro porque nós começamos, no primeiro mês com 40 ou 50 alunos e fechou o ano com cento e pouco alunos talvez, 140 ou 150. No começo, eu não trabalhava na escola, mas depois eu tive que ir trabalhar só na escola com dedicação total. Quando nós alugamos, nós pintamos, arrumamos as mesas, mandamos fazer as cadeiras, mesas e arrumamos as salas. O começo foi de muita dedicação e trabalho. A irmã do meu sogro veio para cá e ajudou a pintar e a fazer tudo. Eu trabalhei no suporte administrativo, banco essas coisas. Foi um trabalho integral e até hoje, todo o dinheiro que entra é para melhorar a escola.

Na época, eu vendi o sítio e compramos um terreno que ainda existe. Hoje, vale uma nota, nem sei quanto, mas os meninos sabem. Lá não deu certo porque o terreno tinha alguns problemas e acabamos não construindo naquele lugar. Mas quando a escola foi formada e começou a dar bons “pulos” eu comprei este terreno aqui com cinco mil metros, do pai de um aluno.

Este terreno tinha os dez mil metros total, mas na época o dono só queria vender os cinco mil, então pedimos a ele que quando fosse vender o restante nos procurasse, pois gostaríamos de comprar e completar os dez mil metros para a escola toda. Mais tarde ele nos procurou, fizemos negócio, compramos o restante e conseguimos

construir nos cinco mil metros. A primeira escola foi em um prédio da igreja Batista, onde hoje é a igreja Memorial Batista.

Eu lembro quando a escola veio para cá, em definitivo, pois na época, eu tomei um empréstimo com a Caixa. Eu fui à Brasília (olha que coisa!). Fui à Brasília procurar um americano que mexia com esses empréstimos, lembro que saiu o empréstimo e assim construímos o prédio todo. Mas enquanto o dinheiro não vinha e não saía o empréstimo, fomos comprando o material e começamos a construir os primeiros passos.

Olha que coisa o que eu vou lembrar! Demorou para sair esse empréstimo e nós viajamos para Joinville. Quando a gente estava voltando, o gerente da Caixa ligou e falou para os meninos: manda seu pai segunda-feira aqui, pois está tudo prontinho para assinar a documentação. A gente estava voltando, quando de sábado para domingo estávamos em Guaíra, mas, então o José Sarney, presidente que assumiu no lugar do Tancredo Neves, estancou tudo. Não teve empréstimo coisa nenhuma. Fiquei chateado, mas seguimos em frente. Devagar lá e cá. Aluguel lá e fazendo aqui. Até terminarmos o resto aqui e assim não ficamos devendo à Caixa, absolutamente nada.

O que lembrei foi que o empréstimo foi “trancado”, o gerente ligou se desculpendo por motivos como: “fica adiado ou cancelado por enquanto” e tal, mas nós tivemos que continuar. Eu sei que não tomamos empréstimo nenhum. Praticamente, quem pagou foram os pais dos alunos da escola. Os pais foram acreditando. Fomos recebendo mais alunos, filhos de pessoas da cidade, que confiaram no nosso trabalho e assim nós fomos caminhando.

Hoje, na escola, meus filhos trabalham, mas não foi assim desde o começo. Quem começou a trabalhar, primeiramente, foi o Mauro, depois a seguir, veio o Fábio. No começo era a Elisabeth (Bete), minha nora veio trabalhar e antes dela, era secretária uma professora que está na prefeitura hoje. A minha nora ficou no lugar dela, quando ela saiu. O Mauro veio depois da Bete, depois, o Fábio e o Marcos.

O Marcos é muito especial. Tem o Fábio que é um gênio. Eu sou suspeito para falar pois eu sou pai, mas ele é um gênio, ele faz coisas

nesse computador que eu fico pensando: “como é que pode!” E o Mauro que toma conta das finanças é “mão de vaca” (risos), mas ele é muito bom no que faz.

As decisões, com relação à escola quem é a cabeça? (risos) Ela, a Ezir. Ela é a que tem ideias. O Mauro tem boas ideias, todos têm boas ideias, mas a palavra final é do Mauro. E ele é muito “chato”. O Fábio também é muito “chato” (risos). Essa é característica da administração e da família, uma administração familiar. O Mauro tem uma boa cabeça, ele aplica o dinheiro, sabe trabalhar com as finanças é muito bom nisso. Mas ele foi formado em economia.

Hoje temos mais de 1.020 alunos, uns 80 e poucos funcionários, um pouco mais, eu sei pelos bilhetes que eu faço. Um pouco mais de 80, cerca de 100 empregados. Só de faxineiros nós temos 11, tem que ficar limpo não tem jeito. Veja o prédio novo, os banheiros. Olha não existe no Estado, digo que não existe no Estado e duvido que existam banheiros tão limpinhos e bonitinhos com aquelas privadinhas menores para as “bundinhas” das crianças pequenas. Tudo bonitinho e limpinho, móveis muito bem feitos para eles. Foram feitos aqui, em Dourados, por um pai de um ex-aluno nosso, eles trabalham muito bem e fizeram os móveis.

Falando nisso, os nossos alunos do SEL, que hoje estão na cidade são comerciantes, têm alguns advogados, têm uns médicos e continuam morando aqui. Muitos que já são pais e foram alunos nossos, agora estão com filhos grandes. Eu passo na rua e, às vezes, um cara me cumprimenta e eu não sei quem é, muitos são barbudos, outros estão ficando carecas, não sei quem é, pergunto quem é? (risos). Não lembro de você, mas, eles me cumprimentam.

Têm muitas mães de alunos que foram nossas alunas, é impressionante o tanto dos que passaram pela escola. Por exemplo, a nossa professora de Matemática, ela é avó de duas crianças que estudam aqui. O casal dela (um menino e uma menina) estudaram aqui, casaram e tiveram filhos que estão aqui. A menina dela está grávida, acho que do segundo ou terceiro filho, ela é Pediatra, a filha dela estudou aqui. Hoje, eu fico emocionado, fico orgulhoso.

Francamente, o cara estudou aqui e voltou com os filhos, quer dizer que gostou! Ele recebeu bons costumes, boas lições.

A verdade é a seguinte: não sou eu quem estou falando, são os professores das universidades que dizem que o pessoal que estuda aqui são os melhores alunos quando chegam no colégio para o Ensino Médio. Os alunos mais comportados são os alunos da escola SEI, acredito que eles recebem uma educação diferente, é muito bom não só para eles, mas para a própria escola, é muito bom!

Eu nunca dei aula, mas trabalhei uns 40 anos da minha vida nessa escola, pois eu reviso tudo quanto é prova, não só as provas, mas aqueles trabalhinhos e desenhos. Ainda, hoje, eu devolvi um que tinha um erro da professora. Um erro desses que não pode ter, não voltou corrigido até agora (risos). Reviso esses trabalhinhos que eles levam para fazer em casa, todos passam por mim, às vezes, eu erro, às vezes, passa e, “aí eu tomo uma chicotada” (risos).

Eu olho o texto, ontem foi segunda-feira e foi digitado um boletim interno. Toda segunda-feira, a Ezir edita um boletim dizendo sobre o que aconteceu, inclusive sobre as festas, o que precisamos fazer mais, ou algumas discussões internas. Ela coloca sempre um texto do Max Lucado, um grande pregador evangélico. Eu começo a ler e vejo que tem um texto lá que, às vezes, não tem nada com o assunto. Olho, leio, releio e vejo se está certo. Às vezes, acontece de ter erro, pois, errar é humano.

Educar é muito difícil, parece fácil, mas não é fácil. Têm aqueles que gostam da escola e, seja em que ponto for, eles estão com a gente, e tem uns que “picham”. Tem uns que colocam o filho aqui, mas não gostam do sistema da escola e tiram. Tivemos uma família com três crianças matriculadas, duas aqui e por algum motivo, talvez, o fato de serem católicos, matriculou na escola das irmãs, mas foi lá por dois meses e resolveu trazer a criança de volta. Ainda, ontem, nos encontramos com ela e ela me falou: Ai que saudade que eu tenho da escola. Saudades que as minhas filhas têm da escola. Ela falou isso, pois conversávamos sobre o chá das mães. Ela disse que

gostaria de ter participado. Então, eu falei: não precisa convite você já está convidada, a hora que quiser fica à vontade.

Agora, a história da religião, na nossa escola, aceitamos perfeitamente todas as religiões. Temos espíritas, agnósticos, católicos, umbandistas, mulçumanos e aceitamos bem. As crianças participam de tudo, cantam e fazem tudo sem problemas é impressionante. E os que estão seguem mesmo. Eles aceitam, pois, a Ezir não fala de boca para fora, quando ela fala no Chá das Mães, as mães ouvem, percebem, sentem que a fala dela é de todo o coração.

Fomos crescendo, a história da Escola SEI, como eu disse, aumentou e no lugar que estávamos já estava pequeno, precisávamos ir para um lugar maior. Compramos esse terreno e expandimos para cá e fomos construindo. No começo, tinha muitos alunos ligados à igreja Batista, mas como não fazemos diferença de pessoas, a escola foi ficando conhecida, as pessoas desse círculo vão falando umas para as outras e escolhemos não fazer propaganda, pois quem vai fazer a propaganda serão os próprios pais, as famílias, os pais que vão falar, para o bem ou para o mal.

Desde o começo decidimos não fazer propaganda. Nunca fizemos propaganda. No começo fizemos aqueles 'bilhetes', avisando que ia abrir uma escola, na rua tal ..., mas nunca fizemos outro tipo de propaganda. Colocamos faixa na frente da escola sobre a abertura das matrículas para avisar que tinha uma escola. Quem construiu essa escola foram os pais, eles contribuíram para a sua construção.

Todo o dinheiro que entrou sempre foi muito bem administrado pelo Mauro. Muito bem administrado e empregado no lugar certo. Não devemos nada a banco nenhum. Tem um ou outro empréstimo, mas a escola é completamente autossustentável. Nossos impostos estão todos em dia. Não temos nenhum empregado que não esteja registrado, é um direito que o empregado tem. Você dorme com a cabeça tranquila, sem problema, pois está dentro da lei. Afinal, a escola tem que ser, e dar o exemplo, essa é a nossa filosofia, o que é seu é seu, o que é meu é meu.

Para a posteridade eu gostaria que ... às vezes, fico pensando, quando nós morrermos e está próximo, pois eu tenho 90 anos e ela 87 (atualmente ele está com 95 e ela 92), estamos próximos. Eu gostaria que a escola continuasse, mas nós não temos alguém que substitua a Ezir. Não temos, essa é a verdade. Tem boas pessoas aqui, mas, não sei se fariam o que a Ezir fez. Eu digo a Ezir porque ela é a cabeça. Ela é tudo! Ela é a ideia! Ela é o cérebro da coisa! Ela que tem ideias boas. Ela que inventa. Falei para ela outro dia: Chega! Não invente mais! Você arruma alguma coisa para se cansar. Ela está cansada. A Ezir está cansada.

Na nossa família tem a Fernanda, mas a gente que é da família, vê que falta alguma coisa. Ela é ótima. A Fernanda é ótima, é responsável, é daquelas que faz uma coisa uma, duas, dez vezes se precisar, e eu sempre dou uma repassada e raramente encontro erros nela, raramente. Ela é muito competente. Substituir a Ezir é missão difícil.

Sobre a Ezir, eu sou suspeito para falar, sempre digo isso, mas é difícil. Uma pessoa como ela é difícil. Ela é uma pessoa talhada por Deus (para o ofício), sem dúvida! Se ela estivesse aqui e ouvisse eu falando isso, brigaria comigo (risos). O que sempre peço é que a escola continue e Deus nos dê uma luz, indique alguém que seja preparado para isso, mas não sei, o futuro a Deus pertence.

Não sei se estamos pensando em um monte de coisas. Tem a minha filha, por exemplo, que está na Inglaterra, ela não virá para cá tão cedo, comprou casa por lá, tem uma filha de 21 anos, minha neta está fazendo Biologia da Ciência na Inglaterra. Vamos ver, pois queremos que alguém da própria família assuma a escola, pois estamos sempre crescendo, todo ano nasce criança (risos).

Agora, por exemplo, esse prédio que nós construímos, na nossa idade construir mais um prédio! A gente vai completar esse ginásio também, falta ainda alguma coisa, algum empreendimento que tem para fazer e não podemos parar. Não podemos parar, pois na escola sempre tem alguma coisa para fazer. Construir esse prédio foi

praticamente, fazer uma nova escola, nem sei quanto gastamos, mas o Mauro tem anotado, administra e controla tudo.

Eu me sinto privilegiado, pois aos 90 anos, eu tenho vontade de ir à escola todos os dias, vontade de trabalhar. O trabalho é uma maravilha! Não que eu faça grandes trabalhos, mas eu faço. Meu trabalho é importante porque eu reviso as provas com atenção, mas é um trabalho mais fácil. Veja um trabalho não fácil é sempre um trabalho, mas hoje o meu trabalho é mais suave, não tem grande esforço físico, só tem esforço mental, me faz sentir útil. Não faço tanto quanto eles: Mauro, Fábio, Marcos, a Bete, a Fernanda, o dia todo lá e cá, mas, eu me sinto útil, apesar dos meus 90 anos.

Não penso em me aposentar, mesmo porque eu já estou aposentado (risos). Penso em viajar um pouco, o Fábio está me “botando na cabeça” para eu viajar, falou que vai comprar as passagens, mas, eu sei dos meus limites. Eu já não consigo andar direito. Eu sou um verdadeiro “Condor” com dor, dói aqui, dói lá, dói acolá (risos). Então, eu não me sinto assim com essa disposição toda. Gostaria de ir e já fui à Espanha, à Inglaterra ver minha filha, à Portugal. Eu tenho parentes na Espanha, parentes dos meus ancestrais, os conheci, pois já fui duas vezes à Espanha, mas gostaria de ir mais uma vez. Não faço isso porque eu sei dos meus limites. Eu não aguento. Eu sei que não aguento, estou cansado. Sentado, eu estou muito bem, mas se eu tiver que andar...

Quando viajamos, sempre vai algum filho junto, não me deixam dirigir mais, faz tempo que não me deixam dirigir. É sempre o Mauro, agora há pouco nós estivemos em São Paulo, a Ezir foi fazer um exame e fomos de carro. Às vezes, vamos à Santos. Nós temos um apartamento em Santos, no 24 andar, muito bonito! De lá você vê aquele caminho todo e a praia. As praias todinhas! É muito bonito, nós passamos o dia 31 de dezembro lá. Os fogos são a coisa mais linda! Nunca vi coisa igual, aqueles fogos na praia, lá de cima, que coisa maravilhosa! Nesse ano, foi à família toda. Foram todos, uma tropa, foi muito bacana, estavam todos lá.

Bem, nós conversamos sobre quase tudo, tem coisa que eu já não lembrava mais, outras eu lembrei sem nem saber mais que sabia (risos). Concluindo, eu gostaria realmente que a escola continuasse como nos dias atuais, sempre em frente. O desejo é que a escola continue dando frutos e vamos torcer para isso. Mas quem sou eu! Quem sou eu!

CAPÍTULO 07

TRAJETÓRIAS e MEMÓRIAS: os olhares docentes

I. EU APRENDI A SER PROFESSORA!¹

Telma Koller

Infância e os primeiros tempos

Sou filha de Luís e Irene e me chamo, originalmente, Telma d'Alves e, após o casamento, passei a assinar Telma Koller. Nasci em Campo Grande, na época, Mato Grosso. Somos três filhos: a Naila, o Douglas Luís e eu. Tivemos uma infância feliz, embora muito pobre. Às vezes, meus pais deixavam de comer para alimentar melhor os filhos. Eles sempre se preocupavam com os nossos estudos, embora meu pai fosse semianalfabeto, pois no seu tempo e lugar havia poucas escolas. Em casa, a ordem era estudar, sendo essa a garantia da herança deixada por eles.

Quando nasci, meus pais tinham um comércio em Campo Grande, que venderam e compraram um sítio, perto de onde hoje é Montese e, em 28 de setembro de 1948, lá chegamos, eu com quatro meses de idade. Eles venderam o sítio e nos estabelecemos na vila, hoje, Itaporã, da então Colônia Agrícola de Dourados. Dessa primeira etapa da minha infância, carrego no rosto uma cicatriz oriunda de uma ferida provocada por mosquitos. Como não havia dinheiro para comprar remédio, minha mãe usava produtos

¹ Texto construído a partir de fragmentos da entrevista da professora, que trabalha na Escola SEI, desde a sua fundação. A entrevista foi concedida em 11 de maio de 2021, à profa. Magda Sarat. Agradeço a minha aluna Suzana Maria Santos Pires, a primeira versão da transcrição. E agradeço a professora Telma a reestruturação, organização e correção do texto para aprovação.

caseiros, produzidos por ela, para a “ferida brava” não aumentar e/ou aprofundar.

Nesta história, há um fato inusitado: meu pai, antes de se casar, era garimpeiro e da última pedra que ele pegou, fez um anel de brilhante para a sua, então, noiva, como presente de casamento. Anos depois, de posse dessa joia, ele se dirigiu à uma farmácia, em Dourados, para trocá-la por algum remédio que acabasse com a ferida na minha bochecha. O farmacêutico, lógico, não o atendeu, pois como esse maltrapilho, embora bem-falante, poderia possuir um anel como aquele? Estava presente, durante o episódio e, ouvindo a conversa, o Dr. Nelson de Araújo, na época, prefeito de Dourados. Meu pai, ao se dirigir para a saída da farmácia, foi abordado por ele, que perguntou seu nome e ouviu sua história. Pediu ao farmacêutico que fornecesse o remédio necessário e ainda deu ao meu pai o emprego de administrador da Colônia. Foi dessa forma que viemos morar na vila. Meu pai ajudou a traçar a cidade de Itaporã. Ah! O anel? É meu!

Quando fui para a escola, já ia completar oito anos, pois nasceu o meu irmão caçula e tinha que cuidar dele, para minha mãe sair para trabalhar fora, inicialmente como professora (foi a primeira de Itaporã), e depois como agente do DCT – Departamento dos Correios e Telégrafos, onde ficou até se aposentar. No entanto, já estava praticamente alfabetizada; uma preocupação constante em casa era que tínhamos que aprender a ler, mesmo não indo ainda para a escola, então eles liam sempre para a gente, mostrando, inclusive, como as palavras estavam “desenhadas” e o sentido delas. Naquela época, hoje chamados mercados, açougue... eram denominados “bolichos” e as mercadorias eram enrolados em folhas de jornal velho. Quando chegava em casa, minha mãe alisava-as com ferro de passar roupa e ele lia as notícias ali contidas para nós e explicava o sentido das mesmas. Meus pais foram sábios.

Nós crescemos aprendendo a ter opinião própria e a respeitar a opinião dos outros, mesmo não concordando e exigindo reciprocidade. Os dois sempre satisfaziam as nossas curiosidades,

ou pelo menos tentavam. E assim crescemos, ouvindo histórias, diariamente. Mesmo cansados, à noite, ninguém dormia sem ouvir uma história, fosse da Bíblia ou fosse outra – o Bicho Folharal era a nossa predileta. Assim fui aprendendo a gostar de ler, a gostar de histórias, mas nunca me imaginei como professora.

Tenho uma professora que ainda é viva, chamada Ercília. Eu estava no terceiro ano e tinha aquelas redações “O que vou ser quando crescer?”. Lembro-me de ter escrito que podia ser qualquer coisa na vida, menos professora (risos). A professora, ao comentar a redação, falou - “Telma, por que você não quer ser professora?”. “Ah! Sabe por que, dona Ercília (era assim que nominávamos os nossos mestres)? É que se eu tiver um aluno do meu tipo, não vou ter a sua paciência, porque eu não tenho a sua paciência”.

Acontece que como meus pais sempre liam para nós, tínhamos um ambiente diante dos colegas, que eram, em geral, do sítio e trabalhavam na lavoura. Imagina Itaporã, no final dos anos 1950, não tinha nada! Nós tínhamos um nível cultural um pouco mais avançado por conta das leituras existentes em casa, o que fez uma grande diferença e, além disso, acompanhavam as tarefas, trabalhavam com a gente. Nossos colegas não tinham as mesmas oportunidades. Naquele tempo, tinha a nota de comportamento. Quando a minha nota chegava a sessenta, era festa em casa (risos), pois eu não ficava quieta e estava sempre perguntando, “Mas, por quê?”. Em casa, tudo o que se fazia ou deixasse de fazer, tinha que haver uma explicação. Dizia minha mãe, “o uso de casa vai à praça”, logo...

Eu vivia jogando bolita, queimada, pulando corda e amarelinha, brincando na rua, feliz da vida, livre, leve e solta com um pai e uma mãe que nos davam liberdade e incentivos. Lógico que tínhamos limites! E esses eram com segurança: você pode fazer assim e assim; isso ou aquilo não pode. Se ultrapassássemos o limite, não tinha surra, sermão..., mas tiravam o que você mais gostava por uma semana. Lembro-me que quando éramos mocinhas, era preciso “segurar vela” para minha irmã. Eu não queria saber de namorado, queria estudar, mas aqui em Dourados só tinha o Magistério, que eu

já tinha feito. A gente ia ao cinema e meu pai dizia - “22 horas em casa”. Meus pais não dormiam enquanto tivesse algum filho fora, principalmente, as moças. Quando chegávamos, ele acendia a luz e olhava o relógio, se fosse 22 horas e 5 minutos, no outro final de semana não tinha passeio, ninguém saía, as regras eram claras. Observação: não sou frustrada, infeliz ou rancorosa.

Virei professora sem querer... por decreto!

Tornei-me professora, em março de 1965, por ordem de um político, pois na época não existia concurso. Como eu era a moça mais estudada naquele momento da cidade, pois havia terminado o Ginásio e estava faltando uma professora no Grupo Escolar Antônio João Ribeiro. O prefeito, Sr. Durval Gomes, resolveu que eu seria professora. Ele era inimigo político do meu pai e queria voltar a amizade. Então, decidi dar um emprego para a filha do Luís Alves (meu pai), para agradá-lo. Fez uma reunião na Câmara e ninguém sabia de nada. Fiquei sabendo no outro dia, pois quando passava na rua, as pessoas falavam: “oi professorinha!”. Assustada, respondia - “não sou professora, gente! Estou começando agora a fazer o Magistério, nem sei se vou querer ser professora na minha vida” (risos).

Mas teve a reunião na noite anterior, foi discutido e teve votos prós e contras, principalmente contra; eles diziam - “ela é uma moleca, vive brincando, vive jogando bola”, pois todo mundo se conhecia; “ela não tem perfil para ser professora”. Soube-se, depois que o Sr. Durval disse na reunião: “ela vai ser professora, queiram vocês ou não! Nem que eu tenha que pagar do meu salário, ela é filha do Luís Alves e vai ser a professora!”. E assim, virei professora no dia 30 de março de 1965 (risos), com dezesseis anos de idade, nomeada pelo governador Pedro Pedrossian (MT).

Fiz até o quarto ano, no Grupo Escolar Antônio João Ribeiro, em Itaporã e, a partir de 1961 até 1967, fazia diariamente o trajeto Itaporã-Dourados, de ônibus para estudar, uma vez que na minha cidade só tinha até o quinto ano, que era o curso de Admissão para

cursar o Ginásio. No final do quarto ano, fiz o exame de Admissão e passei, “pulando”, então o quinto ano. Fazendo um comparativo com a situação educacional atual, o quinto ano equivalia ao cursinho (de hoje), preparatório por um ano para o exame, que era a porta de entrada para o Ginásio, assim como o vestibular é hoje para o curso superior.

Sou da primeira turma do Ginásio Imaculada da Conceição, GIC, depois EIC – Escola Imaculada da Conceição, hoje denominada Escola Franciscana Imaculada Conceição. Ali, também, cursei o Normal, sendo da primeira turma. Boas lembranças! Nossos paraninfos - Ginásio: Dep. Weimar Gonçalves Torres e Normal: Prefeito Totó Câmara. Lembro-me que antes de ser instalado o Ginásio, existiu no Patronato Santo Antônio, ao lado da Matriz, onde é o “Colégio da Irmãs”, assim denominado carinhosamente, começou sua trajetória, havia o curso Normal Regional, que equivalia ao Ginásio e quem cursava, estava habilitado a ministrar aulas, onde não havia outros professores.

Terminei o Ginásio e fui fazer o Normal (Magistério) porque meu pai sempre dizia: “minhas filhas têm que ter profissão!”. Comecei o curso, mesmo não querendo ser professora, mas um mês depois, “virei” professora por causa do prefeito (risos). Caí de paraquedas numa sala de aula com trinta e cinco alunos, escolhidos a dedo pelas professoras dos outros três terceiros anos, superlotados, para formar uma turma para mim, todos mais velhos que eu e terríveis no comportamento. Eles não me obedeciam, lógico, uma menina, uma pirralha... Eu não tinha noção do que iria fazer na sala de aula. Estava começando o Magistério, não era um objetivo ter essa profissão. E que profissão! Coitadas das freiras, minhas professoras. Todo dia havia perguntas e elas me orientavam como fazer, como trabalhar, como lidar com os alunos e tudo mais. O pior é que eles se achavam por serem mais velhos, principalmente os meninos, que eram maioria. Com o passar do tempo, fomos nos conhecendo e nos adaptando.

Comecei a usar algumas táticas, que para eles eram novidades, música e contar/ler histórias. Quando ficavam barulhentos e não me atendiam, eu parava o que estava fazendo e começava a cantar, principalmente músicas sertanejas que estavam no auge. Aproveitava e passava a letra no quadro e eles tinham que copiá-la para aprender a canção. Minha mãe gostava de cantar e com ela aprendi todos os hinos pátrios, e eu os intercalava com outras músicas, às vezes, pedidas por eles. Comecei, também, a ler histórias, por capítulos, no final da aula, quando eles terminavam as tarefas pedidas e, de forma malandra, marcava quando começava algum suspense e encerrava para aquele dia. Lógico que alguns conteúdos foram deixados para trás, mas valeu a pena. No final do ano, eu tinha uma turma (no geral), que aprendeu a gostar de ler, que cantava, obedeciam-me e era limpa, pois toda semana, orientada pela minha mãe, trabalhávamos assuntos relativos à higiene corporal, limpeza das roupas, importância da higiene na vida da mulher e a importância de se tomar vacinas, que estavam recém sendo obrigatórias.

Sempre tive dificuldade para ensinar Matemática. Fui excelente aluna de Matemática, mas não sei ensinar. Português ia muito bem, mas a Matemática... meus alunos sofriam (risos). Mas tinha uma colega, a Maria Delfina, na mesma turma, que era excelente professora de Matemática, ela amava ensinar essa disciplina e não se dava bem com Português. Então, pedimos à diretora autorização para revezarmos as nossas turmas. Diariamente, ela dava aula de Matemática na minha sala e eu dava aula de Português na sala dela. No final do ano, os alunos haviam aprendido muitos mais, pois estávamos fazendo o que gostávamos e sabíamos fazer.

Descobri-me professora: memórias da formação

Fiz todo meu Magistério trabalhando e terminei em 1967, estudava pela manhã e dava aula à tarde. Meu pai sempre dizia que se assumirmos um compromisso, tínhamos que cumpri-lo. “Se você

assumir um compromisso, faça e faça bem feito! Se você concluir que não vai dar conta, saia antes. Não se engane e não engane outros, você não tem esse direito”. Essa era a orientação que recebíamos em casa.

Descobri que gostava de ser professora, fazendo o Magistério e trabalhando como na docência. Nunca deixei de lecionar, de 1965 a 2019. No segundo semestre de 1968, fui indicada para substituir uma colega gestante, a Luzia, no Ginásio Estadual Rodrigues Alves, em Itaporã, como prof.^a de Português, da 5^a a 8^a série. Como sempre gostei de desafios, lá fui eu. Coincidência, ali também, a grande maioria dos alunos era mais velha que eu. Havia colegas que, pela manhã, eram minhas companheiras de função, no Grupo Escolar e, à tarde, eram minhas alunas no Ginásio e, como profissionais que éramos, o respeito mútuo imperava.

A diretora gostou do trabalho realizado e pediu que fizesse o CADES, um curso de suficiência, em Campo Grande, promovido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, onde recebi o certificado do Exame de Suficiência, em janeiro de 1969, sendo habilitada, então, para ministrar aulas de Português no 1^o ciclo (Ginásio). Durante o ano de 1969, consegui convencer minha mãe a me deixar ir morar em Campo Grande para fazer faculdade, pois aqui em Dourados não tinha, ainda. Meu objetivo era estudar, não era o casamento e o pai sempre me apoiou. Ele dizia para a mãe - “deixa a menina voar. Aqui não tem como, então ela vai para onde quer ir. Confie na mulher que você criou!” Assim, no dia 1^o de janeiro de 1970, fui para a Cidade Morena, estudar. Fiz um cursinho no Dom Bosco. Já existia a UFMT, hoje UFMS, mas só tinha Medicina e Odontologia, porém o meu foco sempre foi Letras, pois queria me firmar como professora de Português.

Em Campo Grande, fui morar em um pensionato e, como professora efetiva do Estado, transferi-me para lá e comecei a lecionar na Escola Estadual Nicolau Fragelli, uma terceira série; no outro período, dava aula de Português na Escola S:S:C:H: 26 de Agosto. Trabalhava o dia todo e, à noite, cursava Letras. Corrido e extenuante, mas valeu a pena.

Na faculdade, conheci um “magrelo” bem alto, loiro, que usava um anel na mão esquerda, parecendo ser uma aliança. Que pena! Por intermédio de uma colega, descobri que era um anel-símbolo da juventude Luterana, e não uma aliança... Ele fazia Pedagogia e eu, Letras, no mesmo corredor. Em setembro daquele ano, começamos o namoro e, em janeiro de 1973, nos casamos. Em 1977, o Erno, meu esposo, foi designado para assumir, em Dourados, o CCOP – Campo de Capacitação e Orientação Profissional, uma escola conveniada com o Estado. Na E.E. Min. João Paulo dos Reis Veloso tinha os cursos técnicos em Economia Doméstica, Edificações e Agrícola, onde os alunos tinham as aulas do núcleo comum e as profissionalizantes, na escola CCOP, cuja mantenedora era a CELC - Congregação Evangélica Luterana Cristo. A direção da escola era particular, mas os professores eram cedidos pelo Estado, do qual nós dois fazíamos parte.

Lembro ainda que no ano de 1982, foi reativada uma escola luterana, em São Paulo, O Instituto Concórdia de São Paulo, que por conta da legislação, a direção deveria ser de um pedagogo e, não mais de pastores, então meu marido foi chamado para reabrir a escola. Eu estava grávida de 7 meses, a princípio, não queria ir porque nunca gostei de São Paulo, não é meu chão. Criada no mato e ir para uma loucura daquela! Só que depois, eu me acostumei. Depois que meu bebê nasceu, eu fui. Nós ficamos em São Paulo, ele na direção e eu na secretaria, até 1984, durante os dois anos da licença TIP. O trabalho que Erno precisava fazer em quatro anos, ele fez em dois, então, voltei para minha terra no final de 1984. No Estado, eu me aposentei em maio de 1992, tinha 44 anos, foram 25 anos de sala de aula. Um fato curioso: Ato assinado pelo governador Pedro Pedrossian (MS).

Fiz o primário no Grupo Escolar Antônio João Ribeiro, em Itaporã, Ginásio e Magistério (Normal) no Colégio Imaculada da Conceição - CIC, em Dourados e a faculdade na FUCMT – Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso, atual UCDB – Universidade Católica Dom Bosco, em Campo Grande. Em Belo

Horizonte, Minas Gerais, na PUC-MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, fiz o curso de Especialização em Língua Portuguesa - Redação, concluído em fevereiro de 1991.

A Escola SEI na minha trajetória de vida pessoal e profissional

Antes de irmos para São Paulo, em 1977, a Ezir veio para Dourados. Lembro-me que no segundo semestre daquele ano, dirigi-me à Delegacia de Ensino em busca de algum professor que o Estado pudesse ceder ao CCOP, que estava precisando e havia o convênio. No ginásio, havia a disciplina Economia Doméstica, da quinta série, hoje sexto ano em diante. A ementa era sobre cozinhar, fazer papinha para bebê, sobre higiene no lar, entre outros assuntos. Solicitei alguém para suprir essa vaga e me apresentaram a pessoa que estava ao meu lado, junto ao balcão: a Ezir. Ela me olhou e perguntou o que era para fazer. Expliquei-lhe o conteúdo a ser ensinado. Ela disse que nunca tinha visto isso na vida dela, como professora, evidente, né? (risos), mas aceitou o desafio. Assim nos conhecemos e criamos um laço de confiança mútua.

Quando voltamos de São Paulo, em 1985, não havia vaga para mim, na escola CCOP e fui lotada à Delegacia de Ensino, que passou a se chamar Agência de Educação (um nome bem mais adequado), onde fiquei até me aposentar. Nesse meio tempo, em 1981, começaram as aulas no SEI - Serviço de Educação Integral, cujos donos era a família Gutierre, tendo como diretora, a Ezir, na Rua Bahia, atual Rua Hayel Bon Faker. Os meus filhos mais velhos, Daniela e Fabrício, fazem parte dos primeiros alunos da Escola e eu já tinha uma ligação forte com ela. Como trabalhava na Agência, fazíamos e dávamos cursos para os professores da rede estadual. A Ezir me permitiu fazer a mesma coisa com os professores da própria escola. Assim, em alguns sábados já programados para isso, dividia os meus conhecimentos com a turma.

Aliás, esta é uma das características da escola SEI, investir no seu quadro de profissionais. Somos a primeira escola, de Dourados,

que ousou enviar coordenadores e/ou professores, nas férias ou recessos escolares, aos grandes centros para se atualizarem com relação às tendências educacionais e, posteriormente, dividirem os cursos com os colegas da escola, participando, desde o seu início, da chamada (hoje) Formação Continuada dos Professores. Daí, a origem de um dos nossos slogans - “Uma escola que faz escola”. Nossa escola começou com o Pré-escolar e foi acrescentando, a cada ano, uma série, chegando até a quarta. Várias vezes pedi à Ezir para abrir o chamado Ginásio, na época, pensando nos meus filhos, lógico (risos). Aí, ela fez uma chantagem comigo: só abriria caso eu assumisse a coordenação dele. Assim, em 1988, passei a fazer parte do quadro de professores da escola SEI.

Assumi como coordenadora do Ginásio e, com o tempo, também o primário, a partir da 2ª série. Durante muitos anos, fui coordenadora do Ginásio e professora de Português da 8ª série. Uma regra da escola é que o coordenador tem que ter a sua sala de aula. Em 1992, me aposentei no Estado, aos quarenta e dois anos de idade. Fiquei livre, fiquei em casa um mês, quase sem compromisso... fiquei louca. Em casa por um mês? (risos). “Socorro, Ezir! Arruma algo mais para eu fazer aí na escola”. Ganhei a secretaria! Eu coordenava, dava aula e, agora, secretária da escola. À noite dava aula na faculdade, SDCIGRAN, no curso de Letras.

Quando você é novinha, consegue conciliar tudo. Mas chegou uma hora que tive que fazer escolhas. Ou continuava com as aulas na Faculdade ou deixava de atuar em alguma coisa na escola. Larguei a Faculdade e passei a trabalhar somente no SEI. Foi a melhor coisa que fiz, nunca me arrependi! Eu era professora, coordenadora e secretária. Depois de um tempo, pedi à Ezir para diminuir a minha carga (os anos estavam começando a fazer efeito). Continuei, então, sem a coordenação do primário. Depois, a coordenação do Ginásio e, na sequência, a sala de aula, em 2019, após cinquenta e quatro anos e eu com setenta “aninhos”. Hoje permaneço só na secretaria, porém, se for preciso, lá vou eu matar a saudade da sala de aula, é só chamar.

Sempre me preocupei com a formação e preservação dos valores. Evidente que a escola não caminha sozinha nessa missão, a família é fundamental. Se você conversa sobre a importância do respeito, da honestidade, da responsabilidade na nossa vida e, em casa, os pais dizem que isso é “balela”, que o “mundo é dos espertos”, a escola está, como se diz, “enxugando gelo”. É muito triste. Muitos dos nossos jovens estão perdidos, sem saber que atitude tomar e, espertos como são, jogam conforme os seus interesses e, se não conseguem o que querem, são “vítimas” da sociedade. Que tipo de família essa turma vai formar? Volta e meia me flagro comparando a época que comecei a dar aula, em 1965, com a que parei, em 2019. A diferença é imensa, tanto no perfil dos alunos, dos pais (família), como na dos profissionais da Educação. A visão de mundo é outra. Dá-se a impressão, às vezes, que não existe uma razão de ser. As pessoas, quando não têm argumentos convincentes, partem para a agressão, tanto verbal, quanto física.

Quando comecei, apesar de ser muito nova, pois era permitido o menor de idade trabalhar, os alunos me chamavam de “dona” fulana; na sequência, prof.^a fulana, e hoje virou uma mistura de tia e/ou professora. Mas ainda prefiro “tia” a “profe”, essa palavra não existe na Língua Portuguesa. Professor já é uma profissão desvalorizada e você permite ser nomeado por uma palavra “inventada”? Tenha santa paciência! Depois reclama que não é respeitado...

Passei, ao longo da minha carreira, por três reformas ortográficas. Para mim, a última foi a mais difícil, pois estava tudo muito encravado. Ela foi a unificação da Língua Portuguesa entre os países falantes, da mesma, no mundo, se não me engano, oito. A Língua Portuguesa eleita para ser a base, foi a do Brasil, embora os portugueses não aceitem, porque eles se consideram os detentores da língua-mãe, o que é verdade. Mas, o português do Brasil, pela sua mistura com outros povos, é melodioso, mais harmonioso e afetivo. Na nossa escola, SEI, sempre primamos pela ortografia e a nossa

postura sempre foi a correção, em todas as disciplinas, até na Matemática (risos).

Na minha trajetória, sempre gostei de aluno bagunceiro, porque se ele faz bagunça, é porque sobra tempo, então a falha é minha, que não planejei a aula direito, com atividades suficientes. Gosto de aluno questionador, pois preciso saber o que ele não sabe e pensa; de aluno que não fica quieto, não sem educação, pois há uma diferença muito grande. Há algum tempo, num dos encontros para Formação Continuada, afirmei que 90% da desordem que acontece na sala de aula é de responsabilidade do professor, que não se organizou direito. Ora, se o aluno não tem o que fazer, ele vai procurar, então a culpa é dele? Compete ao professor dirigir o processo. Tenha, sempre, atividades extras para essas ocasiões. Quase apanhei (risos).

Vejo a formação do profissional em Educação, com algumas exceções, muito rasa. Temos professores, com formação universitária, que não sabem falar, que dirá escrever. Está mais para a política, não no sentido do modo de agir de uma pessoa ou entidade, mas partidária, simplesmente. Temos a obrigação de ensinar questões sociais, ambientais, sim, mas não é só isso. Há a fundamentação teórica e prática de cada área de atuação, que estão ficando a desejar, é superficial. Uma pena!

Existem os extremismos, mas antes havia mais seriedade e compromisso, hoje você tem que estar preocupado com alguns pais, que querem lhe dizer o que e como ensinar, pode isso? E, mais uma vez, o professor não tendo argumentos, pois não teve o conhecimento suficiente, como vai agir? Há uma necessidade, urgente, de mudança de postura dos profissionais em Educação. Vamos focar na formação do profissional, o resto é consequência. Comecei a trabalhar quando começou o governo militar, em 1965, e toda minha formação como professora até a faculdade, foi durante esse período e posso afirmar: nunca tive tanta liberdade, tanto para estudar como para trabalhar. Na minha família, cada um tinha os seus afazeres e nunca tivemos medo de policiais batendo em nossa

porta, pois éramos ordeiros. Houve intolerâncias, mas também teve o lado bom. Podia dormir tranquilo, até com a casa aberta (para espantar o calor), tinha liberdade para fazer as coisas. Havia respeito.

Para mim, foi muito triste ter que sair da sala de aula, gosto de dar aula (sinto falta até hoje), mas preciso reconhecer e assumir que a questão física pesa, não é a mesma. Então, tenho que ser honesta e saber que não estava mais dando conta, como sempre me cobrei. E os jovens? Estão aí para isso – para ir nos substituindo. Já fiz a minha parte, a minha contribuição para a formação deles. A contribuição que poderia dar em termos de sala de aula, creio que tenha dado. Tenho ex-alunos que foram médicos meus e de outras profissões, tenho prazer em conversar com eles. Interessante que, às vezes, quando os ex-alunos encontram o pessoal da escola, as primeiras pessoas que eles se lembram e perguntam são a Ezir e eu. A Ezir pela gargalhada marcante e o acolhimento e eu, porque sou muito chata e exigente (risos).

Ser professora não era o que eu queria ser, mas Deus me colocou no lugar certo. Acho que não gostaria tanto do que faço se não fosse professora. Na realidade, sabe o que gostaria de ser? Aerofoça. Tem alguma coisa a ver com a educação? Nada. Mas, eu ouvia e via aqueles aviões passando e dizia para o meu pai - “Um dia vou conhecer o mundo” - queria ser aerofoça internacional. Mas, como? Morava em Itaporã e era pobre. Nem escolas normais tinha lá, que dirá de línguas, isso nas décadas de 1960/70. Mas, conheci o mundo. Como? Através dos livros. Sou viciada em leitura. Interessante que quando era criança, gostava de ensinar meus colegas, sempre gostei, tinha facilidade. Mas não queria ser professora (risos). Na escola SEI, todo ano assumia turma nova para fechar o ciclo, e ouvia dizer que as crianças não queriam ser meus alunos, pois era muito chata. Cobrava demais. Muito carrancuda, não ria. Mas não tinham opção, e um mês depois, dávamos risadas, contávamos piadas, brincávamos, concordávamos, discordávamos, tinha discussão, contra-argumentação. E, então, ninguém mais queria outra

professora, pois comigo eles tinham liberdade, evidente com limites e respeito. A convivência nos faz conhecer as pessoas.

Agora, uma coisa posso dizer com segurança: aprendi muito em sala de aula. Nunca deixei meus alunos sem respostas. Eles me ensinaram a estudar para não os deixar sem respostas. Se o professor questionar seu aluno, o inverso é estimulado, havendo, então, um crescimento mútuo. Você acha que um professor, com exceções, que hoje tem o livro do professor, com respostas prontas, vai se preocupar em preparar uma aula? Infelizmente, não. Parecem robôs. Os alunos estão desaprendendo a produzir texto porque vivem pendurados no *Google* e em sala, nem sempre são cobrados. Dá trabalho. A tecnologia é um avanço, por um lado, porém um atraso, por outro, quando não bem utilizada.

O que fica para mim dessa trajetória? É o aprendizado em todos os aspectos. Aprendi a me relacionar com pessoas diferentes, respeitando-as, o que não quer dizer aceitar tudo o que fazem ou venham a fazer e a reciprocidade deve ser verdadeira. O professor está desvalorizado? Com relação ao salário, o problema é governamental, mas o respeito, depende única e exclusivamente do profissional. Mostre a que veio, faça a diferença no ambiente que está, conquiste a confiança de todos com seu resultado. Faça a sua parte e vai ver a diferença. Não há necessidade de gritar “sou professor” para ser notado. Apenas seja!

Termino dizendo que nós, professores, precisamos reconquistar o nosso espaço na sociedade. Se o professor tiver consciência do poder que tem em mãos, ou seja, da sua importância e responsabilidade na formação dos alunos que lhes são entregues, diariamente, as coisas seriam diferentes. O dia que se perceber como aquele que ensina, que ama o que faz, podemos sonhar com mudanças e aí... ninguém segura. Tenho esperança! Como professora, agradeço a oportunidade de participar do trabalho realizado por vocês duas, profa. Magda e aluna Suzana.

Muito Obrigada!

II. MEU SONHO ERA SER PROFESSORA

Neusa Néspolo²

Infância e formação

Eu me chamo Neusa Néspolo, nasci em Dracena, estado de São Paulo, no dia 16 de março de 1951 e lá fiz meu primeiro grau, nós éramos uma família grande de seis irmãos, quatro mulheres e dois homens. Eu sou a terceira entre a prole e me lembro que tivemos uma infância muito boa, muito gostosa e brincávamos muito. Eu nasci em um sítio e quando tinha uns seis anos nós mudamos para a cidade de Dracena, mas o sitio era próximo à cidade.

Lá, eu fui para a escola e comecei minha vida escolar quando a nossa família resolveu mudar para Dourados mais ou menos em 1970. Eu já era mocinha e fui concluir a 7^a e a 8^a série, então estudei na Escola Osvaldo Cruz, de propriedade de um professor chamado José Pereira Lins, esse professor foi uma pessoa muito importante e um nome expoente na história da Educação de Dourados e Campo Grande, pois ele abriu escolas lá e aqui.

Depois do ginásio, na época, eu resolvi fazer o curso de Magistério. Esse curso foi feito com algumas mudanças, pois eu troquei de escola durante o curso. Iniciei o Magistério na escola Osvaldo Cruz e permaneci o primeiro ano lá (a Escola Osvaldo Cruz era particular, no ano seguinte eu e algumas amigas resolvemos nos transferir para a escola pública Menodora Fialho de Figueiredo e assim fiz o segundo ano no Menodora). Depois, no terceiro ano, retornei para a escola Osvaldo Cruz e finalizei o terceiro e último ano do curso de Magistério nessa instituição. Meu curso de Magistério foi de três anos. De qualquer forma, as mudanças não

² Este texto foi composto com fragmentos de uma entrevista concedida pela sra. Neusa Néspolo à acadêmica de graduação em Pedagogia da UFGD, Suzana Maria Santos Pires, em 23 de janeiro de 2020, para sua pesquisa sobre a Escola SEI, a quem agradeço a transcrição deste material.

atrapalharam e tínhamos uma turma grande que queria fazer o Magistério. Iniciamos com uma turma de 50 alunos, em uma sala mista, na época havia meninas e meninos, mas não sei se todos atuaram como docentes depois de terminarem o curso.

Eu estava terminando o Magistério e o meu sonho sempre foi ser professora. Mas eu não gostava muito de estudar, ou seja, não é que eu não gostava, eu passei por algumas dificuldades na escola, creio que devido a minha primeira experiência na escola, quando eu entrei no 1º ano, pois foi muito traumática.

Na verdade, muitas crianças passam por experiências difíceis na primeira vez que vão à escola, pois é tudo novidade e, naquela época, algumas professoras não sabiam lidar com as situações e a minha professora foi assim. Eu lembro que ela passou uma tarefa e eu escrevi e acentuei errado algumas palavras, ela me castigou me fazendo escrever e reescrever centenas de vezes, na página inteira, a palavra da forma correta, eu comecei a chorar, fiquei sem recreio porque tive que ficar reescrevendo. Eu molhei toda a folha do caderno com minhas lágrimas e aquilo foi muito doloroso, quando cheguei em casa anunciei aos meus pais que eu não ia mais para a escola. Eles me deixaram ficar em casa e então eu parei por um tempo.

Depois, eu voltei, mas meus pais me deixaram ficar um pouco sem ir à escola, foram compreensivos, conversaram comigo e quando minha outra irmã menor começou a ir à escola, eu fui junto, fui me adaptando melhor, mas sempre havia essa dificuldade em perceber os modos como a professora tratava as crianças, então eu pensava que se eu fosse professora eu faria diferente.

As primeiras experiências sempre marcam a vida da criança na escola e eu lembro desta e de outras que me fizeram desejar parar de estudar, de não querer ir para a escola, mas meu pai sempre me incentivava e dizia para eu continuar porque faltava pouco para terminar. Além disso, eu poderia fazer o Magistério e se eu quisesse ser professora era o único caminho. Ainda assim, eu parei alguns anos e depois que mudamos para Dourados, retornei e consegui terminar, mas sempre fiquei com aquele bloqueio na memória, por

causa daquela primeira professora que me fez desejar parar de estudar. Por isso, eu penso que a professora é uma pessoa tão importante na vida da criança, ela é fundamental na primeira experiência, quando eles chegam à escola, ela precisa ser uma pessoa que acolhe, entende, compreende as dificuldades e os limites da criança, pois os pequenos são diferentes uns dos outros, há coisas que um consegue fazer e outro não, por isso, temos que ter um olhar compreensivo para todas elas.

Como falei meu sonho era ser professora e fazer diferente do que fizeram comigo, ser uma professora melhor do que a minha primeira professora, então a única forma era estudar e assim depois de um tempo, voltei a estudar, continuei e fui fazer o Magistério. Depois de três anos de curso, tornei-me professora, mesmo estudando em duas escolas diferentes, realizei meu sonho.

Minha trajetória na docência foi no SEI

A Escola SEI começou a funcionar em 1980, e eu comecei a trabalhar na instituição em 1981, como monitora, ou seja, auxiliar de uma outra professora. Assim comecei a realizar o sonho de ser professora e ter a minha própria sala, no começo como monitora, se eu fizesse tudo de acordo, futuramente eu poderia ter meus alunos e alunas e ser a professora titular da sala.

Na Escola SEI, trabalhei por mais de 30 anos e toda a minha carreira como professora foi nessa instituição, então eu posso dizer que aprendi desde a experiência de ser monitora, quando fui contratada pela primeira vez, até ser professora, ter meu grupo de maternal e tomar as decisões pedagógicas no trabalho cotidiano. Sempre trabalhei com as crianças pequenas de maternal, mini maternal, sempre gostei de trabalhar com os pequenininhos, e sempre com muito amor, tudo que eu fazia eu colocava amor, afeto e dedicação, pois eu recebia crianças tão pequenas que vinham para a escola pela primeira vez.

Era a primeira vez que essas crianças deixavam os pais, a casa e chegavam no espaço diferente da escola, alguns chegavam chorosos, outros ressabiados, outros mais animados, outros tranquilos, outros curiosos, mas todos vivendo a primeira experiência na escola, então minha responsabilidade sempre foi muito grande. Entre as atividades que eu sempre fiz com as crianças, e que eu sempre gostei, foi de levar as crianças para fora da sala, para que pudessem brincar, subir nas árvores e explorar a parte lúdica. Na Escola SEI esse aspecto sempre foi muito estimulado pela direção e coordenação pedagógica da instituição, de as crianças brincarem fora da sala, fazerem leituras fora, explorarem o ambiente externo, o que tem ao redor e quando são pequenininhos eles precisam de espaço.

Quando chegavam, a primeira coisa que eu gostava de fazer era a roda de conversa com as crianças, ouvi-las contarem do dia, da família, deixá-las falar para ouvirem sua voz, isto é muito importante. Dar atenção ao que contam, deixar que se expressem fazia toda a diferença. Elas contavam acontecimentos familiares, mesmo assuntos pessoais que viam entre os pais, pois muitas vezes os pais pensam que as crianças, por serem pequenas não percebem, mas elas estão vendo, ouvindo, observando e absorvendo tudo o que se passa na casa, e na hora da roda elas contavam para os colegas, e se divertiam com os comentários dos amigos, pois havia histórias alegres e tristes que os amigos davam suas opiniões.

Quando saíamos para fora da sala, eu gostava de conversar com eles, mostrava as nuvens para elas, às vezes, deitávamos no gramado para observar e ficávamos vendo com o que parecia o formato das nuvens, e elas falavam: ah! É um coelho, um urso, um cachorro, isso virava uma atividade muito interessante e divertida. Hoje, acho que está tudo um pouco diferente, as crianças estão amadurecendo muito cedo e estão deixando de brincar, não sobem mais nas árvores e nem se sujam mais, nos últimos anos algumas delas nem queriam mais se sujar, e é importante pois se a escola tem uniforme é para isso.

A Escola SEI sempre teve essa proposta de deixar a criança à vontade para participar, por isso o uniforme, a não ser nas festas e comemorações quando fazíamos uma roupa especial, ou elas vinham com algo diferente, e mesmo assim era para participar de todas as atividades que ensaiávamos, lembro de tantas festas, tanto aquelas dentro da escola somente com as crianças, como aquelas que as famílias participavam, além das festas de aniversário que sempre faziam na escola, trazendo um bolinho e comemorando com os colegas.

Eu tenho uma caixa com muitos guardados desses anos todos, são muitas lembranças das crianças e das atividades que desenvolvia na escola, desde o tempo que começamos, ainda no primeiro prédio, na década de oitenta até quando saí da escola, são muitas fotos, cadernos de atividades, bilhetes das crianças, desenhos, bilhetes das famílias, lembrancinhas, convites para aniversários, mesmo quando era na casa das crianças, muitas vezes, eles me convidavam, foram anos de uma amizade muito boa, pois as crianças eram pequenininhas e os pais confiavam na gente e na escola.

Figura 01 – Atividade com o Maternal 1989



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 02 - Atividade com o Maternal s/d



Figura 03 - Atividade na Festa Junina s/d



Figura 04 - Atividade em sala de aula s/d



Fonte: Arquivo pessoal

Nas fotos, estou sempre com as crianças ao redor, eu sempre falava para as minhas colegas, saibam como falar e tratar as crianças, porque muita coisa que você faz a elas, ficam marcadas para sempre, principalmente crianças de 1 e 2 anos. Então eu sempre pedia para que pudéssemos nos cuidar com nossos procedimentos, nosso tom de voz e tínhamos que ter muito amor, pois foi isso que sempre me moveu a vir para a escola todos os dias. Me lembro que os dias em que não podia vir a escola eu quase morria do coração (risos), estar na escola me fazia feliz e quando não podia vir por qualquer motivo, sentia falta, nas férias, feriados longos, eu amava ir para o SEI.

Além disso, sempre estava com as crianças em volta, sempre no colo, eles me viam e já vinham pedindo colo, a mão, querendo sentar do lado. No começo, até se adaptarem choravam, mas depois que se acostumavam era ótimo. Lembro que nas festas do Dias das mães, Dia dos pais, a Bandinha, Festa Junina, quando não queriam se apresentar, pois ficavam com vergonha ou com medo do público, eu sempre estava ali perto, encorajando e dizendo para eles fazerem bonito, que eles iam conseguir, ou pegava no colo, eles faziam e ficava tudo bem.

Figura 05 - Formatura Mini maternal 1986



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 06 - Festa Encerramento 1999



Figura 07 -Festa Junina de 1992



Fonte: Arquivo pessoal

A minha preocupação sempre foi com as crianças, eu queria que elas fossem felizes, porque eu tive uma infância muito feliz. Eu sempre pensei assim, acredito que tenha uma mentalidade diferente, talvez, pois eu queria que elas vivessem esse mundo de fantasia, de super-heróis, de magia, igual as histórias que se ouve na infância, onde tudo acaba bem e todos são felizes, pois são crianças pequenininhas, ainda não precisam saber que a vida tem problemas e dificuldades, criança precisa ser feliz, todos precisam!

Acredito que acabei passando isso para as crianças e para as famílias, pois sempre recebi de volta através dos pais e das famílias a devolutiva delas, falando sobre o desenvolvimento das crianças. Até hoje, quando ando na rua encontro gente adulta, homens e mulheres feitos, que me cumprimentam e lembram que foram meus alunos. Eu tenho muitos bilhetinhos escritos pelos pais falando sobre as atividades que aconteciam na escola e agradecendo o trabalho do SEI, além dos presentinhos que ganhava no dia dos professores, na Páscoa, no final de ano.

Figura 08 - Bilhetes recebidos dos pais das crianças s/d e 1981

Tia Neusa,
Não há como agradecer a sua presença ao lado do meu querido filho nesses dois anos, dois dos mais importantes anos da vida dele. Você foi fundamental nas nossas vidas, com sua serenidade e carinho com o Pedro nessa sua linda profissão. Que Deus traga à sua vida em dobro o que você dá a todas essas crianças. Obrigado,
Lourivalma e Fábio Seuchi

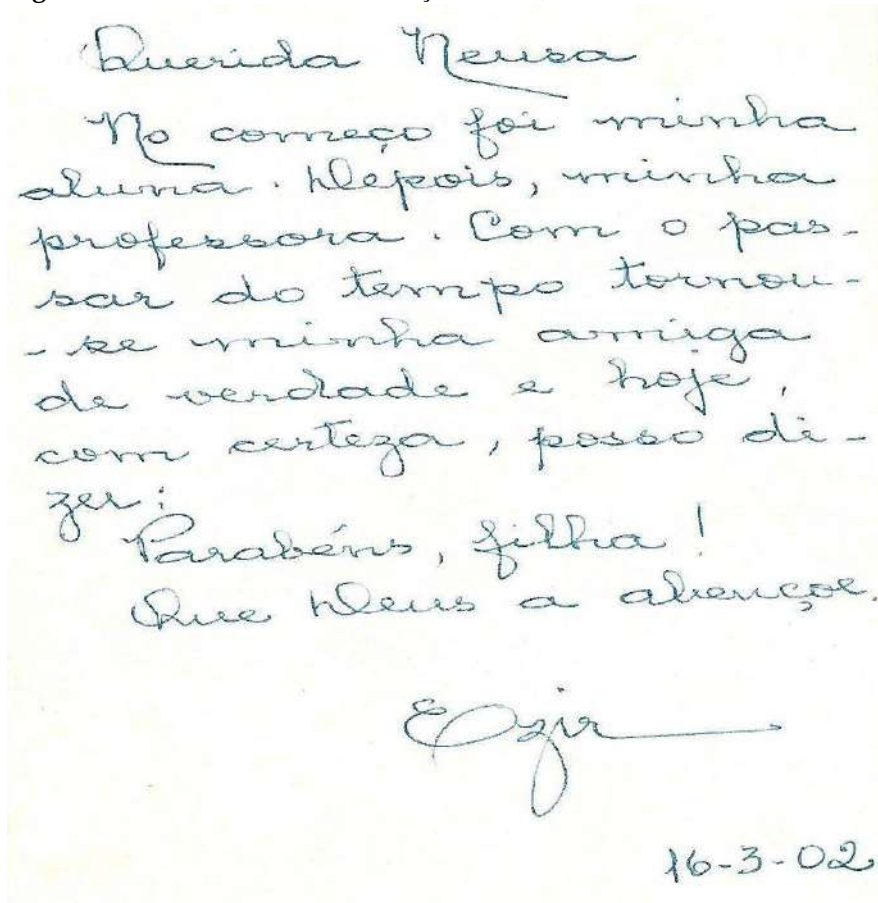
Querida tia Neusa,
Te dou um beijo do fundo do meu coração.
Fernando
14.10.81

Fonte: Arquivo pessoal

Assim, por tudo, eu agradeço, especialmente o que aprendi. Posso falar que tudo o que sei de educação eu devo à Escola SEI. Tudo o que aprendi, foi nessa escola. Tenho muita gratidão por todos eles, realmente é uma família e eu cresci muito enquanto fiz parte da família SEI. No início, eu tinha um certo medo, um pouco mais de receio de falar com a tia Ezir, eu sempre falava mais com o tio Gutierrez, porque achava que ela era brava (risos), depois fui conhecendo melhor e aprendendo a conviver e me encantei com a profa. Ezir. Fiquei pensando: quem é essa pessoa? Tudo que sei eu aprendi vendo o modo como ela trabalhava. Ela também nos chamava a atenção, mas porque queria o nosso crescimento. Nossa

amizade cresceu de forma recíproca, tenho uma mensagem, na minha caixa de guardados, que ela me enviou em um dos meus aniversários, expressando o que falei, fiquei e fico muito feliz:

Figura 09 -Bilhete recebido da Direção do SEI, 2002



Querida Neusa
No começo foi minha
aluna. Depois, minha
professora. Com o pas-
sar do tempo tornou-
-se minha amiga
de verdade e hoje,
com certeza, posso di-
zer:
Parabéns, filha!
Que Deus a abençoe.

Esja

16-3-02

Fonte: Arquivo pessoal

De tudo o que falei, posso dizer é que toda a minha profissão eu vivi e desenvolvi na Escola SEI. Depois que fiz o Magistério comecei a trabalhar, nessa escola, ainda dei algumas aulas de substituição para colegas professoras, mas toda a minha trajetória profissional foi no SEI. Posso dizer que comecei e terminei a minha

carreira na mesma escola, então foi uma vida inteira de experiência, de convivência, de encontros e de estar todos os dias com as crianças na Educação Infantil, especialmente, os pequenininhos do maternal, ou como eles chamavam no maternal da “tia Neusinha”.

Concluindo, se pudesse eu teria continuado a lecionar até não poder mais vir à escola, pois não estava preparada para sair, mas eu tive que sair por motivos de saúde e motivos pessoais que me obrigaram. Mas, sempre falava para tia Ezir e para minhas crianças que iria trabalhar mesmo quando eu ficasse bem velhinha de bengalinha, não seria mais a tia Neusinha, seria uma “vovozinha”, mas estaria bem aqui, mesmo que não ficasse em sala de aula, eu queria ficar na escola. Eu falo, se pudesse voltar, não esperaria o amanhã, voltaria, pois na escola SEI realizei meu sonho e fui professora por mais de 30 anos e em todos estes anos, não tive um só dia de arrependimento da escolha profissional que fiz como professora, como aluna de Magistério, como docente e, principalmente, como professora de crianças pequenas. A Escola SEI, que nesse ano, completa quarenta e quatro anos de existência compartilhou a vida e o sonho comigo, me ajudando a realizá-lo e me dando essa alegria, então desejo que continue por muitos anos educando e contribuindo com outras gerações de crianças douradenses.

CAPÍTULO 08

A (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE PROFESSORAS DE BEBÊS: DA ESCOLA SEI (1983) À LICENCIATURA UEMS (2024)

Giana Amaral Yamin
Nedina Stein

O termo “professora de bebês”¹ designa a função desempenhada por pedagogas que organizam e desenvolvem a rotina de crianças de zero a três anos de idade, uma profissão não consolidada no país. As profissionais almejam reconhecimento nacional pela sua capacidade de considerar a escuta das crianças, de garantirem a presença de múltiplas linguagens no seu cotidiano e de organizarem espaços que garantam experiências, entre outros conhecimentos.

Nesse contexto, o reconhecimento dos bebês enquanto cidadãos também não está solidificado no Brasil e integra a luta que reivindica os direitos de todas as crianças a uma educação de qualidade². Os bebês ainda são sujeitos rotulados por incompletude e, como não falam, não andam, não controlam esfíncteres, não demandam contratação de profissional capacitado e de políticas de investimentos. No Brasil, apesar das conquistas legais/políticas públicas e discussões curriculares/práticas, a invisibilidade histórica dos pequenos persiste. Muitos têm seu cotidiano direcionado por momentos de espera intercalados com ações que suprem necessidades básicas, uma herança dos programas de cunho

¹ Considerando que a maioria dos profissionais são mulheres, o texto utiliza o termo “professora de bebês”.

² As ações são desencadeadas pelos fóruns integrantes do Movimento Interfóruns do Brasil (MIEIB).

assistencialista, implantados nos anos de 1970 e 1980, como discutem Abramovay e Kramer (1991).

Este ensaio é um convite à reflexão acerca dessa situação e resgata as experiências das autoras na docência com crianças, na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Objetiva pensarmos o processo histórico da educação de bebês no país. Para isso, apoia-se em fragmentos da memória de duas profissionais (autoras), responsáveis pelo agrupamento Mini-maternal³, na Escola Serviço de Educação Integral (SEI), no ano de 1983, para revelar os sentidos da docência para bebês em um contexto marcado pela ausência de discussões acerca do trabalho à faixa-etária.

Após o convite da organizadora para integrarmos esta coletânea, lembrando o vivido na instituição SEI, como metodologia, no ano de 2019, iniciamos a *pesquisa com nossas memórias*, registrando fragmentos de lembranças em um caderno (diário), os quais são citados no decorrer deste texto. Os registros foram construídos observando orientações de pesquisadores ligados à História Oral, por oferecerem evidências acerca dos significados subjetivos de eventos passados, como Thomson (2000). Buscamos fragmentos do vivido na docência no início de carreira, contudo, com olhares críticos/afetivos atuais, o que favoreceu o surgimento de memórias ligadas às condições sociais particulares, como orientam Barros e Silva (2002).

O resgate de experiências, decisões, dúvidas/certezas ocorridas há 41 anos colaborou para a reconstrução de percepções acerca da docência no tempo presente. A psicologia russa ajudou a desvendar caminhos como decorrência de experiências da realidade objetiva. Como tais, são históricas, com apoio em Leontiev (1978), desvendamos o sentido da palavra (pensamos o que foi/não foi e o que é/não é ser professora de bebês), a partir de motivos resultantes das relações objetivas travados em múltiplos espaços, tempos, contextos e interações.

³ Crianças de até 02 anos de idade.

A instituição SEI e o agrupamento mini-maternal: memórias

No estado de Mato Grosso do Sul, na década de 1980, o atendimento às crianças pré-escolares era direcionado por objetivos vinculados à classe social: a rede estadual veiculava programas de cunho compensatório (preparava pobres para superarem o fracasso escolar) e escolas particulares ofertavam jardins de infância, *de cunho pedagógico*, inspiradas em Froebel, Montessori e outros estudiosos.

Nesse período, a formação das professoras ocorria em nível Magistério e Licenciatura em Pedagogia. Inexistia a habilitação à docência pré-escolar. O profissional que almejasse lecionar em salas infantis frequentava cursos, geralmente, ofertados por instituições particulares. No nosso caso específico (autoras), a habilitação para a docência na pré-escola foi concedida, entre outros, pela frequência ao Curso Montessori, oferecido em São Paulo (1981), ligado à igreja católica. Assim como o Magistério e Pedagogia, os cursos complementares não abordavam conteúdos referentes ao cuidar e educar bebês, apenas mencionavam fragmentos da Teoria Piagetiana.

Nesse contexto, em 1983, exercíamos, respectivamente a profissão de professora e monitora dos bebês Fernanda, Luana, Daniel, Rafaela, Danielly e Alessandra no Mini-maternal SEI (vespertino). Coerentemente com o momento histórico, éramos nomeadas *tias*.

Inseridos em classe favorecida, muitas famílias do agrupamento Mini-maternal exerciam função profissional, por isso, acreditamos, a escola os apoiava: “Recordamos, vagamente, de algumas especificidades, como a de uma mãe que trabalhava com o marido médico, de uma que possuía vínculo com uma empresa e de outra dedicada a um recém-nascido” (Registros de memórias, 2019).

Como a educação de bebês não era discutida na época, é possível que não fosse confortável a algumas famílias se afastarem dos filhos, um sentimento minimizado pelo acolhimento das professoras e pela atenção ilimitada, dispensada pela gestão do SEI no acompanhamento de toda/qualquer situação com as crianças.

Abaixo, socializamos um momento de mediação gestão-famílias-professoras para solucionar um incidente cotidiano:

Estávamos brincando e, inesperadamente, um vendaval surgiu e nos cegou. Não estávamos preparadas, pois havia areia nos olhos, era uma tempestade. Na intenção de proteger as crianças, rapidamente tentamos carregá-las. O bebê Fernanda foi levantado por um braço e sofreu uma luxação. Chorava. A gestão ligou para que os pais fossem buscá-la e explicou a situação para tranquilizar a todos. Lembro da imagem de estarmos na sala da reunião e da sensação simultânea de apavoramento/culpa. Dias depois, Fernanda voltou à escola com o braço protegido por uma tpoia/gesso, algo assim (Registros de memórias, 2019).

Figura 1 – Memória das crianças da sala do Mini-maternal (1983)



Fonte: Arquivo pessoal

Em 1983, a sala que acolhia o agrupamento Mini-maternal funcionava em uma casa adaptada ao lado da escola aonde estavam instaladas as salas do Ensino Fundamental, junto com os bebês de três anos de idade. A casa tinha duas salas, com mesas e cadeiras adequadas ao tamanho das crianças. A sala do Mini-maternal era pequena. As toalhas e mochilas das crianças eram penduradas em

cabides afixados nas paredes, dividindo espaço com o varal de *trabalhinhos*, como denominávamos na época. O banheiro era compartilhado com a turma do Maternal. Na parede havia um palhaço e balões com os nomes e aniversários das crianças, criado pela professora, como revela a imagem na sequência.

A entrada e a saída das crianças do Mini-maternal eram organizadas na casa anexa. Os bebês eram literalmente alcançados e devolvidos pelos adultos por cima da grade, o que favorecia proximidade para recados, pedidos e *reclamações*. O contato próximo permitia a socialização de ocorrências: medicações a serem ministradas; detalhes da rotina, como o desfralde. Compartilhávamos momentos felizes e preocupantes. “Nos recordamos da surpresa que tivemos ao sermos presenteadas com chocolates feitos pela mãe da Luana, hoje proprietária da Doceria Doce Pastel”. Também recebíamos elogios dos pais e eles contavam peripécias dos filhos e suas emoções acerca da escola. Também observávamos a alegria do reencontro entre as crianças e as famílias, no final da tarde. Contudo,

Alguns desses momentos eram tensos, como quando tínhamos que informar à mãe do bebê Luciano que ele havia feito xixi na calça. Ele tinha várias cuecas amarelas de tecido felpudo disponibilizadas à escola para a etapa do desfralde, uma expectativa da família. Ao final da tarde, a mãe verificava quantas cuecas estavam limpas, o que, em alguns dias, gerava frustração (Registros de pesquisa, 2019).

Ao final da tarde, quando nos despedíamos dos bebês, ficávamos ansiosas ao enfrentarmos situações delicadas, como relatar a ocorrência de mordidas. Vivíamos o dilema ambíguo de informar o ocorrido para as duas famílias envolvidas: contar o fato; mostrar a marca; e descrever cuidados tomados e emoções expressadas acerca da situação. “A expectativa do encontro com as famílias nos inquietava durante a tarde toda e, às vezes, nos acompanhava após o expediente” (Registros de memórias, 2019), apesar de sabermos que, no caso específico, por meio da mordida, o

bebê em questão comunicava emoções (de um dilema familiar) que não sabia verbalizar (Oliveira *et al.*,1996).

Apesar de instalados na casa anexa, os bebês brincavam nos espaços comuns do SEI e exploravam linguagens - uma rotina indicada pelos documentos oficiais vigentes. As crianças brincavam muito, o que acalenta nossos corações no momento atual. E brincávamos com elas. Diariamente, após a acolhida, exploravam o tanque de areia - com baldes, pás e brinquedos. Sentadas no chão com a turma, nós, professoras, aprendemos que o adulto também brinca.

No espaço externo, descobrimos sensações com os corpos. Desvendamos os *mistérios* dos caminhos do SEI. Os desafios motores dos bebês otimizavam as aprendizagens do trajeto sala-parque: era preciso sair da casa anexa, atravessar o bosque e enfrentar o gramado, que parecia extenso aos pequenos, devido às suas possibilidades motoras. Depois dessa jornada, chegávamos ao parque: brincávamos no gira-gira, nos balanços e no trepa-trepa.

Nesse percurso, brincando, éramos marcados por cores, sabores, textura e cheiros do ambiente. O processo de descobertas ficava estampado nos joelhos e pés das crianças (terra vermelha) e nos seus corpos, na forma de carimbos impressos por pedrinhas, folhas e gravetos, bichinhos. Banho? Se fosse necessário, pois, como orientava a gestão: *Quem brinca se suja*, uma lição apropriada e recomendada, atualmente, nos cursos de formação de professores que ministramos. “Os bebês voltavam aos lares com as mãos e rostos higienizados e não recebíamos questionamentos familiares (Registro de memórias, 2019).

D. Ezir dizia que quanto mais a criança fosse suja para casa mais era sinal que ela havia brincado. Relacionei isso com o adulto. Já que eu era uma professora que brincava, poderia, sem problema, me sujar. Voltava a pé para casa, não me importava. Além disso, aprendi a importância da gestão para a efetivação das ações que queremos que se consolidem como professoras. A segurança da escola era repassada aos pais e endossava nosso fazer diário, ninguém exigia que as crianças fossem entregues higienizadas (Registro de pesquisa, 2019).

Por tudo isso, nossas roupas de trabalho eram confortáveis, permitiam mobilidade para participarmos das experiências, como revela a Figura 2:

Figura 2 – Professoras da Educação Infantil, Escola SEI



Fonte: Arquivo pessoal

Parte da rotina semanal, os bebês brincavam na piscina e pintavam no azulejo. Se sujavam, experimentavam o corpo, o espaço, as texturas, dividiam o espaço com o outro. Tomavam banho após a experiência. Uma vivência repleta de linguagens e interações. Todas as atividades eram planejadas semanalmente, registradas em caderno e vistas pela gestão. Na época, não havia referencial teórico para pensarmos a rotina de bebês⁴. Nos planos de aulas, ideias eram listadas. Pontuávamos o que deveria ocorrer/propor, quais canções cantaríamos. Lembramos que em uma ocasião,

[...] para chegarmos ao parque, desenvolvemos as brincadeiras que estavam pontuadas. Copiei em um rascunho para não sujar o caderno. Enquanto andávamos, lia o roteiro e o executávamos: 'Agora somos

⁴ É importante lembrarmos que no país, não contávamos com determinação da Constituição de 1988 (de que a Educação Infantil é dever do estado e direito das crianças) e que ainda estavam sendo iniciadas as primeiras mobilizações para que a criança fosse concebida como sujeito de direitos. Ademais, somente após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Educação Infantil foi considerada primeira etapa da Educação Básica e determinou a formação dos professores e a necessidade de uma proposta pedagógica ao atendimento.

formiguinha. Vamos andar como ela?’ e lá íamos todos, adultos e crianças, de joelhos explorando o gramado. ‘Agora somos uma minhoca, ela anda depressa, agora anda bem devagar’. A fila com os integrantes do agrupamento ia se formando, explorando o espaço do gramado, ora de terra ora de areia. O faz de conta envolvia o grupo (Registro de pesquisa, 2019).

O planejamento, naquele momento, nos oferecia segurança, e isto era importante para nós, professoras iniciantes, depois, foi mantido por orientar os caminhos da docência (currículo e escuta das crianças), com flexibilidade para repensar o previsto e o vivido e garantir às crianças explorarem campos de experiência sem fragmentar a rotina em aulas específicas que obedecem ao tempo do relógio.

Figura 3 – Atividades com as crianças ao ar livre.



Fonte: Arquivo pessoal

No planejamento, desenvolvíamos uma recomendação institucional: a de todas as sextas-feiras, confeccionarmos, com as crianças, um brinquedo com sucata para ser levado para casa. Essa incumbência era um desafio, pois, constantemente, procurávamos alternativas para inovarmos: confeccionamos binóculos, bonés, viseiras e chinelos com cartolina. Construímos vasos de flores com tampinhas e montamos óculos com caixas de ovos e celofane. As

crianças pintavam e desenhavam e, depois, nós, adultos, montávamos o brinquedo. Após a conclusão, ele era guardado, protegido, até à chegada dos pais, uma situação que hoje nos oferece oportunidades para reflexão.

A imagem da bebê Fernanda, tentando caminhar com seu imenso chinelo de cartolina indo ao encontro da mãe e seu olhar atento e satisfeito, nos faz pensar, hoje, que nossa preocupação, naquele momento, era a de impressionar os familiares. Poderíamos ter enfatizado o favorecimento de situações de experimentação aos bebês de brincarem, de explorarem materiais continuamente e de constituírem-se em grupos, como discutem Oliveira *et al.* (2016). Atualmente, reconhecemos que o currículo não deve ser vivenciado

[...] principalmente mediante a imersão em experiências com pessoas e objetos, constituindo uma história, uma narrativa de vida, bem como na interação com diferentes linguagens, em situações contextualizadas. Desse modo, as crianças adquirem o progressivo domínio das linguagens gestuais, verbais, plásticas, dramáticas, musicais e outras e de suas formas específicas de expressão, de comunicação, de produção humana (Barbosa, 2010, p. 05).

D. Ezir, em determinada ocasião, elogiou nosso trabalho e revelou surpresa com a materialização de um *plano de aula para bebês*, indicando que realmente, naquele momento, inexistiam discussões específicas à docência com crianças muito pequenas. “Eu era jovem, mas nunca esqueci, pois como a respeitávamos, foi importante (Registro de memórias, 2019).

Entre as memórias de 1983, registramos os passos iniciais, traçados pela instituição, em realização a práticas de integração de crianças com deficiência, quando ainda não se veiculavam propostas de inclusão. Isso ocorreu com Danielly, aproximadamente 4 anos de idade, na turma de bebês. Ela era sobrinha de uma professora da Instituição. Muito amorosa, gostava de conviver com as crianças e de brincar. Nosso objetivo era o de contribuir com a construção da

linguagem oral e aspectos motores, afetivos e cognitivos da menina⁵. Para acolhê-la, nos dividíamos nas atribuições:

No momento da ida ao parque, por exemplo, uma de nós a carregava no colo ou a ajudava a caminhar, segurando-a com as duas mãos. Também a apoiávamos nos brinquedos (uma cuidava dela e a outra se responsabilizava pelo restante da turma). Com certeza, temos consciência de que não efetivamos práticas de inclusão a partir dos conceitos veiculados atualmente, contudo, acreditamos que a menina era integrada em alguns momentos (Registro de pesquisa, 2019).

Se naquela época vivíamos o silenciamento acerca da educação de bebês, a formação de professores também não abarcava o ensino e a aprendizagem de crianças com deficiência, conhecimentos que poderiam ter contribuído para o desenvolvimento de Danielly.

Sentidos da educação para bebês: o tempo presente

Nas memórias resgatadas percebemos sentidos como resultado da apropriação de conhecimentos científicos. Hoje, práticas desenvolvidas na década de 1980 seriam ressignificadas, contudo, em alguns momentos, algumas voltam a se manifestar e demandam reflexão.

Pensar o percurso nos mostrou que determinadas concepções estão presentes em algumas instituições de Educação Infantil do nosso país. Em algumas, os bebês estão sendo tratados como *alunos* consumidores, *emparedados* em *salas de aula*, submetidos a sistemas de apostilamento, preparados à *alfabetização*. Vivem uma rotina inflexível, em cujo centro do processo está o adulto. Para a efetivação de mudanças, exercemos *pressão* acadêmica: envolvemos bebês nas pesquisas; discutimos (in)certezas; questionamos aportes teóricos; e lutamos para que políticas efetivas fossem materializadas.

⁵ Ela era não verbal e demandava apoio para locomoção. Usava bota ortopédica e fraldas.

Em âmbito nacional, ainda discutimos que todas as vivências que permeiam a rotina de cuidar/educar bebês integram o currículo - incluindo as de alimentação, higiene e descanso. Precisamos rever práticas, e isso demanda refletir sobre a contribuição de algumas *atividades*, como a de carimbar mãos e pés; ensaios, lembrancinhas e a incumbência solitária de professoras que *decoram* salas referências sem o envolvimento das crianças.

Se no século passado lutávamos pela implantação de políticas de educação, hoje reivindicamos o *brincar* nas instituições, por essa atividade principal promover o desenvolvimento das funções psicológicas superiores das crianças, como orienta a Psicologia russa. Brincar é uma linguagem na qual meninos/meninas expressem/transmitam mensagens e revela interpretações de mundo. É um conceito que não pode ser banalizado.

Para que o brincar esteja no centro do processo, precisamos frear práticas escolarizantes e, com elas, adoção de apostilas e modelos xerocopiados. Papéis (*trabalhinhos*) acondicionados em envelopes (pintados esteticamente por/para adultos) não evidenciam aprendizagens/ descobertas/tentativas/erros/acertos e interações dos bebês. O compartilhamento da rotina vivida pelas crianças nas instituições às famílias está estampado nos corpos/reações/sorrisos dos pequenos e nas entrelinhas de emoções reveladas por linguagens. As experiências podem ser registradas em murais (imagens), relatos, entre as possibilidades de documentação pedagógica do processo.

Por tudo isso, as pedagogas/pedagogos (professoras/professores, não *tias/tios*) são as/os profissionais habilitadas/os para escutarem as crianças; perceberem ritmos/necessidades e pensarem um planejamento que garanta os direitos de aprendizagem; de elas conviverem com grupos; brincarem de diversas formas e espaços/tempos; participarem escolhendo brincadeiras/materiais/ambientes; explorarem movimentos, sons, formas, texturas, cores, emoções; expressarem necessidades; e de se conhecerem e construir identidade (Brasil, 2017).

São muitas as reflexões que gostaríamos de pontuar para discutirmos a educação de bebês no tempo atual, mas a limitação do texto não permite. O tempo passado denuncia que não conquistamos uma Educação Infantil de qualidade no nosso país. E, por não termos superado o passado, o tempo presente se apresenta como *futuro não consolidado*.

As memórias socializadas iniciam uma *provocação pedagógica*, alternada por emoções/sentidos contraditórios de protagonismo/impotência - condicionadas por concepções subjetivas, pelo histórico do SEI e pelas políticas de atendimento à Educação Infantil no Brasil. Como atuantes/militantes na/da área da Educação, exigimos investimentos para capacitação profissional e a implantação de políticas públicas que garantam condições de trabalho/salariais dignas às professoras de bebês.

Finalizando, agradecemos o convite para integramos o momento histórico de homenagem/reconhecimento do trabalho (re)construído pelos profissionais do SEI. Não objetivamos responder questões ou julgar ações, apenas saboreamos emoções e a partir delas, refletimos como foi (e como está sendo) delineada a educação de bebês em um país que invisibiliza vozes. Nossas angústias retratam *sequelas* de quem elegeu a docência na Educação Infantil como profissão, não como dom ou vocação.

Referências

ABRAMOVAY, M.; KRAMER, S. "O rei está nu": um debate sobre as funções da pré-escola. In: JOBIM, S. S.; KRAMER, S. **Educação ou Tutela?** A criança de 0 a 6 anos. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1991, p. 21-33.

BARBOSA, M. C. Especificidade pedagógica com bebês In: I Seminário Nacional: currículo em movimento. Perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: nov, 2010. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2->

artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file>. Acesso em: 31 jan. 2020.

BARBOSA, M. C. S.; CRUZ, S. H. V.; FOCHI, P. S.; OLIVEIRA, Z. R. M. O que básico na Base curricular nacional para a educação infantil? **Debates em educação**, Maceió, v. 08, n. 16, jul-dez 2016, p. 11-28.

BRASIL, Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 15/17. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB; UNESCO, 2017.

GOBBI, M. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da educação infantil**. Documento consulta pública. 2010. Disponível em: <[http://www. file:///C:/Users/Cliente/Downloads/multiplaslinguagens.pdf](http://www.file:///C:/Users/Cliente/Downloads/multiplaslinguagens.pdf)> Acesso em 01set. 2015.

LEONTIEV. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. São Paulo: Artes Médicas, 1987.

OLIVEIRA, Z. R. de *et al.* **O trabalho do professor de educação infantil**. 2 ed. São Paulo: Biruta, 2016.

CAPÍTULO 09

ESCOLA SEI-UM LUGAR ONDE ENSINO E APRENDO TODOS OS DIAS

Rosana Palhano Taveira de Mattos

Sou Rosana, professora do SEI, desde 1985. Com alegria, partilho um pouco da minha trajetória até aqui. No ano de 1985, concluí o Magistério na escola Menodora Fialho de Figueiredo. Recordo-me que, no início do curso, uma professora me chamou atenção, ou melhor, me impactou pela forma verdadeira e absoluta de expor e falar. Lembro-me que fazia um calor insuportável e, ingenuamente, acreditava que aquela aula de Psicologia não agregaria em nada, pois entre nós já havia rumores de que a professora daria somente duas aulas e então sairia da escola. Pois bem, ela se apresentou e na apresentação arrancou gargalhadas de entusiasmo da nossa turma... Foi maravilhoso! Nunca tinha visto uma professora assim, queria que a aula dela continuasse e mais, gostaria de poder levar minha mãe, também professora, para ouvi-la e talvez sentir um pouco do que eu estava sentindo. Não queria que ela saísse, foi triste para mim, gostaria que ela ficasse.

Que poder uma professora tem na vida de um ser humano, ao ponto de transformar pensamentos e ações? No dia em que haveria a segunda aula, na qual a estimada professora se despediria, saí de casa feliz; o dia estava, como nunca, esplêndido para mim. Ao adentrar a sala, sentei bem na frente. Chegara a tão esperada aula, que foi tão espetacular quanto poderia imaginar. A professora nos orientou sobre os passos a percorrer durante o ano todo de acordo com o conteúdo. Foi ótimo!

Tudo foi se acalmando e ela, com doces, suaves e firmes palavras, nos disse: “Estou encerrando, aqui nesta escola, meu

trabalho com vocês; eu e meu esposo estamos abrindo uma escola". Houve um silêncio profundo e ela continuou: "Quero deixar para vocês, como professora e psicóloga, o seguinte, tudo que fizerem, façam bem feito e com amor. O que fizerem hoje, sem nenhuma dúvida, colherão amanhã, isso é certo, e colherão em abundância. Minha sugestão para cada um: faça coisas boas e colherá, em abundância, coisas boas".

Ela chorou ao dizer isso, e para meu espanto, eu e aqueles juvenzinhos, que achávamos que já sabíamos tudo, choramos também; naquele momento, sentimos e vimos que a vida é um aprendizado constante. Chorávamos por ela estar dando um passo importantíssimo na vida, alegres e gratos pelas belas palavras, na certeza de estarmos perdendo uma excelente professora, mãe, amiga, psicóloga... Saudade foi tudo que sentimos em apenas duas aulas. Eu queria ter podido levar não apenas minha mãe para estas duas aulas, mas minha família toda. A professora que me mostrou a excelência da vida chama-se Ezir Bomfim Gutierre.

O tempo passou e concluí o curso. Fiz um curso de Pós-graduação *lato sensu*, especialização em pré-escola. Então, logo chegou a fase de procurar emprego, entregar currículos, fazer contatos, que difícil! No momento em que fiz a escolha pela docência, sequer imaginava os obstáculos pelos quais passaria.

Certo dia, cheguei numa escola na antiga Rua Bahia, dirigi-me à secretaria e, para meu contentamento, encontrei um senhor que me recebeu com muita educação. Ele estava na porta e pediu para que eu entrasse, o que me surpreendeu, pois, o tratamento naquele lugar poderia ter sido nefasto como havia sido em outros lugares por onde passei.

Para minha maior surpresa, quando entrei, quem encontrei fazendo uma tarefa de espetacular simplicidade? Parou em minha frente, minha excelente professora do início do Magistério, que ministrou aquelas duas aulas incríveis, que nortearam minha vida, a amada Tia Ezir, eu estava no SEI!

Gostei muito da conversa com ela e dos sentimentos de esperança e alegria que surgiram em mim. Aceitei prontamente o que a Tia Ezir me ofereceu: um trabalho como auxiliar no 1º ano da professora Rute, no período matutino e no período vespertino, no maternal, com a professora Maria. Saía para trabalhar entusiasmada, maravilhada. Como auxiliar tive oportunidade de aprender o que não encontrava em nenhum livro de metodologia; com as vitórias, vibrava, com os erros e fracassos, tirava lições e aprendia.

Tudo corria bem, melhorou ainda mais quando fui chamada pela Tia Ezir para substituir a professora Rute, do 1º ano, por um mês. Lembro-me que fiquei muito apreensiva, pois esta oportunidade de substituir implicava, também, na possibilidade de valer a pena arriscar, nesta nova fase. Aceitei. Não havia câmeras, mas aprendi a trabalhar lado a lado com a Tia Ezir e o Tio Gutierre; o que dividia nossas salas eram paredes de um fino compensado, eu a ouvia atendendo ao telefone e conversando, e ela, a mim, e assim sempre foi nossa relação, muito próxima. Aquele fino compensado abriu portas para mim e após essa experiência, fui contratada como titular da sala. Mudamos para outro prédio, na mesma rua e continuamos assim: parede com parede. Minha vida fora da docência também alavancou e nos momentos mais significativos, lá estava ela, dando-me forças, acreditando em mim, apreciando com sabedoria e inteligência minhas escolhas e decisões. Como não amar profundamente alguém assim?

A Tia Ezir se fez presente nos momentos mais importantes da minha vida. Em meu casamento, no ano de 1986, ela esteve presente juntamente com seu esposo. Depois, vieram os meus três filhos lindos e amados, em cuja educação ela também ajudou e me auxilia prontamente até hoje. Anos se passaram e, em 2018, a Tia Ezir e sua família estiveram presentes no casamento da minha filha Bianca.

Na Escola SEI, tive a honra de alfabetizar os meus três filhos e vejo claramente a importância dessa escola onde eles cresceram, no desenvolvimento de suas personalidades e habilidades. A Amanda foi a primeira, tem uma letra maravilhosa para ninguém botar defeito, sua

simpatia e alegria nos encantam; a Bianca foi a segunda, dedicada aos estudos e prestativa com tudo que ela se propõe a fazer; e o Lucas foi o terceiro, corajoso, determinado e seguro em suas ações.

Os três têm uma fé imbatível e inabalável, acreditam firmemente que temos que fazer tudo que está ao nosso alcance para chegarmos ao objetivo almejado, frouxidão não faz parte da vida e nem do vocabulário deles. Ao longo de todos esses anos, que tive a alegria de fazer parte dessa escola, vivi diversas experiências diariamente, dentre as quais, destaco um momento especial para mim. Todas as segundas-feiras, os funcionários são convidados a orar em uma capelinha localizada atrás da sala da Tia Ezir. É um espaço de paz, há uma ponte onde as tartarugas nadam tranquilamente e a água corre para nos lembrar que ali é um lugar onde podemos fazer nossas orações falando diretamente ao nosso Pai. Quando cito “nosso” é porque Ele é nosso; sem divisão de religião, sem preconceitos, falamos com Ele, este é o grande diferencial. A fé que nos move ao pisar lá é esplêndida, inexplicável.

Certamente, esses momentos vivenciados no SEI foram de primordial valor, quando estive muito doente, no ano de 2007. Encontrava-me internada, em estado grave e sem diagnóstico, quando minha amada e querida Tia Ezir chamou meu esposo e orientou: “Leve-a para São Paulo, lá encontrará recursos e a cura para Rosana”. E foi exatamente o que aconteceu. O que esteve sempre presente na minha mente e no meu coração, nesse momento difícil, eram as orações que a Tia Ezir fazia e a fé que sempre transmitia e transmite a cada uma de nós, através de suas belas palavras e reflexões bíblicas, que nos norteiam no trabalho e na vida.

Para meu deleite, depois do milagre acontecido, quando retornei a Dourados, lembro-me que fui levada até a escola e lá estavam todas as crianças com balões e lágrimas de alegria me esperando. Fizeram para mim, uma grande homenagem, tão grande e inesquecível que hoje ainda ao entrar pelos portões da escola, todos os dias, transformo-me e posso afirmar que aquela professora

do Magistério ainda continua modificando minha história. Quando a luz da sala da direção está acesa, também cintila meu coração.

Sou imensamente grata por participar da vida das crianças e atuar diretamente nas famílias de cada uma, através da minha profissão. Amo ser professora por ter esta oportunidade diária de estar presente em muitas histórias e vidas dos alunos que passam pelas minhas mãos. Alguns fatos ficam para sempre em mim, coisas muito boas como quando chegam ex-alunos e alunas e me dizem “Agora estou de volta com meu tesouro, meu filho(a). Por favor, ensine-o(a) como me ensinou”. A sensação é a de mais responsabilidade a cada ano, mas dentro de mim sou sempre alguém com o encargo de aprender e mudar a cada dia que se inicia. É muito bom!

No início de 2019, em reunião de estudo com os professores, o pai de um aluno ministrou palestra, partilhando conosco seu conhecimento. Ao final de seu trabalho, relatou um fato ocorrido entre mim e sua família durante o ano em que lecionei para seu filho. Certo dia, notei que o João, um menino espontâneo, sorridente, e muito alegre, chegou à classe com um aspecto triste, permanecendo assim durante toda a aula, preocupada, expus a situação para o pai. Este, emocionado, me respondeu que sua esposa, mãe do João, estaria passando por um tratamento de câncer, e que a família estaria abalada com essa enfermidade.

O pai relatou que a partir daquela conversa que tivemos, percebeu o impacto que o tratamento estava fazendo em seu filho, então houve uma grande mudança na forma com que estavam lidando com o João em relação à doença da mãe. A fase do tratamento findou com sucesso e a família passou por esse momento delicado, preservando a integridade psicológica do João. O pai pontuou como era grato por seu filho ter frequentado a minha série e ao término, disse-me: “Você, professora, fez a diferença em nossas vidas naquele momento de dor”. Lágrimas escorreram involuntariamente dos meus olhos e dos olhos daquele pai. Isso não tem preço.

Cada criança deixa uma marca em mim, com cada uma eu tenho a formidável chance de aprender. Recordo-me que no início da minha profissão, tive um grande desafio, um aluno chamado Guilherme, com Síndrome de Down, que fez parte da turma da minha filha do meio, Bianca. Além de me ajudar a entendê-lo, o seu jeito de ser me ensinou como dar aulas, não só conteúdos programáticos, mas também a olhar cada aluno e aluna como ser único e especial. Lembro-me como se fosse hoje, que estudava até tarde para aprender como ensiná-lo e posso afirmar que tudo que aprendi com o Gui, livros didáticos e de metodologias jamais me ensinaram. Com a ajuda dele, sou mais humana, agradecida, verdadeira e respeitosa com as diferenças de cada aluno e aluna, que são únicos.

Após 35 anos no SEI, este foi um singelo relato de algumas experiências vividas, certa de que muitas vidas se transformaram e edificaram umas às outras, nessa escola, que não cansa de ensinar e não cansa de aprender. Onde ouço ou vejo escrito “Deus é fiel”, vejo a face da minha excelente professora de Magistério, com quem aprendi e aprendo, que mesmo que eu chore a noite inteira, no dia seguinte, Deus fará o Sol brilhar. E como ela nos sugere: “Brilhe!” O SEI faz parte de quem sou. Não sei falar sobre mim sem falar do SEI.

Parabéns, SEI!

Te amo muito, Tia Ezir!

CAPÍTULO 10

O QUE EU VIVI NA ESCOLA-SEI – MEMÓRIAS DE PROFESSORA

Marcia Prenda

Começo essas memórias pelo dia em que fui levar meu currículo na escola SEI. Não conhecia ninguém e me apresentei na secretaria, uma das funcionárias me atendeu e disse para eu ligar no dia seguinte que iria tentar uma entrevista com a tia Ezir, a diretora e proprietária da instituição. Liguei no dia seguinte e ela conseguiu que eu fosse entrevistada, encontrei uma colega da faculdade que também estava concorrendo à vaga de uma turma da pré-escola na Educação Infantil, o ano de 2006.

A primeira impressão que tive da tia Ezir foi de admiração. Uma pessoa cheia de disposição e firmeza no falar, que transmitia a certeza de que sabia o que estava fazendo. Entre as professoras que estavam concorrendo a essa vaga ela me escolheu. Saí dali mais do que feliz, pois antes só havia trabalhado como substituta, durante 9 meses, em outra escola. Estava empregada!

A turma na qual lecionei, nesse primeiro ano, foi do pré-II, crianças de 4 e 5 anos, uma turma bem grande, em torno de 20 alunos. Fui aprendendo na prática como organizar e fazer com que as crianças me escutassem. Havia uma coordenadora da pré-escola, com quem aprendi muito, também. As atividades das crianças vinham já impressas, eram elaboradas pela coordenadora e sempre com o aval da tia Ezir, sim nada na escola era repassado às crianças sem que houvesse a sua avaliação.

Acredito que a escola tinha e tem uma firmeza de organização e objetivos muito claros, pois tia Ezir sabe o que quer pedagogicamente, para cada série, ela mostra esse caminho. Me chamou a atenção a frase

que se encontrava na entrada da escola: “Nessa escola é permitido errar”. Esta frase me animou e indicou pistas sobre o que se acreditava como lema, não só para as crianças, mas também para os colaboradores da escola.

Os trabalhos e atividades vinham impressos, e como professora eu tinha a liberdade de trabalhar os conteúdos, da maneira que achasse mais adequada para a turma. Cometi vários erros, neste primeiro ano, mas, todos me levaram a grandes acertos na minha vida profissional, pois fui corrigida por cada um deles. Muitas vezes, a própria tia Ezir chamava para uma conversa na sua sala, e não posso dizer que as conversas eram sempre amenas, pois acredito que em certos momentos precisamos realmente “acordar” para que tais erros não se repitam. Somos professoras de seres humanos muito pequenos e que necessitam de toda nossa atenção e cuidados. Em alguns momentos senti que não ia conseguir alcançar o nível de profissional que a escola exigia, mas ao mesmo tempo em que fui chamada a atenção por erros, também fui estimulada a seguir em frente, e meus pontos fortes sempre foram exaltados.

O modo como eram organizados os eventos, tudo era acompanhado pela Tia Ezir. O dia marcado para que ela avaliasse o ensaio, gerava uma grande tensão e expectativa por parte das professoras. Mas, após alguns anos, percebi o quanto isso nos deixava mais seguras no dia da apresentação, pois se ela aprovasse, tudo sairia como esperávamos. Essa segurança nos fazia mais confiantes no trabalho.

No segundo ano que lecionei na escola, já me sentia bem mais segura a respeito da minha capacidade profissional e ganhava experiência. As atividades direcionadas à Educação Infantil eram pensadas no brincar como atividade primordial, exatamente o que é preciso se considerar nesta fase. Havia um horário bem distribuído para que as crianças participassem de várias atividades durante a semana. Particpei com as crianças nas diversas atividades, como a parede mágica, aula de tênis, parque de areia, parque de brinquedos a fazendinha, estes eram locais de aprendizado não só para os

pequenos, mas também para mim. Pude acompanhar o desenvolvimento e as mudanças que acontecem com o corpo e a mente das crianças ao longo do ano, e éramos estimuladas a levar as crianças para o pátio, para ler ao ar livre, era uma das práticas que a escola fazia questão que os alunos vivenciassem.

Uma das brincadeiras mais esperadas pelas crianças era a parede mágica, onde crianças e professoras brincavam juntas com uma “tinta” confeccionada para que não houvesse nenhum problema se fosse ingerida. E conseguimos fazer, desse momento, algo mágico, no qual os desenhos e figuras tomavam forma e se sujar de tinta era uma regra.

Em nossos planejamentos e no direcionamento da rotina na escola, ficava evidente a preocupação com os espaços e as atividades das crianças na Educação Infantil, “[...] a organização dos ambientes da Educação Infantil está em íntima relação com o projeto pedagógico construído por sua equipe [...]” (Oliveira, 2012, p. 75), considerando a criança curiosa e ativa, e proporcionando a ela um ambiente em que “[...] tempos, espaços e materiais impliquem diferentes experiências de aprendizagem e garantam tanto continuidade àquilo que a criança já sabe e aprecia quanto a criação de novos projetos e interesses” (Oliveira, 2012, p. 75).

Realizei minha pesquisa de conclusão do curso de graduação em Pedagogia escrita da monografia nessa escola. Quando pedi autorização à tia Ezir, prontamente fui atendida. Realizei uma observação durante o ano e contei duas versões do conto de fadas *Cinderela*, anotando as percepções das crianças acerca das mesmas. No trabalho, enfatizei a importância da leitura dos contos de fadas para os pequenos.

Havia um pequeno “jornal”, que era elaborado bimestralmente, no qual eram publicados e enviados aos pais, as frases curiosas que as crianças diziam durante as aulas e o registro das atividades realizadas na escola. Como professora, era preciso estar sempre atenta às suas falas para registrar tais momentos, dessa forma, a atenção das crianças

era estimulada e suas diferentes percepções de mundo eram valorizadas, o que é essencial ao professor de Educação Infantil.

Todas as atividades eram acompanhadas pela professora, a exemplo das aulas de tênis e de música, ministradas por outros professores, mas também eram acompanhadas pela regente, o que nos permitia uma observação minuciosa a respeito das atitudes e desenvolvimento das crianças dentro e fora da sala de aula, e no relacionamento com outros profissionais. Detalhes muito importantes ao realizarmos a avaliação da turma.

No relatório de avaliação individual, era preciso informar minuciosamente o comportamento, desenvolvimento e aprendizagem aos pais. Era um relatório bem completo, além deste relatório, eram entregues a cada bimestre, os trabalhos realizados por seus filhos. Nas reuniões com os pais, tínhamos a oportunidade de conversar por mais tempo com cada família. As famílias tinham entrada livre na escola, o que permitia que nosso trabalho fosse observado a qualquer momento, diversas vezes, os pais entravam no meio do horário de parque, ou na caixa de areia, ou na sala de aula para pegar seu filho ou filha, mais cedo e podiam conhecer as atividades. A mim, isso nunca causou desconforto, acredito que quanto mais próximos os pais estejam da escola e dos filhos, melhor é para o desenvolvimento dos pequenos.

Nas reuniões de início de ano letivo, com a Tia Ezir, as professoras eram comunicadas e lembradas das atividades a serem realizadas. Além disso, uma coisa que muito me impressionava eram os livros que ela trazia para compartilhar conosco: leituras que ela havia realizado nas férias e suas impressões pessoais acerca delas. O total de obras que ela havia se apropriado nesse intervalo de tempo somava-se em torno de 8 a 10. Como sempre fui admiradora dela, esses momentos me faziam aumentar a admiração e o encanto. Nesse primeiro encontro com os educadores, ela nos passava o que cada livro trouxe de bom e ruim, fazia uma pequena crítica e nos estimulava a ler e estudar sempre.

A leitura sempre foi muito valorizada nas aulas, no cronograma de horários havia momentos, especificamente, de leitura. Os livros eram escolhidos para cada dia e eram lidos para as crianças, em sala, no pátio, na grama, embaixo das árvores, enfim, o espaço da escola poderia ser utilizado livremente, para isso, mas, também era cobrado, por parte da coordenação e da direção, que as crianças sempre fossem levadas para atividades em espaços abertos, fora da sala. Uma leitura fluente com entonação e alegria era fundamental na hora de ler com as crianças, de maneira a transmitir prazer, eram orientações transmitidas pela coordenação e direção. Pois é nessa “[...] relação com a leitura, mediada pelo adulto leitor, que a criança irá significar essa prática, distinguindo-a de outras e percebendo o sentido que os seus usos sociais lhe conferem” (Oliveira, 2012, p. 151).

As atividades desenvolvidas em roda eram minhas preferidas. Era o momento que as crianças se soltavam na fala, para contar sua semana, seu dia anterior, seus passeios, suas brigas, alegrias e frustrações, isto é, onde elas podiam falar e serem ouvidas livremente. Outra atividade muito apreciada pelas crianças era a Fazendinha, levá-los até lá para alimentar o Absurdo (burrinho de estimação), os coelhos, enfim, os animais que lá viviam, era uma festa. A convivência com os animais é ótima para as crianças, e eles esperavam esses momentos com ansiedade.

Tenho como registro, das minhas memórias de professora no SEI, a certeza de que construí a minha base profissional. Com erros, acertos, medos e conquistas, tudo o que vivi nessa escola me trouxe mais que aprendizados, trouxeram-me vivências riquíssimas. Admiro demais a forma como a escola foi criada, como trabalhou e continua trabalhando até hoje. Especificamente, sobre a Educação Infantil, que foi o segmento no qual lecionei, devo dizer que havia preocupação em cada detalhe e em cada atividade realizada, com um direcionamento de incentivo para as crianças, nas suas mais variadas linguagens, o que para o professor era um aprendizado essencial, visto e vivido na prática.

Concluindo, não temos como falar nessa escola sem falar na Tia Ezir, todo o projeto pedagógico e as atividades foram direcionadas ao desenvolvimento e bem-estar da criança, com as orientações dela, os conselhos sabiamente pautados em importantes teóricos da Educação. A atuação docente na Escola SEI representou para mim, a continuidade dos estudos desenvolvidos na universidade, eu os vivenciei na prática, ali, pela primeira vez. Esta escola faz parte da história da Educação do município de Dourados. A ela serei sempre muito grata por todo aprendizado e pela experiência profissional, tenho muito orgulho em dizer que faço parte da sua história, não somente como professora, mas, também como mãe.

CAPÍTULO 11

MEMÓRIAS E OLHARES DO CUIDADO

I. EU CONSTRUÍ A ESCOLA SEI E ESTOU AQUI HÁ 31 ANOS!

Wilson Correia Saraiva¹

No ano de 1987, comecei a trabalhar na escola SEI, faz agora, 31 anos. Eu era pedreiro, sempre trabalhei com empreita. Um dia um amigo me disse que havia um lugar que estava precisando urgente de pedreiro, porque eles queriam fazer uma reforma num colégio, que era lá na Rua Monte Alegre, esquina com a Rua Hayel Bon Faker. Eu fui até a casa do senhor Gutierrez, conversei com ele e acertamos. No dia seguinte, comecei a reforma. Depois, eu construí a casa do filho dele. Mais tarde, eu vim construir a Escola da Rua Balbina de Matos e continuo, aqui desde 1987.

Antes, eu trabalhava só com construção, hoje em dia, só trabalho com manutenção, faço de tudo aqui na escola. As obras da escola eu começo. Tudo isso aqui era mato. Eles viajaram, mas antes me pediram para limpar tudo, tirar o mato, então fui na prefeitura, atrás das máquinas para limpar o terreno, quando chegaram estávamos trabalhando. Aqui era tudo mato na região. Não tinha nada. Eu limpei. Fizemos tudo por aqui. Na outra quadra, comecei a fundação, mas quem está terminando é outra pessoa. Eu fico, agora, só na manutenção, arrumo tomada, lâmpadas, torneiras. Sou funcionário da escola desde 1987.

A primeira parte da escola, fizemos em 1 ano, 1 ano e meio, isso no final de 1988 para 1989, começamos...vieram os primeiros alunos

¹Transcrição da entrevista com o senhor Wilson Carreira Saraiva, auxiliar de serviços gerais, concedida em 29 de janeiro de 2020, à profa. Magda Sarat. Agradeço a minha aluna Suzana Maria Santos Pires, pela primeira versão desta transcrição.

grandes. Os pequenos ficaram lá na outra escola, depois que foram concluídas as obras, começaram a trazer os pequenos. Fizemos toda a parte de baixo e depois começamos a construir a parte de cima. Quando estávamos construindo, na parte de cima, já estava tendo aula na parte de baixo, foi bem corrido, teve uma época que estávamos trabalhando com uma turma bem grande, para terminar e encaixar os alunos todos. Eu sempre cuidei de toda a parte de obra da escola, desde o começo, até pouco tempo atrás.

É muito bom, ver esse crescimento da escola, a gente vai vendo o que vamos fazendo, mas, como eu parei, então vejo os outros fazendo. Mas, era muito bom. Eu gostava. Trabalhava muito, mas era gratificante, você ver as coisas evoluindo.

Eu sempre tenho contato com as crianças, principalmente com os pequeninhos, é muito bom, eles ficam “o tio”, “o tio”, alguns sabem o nome, outros ainda não sabem, chamam de “tio” Mauro ou “tio” Fábio, e vão misturando. Eles me veem trabalhando e ficam perguntando: -“o tio o que o senhor está fazendo?”. Às vezes, as professoras vão e levam os alunos para verem o que eu estou fazendo e eu explico para eles, vou explicando; coisinhas simples, mostro as ferramentas. Meu contato é com as pessoas dentro da escola, não tenho muito contato com os pais, geralmente é na organização das festas, mas muito pouco.

Eu sou praticamente analfabeto, nasci em Dourados e me criei em Glória de Dourados, morávamos num sítio, com 16 anos vim embora para cá. Meus pais venderam o sítio e viemos para Dourados, nunca tive interesse em estudar; meus filhos são todos estudados, eu não consegui estudar, mas, eu sempre dei exemplos para meus filhos de que eles deveriam estudar. Mas, tudo o que eu tenho, minha casa, tudo é resultado do meu trabalho aqui nessa escola.

Eu falo que os engenheiros sabem na teoria, eu só sei na prática, não sei se eu seria capaz de pegar um projeto de uma obra grande, porque já faz muito anos que parei de trabalhar com obra, mas, eu levava as plantas da obra para casa, ficava até meia noite estudando, fazia as contas os cálculos de tudo. Desenvolvi o meu conhecimento

na prática. As coisas que eu tinha dúvida, ligava para o engenheiro, e perguntava para continuar levando a obra. Se você não sabe, tem que perguntar.

Aqui na escola, geralmente, meu contato é mais com o Mauro. Hoje, conversamos muito com o Fábio, por causa das decorações, das festas, ele faz o planejamento dele e me mostra. Eu trabalho na parte de decoração e iluminação de todas as festas: festa junina, coral, bandinha, festa do dia das mães. Eu sempre busco antecipar tudo, quando chega perto dos eventos, organizo com o Fábio para as datas, as decorações, já teve vez de chegar o dia da festa e a gente estar correndo. Hoje, é mais tranquilo, nós fomos aprendendo, temos as estruturas, sabemos como fazer tudo.

E, por isso, nunca tive problema com ninguém, nunca fui chamado à atenção, tudo o que me pedem eu faço. Eu tenho um ajudante que cuida da parte da jardinagem e vou te dizer, é muito gratificante estar aqui. Eu cresci muito aqui dentro da escola, pois conforme eu ia fazendo, a minha vida foi mudando também. Aprendi muito, fui desenvolvendo, até a cabeça da gente vai melhorando. Trabalhar aqui é muito bom, são pessoas muito boas. Eu gosto muito deles e acho que gostam de mim, porque depois de todos esses anos (risos). Todos aqui me tratam muito bem. A maneira como eles trabalham e tratam a gente faz a diferença. Eu busco sempre olhar para a frente, o que passou, passou, não adianta olhar para trás.

Daqui eu só vou sair não sei quando (risos), enquanto eles quiserem estarei aqui. Eu tenho 61 anos, sou casado, tenho cinco filhos e netos, todos trabalham, têm sua própria casa. Eu, hoje, poderia ser um professor, mas não fui e a vida passou. Mas, aqui na escola eles sempre deram bons conselhos, falavam para eu voltar a estudar, eu sempre prestei atenção em tudo que falam, e nas conversas vamos aprendendo.

Eu pensei em voltar a estudar, mas eu já tinha 30 anos e deixei para lá, a cabeça não “abriu” e meu negócio sempre foi trabalhar. Sou realizado por estar nesse trabalho e digo que fui premiado, por

esse amigo que não quis pegar a obra lá em 1987, e me falou desse serviço, por isso, estou aqui até agora. Eu aprendi muito nesses anos, a gente vem para o colégio para aprender, mesmo não estando na sala de aula, é só prestar atenção no que o pessoal fala e observar.

II. “MEU LANCHINHO, MEU LANCHINHO, VOU COMER...” HÁ 25 ANOS!

Marilei da Silva Flora Ortis¹

Nasci em Dourados, venho de uma família muito humilde e simples, inclusive eu devo muito à Escola SEI, pois quando eu vim trabalhar aqui, na cantina da escola, eu não tinha nada na vida, e eles me ajudaram muito. O SEI é como uma segunda família. O que eu não tive na minha família, eu tive aqui na escola. Eles me tratam muito bem. Aqui no SEI é como um casamento, temos que casar com a Escola, a família tem que gostar de você e você deles, senão, não consegue ficar. Eu sempre falo isso para todo mundo. Porque eles são muito exigentes.

Quando eu vim trabalhar aqui, eu concorri à vaga com cinco pessoas. Minha mãe tinha acabado de falecer e eu estava numa crise, então abriu uma vaga para trabalhar na cantina. Antes, eu trabalhava na SEARA, sai de lá e estava no seguro desemprego. Era meu segundo emprego. Eu cheguei e havia cinco pessoas para concorrer. É a Dona Ezir quem faz a seleção, mas, ela não estava nesse dia e disseram: “Segunda feira vai começar as aulas e você vem”. Eu vim na segunda e ninguém veio. Eu fiquei e estou até hoje. Engraçado é que não fiz a entrevista (risos). Subi porque a cantina estava lá em cima, estava meio “perdida”, fui aprendendo e assim, fiquei até hoje, tem 25 anos.

No outro dia, eles me chamaram e disseram: nós gostamos de você, traz sua carteira que vamos te contratar. Eu gosto muito deles e acho que eles também gostam de mim (risos). A gente trabalha, brinca. Na hora de trabalhar a gente trabalha, na hora de brincar a gente brinca. Eu gosto muito da Dona Ezir.

¹Transcrição da entrevista com a senhora Marilei da Silva Flora Ortis, concedida em 20 de fevereiro de 2020, à profa. Magda Sarat. Agradeço a minha aluna Suzana Maria Santos Pires, a primeira versão desta transcrição.

Aqui, eu faço o lanche. Tudo sou eu. Preparo o lanche do dia que é aquele que a escola fornece (cachorro quente, pizza). Nosso cardápio, geralmente, na quarta feira é a fruta, eu preparo os cardápios, mas a escola é quem faz o cardápio. Tudo vem pré-preparado, por exemplo, o salgado vem pronto, tem as mulheres que fornecem, eu aqueço e sirvo. Eu preparo a quantidade de lanche das salas.

Eu amo as crianças, “as crianças são uma coisa de louco”. Eu estou no lugar certo, eu mais gosto de trabalhar com as crianças. Eles são muito inocentes, eles cativam você é uma coisa muito boa. Gosto de todos, mas os “pequeninhos”, do primeiro ao quinto ano, é o que eu mais gosto! Eu convivo mais com eles.

Os lanches aqui são todos vendidos, têm os cardápios da escola, o lanche do dia, a criança que não traz o lanche de casa, tem a opção do lanche da escola. Na segunda-feira é toddynho ou iogurte. Na terça-feira, pão de queijo, pão de forma ou bisnaguinha. Na quarta-feira é fruta da estação. Na quinta-feira os salgados. Na sexta-feira cachorro quente ou pizza.

O que elas mais gostam é do cachorro quente. Quando a escola fez a meta das frutas, eles não gostaram muito. Foi difícil introduzir este hábito, mas agora eles adoram, todos comem fruta na quarta feira, nesse dia, não fornecemos doces, refrigerantes, nada, só a fruta. Temos também o suco que nós preparamos e servimos com cachorro quente e pizza.

Quando eles não querem, eu dou um jeitinho e dou alguma coisa “escondidinho” (risos). Eu fico com dó, tadinhos! Você sabe quando a criança não gosta só de olhar para ela. Elas falam: “ah! tia Mari eu não gosto de fruta”. Não adianta eu falar, toma a fruta, porque eles vão ficar sem comer. Tem um que detesta cachorro quente, então eu coloco presunto, queijo ou requeijão. Ele fala, “eu quero qualquer coisa tia, menos cachorro quente”. Então, eu faço meio escondidinho porque se a gente deixar todos vão querer trocar. Às vezes, nem querem, mas só porque veem o outro trocando, querem também. Eu dou e falo “só hoje tá?”. Mas, acabo fazendo

todo dia (risos). Só para os pequeninos, os grandes já precisam entender. Os grandes gostam de cachorro quente, pizza, eles já compram o que eles querem.

Eu vou percebendo a mudança das crianças, mas não com a gente. Eles são muito educados, mas, vejo nas escolas públicas, porque eu estudei em escola pública, meus filhos também são muito diferentes. Os alunos daqui têm outro tipo de educação, mas aqui eles dependem muito da gente, até para ir ao banheiro eles pedem ajuda. Falo que eles são iguais passarinho na gaiola, você solta e eles não sabem para onde vão. Se está chovendo, você precisa dizer “sai da chuva, não pisa na poça d’água”, eu penso, mas como pode? Parece que nunca viram chuva na vida! Não são iguais aos alunos da escola pública, que são mais soltos e menos dependentes. Mas, eu só tenho contato com os alunos, quase não tenho contato com os pais.

Contato com os pais, só com os filhos e filhas dos professores e professoras que estudam aqui, eles são mais “entrões” (risos), mas é porque sabem que o pai ou a mãe estão perto. Mas, eu não ligo, dou bronca mesmo assim! A minha também estuda aqui. Eu participo de todas as festas, de tudo. Sou a primeira a chegar e a última a sair da escola. Estou em todas as festas. Nesses anos todos, se eu tiver umas quatro faltas é muito, procuro sempre estar aqui, é minha responsabilidade.

Eu sou sozinha, quando não estou as meninas falam: “Mari, sem você aqui, isso fica uma loucura”. A gente se acostuma. A Bete, quando sai fica todo mundo procurando. Eu penso que vou me aposentar e ainda continuarei até quando aguentar (risos). Penso que eu quero continuar, tem mais quatro anos para me aposentar. Falei que ia trabalhar só meio período. Eu conheço todas as crianças, da manhã e da tarde. Tenho contato com todos. Tudo me surpreende, aqui, nada é rotineiro.

Quando entrei aqui, participava das brincadeiras, das noitadas, agora eu não participo mais porque estou bem cansada (risos), não tenho mais aquele pique que eu tinha antes. Tinha uma atividade dos maiores, chamada “Pensando Juntos”, eu achava muito

divertido. A gente ficava de sábado para domingo, era muito bom. Isso foi no começo da Escola SEI. Nós passávamos a noite. Era só para as crianças maiores. As noitadas também são muito boas. Eu participo de todos os eventos da escola, reuniões tudo o que tiver.

Sou sempre a última a sair junto com a Bete, pois algumas coisas dependem de mim. Por exemplo, o café, pois trabalho na cantina, e faço isso tudo. Tenho contato direto com a direção, com a Dona Ezir e tudo que ela precisa, sou eu que faço. Por exemplo, se ela vier à tarde eu venho, se vier no sábado, eu venho, também. Em atividades de reunião, só dos professores, eu não preciso vir. Eu venho com a Dona Ezir, pois faço o café ou o chá, um suco, tudo o que ela precisa, sou em quem faz. Vou na sala dela sempre que ela me pede.

Sou muito agradecida ao Mauro, pois ele me ajudou muito desde que entrei aqui. Sempre que preciso de ajuda, posso contar com ele. E ele me fala assim: “se eu te ajudo Mari é porque você realmente merece”. Tenho minha filha que estuda aqui e eles ajudam muito ela. Meus dois filhos não estudaram aqui porque não tinha como eu trazer, eles chegaram a oferecer, mas eu moro muito longe e ando de moto. Moro perto do Douradão. Eu tenho dois filhos que são meus e uma filha adotiva, a Mariana, que eu adotei quando ela era pequenininha. Acho que o SEI também adotou minha filha comigo (risos).

Ela gosta muito da escola, nós falamos que ela foi a mascote daqui, pois quando não dava para leva-la embora, ela ficava aqui o dia todo comigo e, assim, conhecia a turma da manhã e da tarde. Agora, ela já tem 15 anos e vai embora de Van, com meu neto, que também estuda aqui. Eu fico o dia todo, tem uma comidinha, fico na sala conversando, descansando na hora do almoço e esperando o horário.

Eu gosto muito da escola, de todo mundo aqui, dos funcionários, do pessoal da direção, e mais, gosto do que eu faço! Se eu ficasse sem vir à escola, minha vida ficaria meio sem sentido. Aqui, nos damos muito bem. Não tenho o que falar dessa família, nunca me maltrataram, sempre me trataram com respeito, é claro que, às vezes, cobram e chamam atenção para algumas questões do

trabalho, mas, tudo dentro do normal, com todo respeito comigo e com todas as pessoas.

Finalizando, como eu disse no início, eu casei com a Escola SEI e a família casou comigo e estamos até hoje. Eu não saíria da escola para ir para outro serviço, pois aqui, a gente gosta do que faz. Faz com amor! Se você faz com amor está tudo certo. Agora se você faz sem gostar não dá certo. É inexplicável o que sinto por este serviço e sempre falo, aquela escola é minha segunda casa, eu chego aqui, eu me sinto muito bem, não tem ninguém pegando no meu pé, eles te dão liberdade para trabalhar, resumindo tudo, eu adoro essa escola, eu adoro essas crianças!

III. EU CUIDO DE GENTE! SER SEGURANÇA É SABER CONVERSAR!

José Carlos Pereira¹

Eu nasci no dia 22 de dezembro de 1975, no município de Angélica, quando era estado do Mato Grosso e vim para Dourados com 2 anos, minha mãe é mineira e meu pai baiano. Como a família era grande, viemos para Dourados. Eu não me formei, parei no Ensino Fundamental. Eu estudei na escola Reis Veloso. Meus pais se separaram quando eu tinha 10 anos e ele foi morar sozinho. Minhas irmãs e eu fomos morar com minha mãe, quando eu tinha 12/13 anos ela se casou novamente e nós não gostávamos do novo marido da minha mãe e decidimos ir morar sozinhos, minhas irmãs e eu. Então, fui criado pelas minhas irmãs, sempre trabalhando. Trabalhei no Paraguai, na Bolívia, mesmo sendo menor de idade na época, eu trabalhava com impressão em serigrafia e com isso, não tinha tempo para estudar.

Quando eu voltei para Dourados, fui para o quartel, onde fiquei três anos e de lá fui fazer curso de segurança, em Campo Grande. Depois segui trabalhando em vários lugares, fazenda, banco, transporte de valores, sempre como segurança. Depois, eu fui para Caarapó, pois estavam precisando de segurança no Banco do Brasil. E lá foi que eu conheci o Marcos, filho da Dona Ezir. O banco fez a proposta para eu ir na segunda-feira e voltar na sexta-feira, mas, como o Marcos ia todos os dias de manhã e voltava à tarde eu comecei a pegar carona com ele, todos os dias.

Depois, eu saí do banco e fui trabalhar com escolta pessoal, trabalhei à noite, em bares e boates. Depois, fui trabalhar em um restaurante como segurança, por coincidência, a Fernanda filha do Marcos jantava, neste lugar, com frequência e, um dia, me viu lá,

¹Transcrição da entrevista com o senhor José Carlos Pereira, concedida em 29 de janeiro de 2020, à profa. Magda Sarat. Agradeço a minha aluna Suzana Maria Santos Pires, pela primeira versão desta transcrição.

sempre me tratava muito bem e me perguntou se eu não tinha interesse em trabalhar na escola, se eu tinha algum outro horário de trabalho.

Quando eu pegava carona, com o Marcos, a Fernanda era pequena e, agora, era uma moça me oferecendo um emprego como segurança para a escola SEL, na parte da tarde. Como meu trabalho no restaurante era na parte da noite, eu conseguia organizar meus horários e, quando cheguei na escola, pude rever todo o pessoal, o Marcos, o Mauro, a família toda. Com o passar do tempo, o segurança da manhã não estava muito contente e queria sair, como não havia ninguém para colocar no período da manhã, o pessoal me fez uma proposta para trabalhar o dia inteiro, e assim eu estou até hoje, atualmente são doze anos.

Eu fico na frente da escola, pois é onde ficam os escritórios, a parte do financeiro e, também, por ser a entrada principal da escola. Eu digo que, aqui na escola, a questão não são as crianças, e sim os pais. Eu sou o responsável, pois tenho que saber quem entra e quem sai, eu só me ausento para lancha, único momento que o portão fica fechado, sendo aberto apenas com autorização da Bete.

O horário crítico é a hora da saída, por esse portão passam todas as crianças, pois quando fecha o outro portão dos pequeninhos, lá do maternal, toda essa “gente pequenininha”, as meninas vão embora e fecham o portão lá, então os outros saem por aqui, então, eu preciso cuidar os alunos que passam aqui. Do 6º ao 9º ano, eles podem sair e ficar lá fora, mas do 5º ano para trás, não pode sair enquanto os pais não chegarem. Eu não sou muito bom de guardar nomes, mas, o rosto eu preciso ver uma vez só, nunca mais esqueço. Inclusive eu sei até quem pode retirar as crianças e quem não pode. Já tivemos pequenos atritos de pessoas que vieram buscar a criança e eu não deixei, mas a ordem é essa, não deixar, porque não está autorizado. Eu sempre questiono e falo para a Dona Ezir reforçar nas reuniões.

Eu falo isso, porque eu tenho filho pequeno e eu já vi muita coisa acontecer. Eu não confio em deixar a criança com qualquer pessoa. Quando eu fico com criança pequena, eu coloco sentada na

direção das câmeras, pois a criança é carente, quer brincar, às vezes, elas choram, eu pego umas pedrinhas e fico brincando com elas para ver se se acalmam, mas, sempre numa posição que mantenha a segurança dela e a minha. Somos orientados a não pegar na criança, a não ser que ela caia ou se machuque seriamente, caso contrário não se pega na criança.

Quando as crianças brigam, eu coloco sentado ao lado um do outro, passa uns minutos e eles já estão tranquilos e brincando de novo. Quando eu entrei aqui, o Mauro e a Dona Ezir me falaram que iam dar algumas orientações, mas quanto ao resto, eles confiaram no meu trabalho, porque eu já sabia o que precisava fazer por causa da formação de segurança.

Eu sempre cuidei de gente, quando eu fui fazer o curso na primeira vez, aprendi muito, mas, tem coisa que a gente nunca esquece, me lembro que o coronel sempre falava “segurança bom não é aquele que separa confusão, mas sim aquele que nem deixa ela começar, ser segurança não é ser bruto, é saber conversar”. Quando chegam uns pais meio “bravos” eu vou para perto da secretaria, porque tem uns homens que gostam de falar alto com as mulheres. Já vi pai que por causa das notas, principalmente, no fim do ano, bate no balcão. Eu vou para perto e peço para que se acalme. Ou quando os meninos estão brigando, eu faço pedirem desculpas, eu sempre falo que eles têm duas opções: 1ª, sentar e pedir desculpas um para o outro e esperar até a mãe chegar; 2ª, “eu levar vocês lá para a sala do Fábio e deixar lá” (risos).

Na escola, eu participo de todos os eventos, formaturas, festas, se for no sábado de manhã, eu venho, se for à noite eu venho. No final de ano, eu venho quase todos os dias, principalmente aos sábados. Dona Ezir, nas formaturas do 9º ano, sempre me chama na frente, faz homenagens, eu recebo presentes todos os anos, tenho contato com eles, desde o começo.

Algumas coisas do meu trabalho. Aqui, na escola é proibido namorar, então, preciso ficar de olho para não virar bagunça, eles reclamam porque dizem que nas outras escolas eles podem. Sempre

falo que aqui é diferente e que aqui não pode. Até a linguagem deles é outra, não adianta falar com eles como se fossem adultos, tem que saber falar.

Sobre meu trabalho eu nunca percebi nenhum tipo de preconceito comigo, ao contrário, sempre fui elogiado pelos pais dos alunos. Tem vezes que a gente fica chateado com algumas coisas, o que é normal em todo lugar, mas pessoalmente eu não tenho nada para reclamar. Eu sou uma pessoa que gosto das coisas certas, se eu gosto, eu gosto, agora, se eu não gosto, não gosto e pronto! Sou educado com todos e caso não gostem “vou levando”.

O pessoal, aqui da escola, nunca deixa de dar auxílio, eles não negam ajuda a ninguém. Sempre falo para os outros funcionários, se por caso vejo alguém reclamando, que emprego igual a esse não se acha mais, mas, se não está satisfeito, é só pedir as contas, o que não pode é ficar falando mal da escola pelos corredores, porque um pai pode passar e ouvir. Tem coisa que pode melhorar, tem, mas eles estão sempre à disposição. A Dona Ezir gosta que falem as coisas na cara, quando gostamos ou não das coisas, eu também penso assim. Se gosta, gosta, ao contrário tem que falar. Eu gosto do meu trabalho. Sempre gostei de cuidar de gente, até com minhas irmãs sempre cuidei, até com os namorados delas. Desde os seis anos quando ficamos sozinhos, minha função foi sempre cuidar.

Quando as crianças retornam das férias, elas vêm correndo, pulam no colo, eu abraço e pronto, mas sempre perto dos pais, ou quando estão todos por perto, do contrário eu não deixo, justamente, para evitar problemas, principalmente com as meninas maiores. Por exemplo, tem um banheiro perto do estacionamento de motos dos funcionários, quando percebo que algum aluno ou aluna vai para lá sozinho eu não vou, se eu precisar ir ao banheiro, eu peço para as meninas do pátio ver se não tem criança por lá, sou muito cuidadoso, justamente para evitar problemas.

Os pais, às vezes, gostam de reclamar de alguma coisa da escola, como eu fico ali no portão, têm muitos pais que chegam e vem reclamar. Eu conheço muitos desses pais, de quando eram mais

novos, de festas, então eles me veem ali no portão e querem falar. A primeira coisa que eu falo é para levar para quem responde por isso. Assim, que começam a dizer que não gostou disso ou daquilo, eu falo que não é para mim que eles devem falar, é só marcar uma hora e conversar com quem é de direito.

A escola tem mais de 40 anos e, eu, se depender do Marcos, Mauro, da família, fico aqui o resto da vida, enquanto me aguentarem eu vou ficar. Quero que continue crescendo pois é bom ver a escola crescer. Quando eu entrei aqui, a escola mudou muita coisa, cresceu em funcionários, a família ajudou muitos funcionários, inclusive a mim, me ajudaram muito. Então, sempre que posso, eu agradeço, pois, não podemos ser ingratos, mas sermos gratos (sem puxar o saco), pois é um trabalho que faço com prazer e eles sempre foram patrões muito bons!

CAPÍTULO 12

MEMÓRIAS DO VIVIDO: os olhares da família

I. ESCOLA SEI – LUGAR QUE LAPIDOU A VIDA DA MINHA FAMÍLIA

Ivan Araujo Brandão

Em 1979, quando estava no exercício, das atividades de Delegado de Ensino (hoje Agente de Educação), da Agência de Educação de Dourados, fui procurado pela Profa. Ezir Gutierrez, solicitando orientações quanto à tramitação do processo para a obtenção de credenciamento e autorização de funcionamento da escola que pretendia abrir em Dourados. Além de informá-la quanto à tramitação do processo, tive a oportunidade de esclarecer dúvidas, e até mesmo de orientá-la quanto aos documentos necessários.

O processo foi concluído e encaminhado ao Conselho Estadual de Educação, que tinha entre seus membros a Profa. Lori Alice Gressler, que contribuiu na sua aprovação, e assim, no início de 1980, o SEI, Serviço de Educação Integral, teve seu início, funcionando nas dependências do antigo Instituto Teológico Batista Ana Wollerman, situada na Rua Ciro Melo, 1888, tendo em vista que o Instituto se mudou para a Av. Dom João VI, 2.850, Jardim Aidê, em Dourados.

Tive o privilégio de acompanhar o crescimento contínuo do SEI, buscando espaço mais amplo, para atender os novos pedidos de matrícula e, finalmente, adquirindo a ampla área localizada na Rua Balbina de Matos, 1895, Jardim Tropical. Gradativamente, novas salas e dependências foram construídas para poder abrigar o número crescente de novos alunos.

Inúmeras vezes, fomos convidados e participamos do encerramento do ano letivo, com lindas apresentações de músicas, declamações, sempre tendo a leitura e exposição de um texto da

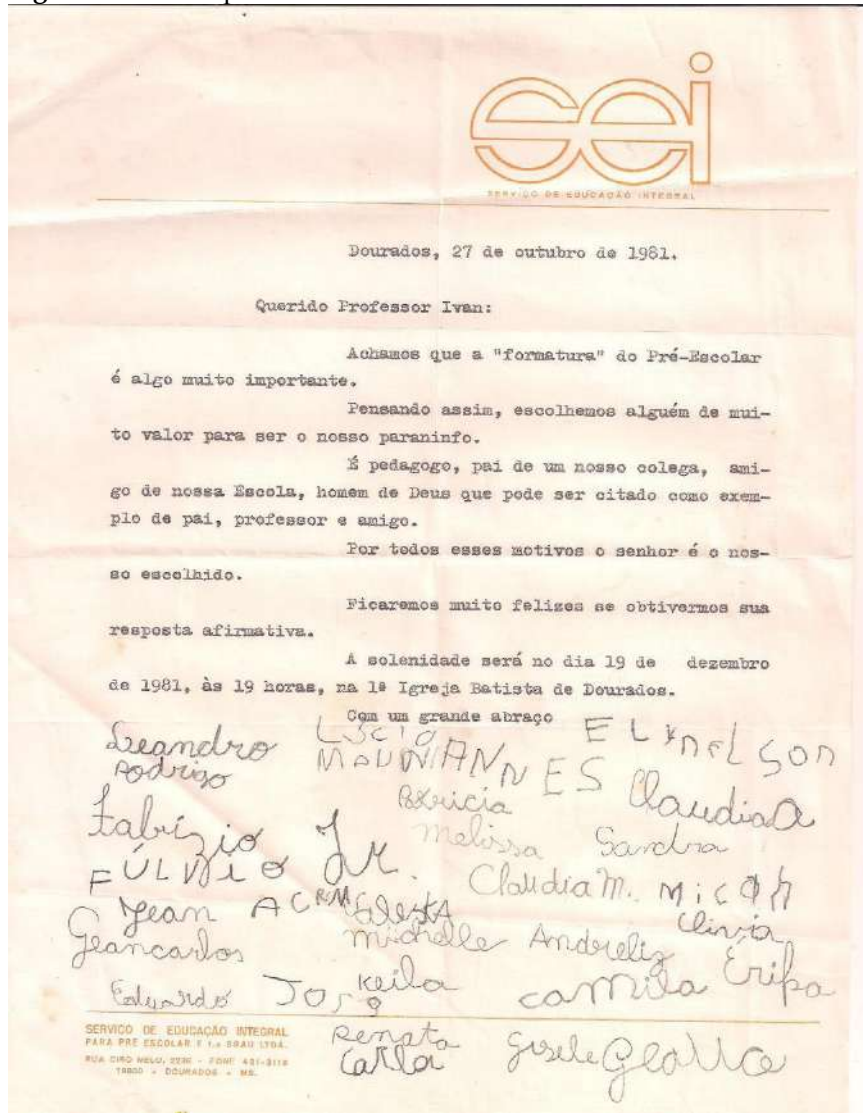
Bíblia Sagrada. Momento especial foi a comemoração do Jubileu de Prata, com a participação do Coral SEI e de uma extensa programação.

Nas comemorações dos 35 anos do SEI, recebi, juntamente com outros que contribuíram, de uma forma ou de outra, para o funcionamento da Escola, uma significativa homenagem seguida de um saboroso jantar.

Residindo em Campo Grande, desde 1990, em todas as viagens que fizemos a Dourados, visitamos o SEI e além de ver as novas áreas construídas, mantivemos conversas com a família Gutierrez, ouvindo preciosos relatos das atividades desenvolvidas pela Escola.

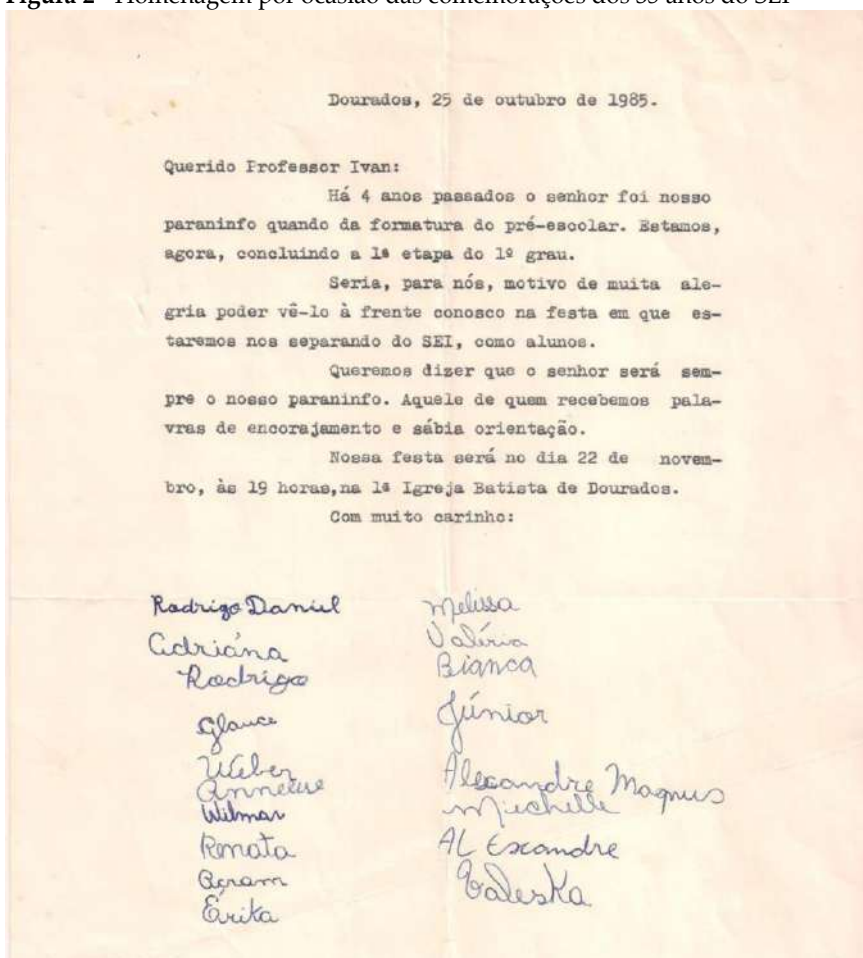
Em decorrência da minha contribuição, quando da elaboração do processo a ser apreciado pelo Conselho Estadual de Educação, fui homenageado pela primeira turma do pré-escolar, com o convite para ser paraninfo, e ainda recebi convite para participar da formatura da primeira turma das séries iniciais do 1º grau.

Figura 1- Convite para Parainfo



Fonte: Arquivo pessoal


Figura 2 - Homenagem por ocasião das comemorações dos 35 anos do SEI



Fonte: Arquivo pessoal


Dois dos meus filhos foram alunos do SEI. Fábio Coelho Brandão iniciou sua jornada estudantil no pré, em 1981, estudando até a 6ª série, em 1989. Hoje é médico psiquiatra, médico concursado da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Campo Grande e perito da Justiça Federal Especial. Ele, enquanto estava estudando em Curitiba, escreveu um depoimento que na época foi publicado no Jornal Douradense, *O Progresso*.

Figura 3 - Jornal O Progresso (1999)

 **O PROGRESSO** DIÁRIO PARA PROGRESSISTAS
MIRALIM, TOLEDO

http://www.oprogresso.com.br **MS, SEXTA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 1999** **Campo Grande** R\$ 1,00

ANO 49 Nº 7.844 **■ PENSAMENTO E AÇÃO POR UMA VIDA MELHOR ■**

Ao ensino dos 18 anos da escola 

CURITIBA, 25 de novembro de 1999

A
Querida Professora Ezir Bonfim Gutierre
Dedicadíssima Diretora do Serviço de Educação Integral - SEI
e a todos os demais ex e atuais componentes de sua extraordinária equipe de trabalho
Rua Balbina de Matos, 1.895
79.824-010 - DOURADOS - MS

O SEI está em festa. Eu estou muito feliz e lamento não poder estar presente para comer aquele tão gostoso pedaço de bolo e participar desses indiscreíveis momentos, dando muitas risadas (quem consegue ficar sério diante da lfo singular e inimitável gargalhada da tia Ezir), ficando triste, recordando, e com absoluta certeza chorando, não aquele choro sofrido da perda de um ente querido, mas aquele choro gostoso resultante de uma grande vitória, que num misto de alegria e saudade toma conta de nossas almas.

Na impossibilidade de comparecer a essa tão significativa comemoração de mais um aniversário do SEI, espero que pelo menos se lembrem de guardar um pedaço do bolo para mim. Como eu gostaria de estar presente nessa festa, com a nossa tão querida gente e rever tantos amigos inesquecíveis.

Dezoito anos se passaram desde que uma família abnegada, corajosa, unida e acima de tudo, otimista, partindo de uma realidade catéfil tornou possível um sonho grandioso. Foi assim que nasceu o SEI, com fé, trabalho e muito, muito amor mesmo! Eu era uma criança, o SEI também e nós crescemos juntos.

Gostaria muito de elogiar essa escola, mas não posso fazer isso. Por quê?
Eu me lembro das noitadas no SEI, quando a gente dormia na escola e ia comer pizza no Bochecha. Eu me lembro das festas Juninas, páscoa, cantata de natal, minha formatura, olimpíadas, eleições, jornalzinho e tantas outras atividades tão significativas.


Eu participei da excursão a São Paulo. Conheci o Sítio-do-pica-pau-amarelo, o Butatã, o Simba Safari. Eu cantei no coral. Aprendi a ler e a escrever. Eu escrevi um livro. EU ES-CRE-VI UM LIVRO!

O SEI me ensinou, nos anos tão inesquecíveis que aí estudei, do Jardim à 6ª série, que não bastam fórmulas para se entender o mundo e os seus problemas. É preciso saber refletir, criar e construir. Este porta-retrato que eu cárego comigo tem uma foto minha quando criança segurando um frango gordo no colo. Era um pintinho que eu ganhei do SEI. Aprendi a alimentá-lo e mais do que isso a tratar bem os animais e muito melhor ainda o meu semelhante.

Como falar bem dessa escola? Eu não posso. Sou muito suspeito, porque eu A AMO e sinto saudades.

O SEI me fez sentir uma pessoa especial. Faz parte da minha vida. É um pedaço de mim. Por isso só me resta agradecer. Muito obrigado, Senhor, pela oportunidade que tive de estudar no SEI. Muito obrigado, Senhor, pelas vidas tão extraordinárias que se dedicaram e deram o melhor de si para a minha formação. Só me resta desejar mais cem anos de sucesso. Cem anos? Não! Muito mais. Mil anos de sucesso.

SEI, feliz aniversário!!!
Com muita saudade,


Fábio Coelho Brandão
ex-aluno/1ª turma/SEI

Fonte: Arquivo pessoal

A outra filha, Gislaine Coelho Brandão, também teve início de sua jornada estudantil no pré-escolar, em 1984, estudando até a 4ª série, em 1989, em decorrência da nossa mudança para Campo Grande em 1990. Registro aqui o seu depoimento:

Meu nome é Gislaine Coelho Brandão, sou médica veterinária, especialista e mestre em Saúde Pública. Trabalho há 18 anos na Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso do Sul e atualmente sou Coordenadora Estadual de Vigilância Epidemiológica, DGVS/SES/MS. Durante a minha formação, passei por diversas instituições de ensino, iniciando pelo Serviço de Educação Integral – SEI (6 anos), em Dourados, Escola Perpétuo Socorro (1 ano) já em Campo Grande, Colégio Dom Bosco – CDB (6 anos), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (5 anos) e Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – ENSP da respeitada FIOCRUZ (3 anos e meio), sem contar os inúmeros cursos proporcionados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS e Ministério da Saúde. Apesar de ter se passado tantos anos, ainda lembro com muito carinho do período que passei no SEI, da forma transformadora que conseguem ajudar no crescimento educacional, social e pessoal de cada criança. Claro que na época, não conseguia visualizar a importância do SEI em minha vida mas, hoje, vejo claramente que as atividades, aparentemente simples, como passar a noite ou fim de semana na escola, olimpíadas esportivas, coral, brincadeiras, os livros escritos, simulados de pleitos eleitorais, atividades na piscina, e contato tão próximo com a administração, a ponto do Tio Mauro resgatar, inúmeras vezes, os “bambolês” presos misteriosamente nas árvores, impactaram profundamente no ser humano que sou hoje. Foi no SEI que aprendi a dividir com os colegas e não ser egoísta, a ajudar o próximo, a sempre homenagear meus pais, a cantar, a festejar as coisas simples da vida como a primavera, as primeiras letras e contas, a expressar meus sentimentos, tudo num ambiente seguro, cristão e dentro dos fundamentos da Educação Infantil. Agradeço a Deus pela oportunidade de ter convivido tão de perto com pessoas como a Tia Ezir e o Tio Gutierrez, educadores natos que construíram juntos a melhor escola para aprender sendo feliz. E mesmo estudando em tantos locais de relevante prestígio, ainda assim considero o SEI o local

mais especial de todos, onde as lembranças são mais saudosas e queridas, sendo a instituição que mais influenciou no crescimento pessoal. Após mais de 40 anos de existência, fico pensando na quantidade de adultos que viveram experiências semelhantes à minha e se eles conseguem também visualizar a importância do SEI no seu sucesso profissional e pessoal. Parabéns SEI! Continue sempre transformando vidas! (Gislaine Coelho Brandão).

A nossa filha mais velha, Marysuze Coelho Brandão Fraulob, teve a oportunidade de participar como professora auxiliar no SEI, e essa participação foi decisiva para consolidar a sua carreira profissional, sendo hoje uma requisitada professora de redação de cursinhos e escolas de 2º grau de Campo Grande. Ela também fez questão de registrar o seu depoimento nesta oportunidade, quando o SEI completa 40 anos de existência:

Em 1986 aos 16 anos tive o privilégio de ter o meu primeiro emprego como auxiliar de professora no SEI, experiência que foi fundamental para a escolha de minha profissão, que tenho exercido com muita dedicação. Lembro-me de cada pormenor como aprendiz na época: as orientações, as normas, e também das broncas recebidas da 'tia' Ezir que contribuíram decisivamente na minha formação como profissional da educação, na consolidação de meu caráter e na qualidade do meu trabalho como educadora. Também não posso deixar de mencionar o trabalho incansável do 'tio' Gutierrez, carinhosamente chamado de tio, e que constituía o ponto de apoio de professores, funcionários e alunos, expressando em seu rosto alegria contagiante. Tia Ezir, tio Gutierrez e família, trabalhando em sintonia e na busca de oferecer aos alunos não somente conteúdos, mas uma sólida formação para a vida. Milhares de crianças e adolescentes, tiveram a oportunidade nesses mais de 40 anos de receberem muito amor pela família Gutierrez e hoje pessoas adultas estão exercendo suas respectivas profissões. Hoje, com quase 50 anos de idade e como professora de redação em diversas escolas e cursinhos de Campo Grande, procuro transmitir aos meus alunos muitos dos ensinamentos que recebi na Escola SEI em 1986 e 1987, especialmente na formação moral e ética que deve embasar a vida profissional dos meus alunos.

Obrigada SEI. Obrigada tia Ezir. Obrigada tio Gutierrez. Obrigada a todos os membros desta tão querida família (Marysuze Coelho Brandão Fraulob).

Eu e a minha esposa, Eliete Coelho Brandão, somos imensamente gratos à família SEI, pelas orientações espirituais, morais, sociais e culturais que os nossos filhos receberam nas aulas, nas noites do pijama, nas excursões, nas apresentações realizadas no Dia das Mães, Dia dos Pais e no final de cada ano letivo, nos lindos cartões comemorativos elaborados pelos alunos, orientados pelas competentes professoras, conjunto de ações e atividades que contribuíram decisivamente na formação do caráter dos nossos filhos e, de igual forma, para milhares de outras crianças e adolescentes que hoje estão exercendo as mais diferentes profissões e como cidadãos honrados dignificam suas respectivas famílias e a nossa nação.

II. A ESCOLA SEI É UMA FAMÍLIA PARA MIM¹

Maria Elizabeth Bagio Cassel

Eu conheci a Escola SEI através da professora Telma, nós frequentamos a Igreja Luterana e ela me contou quando inaugurou a Escola SEI. Aliás, eu conhecia a Ezir antes, pois ela trabalhava na Escola Luterana Concórdia, ela era professora, nessa escola, antes de fundar o SEI. Depois, ela saiu para fundar a escola que funcionava na Rua Hayel Bon Faker, num prédio alugado da igreja Batista, era bem pequenininho e simples. Mas a Telma me falava muito bem da escola, então eu matriculei a minha filha Luciana, no “prézinho”.

Eu me emociono (lágrimas), pois eu fui matricular minha filha Luciana, e como já conhecia a Ezir, da Escola Luterana de Concórdia, ela me abraçou muito e eu disse: “está aqui a minha filha!”. Depois, vieram mais duas meninas, a Mariana e a Fabiana, todas as três estudaram, desde o maternal com a tia Neuza, na Escola SEI, naquela época, era até a 8^o série. A Luciana ficou até o Magistério na única turma que teve na Escola. Ela ficou na Escola SEI, do maternal até ir para a faculdade.

Quando elas terminaram o colegial, a Mariana queria fazer o 2^o grau no Colégio Anglo e a Luciana disse, que na Escola SEI, teria o Magistério. Durante este curso, conheci grandes pessoas na Escola SEI, pois continuei frequentando atividades na escola, com ela. Entre as pessoas que me marcaram muito, foi a “tia” Nize, pois ela ajudou muito a Luciana, tinha momentos que a Luciana não sabia se era o que ela queria para sua formação, e a Nize ajudou demais, a tia Ezir também. Durante o Magistério, vi o desabrochar da minha filha Luciana.

¹ Este texto foi composto com fragmentos de uma entrevista concedida pela sra. Maria Elizabeth Bagio Cassel à acadêmica do Mestrado em Educação da UFGD, Luana Tainah Alexandre Braz em 20 de novembro de 2019, para compor sua pesquisa sobre o curso de Magistério da Escola SEI.

Minha filha era uma menina muito quieta, muito tímida então começou a trabalhar na Escola SEI, como auxiliar, trabalhava, não me lembro bem o período, se ela estudava de tarde e trabalhava de manhã, não me recordo. Ela começou a trabalhar e me surpreendeu. Para mim, ela iria fazer Pedagogia, ela resolveu ir para a Arquitetura, só que, ainda continua com aquele jeitinho de tratar as crianças. Na igreja, ela dá aulas na escola dominical, com aquele cuidado que trouxe do SEI.

No tempo do Magistério, foi um aprendizado, ela aprendeu a se comunicar com os pequeninos, fez estágio em uma escola do lado do ginásio municipal, foi uma dificuldade, a gente ia buscá-la, pois, o ônibus em Dourados é uma tristeza. Fez o estágio e eu a ajudava no que podia, até a formatura. A formatura na Escola SEI, talvez pela parte emocional, foi uma formatura, que teve mais valor que a da Arquitetura, que era um curso superior. Na Arquitetura, eu não participei durante o curso, talvez, tenha ido alguma vez na Unigran, para alguma exposição de maquetes, mas não participei, no Magistério, eu consegui participar.

Na formatura do SEI, entraram as meninas e o menino Alessandro. Ele era filho da professora Lurdinha, uma grande amiga minha, eu tinha paixão por ela, ela foi professora da Luciana, ela é falecida, foi uma perda muito grande. O Alessandro vinha fazer as tarefas do magistério, junto com a Paulinha, a Tatiana, todos vinham muito aqui em casa. O meu cunhado conduziu a Luciana no palco, na cerimônia e na igreja, foi maravilhoso, foi uma etapa vencida.

Eu falo que ela me surpreendeu ao ir para a Arquitetura, eu tinha certeza que ela iria fazer Pedagogia, pois eu fiz Letras, mas, deixei a profissão, pelas contingências do momento, pois, na época não tinha quem me ajudasse a cuidar da família. Tive que parar de dar aulas para cuidar das filhas. A escolha foi largar a profissão, mas, com muita dor no coração. Eu era professora de Letras, Inglês e Português. Eu morava há meia quadra do Colégio Imaculada, o colégio das irmãs, elas foram em casa me buscar, mas eu disse não, pois a minha opção foi cuidar das minhas filhas e não me arrependo.

Então, com isso, ficou uma lacuna em mim. Acompanhando a Luciana no Magistério, envolvida com alunos, isso me preenchia de alguma forma, uma parte que eu não tinha vivido foi preenchida no magistério de minha filha, eu vibrava com os trabalhos da Luciana. E eu sei que foi muito bom para ela, fazer o curso com a tia Nize e a tia Ezir, foi maravilhoso.

Sobre a Escola SEI, por inteiro, eu posso dizer que a Ezir, para mim, é a minha segunda mãe, a Beth é como uma irmã para mim, os meninos me socorreram muitas e muitas vezes. A Ezir, não só como Psicóloga, mas como mãe que dá colo, nós temos uma amizade diária, hoje através do *whatsapp*, mas, nós temos uma amizade diária. É impossível discernir o que é o SEI para mim, é minha família é como uma parte da minha família. Posso dizer que para mim é a minha segunda casa, a extensão do meu lar. Eu tenho o SEI como o ponto máximo na minha vida, a extensão da minha família. Tenho certeza (desculpa o orgulho) que eu também sou extensão da família deles, quando levei meus netos, agora, para estudarem lá, foi um recomeço. E graças a Deus, eles estão muito bem na escola.

Como mãe, lembro do Magistério da Luciana como um pedaço da minha vida no SEI, foi uma luz para minha filha, ela recebeu um carinho enorme, cresceu e aprendeu a se comunicar. Para ela, está sendo muito bom, porque apesar de ser arquiteta ela educa muito bem os meus netos. Ela aplicou tudo o que aprendeu não só do Magistério, mas na vida dela. E a Ezir é um doce de pessoa, tenho grandes amigas que adquiri na Escola SEI, até hoje.

Lembro de tudo o que o SEI era para as minhas filhas e de como as crianças participavam de tudo, a noitada, a diada, as festas juninas, as festas de final de ano, o coral. Minhas filhas participaram o tempo inteiro do coral. Ainda era tempo das togas, não tinha camiseta e era uma função com aquela toga, que tinha que ir no cabide para não amassar. Ficavam nervosas, eu ajudava a vestir as minhas e as outras, era uma loucura aquele coral. Nas festas de final de ano, eu ajudava a ensaiar e cantava junto. De tanto cantar o hino do SEI, conheço as músicas. Hoje, quando meus netos cantam, eles

vêm ensaiar e os acompanho. Eles perguntam “como é que você sabe vovó?” Eu digo que é uma longa história.

Lembro das festas do SEI, que eram minhas também, eu curtia e participava, nas festas juninas, eu fazia vestido caipira, o dia das mães, o dia dos pais, eu curtia muito. Eu sabia da surpresa das crianças, mas tinha que fingir que não sabia. Eu tenho 71 anos, a Escola SEI tem 40 anos, eu tenho mais tempo de SEI do que de vida, e no período entre a saída da Luciana do Magistério, até a entrada de meus netos, agora foram de 1998 a 2017, um longo período que eu não frequentei a Escola SEI, pois não tinha mais filhos lá, mas assim mesmo, mantive contato com a Escola.

No período, quando não tinha mais filhos na escola, eu encontrei a Ezir em palestra na minha igreja, e quando me dava saudade eu ia às festas de encerramento do SEI, a festa junina e nas apresentações do coral. Eu ficava curtindo, depois dava um abraço na Ezir, pois eu sentia saudades. Para mim, foi uma grande honra e uma alegria ter minhas filhas, como é agora ter meus netos estudando lá. É uma grande oportunidade de voltar a conviver com as duas gerações. Eu agradeço à Deus pela oportunidade que ele me deu de conhecer essa família maravilhosa, essa escola cristã, uma escola que ensina o que é realmente Jesus Cristo. Uma escola que fala a língua da minha igreja cristã e não tem conflito. Uma escola que me ajudou a colocar Cristo no centro da minha família, no coração das crianças e no coração da minha família, e aprendi muito com a Ezir, e ainda aprendo muito!

III. UMA ESCOLA EXITOSA

Dirce Nei Teixeira de Freitas

Este texto tem como objetivo relatar a minha experiência como mãe de ex-aluna da instituição de educação escolar SEI – Serviço de Educação Integral (Dourados, Mato Grosso do Sul), no período de 1990 a 1995. Não tenho pretensão outra que não seja a de socializar lembranças de uma fecunda vivência, sob um olhar seguramente influenciado pelo tempo e circunstâncias atuais de vida. Sem propósitos de empreender análises, debate ou fundamentação, adoto a singeleza como critério de escrita.

Agradeço pela oportunidade, a mim concedida, de contribuir na elaboração de uma obra coletiva de cunho memorialista motivada por objetivos acadêmicos e socialmente relevantes. Agradeço pela confiança da Profa. Dra. Magda Sarat Oliveira, estimada e admirada ex-colega de magistério superior, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), de 2005 a 2012. Agradeço, pela oportunidade de revisitar uma atividade da qual me distanciara há algum tempo. Parabens Magda pela iniciativa e pelos esforços empenhados na produção de importante registro para a história da Educação douradense. Antecipo agradecimentos, também, ao leitor disposto a interagir com este texto.

Julgo imprescindível começar com breves referências pessoais e profissionais das três pessoas, diretamente envolvidas nos acontecimentos aqui referidos: eu, meu marido (Claiton) e minha filha (Jilian). Três vidas a produzir a si mesmas, em contextos de intercâmbios múltiplos e complexos, dos quais não cabe aqui tratar, embora relevante para a significação deste relato.

Eu, natural de Ponta Porã – MS, atuei por 42 anos no magistério público (municipal, estadual e federal) com algumas passagens por instituições particulares. Na Educação Básica, atuei como alfabetizadora de crianças e adultos, docente do ensino fundamental

e do ensino médio, assim como na coordenação pedagógica escolar. Integrei quadros técnico-pedagógicos em Agências Regionais de Educação do estado de Mato Grosso do Sul, bem como na Secretaria Municipal de Educação de Dourados. Também, atuei no Magistério, dos anos iniciais do ensino fundamental, em duas instituições particulares de ensino: no Ginásio Professor Jíóia Martins (Amambai-MS, 1970 a 1972) e na MACE – Moderna Associação Campo-Grandense de Ensino (Campo Grande, MS, 1973 a 1976). Exerci a coordenação pedagógica de turmas que seguiam orientação pedagógica construtivista na escola SEI, no período 1991 a 1995. Fui docente em curso de Formação para o Magistério de nível médio e, na Educação Superior, exerci docência em cursos de graduação de formação de professores (Pedagogia, Letras, Ciências Biológicas, Matemática e Geografia), nas instituições UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus Dourados, 1995 a 2004) e UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados (2005 a 2011). Nesta última, atuei também em cursos de pós-graduação (*lato e stricto sensu*), sempre na área da Educação. Aposentada, no ano de 2012, optei por me retirar de toda atividade formal da área educacional, dedicando-me a viajar, ler, escrever e, principalmente, a exercer mais plenamente os papéis de mãe, esposa, filha e dona de casa. Este texto implicou a suspensão provisória dessa decisão, portanto uma exceção. Contando já 65 anos de vida, sinto-me feliz em ter dado novo foco a meus dias, entre outras coisas, porque continuo a aprender sobre a educação formal, olhando-a de perspectiva externa e distanciada.

Meu marido, Claiton Sergio, natural de Dourados – MS, trabalhou durante 35 anos em Agências e Centros do Banco do Brasil, tendo se aposentado também há oito anos. Claiton foi um pai sempre presente e participativo em tudo que dizia respeito a nossa filha, mas confiava a mim total liderança no tocante à escolarização dela, dada a minha formação e atuação profissionais. Todavia, entreviu solidária e complementarmente quando necessário.

Nossa filha, Jilian, foi aluna do SEI durante seis anos. A sua formação e atuação profissional são públicos, por meio da plataforma Currículo Lattes, fonte da qual extraio informações que julgo ser de interesse também para este texto (Brasil, 2020).

Jilian Nei de Freitas possui graduação em Química pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2002), mestrado em Química Inorgânica pela UNICAMP (2005) e Doutorado em Ciências pela UNICAMP (2009). Em 2008, realizou um estágio sanduíche no Linz Institute for Organic Solar Cells (LIOS), na Áustria. Tem experiência na área de Química de Materiais e Química Inorgânica, atuando principalmente nos seguintes temas: Células solares de TiO₂/corante, células solares orgânicas e híbridas, eletrólito polimérico, polímeros condutores, síntese de nanopartículas inorgânicas e quantum dots e preparação/caracterização de compostos e nanocompósitos híbridos orgânico-inorgânico. Desenvolveu o projeto de pós-doutorado no Laboratório de Nanotecnologia e Energia Solar (LNES), coordenado pela profa. Ana Flávia Nogueira. Realizou estágios de curta duração como pesquisador visitante na University of the Witwatersrand (Johannesburg, África do Sul), na Wayne State University (Detroit, USA) e no Imperial College (Londres, UK). Atuou como pesquisadora na iniciativa privada em 2012 e 2013, nas empresas TEZCA Células Solares e DuPont do Brasil S.A. Atualmente é Tecnologista Pleno II no Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer - CTI, unidade do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Oferecendo à Jilian um bom ensino fundamental, o SEI contribuiu no processo de estabelecimento de condições intelectuais e afetivas fundamentais na construção da referida trajetória acadêmico-profissional. Somou positivamente ao trabalho realizado por outras instituições de educação e ensino em fase pré-escolar (Escola Estadual Dr. Fernando Correa da Costa, de Amambai, no período de 1986 e 1987), nos dois primeiros anos do ensino fundamental (Escola Estadual Dom Aquino Corrêa, de Amambai, em 1988 e 1989), no ensino médio (Escola Imaculada Conceição, de

Dourados, nos anos de 1996 e 1997 e Escola Dom Bosco, de Campo Grande, no ano de 1998).

As instituições escolhidas para o início da escolarização (pré-escolar e ensino fundamental) da Jilian o foram tanto por razões educacionais como pela conveniência familiar, uma vez que eram meu local de trabalho. Mas, cabe ressaltar que tinham bons projetos pedagógicos de desenvolvimento de seus alunos como pessoas e cidadãos, além de contarem com professores competentes, inovadores, dinâmicos e responsáveis. A alfabetização era orientada por referencial teórico construtivista e contava com a minha coordenação pedagógica, o que me possibilitou participar não só como mãe, mas como profissional, desde o início da escolarização da minha filha. A respeito do mencionado referencial há farto material a que o leitor interessado poderá buscar.

Ao final de 1989, mudamos de Amambai para Dourados - MS, no intuito de oferecer a nossa filha uma formação mais ampla do que a possível, àquela época, na cidade de origem. Queríamos que ela aprendesse inglês e também atender a seu interesse por dança e música. Além de continuar o ensino fundamental em uma boa escola em Dourados, ela passaria a conviver com familiares paternos ali residentes. Foi na fase de adaptação à nova localidade de residência que o SEI passou a fazer parte da nossa vida.

A escola SEI foi uma das instituições douradenses a nos propiciar novas relações sociais, novos contatos e novas convivências. Conhecemos essa escola no término do ano de 1989, por iniciativa da Professora Rute Isabel Simões da Conceição, então colega de trabalho na rede estadual de educação douradense. À época, com apenas nove anos de existência, o SEI era uma escola de pequeno porte, mas já contava com bom conceito na cidade. Segundo informações obtidas com terceiros, a sua proposta de educação integral a destacava no contexto educacional local.

Ela estaria traduzida em currículo abrangente, assim como em especial atenção dedicada a alunos com dificuldades pedagógicas e psicossociais, além do viés confessional cristão na sua prática

pedagógica. O viés confessional não representava entrave, uma vez que o cristianismo fundamentava a nossa formação, entretanto, não era um atrativo fundamental, porque havíamos decidido que escolhas relativas à religião caberiam à Jilian, de modo que não tínhamos exigências ou restrições quanto a esse aspecto. O SEI também contaria com equipe docente qualificada, com liderança e monitoramento pedagógico-administrativos de Ezir Bomfim Estremera Gutierrez, então diretora da escola, e com a vice-direção do Senhor Gutierrez.

Na época, a escola SEI funcionava em imóvel originalmente residencial, adaptado ao trabalho educacional que prestava, contando com uma área livre acolhedora e sombreada. O aspecto físico interno não me causou boas impressões, cheguei a hesitar em escolhê-la para a continuidade da escolarização da minha filha. Todavia, observei que as limitações físicas eram contornadas por meio de boa organização-administração e forte cooperação do coletivo de trabalhadores da Instituição. Avaliando as alternativas existentes na localidade, concluí que o projeto pedagógico da escola SEI permitiria um adequado prosseguimento de estudos para a minha filha - que, até então, havia frequentado somente escolas públicas - em que pesassem diretrizes e práticas comportamentalista de sua execução curricular.

Cabe esclarecer que, no debate pedagógico, ganhavam corpo, críticas ao predomínio da Psicologia na Educação, tanto o enfoque behaviorista (comportamentalista, adotado no SEI), como o psicogenético (caso do construtivismo), à época em ascensão em escolas Sul-mato-grossenses. Também, óticas pedagógicas mais calcadas na sociologia e antropologia adquiriam crescente atenção na educação pública estadual, particularmente, em iniciativas de formação continuada de professores, das quais eu participava. Atenta ao debate, considereei que a mais acertada escolha não dependia das minhas preferências teóricas e pedagógicas, mas das opções então disponíveis.

Eu era conhecedora de que historicamente a educação escolar se constituiu campo de disputas políticas configuradas em embates entre tradição versus inovação pedagógicas, fins de conservação versus transformação social, laicidade versus religiosidade na educação, entre outros embates. Uma das manifestações dessas lutas era a emergência e a supremacia de conhecimentos de áreas diferentes, de modo que as intervenções pedagógicas privilegiavam ora a Biologia, ora a Psicologia, ora a Sociologia, ora a Antropologia e outras ciências. Na educação formal, como em todo processo humano, a complexidade exige fugir a convicções, ainda que imperioso seja fazer escolhas responsáveis e consequentes. E foi o que eu e Claiton fizemos, naquela ocasião.

O primeiro desafio que enfrentamos na nova escola da Jilian (o SEI) foi o de lidar com as especificidades do ensino particular. Os não desprezíveis custos diretos (mensalidade, uniforme, insumos) de tal ensino não foi o que mais pesou. O mais difícil foi a inserção no novo grupo escolar, configurado por relações sociais já estabelecidas entre alunos e estes e seus professores. As peculiaridades socioeconômicas e culturais de colegas e professora do terceiro ano escolar exigiram da Jilian esforços novos de construção da sua sociabilidade. Nesse sentido, foi fundamental ter a sua identidade reconhecida, o que era uma positiva característica da escola SEI, desde então. Deveras importante ser nomeada pelos agentes escolares, ter seus pais reconhecidos nominalmente, ter as suas especificidades levadas em conta, ser liberada do espaço escolar somente quando da chegada dos pais ou responsáveis, entre outras medidas de conformidade ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Escolas públicas, em geral, não agem com igual critério, embora devessem. É fato que, no caso da Jilian, isso vinha ocorrendo nas escolas frequentadas até então, muito mais em razão da minha presença profissional no meio escolar do que como prática institucional.

Ter na escola SEI, a identidade reconhecida por si mesma, foi positivamente consequente na criação de laços sociais e

institucionais da nova aluna. De todo modo, as relações e interações exigiram atenção e intervenção de nossa parte, dando-se principalmente no sentido de auxiliar a Jilian a compreender expectativas, atitudes, práticas, costumes e regras da nova escola, dos novos colegas e da nova professora. Ciente da importância deste aspecto para o êxito pedagógico, não o menosprezamos. Ajudamos a Jilian a perceber e lidar com as diferenças reais entre pessoas e instituições, conseguindo bons resultados. De fato, ainda que existissem similaridades entre contextos escolares público e privado frequentados, as especificidades culturais trouxeram vários desafios de inserção. Parece-me que, nem sempre, esse aspecto tem sido devidamente dimensionado quando analisamos o êxito ou fracasso das crianças nas escolas.

Outra dificuldade encontrada, durante o período de adaptação à nova escola, diz respeito à preparação para as avaliações de aprendizagens, uma vez que estas eram principalmente feitas por meio de provas, que exigiam mais desempenho mnemônico do que de elaboração cognitiva propriamente. Era algo novo a aprender com meu auxílio em casa e este se estendeu até o quinto ano, sempre tendo como meta a crescente autonomia no cumprimento das suas obrigações de estudante. A partir do sexto ano, a Jilian assumiu com autonomia as suas obrigações estudantis, muito animada com as novas instalações da escola, novos colegas e professores. Desde então, assumiu dedicadamente a sua vida escolar.

As dificuldades iniciais foram superadas, seguindo-se um período de ricas experiências no meio escolar. No quinto ano, as suas aulas preferidas eram as de Língua Portuguesa, com o destaque dado à leitura e à produção de texto como meios de aprendizado também de gramática e ortografia. No sexto ano, a Jilian passou a gostar muito das aulas de Matemática e de Ciências e, no sétimo ano, adicionou a essa lista, Espanhol e História.

O SEI proporcionava a seus alunos variadas atividades dinamizadoras e enriquecedoras da educação escolar realizada. Por meio delas, estimulava a cooperação entre alunos, a criatividade, a

comunicação, a autonomia, a responsabilidade. Foram muitos os momentos de estímulo à expressão e comunicação por meio de atividades artísticas, recreativas e socializadoras, além das que estimulavam a leitura, a escrita, o raciocínio e a investigação. Destaco as feiras de Ciências e de Estudos Sociais, os concursos de desenho e de redação e o Coral Escolar. Todas concorriam para que a escola fosse um lugar de bom convívio e interação, de aceitação do outro, de valiosas oportunidades individuais, grupais e coletivas. Estimulava, assim, o amor à escola, ao conhecimento, à participação.

Uma atividade simples, mas valiosa, foi a elaboração, no sétimo ano, de um álbum contendo textos e fotografias de registro da história de vida da aluna, de seus pais e avós. Dele me servi, em parte, na elaboração deste texto. Com ele em mãos, Jilian reviveu, em minha companhia, recentemente, ótimos momentos de sua vida de criança e adolescente. Entre os documentos constantes do álbum há uma atividade pedagógica ainda mais simples, mas que bem exemplifica a mobilização de esforços, emoções, sentimentos do aluno. Ainda na primeira etapa do ensino fundamental, coube à Jilian a alegria de ver o seu desenho escolhido, por colegas e professores, para a capa do convite à comunidade escolar para participar das atividades de encerramento do ano escolar.

Uma cartinha (Figura 01) do SEI para a Jilian, também presente no álbum, bem complementa as exemplificações. O leitor certamente perceberá, nas belas palavras de educadora, nuances da fecunda relação entre escola e aluno. Trunfo maior de uma escolarização exitosa que o SEI sabia promover.

Figura 01 - Carta do SEI para Jilian (1994)

Dourados, 27 de maio de 1994

Querida Jilian

A vida é uma eterna permuta.

Há algumas pessoas que passam por ela sem nada a dar e, consequentemente, pouco ou nada recebem.

Outras, porém, espalham os talentos que Deus lhes deu e colhem sucessos, alegrias, bênçãos.

É muito bom saber que você está entre os últimos. Menina inteligente, bonita, bem-educada, estudiosa, boa filha, boa amiga, boa aluna.

A escola em que estuda se orgulha de tê-la entre seus alunos há 5 anos. Agora, sua estrada promissora abre-se para além do "nosso cantinho" e você conquista o segundo lugar num concurso de redação sobre a Caixa Econômica Federal.

Temos certeza de que outras vitórias virão. Serão uma consequência Inevitável do seu merecimento e do seu talento.

Tire partido delas, usando-as com sabedoria e humildade.

Juntamo-nos a todos os que a amam e que se alegram com você no dia em que receberá o justo prêmio do seu trabalho.

Parabéns!



Fonte: Arquivo pessoal

Na escola SEI, minha filha passou os seus anos de pré-adolescência e parte da sua adolescência. O ambiente escolar acolhedor, amigo e estimulador propiciou-lhe viver com relativa tranquilidade esse estágio da sua vida, bem como construir ótimos vínculos de amizade, que perduram no tempo. Encontrou professores que exerceram grande influência na sua trajetória de estudante ao lhe prestarem ensino de qualidade e promoverem o seu desenvolvimento. Poderia, talvez, ter se beneficiado mais de um trabalho de Educação Física de melhor qualidade.

A mim, como mãe, o SEI propiciou aprendizados e interações valiosas, mediante espaço para coparticipação na escolarização da minha filha, bem como acolhimento e respeito humano, além da adequada proteção e segurança dela. O bom trabalho realizado pelo SEI tornou as suas limitações (físicas, materiais, tecnológicas, metodológicas e humanas) irrelevantes. O ambiente educativo produzido pelo coletivo foi, sem dúvida, muito profícuo. Tudo sob a liderança de Ezir, que para além de bom desempenho de educadora e administradora, agregava sentimento, emoções, encorajamento e apoio psicológico, sempre que necessário fossem. Com seu olhar cativante, sua risada alta e sua atenção incansável fazia-se amar e promovia amor entre todos.

Estas lembranças trazem-me alento, nestes dias de tantos ataques à Educação, à escola e aos educadores. Sem dúvidas, há muitos problemas a superar no âmbito da Educação escolar pública e privada. Esse fato, todavia, não autoriza críticas e ataques por parte de pessoas nem sempre qualificadas, muitos deles pais omissos antes e durante o processo de escolarização de seus filhos. Familiares severos julgadores de matéria escassamente dominada, como se “sabedores” fossem do que, realmente, “quase nada sabem”. Lamentavelmente, generalizam “casos” baseados na própria miopia, propagando descrença na escola e a ela atribuindo responsabilidades de outras instituições, inclusive da família.

Finalizando, saliento que foi uma escolha feliz a de ter decidido pelo prosseguimento do ensino fundamental de minha filha na e pela comunidade SEI. Reconhecida, agradeço aos muitos participantes desse processo, nas mais diferentes funções e atuações. Em especial, agradeço a cada professor, cada coordenador, ao vice-diretor e à diretora do SEI no tempo em que minha filha lá estudou. Saibam todos que estamos a colher ótimos frutos de nosso esperançoso, laborioso e exitoso plantio. E, à Ezir, uma pequena confissão: muito aprendi com você. Lamento, e muito, não ter conseguido aprender a rir gostoso e a abraçar com o olhar, como você sempre fez.

IV. A ESCOLA SEI E A FORMAÇÃO DAS MINHAS FILHAS

Almerinda Maria dos R. Vieira Rodrigues

Falar sobre a Escola SEI, na visão de mãe de aluno, parecia algo simples, prazeroso, mas tornou-se algo tão difícil agora. Essa tarefa despertou emoções há muito vividas, lembranças de situações que me levaram a refletir sobre a importância da escola no que se refere à educação escolar dos filhos e, sobretudo, na construção da minha pessoa como mãe, uma vez que não posso falar em nome dos pais (pai e mãe), de forma geral. Desta forma, não tem como falar da Escola SEI, sem contar o contexto inicial, responsável pela decisão de escolhermos essa instituição de ensino, na qual minhas filhas tiveram o privilégio de estudar.

A história começou bem antes!

Sou filha de professora e minha mãe teve uma gravidez tardia, quinze anos de diferença entre mim e a irmã caçula. O bebê não tinha uma mão, e esse fato fez com que a família se redobrasse para compensar essa deficiência com melhores condições e estímulos. O tempo da escola chegou e, na época, não havia muitas escolas para crianças. Ouvimos sobre uma escola de crianças pequenas e minha mãe, após conhecê-la e, também à Senhora Ezir e Senhor Gutierrez, concluiu a matrícula. Nessa época, não sabia nada sobre educação, mas ouvia minha mãe dizer que a escola para pequenos deveria ser encantadora, FELIZ! Minha irmã desenvolvia-se muito bem, sentia-se incluída, tinha amigos, aprendia com facilidade e, conforme crescia, acompanhava o crescimento da escola e eu, observava tudo com olhos de professora em formação, ou seja, ainda sem fundamentar qualquer fato mas construindo conhecimentos com os conflitos diários.

Fiz o Magistério, o Curso de Pedagogia, casei e tive duas filhas. Queria o melhor para elas. O desejo era que elas aprendessem, mas não deixassem de sonhar, brincar...viver! Como exemplo da minha irmã, queria que elas aprendessem as “matérias”, mas,

principalmente, descobrissem, e buscassem novos conhecimentos e assim utilizá-los no decorrer da vida. Porém, havia um dilema: Escola Pública ou particular? Mesmo sendo professora de escola pública, optamos pelo particular, porque dentre os elementos que achávamos fundamentais, a escola apresentava dois itens que não observamos nos demais espaços educativos: a valorização da família e da FÉ. Minha família era convicta que as crianças aprenderiam os conteúdos de uma forma ou de outra, mas somente valorizariam a família se vivenciassem ações pautadas por essa crença. A fé, tão importante quanto a família, garantiria a força para que se levantassem a cada tombo e aprendessem também com os erros sem desistir de lutar.

Superado o primeiro obstáculo que era a matrícula, o que aconteceu por volta dos anos 1995/1996, iniciaram os estudos, e passamos por vários períodos difíceis, financeiramente, mas lutamos muito e conseguimos mantê-las na escola até o final do Ensino Fundamental. Somos muito gratos pela ajuda que recebemos.

Escolher uma escola é fácil, entretanto, a opção por mantê-los ano a ano, depende dos resultados frente aos objetivos que se tem. Esses resultados, sempre atrelados a valores e crenças que não são todos fixos, rígidos. As duas filhas permaneceram na escola SEI subindo os degraus oferecidos com êxito. Isso demonstra confiança e satisfação da família para com a escola. Procurarei relatar alguns pontos que considero importante, pois, além de mãe, era uma professora e, como tal tinha críticas também, mas compreendia que mesmo seguindo orientações da Dona Ezir, cada professor carregava resquícios de experiências e crenças, o que faz com que a formação, ainda que se pretenda seja “padrão”, tome contornos diferenciados e resulte em práticas distintas, ou seja, em metodologias.

Como profissional da área sabia que havia uma preocupação com o cumprimento do currículo definido pelo Estado e que nem sempre era fácil lidar com as diferenças das crianças, inclusive,

observei que era mais difícil prender a atenção das crianças na escola particular devido à realidade que viviam. Tinham “tudo”, viajavam, tinham TV e tantas outras coisas, enquanto as crianças da escola pública facilmente se encantavam, com os poucos recursos que tinham e com sucatas que recolhíamos. Das muitas ações que chamavam a atenção de minha família, no SEI, era em especial, o trabalho em equipe desenvolvido pela instituição. E todos orientados pela Dona Ezir conseguiam conduzir o trabalho de forma a disciplinar as crianças e os pais. Não falo de uma disciplina de submissão, mas de respeito ao que é direito de todos: horários, combinados, entre outros. Nas reuniões deixava-se claro que a escola não era responsável por tudo, e que cada um tinha que fazer sua parte. Discutimos uma vez quanto à necessidade de dialogar com os filhos, mas também da necessidade de atitudes enérgicas. Na escola víamos exatamente isso. Dona Ezir e tio Fábio davam ordens, broncas... tudo combinado com senhor Gutierres e tio Mauro que amenizava com uma “balinha” em sinal de compreensão e “-força...tudo vai dar certo”.

Meu olhar era resultante também do olhar e fala das crianças que, por vezes, chegavam deslumbradas, contando fatos, planos, rindo. Outras vezes, chegavam inconformadas e bravas, mas as frustrações fazem parte da formação do indivíduo. Pensando assim, procurávamos ouvi-las, orientá-las sem tomar partido até que a poeira abaixasse e retomássemos ao assunto destaque.

As datas comemorativas eram vistas por mim com olhos de certa reprovação, mas as comemorações “Dia dos Pais e Dia das Mães” foram muito aproveitadas pela minha família, porque era uma situação em que estávamos junto às crianças, tomávamos o café da manhã que elas, com os professores e colegas que ajudavam a preparar ou servir. Conhecíamos pais separados e percebíamos a importância da data como motivação para aproximá-los dos filhos, possibilidade de se conhecerem melhor, além do orgulho das crianças, de forma geral, de apresentarem os pais à comunidade escolar. Como mãe, o que mais gostava, era das reuniões de pais,

pois podíamos discutir alguns temas e, por vezes, contrariados, refletíamos e aperfeiçoávamos de acordo com a realidade, o respeito às opiniões diversas, às vezes, imaturas e até preconceituosas, mas parte fundamental do processo de aprendizado e formação.

As crianças adoravam a escola e não queriam faltar nem mesmo quando estavam doentes. Muitos fatos faziam parte do rol das coisas que mais gostavam como, por exemplo, a “noitada”. Nossa! Era uma semana difícil devido à expectativa das crianças. Tudo tinha que ser preparado. Guerra de travesseiros, a pizzaria, o ônibus e a caça ao “Tirisco”. As crianças levavam lanternas para essa caça, e ninguém achava a criatura ou muitos imaginavam que tinham visto, mas nem sabiam o que era. Só descobri que o Tirisco era um personagem imaginário, muito tempo depois. Será que o personagem ainda existe? Além de promover uma certa independência nas crianças, com a noitada, aprendiam a se organizar, respeitar, ajudar e a superar medos. Chegavam muito cansados em casa na manhã seguinte, mas cheios de histórias. Isso também ensinava os pais a controlarem a ansiedade e insegurança.

Lembro-me que a primeira noitada em que minhas filhas participaram passei várias vezes em frente à escola...e, assim como eu, outros pais faziam o mesmo. Outro momento que fazia brilhar os olhos das meninas era o coral. Meus olhos também brilhavam e fatalmente chorava em todas as apresentações. Com isso matriculei as crianças na aula de teclado, o que possibilitou que ampliassem os conhecimentos sobre música e musicalização.

Nas feiras de ciências, faziam com que os pais participassem também, e com isso aprendiam junto com os filhos. Lembro-me de uma que, a meu ver, as crianças se empolgaram mais. Estudaram a vida das joaninhas. Foi lindo! Também sobre as lagartas. Uma vez, minha casa ficou cheia de casulos, pois as lagartas caíam dos coqueiros e achavam lugares diversos. A filha caçula não deixava tirá-los. Chorava caso visse os gatos matarem as borboletas, explicava tudo o que tinha estudado, foi maravilhoso isso.

As excursões proporcionavam, da mesma forma, muitos aprendizados para as crianças e para os pais, que obrigatoriamente tiveram que abrir as asas para que as crianças alçassem voo. Lembro da viagem ao Hopi Hari que teve um impacto fantástico nas meninas, pelo fato de ser um parque de diversões. Visitaram o Museu do Ipiranga, o parque aquático em Caldas Novas e tantos outros que não me recordo no momento.

Tenho uma lembrança que guardo com carinho especial. O livro, anual, dos destaques, tinha destaque para quase todo mundo, creio que como forma de valorizar as individualidades e a diversidade de cada aluno ou aluna. As falas das crianças eram transcritas mostrando, muitas vezes, a ingenuidade, mas sempre demonstrando claramente o processo de construção do conhecimento, da personalidade, do pensamento. Naquela época, me divertia com tudo e não pensava verdadeiramente na importância do que as crianças diziam. E assim, debrucei-me a escrever estas lembranças, para lançar um olhar sob outro viés da escola que revisei esses materiais, isto é, com um olhar mais maduro, crítico que pude perceber o valor dos mesmos.

Como mãe e professora detestei quando utilizaram uma metodologia nova para o ensino da Matemática. Queria obrigar as crianças a aprenderem da forma como sabia e com isso criei um grande conflito em casa. O esposo e pai pediu que não interferisse, assim parei de acompanhá-las nas atividades dessa disciplina. Com o tempo, mesmo sem entender “aquele processo”, percebi que os resultados eram os mesmos e me senti mais confortável. Compreendi que não existe um único caminho. Isso foi uma grande lição para aceitar o trabalho com Matemática, que a escola realizava, mas a maior lição foi carregar esse conhecimento para a vida, para o respeito ao caminho percorrido por cada indivíduo, que pode ser mais longo ou mais curto, mas sempre haverá um aprendizado.

Muitas vezes, me perguntei como uma escola, com professores diferentes, com formações diferentes pode caminhar com um único objetivo? E aí, que está um fator primordial: Dona Ezir,

coordenadora pedagógica, psicóloga e proprietária da escola. Com espírito enérgico e de liderança, humanidade e conhecimento conseguiu montar uma equipe real, dessas que sonhamos, que veste a camisa, que resolve, que faz com que as crianças se sintam confiantes, que sonhem, que criem, que vivam, que aprendam a respeitar. Esse trabalho, resultou no que vemos hoje: uma escola confiável.

Por isso, respeitosamente, na minha compreensão da escola SEI sempre foi e sempre “indesvinculável” da Dona Ezir, mas ela não pode ser vista isolada da equipe e sim parte, pois a família SEI, vai além dos laços sanguíneos, faz acontecer, e ainda hoje oferece muito mais do que formação acadêmica, oferece educação no sentido completo. Continua educando/ensinando crianças e também os pais quanto aos horários, tarefas, trabalhos. Tenho consciência de que não há uma receita. Com certeza, ainda teria críticas. Mas tenho certeza que essas críticas, frente a tantas coisas boas, sumiriam na poeira do caminho com a mesma insignificância do pó.

V. PEQUENA MEMÓRIA COM ELOGIO DA ESCOLA SEI

Renato Suttana

No mês de maio de 2005, minha esposa participou de um concurso para se tornar professora do *campus* de Dourados da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Assim que se confirmou a sua aprovação, fomos informados de que já estava em curso o processo de criação de uma universidade nesta cidade.

Para ela, abria-se a possibilidade de se estabelecer no Estado de Mato Grosso do Sul, atuando como docente da nova instituição, que veio a se chamar Universidade Federal da Grande Dourados. Embora fôssemos professores estabelecidos de universidade pública em Guarapuava, no Paraná, com alguns anos de experiência, a perspectiva de nos mudarmos para outro estado era animadora e até estimulante, por diversas razões, entre as quais despontava a ideia de que, com a abertura de vagas para cargos docentes em Dourados, eu também poderia fazer o concurso e, caso aprovado, me transferir dentro de alguns meses para o outro estado. Era um passo arriscado, evidentemente, sobretudo para quem tinha uma filha que ainda não alcançara os dois anos de idade. Além disso, para ser realizado, exigia como condição que eu fosse de fato aprovado — coisa que nenhum adivinho seria capaz de prever.

No entanto, já no mês de setembro desse ano (2005), tomada a decisão de fazermos a mudança, e despendidos alguns dias no esforço de encontrar casa para alugarmos em Dourados, Magda se transferiu para aqui. Na época, nossa filha Marina era apenas uma garota loira e tagarela, com os problemas de pronúncia (de alguns fonemas) comuns à sua idade. Mesmo assim, feita a mudança, havíamos decidido também que ela seria matriculada em escola de Educação Infantil, talvez, já para o ano de 2006 ou 2007, por razões de conveniência e porque, afinal, como bons pais de classe média que éramos, nos interessava que a formação escolar da menina se iniciasse em tenra idade. Com efeito, assim procedemos, embora eu

mesmo ainda não pudesse me estabelecer em Dourados, uma vez que, tendo sido aprovado em segundo lugar para uma vaga de docente, no primeiro concurso que se realizou para admissão de professores, na recém-criada Universidade Federal da Grande Dourados, não obtive contratação imediata.

Não obstante, a perspectiva de uma entrada em serviço que poderia ocorrer nos próximos meses ou no ano seguinte, isso nos trouxe uma certa apreensão. Eu deveria permanecer em Guarapuava por um tempo, enquanto Magda moraria em Dourados com nossa filha pequena, até que a sorte mudasse — o que, contrariando nossas expectativas, só ocorreria no início de 2008, quando finalmente se abriu a perspectiva de que, mediante nomeação para cargo de professor na UFGD, eu também pude me transferir.

Por esse tempo, como forma de ficar mais próximo da família, eu já cumpria um estágio como pesquisador visitante na nova universidade. Tinha, inclusive — sob a promessa de que a nomeação se efetivaria em época próxima —, solicitado exoneração de meu cargo docente na universidade paranaense, gesto que me permitiu fazer a transferência, bem como, com a bolsa de pesquisador concedida pelo Estado de Mato Grosso do Sul, garantir minha permanência na cidade para os meses seguintes, sem depender do salário de professor que, por essa altura, eu já não recebia.

A escolha da Escola Serviço de Educação Integral — SEI —, em Dourados, onde matricularíamos nossa filha se deveu, certamente, à indicação de terceiros; mas decorreu também do conhecimento que minha esposa foi adquirindo acerca dos estabelecimentos de ensino da cidade. Marina começou a frequentar o SEI em outubro de 2006, na turma do Jardim I. Tinha na época dois anos e sete meses de idade e devia, portanto, matricular-se no ciclo maternal, para o qual não havia vaga naquele ano. A escola aceitou a matrícula, um pouco a título de adaptação à vida escolar, até porque, sendo criança de estatura mais elevada que as da sua idade, ela se identificava mais com as de três e até quatro anos.

No ano seguinte (2007), era de se esperar que ela acompanhasse o desenvolvimento da turma, avançando para o Jardim de Infância II, mas havia dúvida quanto à pertinência desse alvitre. Para resolver a questão, a secretária da escola telefonou à Magda e lhe perguntou se era assim que pretendíamos fazer. Recebeu, porém (suponho que com surpresa), uma resposta negativa. Era intenção da mãe que a criança retornasse ao maternal, pois ainda não havia completado três anos, devendo — segundo sua concepção — fazer o percurso adequado à idade, ou seja, sem necessidade de aligeirar o processo. Assim, em 2007, Marina entrou novamente no maternal, para frequentar a escola sob a batuta da professora Neusa — ou *tia* Neusa, como é chamada pelos pequenos, a qual, no SEI, formou todas as crianças douradenses que por ali passaram durante mais de 30 anos.

Quando me transferi para cá, em setembro de 2007 (dois anos, portanto, depois que Magda se mudou), minha filha — matriculada no SEI, em fins de 2006 — já havia cumprido o seu primeiro ano de escola. Era uma garota alegre e brincalhona, esperta, loquaz ao extremo, que, ao contrário do que acontece a muitas crianças da sua idade, não demonstrou resistência a frequentar a escola, nesses dias. Suponho que o fato de ser uma juvenzinha de espírito gregário, ávida por amizade e companhia, tenha favorecido uma tão rápida acomodação ao novo ambiente. Concebida em Minas Gerais e nascida no Paraná, mal tivera tempo de adquirir os hábitos linguísticos ou de se acostumar ao clima frio daquele Estado, antes de ser submetida aos verões tórridos e aos invernos secos do Centro-Oeste — que eu, já acostumado à frialdade e às chuvas do Sul, temia enormemente, até porque a impressão que eu tinha era de que saíamos de um refrigerador e entrávamos num forno, tão distintas eram as condições climáticas de ambas as cidades. Mas a resignação e o esforço de adaptação acabaram prevalecendo e resolveram tais impasses.

Com o passar do tempo, enquanto eu mesmo lutava para me adaptar à nova situação (tendo me resignado, inclusive, à ideia de não mais dar minhas aulas de poesia brasileira para o curso de Letras —

que eram as que eu mais apreciava lecionar na universidade paranaense), Marina ia crescendo, aprendendo e participando, invariavelmente, de todas as atividades cívicas e festivas da escola. Fazia amigos, como era de esperar; e não me lembro de tê-la ouvido se queixar de coisas como rixas estudantis, *bullying* ou maus tratos por parte de adultos, em seus primeiros anos e em todos os anos em que frequentou a Escola SEI, desde os dois aos quatorze anos. Muito pelo contrário: adquiriu pela escola e pelos colegas uma tal afeição que, mais tarde, já entrada na adolescência, passou a encarar como uma espécie de ‘dogma de fé’ o compromisso de nunca faltar às aulas, chegando mesmo, em diversas ocasiões ao longo dos anos, a se lamentar e a mostrar contrariedade quando, por motivo de viagens e outras conveniências, se via obrigada a faltar ao turno letivo (o que me faz crer que em sua mente a expressão “matar aula” tivesse um sentido bem mais literal do que costumamos lhe atribuir).

Sob todos os aspectos, nossa filha sempre foi a “aluna do SEI”. Ter boas notas, participar das atividades, integrar-se aos grupos foram para ela, já desde o início, os pilares do seu credo. Ela os observava com afincamento, de modo que minha esposa e eu nos vimos, no decurso dos anos, dispensados de compromissos tais como os do ensino doméstico ou das aulas particulares, que tanto afligem alguns pais hoje em dia. Em contrapartida, encarávamos com seriedade a noção de que devíamos comparecer às reuniões de pais e frequentar as festas escolares — mesmo que nos causassem, não raro, um certo enfado, mas isso também deveria ser debitado ao esforço de oferecer à criança a oportunidade de se educar, engajando-se em atividades de grupo que iam além daquelas desenvolvidas em sala de aula ou referentes ao estudo cotidiano.

Para se ter uma ideia, houve uma ocasião em que, devido a um mal-entendido acerca do horário de saída, ao final do turno escolar (vespertino), tendo eu me comprometido a ir apanhá-la, me atrasei por uma ou duas horas. Havíamos combinado com um vizinho sobre quem iria apanhar as crianças (o vizinho entendera que deveria ser eu, enquanto eu entendia que deveria ser ele); mas,

devido a esse equívoco, acabei chegando à escola quando a noite já tinha caído. Isso me constrangeu, fazendo-me temer que, ao entrar lá, encontraria uma criança deprimida ou em prantos. Apressei-me e, quando adentrei o saguão da escola, tive a surpresa de encontrá-la tranquila e até sorridente, ocupada com não sei que atividade, em companhia de alguém. Agradei a gentileza da boa alma que se encarregara de entretê-la durante a hora (ou horas) de atraso, e dei a mão à criança para sairmos. Quando deixamos o saguão e caminhamos para o portão de entrada, ela olhou o céu, sem se queixar, e tudo o que disse foi: “Nossa, pai, já está de noite!”

Assim se passavam os dias naqueles anos iniciais. Íamos às festas e ouvíamos os corais — dos quais Marina sempre fizera questão de participar. Assistíamos às apresentações, que sempre se iniciavam na hora precisa, por força do inquebrantável senso de ordem da diretora, sempre a exigir pontualidade. Os hinos religiosos me davam tédio — confesso —, conforme eu sempre dizia à minha esposa; porém, como pais dedicados e emotivos que éramos, não tínhamos preguiça (ou tínhamos?) em descer das arquibancadas para a sessão de fotos convocada pela diretora, no fim das apresentações.

Assistíamos a tudo e, ao som das estridentes cantorias, ficávamos ansiosos por localizar o rosto de nossa filha em meio às fileiras de crianças, focalizando-o cuidadosamente com as lentes de nossa pequena câmera fotográfica ou de nossos telefones celulares. Desprendidos, quase sempre, em assuntos de vestuário, também ficávamos aliviados com a facilidade de não termos de gastar muito dinheiro com roupas e calçados, bastando adquirir, de ano para ano, as peças (não muito caras) do uniforme escolar, constituídas geralmente de uma bermuda azul escura e de uma camiseta branca, confeccionadas estas em malha resistente. Também pagávamos, sem maiores queixas, as mensalidades escolares e, no começo de cada ano, adquiríamos os itens da chamada lista de material escolar — alvitre que nos deixava sossegados para os meses seguintes.

Quando minha filha era pequena, minha esposa e eu nos revezávamos na tarefa de levá-la à escola e apanhá-la no final do turno, cuidando disso todos os dias. Como não sei dirigir, e não podendo transportá-la, sem risco de acidentes, em minha moto, comprei uma bicicleta, que equipei com um pequeno banco, afixando-o em frente ao guidom, e isso me permitiu levá-la e buscá-la durante vários meses. Morando a algumas quadras da escola, as viagens eram curtas ou, pelo menos, não muito exaustivas e, principalmente, propiciavam momentos de intimidade, oferecendo a oportunidade para conversações e troca de impressões sobre os assuntos da ocasião.

Falávamos sobre a escola. Eu lhe perguntava o que ela tinha aprendido naquele dia. Ela me contava sobre as brincadeiras de que havia participado ou dos conhecimentos que tinha adquirido, recitando o alfabeto ou dizendo os números até onde lhe fosse possível, sem se cansar. Às vezes, me informava sobre as novidades da ciência, fazendo perguntas a que eu tentava responder como podia e de um modo que lhe fosse compreensível. Conversadeira, fazia não raro perguntas sobre assuntos complexos, tais como aquelas acerca de uma palavra de sentido abstrato (ou mesmo constrangedor), e eu ou minha esposa nos esforçávamos para dar alguma resposta convincente ou que, pelo menos, não frustrasse a sua curiosidade infantil. Sobretudo, estávamos convencidos de que tal curiosidade provinha de um genuíno interesse pelas coisas do mundo e pelos conhecimentos que a escola propiciava. Por que havíamos de nos queixar? Decerto, vivíamos des preocupados quanto aos assuntos e aos conteúdos que lhe eram ensinados cotidianamente — e muito raramente interferíamos, questionando alguma informação que nos parecesse inadequada (como, por exemplo, a ideia de que a cultura dos indígenas — população numerosa no estado de Mato Grosso do Sul — pudesse ser simbolizada com a imagem de uma machadinha ou de um arco e flecha) ou insuficientemente desenvolvida.

Professores existem de todos os tipos e tendências. Sua atuação em sala de aula reflete, sempre, características de formação e personalidade. Com o passar do tempo, tornaram-se comuns as avaliações, por parte da pré-adolescente, das diversas *performances* individuais dos mestres. Despontavam em seu discurso apreciações sobre aqueles considerados simpáticos, “legais” ou afáveis, e aqueles que eram rabugentos, antipáticos e impopulares. Uma certa professora — de caráter exigente, pelo visto — batia com a régua na carteira, exigindo silêncio, e perguntava a um tagarela: “E aí, fofinho? O papo está bom?” Achávamos graça nesse estilo, que nos parecia bem-humorado e ao mesmo tempo severo. Outro professor, com uma formação acadêmica avançada, era elogiado pelo seu amplo domínio das matérias ensinadas, e alguém foi louvado como pessoa progressista e muito cordial. Sempre surgiam os ótimos, olímpicos, que davam aulas excelentes e tornavam compreensíveis todos os assuntos. Em geral, não ousávamos contradizer a criança, até porque não ouvíamos queixas (exceto numa ou noutra ocasião, em que a lamúria implicava, invariavelmente, o fato de determinado assunto não ter se tornado claro o bastante), e a vida corria desse modo.

Quando fizemos (Magda e eu) nosso estágio de pós-doutorado em Buenos Aires, Marina teve de interromper seus estudos no SEI, para se matricular em uma escola pública da capital argentina. Após quatro meses de estudo, veio de lá falando um espanhol fluente, com um curioso sotaque portenho, mas se readaptou logo às condições já conhecidas da escola brasileira (que pouco diferia da argentina). Foi bem acolhida pelos administradores no país estrangeiro e, na mesma proporção, foi carinhosamente recebida quando retornou à escola de Dourados.

Para celebrarmos o retorno, fizemos uma festa, mas também propusemos à criança a confecção de um pequeno jornal estudantil (chamado “A Clarineta”, em homenagem ao importante jornal argentino “El Clarin”), de quatro páginas, com uma coluna social, sugestões de tevê, uma crônica e um poema que Marina escreveu enquanto esteve em Buenos Aires. O jornal teve boa recepção e

poderia ter prosperado, mas não fizemos empenho, para não termos de arrostar mais uma dor de cabeça. Já as tínhamos suficientes, cuidando de nossos próprios assuntos, e não era conveniente que nos encarregássemos de outros. Aqui mostramos um exemplo dessa atividade que desenvolvi com minha filha e nos deu grande prazer em realiza-la.

Figura 01 – Jornal A Clarineta

A CLARINETA

JORNAL DO 3º ANO B

O PAPO TÁ BOM?

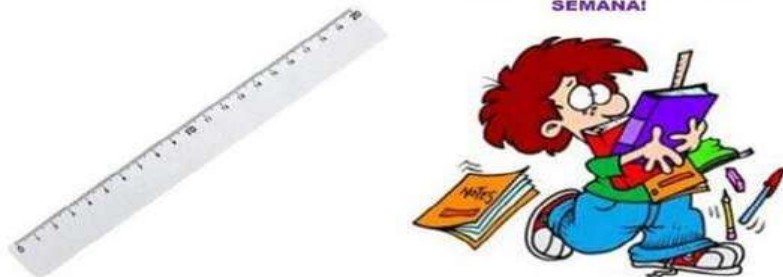
A professora do 3º B está quase maluca com o aumento do número de bagunceiros da sala. Eu não posso dizer o nome de quem se comporta bem, porque todos os meninos provavelmente são “pragas”. Conversam o tempo todo, fazendo a professora perguntar: “E aí fofinho, o papo está bom?” E as meninas? Vocês acham que elas se comportam bem? Elas não se comportam tão mal quanto os meninos, mas ajudam a enlouquecer a professora

PROVAS CHEGANDO

3º Ano B, preparem-se. As provas estão chegando e vão ser mais difíceis do que vocês esperam. Temos conteúdos novos e as coisas estão ficando complicadas. Por isso, estudem, porque não vai ser fácil, principalmente para os que não estudam e não prestam atenção nas aulas. As provas serão:

- História – 8 de novembro
- Português – 9 de novembro
- Matemática – 13 de novembro
- Ciências – 14 de novembro

PREPAREM-SE! SERÁ UMA GRANDE SEMANA!



EVENTOS

Coral – dia 1º de dezembro – Afinem suas vozes e preparem-se para cantar bonito. O coral é uma atividade que ocorre todos os anos na Escola SEI. Será que a Dona Ezir vai ficar orgulhosa? (De novo?) Vamos cantar bonito, para nossos pais e mães ficarem maravilhados.

Bandinha – Este é outro evento que infelizmente não participo mais. Os que tocam bonito se preparem e toquem bem!



SUGESTÕES DE TV

Violeta – Programa de TV sobre a vida de uma jovem que estuda numa escola de música sem seu pai saber. Está se esforçando para seu sonho se realizar. Encontrará bons amigos e pessoas não tão legais. Passa às 18h no Disney Channel, de segunda a sexta.

SUGESTÕES DE LEITURA

Leia o livro **A Fada que Tinha Ideias**. História de uma fada que vive em um reino onde tem que aprender truques num livro. Porém ela não quer aprender no livro. Ela prefere inventar os próprios truques. E vive muitas aventuras com seus amigos. O livro pode ser encontrado na biblioteca da escola.

LITERATURA

A AVE

(Marina Suttana)

A ave sobrevoa o céu
Sobrevoa a terra
Sobrevoa os campos
E me deixa com inveja

Ser uma ave é muito bom
Tão bom como uma canção
Mas a canção tem de vir direto do
coração

A ave vem
Aparece na janela
E fica voando
E eu vendo as penas dela

A ave sobrevoa o céu
Sobrevoa a terra
Sobrevoa os campos
E me deixa com inveja

A ave é muito bonita
Mas a vida não é tranquila
Vem o gato guloso
E logo a aniquila

A ave é muito inquieta
Não para de voar
Voa para todos os lados
E não para prá descansar

A ave sobrevoa o céu
Sobrevoa a terra
Sobrevoa os campos
E me deixa com inveja

COLUNA SOCIAL



Você sabia que temos casais de namorados na sala? Eu não direi quem é quem, mas descubra se puder...

As meninas estão correndo atrás do João Pedro Bianchi, mas parece que o coração dele já tem **dona**.

A fila do Henrique Ribeiro está andando. Pegue a sua senha.

As meninas do 3º B são as mais gatinhas desta escola. Entre as mais elegantes, a que se destacou foi a Mariana Barros. Com suas

maquiagens ela fez o maior sucesso.

O sucesso do mês na escola foi o **picolé** de duas cores do tio do sorvete. Foi o mais vendido. Será que é porque ele é delicioso mesmo, ou porque custa só 1 real?

Qual o menino mais gato do 3º ano? Vote no site gatinhosegatinhas.com E também temos os meninos bocas sujas, que deviam lavar a boca com sabão em pó!

CRÔNICA DA MARINA



Minhas experiências no show do Peter Punk

Você sabe quem é Peter Punk? Se sabe, eu quero contar para vocês como foi o show dele. Eu fui com o meu pai, no teatro Gran Rex, de Buenos Aires, Argentina. Foi muito legal. Peter Punk cantou umas quinze músicas, e um dos cantores pegou na minha mão. Eu gostei muito. Foi uma ótima experiência, porque esta é a primeira vez que eu vou num show. Achei muito emocionante. E para quem não sabe, Peter Punk é o líder de uma banda chamada **Rock Bones**, que também é um programa que passa no canal Disney XD. Como não tem esse canal na minha casa, eu não sei a hora.



Notícias Malucas!



Professoras pedem ajuda para o Batman e o Superman...

Os alunos estão loucos por férias de professores!...

Todas as professoras pedem socorro!...

SUGESTÕES DE PRESENTES DE NATAL

Relógios com ponteiros, porque relógio digital é para preguiçoso...

Bonecas que não fazem pipi, porque trocar fraldas é muito difícil...

Mais brinquedos e menos aparelhos eletrônicos...



**Noticias e textos. Marina
Formatação: Pai e Mãe da Marina**

Íamos às festas juninas da escola. Nessas ocasiões, tínhamos prazer em assistir às quadrilhas, cujo princípio de base não era tanto a qualidade estética das coreografias, mas antes a inclusão, sempre bem-vinda, de um grande contingente de alunos nas apresentações. Tais eventos impunham a necessidade de preparar a roupa — talvez algum vestido típico, supostamente caipira e adequado a tais ocasiões; ou cabia doar alguma prenda para as barraquinhas, onde se vendiam carnes, bolos, sanduíches e iguarias feitas à base de milho.

Também a “Semana do conto” — atividade promovida anualmente pela escola, na qual os pais são convidados a contar histórias para os estudantes em horário de aulas — exigia preparação. Eu, pelo menos, não tenho talento para isso, mas minha esposa tem; e assim lá íamos nós (fomos juntos em duas ocasiões, e nas outras Magda foi sozinha) contar a história da princesa que “fazia pum” e não sei que outras, para um grupo de alunos que, ao que tudo indica, apreciou nossas atuações, sem, no entanto, emitir opiniões a respeito. Uma curiosidade desses eventos é que, em certa ocasião, enquanto preparávamos a apresentação de uma história, Marina implorou que, por favor, apenas contássemos a história, procedendo como pais *normais* (pois havíamos prometido fazer uma *performance* da história). Ela certamente temia “passar vergonha” com a nossa desinibição, o nosso senso de iniciativa e as invencionices de que éramos capazes. Na segunda vez em que participei, Magda se encarregou de contar a história, que fui ilustrando com os desenhos feitos a giz colorido sobre a lousa preta.

Por seu turno, as “noitadas” e o “dia maluco” eram aguardados com ansiedade. Este último oferecia aos alunos a oportunidade de aparecerem na escola usando trajes, maquiagens e penteados extravagantes, sendo muito apreciados por nossa filha, que se divertia com as doidices. Houve também a viagem de recreio ao Sítio do Carroção, localizado em Tatuí, no interior de São Paulo (que é o único *resort* pedagógico do Brasil); e depois vieram as campanhas de arrecadação de fundos para o evento de comemoração pelo término do Ensino Fundamental, as quais demandaram muita conversa,

estratégia e esforços coordenados, para dar curso aos diversos trabalhos.

A comemoração não se realizou como viagem de férias, mas como permanência de dois dias na chácara Betel — sítio rural de Dourados, onde alguns estudantes se hospedaram logo após a festa de formatura (depois de muito se esfalfarem arrecadando o dinheiro para pagar a hospedagem). Nesse local, os jovens promoveram um churrasco, que incluía festa dançante, piscina, jogos e brincadeiras. O evento contou ainda com a presença de monitores para as danças e, o mais importante, com a possibilidade de dormirem, nem que fosse por duas noites apenas, longe dos pais, em acampamento partilhado com amigos.

Uma vez, quando estudou as operações fundamentais da matemática, Marina comentou que vinha tendo dificuldades com o método da divisão, e então me dispus a ajudá-la. Em geral, por prudência, minha esposa preferia não se meter nesse tipo de coisas. Julgando-me hábil em ciências (coisa que de fato não sou), transferia para mim o encargo de socorrer a criança em tais ocasiões; e lá ia eu tentar lançar alguma luz sobre aquela pequena treva. O ensino da matemática, no entanto, que não é minha especialidade, e o método da divisão me derrotaram nesse dia, comprometendo, talvez para sempre, aos olhos da filha, a noção de que eu era o sabe-tudo da casa.

Ela se exercitava, dominava os segredos do “um mais um” e do “dois vezes cinco”, e assim veio me pedir que examinasse os resultados de seus cálculos, os quais me pareceram bastante corretos, exceto nos exercícios de divisão. Disse-me que o método era intrincado (conforme também me pareceu). Pedi a ela que me dissesse qual era esse método (uma vez que a fórmula que ela aplicava me parecia obscura). Ela tentou me ensinar o que fazer, e eu, desconhecendo aquele estilo, admiti que era realmente difícil. Aleguei, imprudentemente, que havia modo mais prático de dividir um número por outro e assim tentei ensiná-lo a ela, mostrando os resultados corretos dos cálculos. No fim, depois da explicação, tive a decepção de ouvi-la dizer que aquele outro método — que eu

dominava — não fazia sentido, diferindo muito do que a professora ensinara. Então, com jeito de quem já tinha visto de tudo nesta vida, abandonou o assunto, apagou os números que eu tinha escrito em seu caderno, e disse que ia resolver a questão de outra maneira — e não duvido de que o tenha conseguido.

Tudo isso me faz pensar que ela levava as coisas demasiadamente a sério e que talvez fosse conveniente rebelar-se um pouco, de vez em quando, mas não pude convencê-la dessa ideia, não no campo da matemática. Seguir as instruções ou fazer estritamente aquilo que os professores ensinam, do modo como prescrevem, é hábito que algumas crianças adquirem muito cedo, até porque não querem aumentar os encargos que já têm no seu esforço cotidiano de dominar assuntos complicados. No caso, Marina também não fugia à regra.

Provavelmente, no episódio da aritmética, a preocupação de minha filha estava mais em demonstrar habilidade no manejo do método do que, propriamente, em chegar ao resultado correto (que talvez não lhe interessasse) — coisa que, por certo, a professora proibia, já que é muito fácil obter resultados de cálculos aritméticos, utilizando uma calculadora eletrônica ou um computador). Seja como for, evitei pôr em questão os motivos da criança, compreendendo-os bem, e abandonei o assunto, certo de que, de um modo ou de outro, ela encontraria o seu caminho. E o fez, com efeito, até porque, em mais de uma ocasião, seu nome foi citado nas cerimônias escolares de homenagens aos bons alunos, tendo inclusive recebido, por duas vezes, o diploma de aluna com a nota mais alta da série concluída. Tais pequenas honras, somadas às boas notas que podíamos ler nos boletins escolares, nos envaideciam. Faziam-nos pensar que a direção da educação que lhe dávamos não era incorreta, mas o mérito precisava ser dividido com a escola, cujos princípios educacionais, instalações e corpo de profissionais sempre favoreceram esses desenvolvimentos admiráveis.

De modo geral, minha filha se tornou aquilo que podemos chamar de uma boa estudante, esforçada e assídua, e o digo não para

me gabar, mas porque vejo nisso uma conjunção de fatores que, juntos, confluíram para tal resultado. Entre os fatores, devo mencionar com destaque o estímulo doméstico e a influência da escola, com pesos nem sempre claros, mas certamente grandes, além, creio, dos influxos sociais que vão moldando (ou ajudando a moldar) a personalidade e ajudam a determinar os caminhos individuais de cada pessoa. Sem qualquer intenção de fazer elogios gratuitos, há que reconhecer que a escolha da Escola SEI como instituição a que, durante mais de uma década, confiamos a educação escolar de nossa filha, foi acertada. Trata-se, portanto, de uma grande responsabilidade, cujas consequências incidirão, futuramente, no seu destino profissional e humano.

Discordância em relação a determinados métodos — às vezes considerados antiquados ou pouco producentes, sob a perspectiva de uma educação libertária, que sempre frequentou o meu imaginário e o de Magda e que hoje move, sobretudo, a nossa atuação como professores universitários — me parece natural a esta altura. Porém há que reconhecer que nenhuma educação se tornará libertária se não for de boa qualidade, e que a maior liberdade, como já ensinavam os pensadores antigos, provém do conhecimento e do domínio adequado dos meios e ferramentas postos à disposição dos indivíduos e das sociedades. E, quanto a isso, o SEI nunca deixou a desejar.

É o que podemos esperar de uma boa escola e o que podemos desejar para o maior número de crianças neste país — cuja população merece ter acesso a escolas de boa qualidade, que ajudem a bem formar as gerações novas e deem o reconhecimento (moral e financeiro) ao trabalho das pessoas que diuturnamente se esforçam por torná-las possíveis.

Em nossa época, a Escola SEI (cujo nome, nos seus mais de 40 anos de existência), é uma prova concreta de que a educação deve se orientar por princípios fundados nas noções de constância, estabilidade, rotina, autoridade e capacidade de adaptação às circunstâncias, das quais se espera sempre o melhor, sem temer o pior.

Esta é, acredito, a lição a tirar da experiência de termos permitido que nossa filha estudasse por doze anos numa mesma escola. Falta de imaginação ou jogo de cintura? De modo algum, acredito. Antes, penso que tal decisão, se a privou da possibilidade de respirar ares diversos e vivenciar situações de tipos mais variados, ofereceu, no entanto, ao processo da sua formação um ritmo, uma coerência e uma continuidade que, no final, conforme se vê hoje, lhe foram benéficos. Assim, não se pode negar que tenha valido a pena e que continue a valer, sendo que os frutos colhidos compensam os percalços e eventuais desvantagens do percurso.

CAPÍTULO 13

MEMÓRIAS DE ENCONTROS COM A VIDA: olhares de alunos e alunas

I. VIDA LONGA A ESCOLA SEI E A TIA EZIR!¹

Tadeu Fernando Silva Figueredo

Até onde eu me lembro a história que minha mãe me contava é que ela queria me colocar em uma escola particular e falaram para ela sobre a Escola SEI. Ela me levou lá, mas não me aceitaram pois estava no meio do ano. Então, ela foi conversar com a tia Ezir e pediu por favor para que ela me aceitasse, contou a sua história e a tia Ezir disse que me aceitaria. Minha mãe ficou muito contente e agradecida, pois ela não tinha com quem me deixar. Foi um caso de amor desde o começo, então ela nunca mais me tirou do SEI. Se eu não me engano eu entrei no Pré I, pois eu nasci em 03 de agosto de 1982 e estava com 4 ou 5 anos. A escola funcionava na primeira casa na Rua Hayel Bon Faker, depois nós mudamos para a casa na Rua Monte Alegre. Eu estudei na “primeirinha escola”, desde o começo.

Foi sempre muito bom, muito gostoso estudar na escola SEI. Me lembro até hoje que, nessa escola da Monte Alegre, o “casão” como nós chamávamos, tinha dois andares e tinha um porão escondido atrás de um armário dentro da sala de aula, aquilo era uma aventura para nós. Quando esqueciam a chave e deixavam a porta aberta, a gente entrava lá e parecia um filme de terror. A gente se divertia, se aventurava demais e fantasiava tudo aquilo (risos).

¹ Este texto foi composto com a entrevista concedida por Tadeu Fernando Silva Figueredo, ex-aluno da Escola SEI, à profa. Dra. Magda Sarat, em 10 de fevereiro de 2020. Agradeço a acadêmica de graduação em Pedagogia da UFGD, Suzana Maria Santos Pires, pela transcrição deste material.

Passamos alguns anos, ali nesse, depois mudamos para a escola grandona no prédio novo, na Rua Balbina de Mattos e foi pura diversão. Na Escola SEI, sempre chamávamos todos de “tios”, desde o início, eles nunca foram apenas os funcionários ou os filhos da tia Ezir. Eles sempre estiveram presentes na nossa vida. Sempre nossos tios: tio Fabio, tio Mauro, tio Marcos, tio Gutierrez, a tia Beth, como se fossemos da família, como se nós fizéssemos parte da família, desde quando começamos até hoje.

Eu vivi uma época muito feliz na escola e apesar de lembrar de muita coisa, eu não consigo lembrar da minha primeira professora, mas me lembro de muitas outras, como a tia Cidinha, a tia Jane e a tia Telma. Eu fui um aluno muito distraído, tive muita dificuldade para aprender e esses professores tiveram muita paciência comigo. A tia Telma então, (risos) teve que ter muita paciência comigo e o tio Aristides. O tio Sidney, lembro que foi uma pessoa que marcou a nossa vida, minha e de muitos de nós. O Sidão, professor de Educação Física, ele não era muito convencional e era muito legal!

Teve uma época que eu achava que não ia conseguir entrar para nenhum esporte, mas ele conseguiu me encaixar como goleiro de handebol. E, ainda, fez a Escola SEI ganhar, naquele ano, o campeonato, e fomos campeões dos campeonatos escolares. Era tudo muito intenso! Éramos um grupo muito animado, em cada um, ele colocava um apelido. Todo mundo se divertia, todo mundo brigava, mas ao mesmo tempo éramos todos amigos. O professor Sidão era um professor diferente, muito divertido e marcou muito a gente, a vida de todos nós que estudamos naquela época. Até hoje nós ainda mantemos contato e quando conversamos lembramos dele, de suas atividades e o que fazíamos nas suas aulas. Ele é falecido, mas nós lembramos com muito carinho, pois foi uma pessoa especial e marcou a nossa vida.

Eu quero lembrar também, já que estamos falando de professores que marcaram, do professor Aristides, quando lembro deste fato eu me emociono (você fez eu ir fundo agora/lágrimas). Eu sempre tive uma lacuna aberta com a paternidade, com o meu pai, e

eu sempre me alimentei com poucos gestos de pessoas mais velhas com relação a isso. Assim, qualquer carinho que eu recebia eu abraçava forte aquilo, pois para mim era importante, mas por um acaso um gesto dele marcou a minha vida toda.

Uma vez, na Escola, aconteceu algo que não lembro, pois, a gente estava sempre aprontando alguma, o professor Aristides me chamou a atenção e eu pensei naquele momento: “eu sou um incapaz”. Então, ele chegou no pé do meu ouvido e me disse: “Filhão”. Esta palavra foi profunda, porque nem meu pai me chamava de filho, só me chamava pelo nome. Aquela palavra veio cortando o meu coração, então ele falou: “eu só chamo sua atenção porque eu gosto de você, e eu quero que você vença, quero que você vença agora, quero que você aprenda, porque no futuro isso vai ser bom para você”. Aquilo encheu meu coração de esperança e me deu força. Guardei essa frase e guardei ele no meu coração para o resto da vida. Aquele momento de afeto, foi o que me marcou dentro do SEI. Foi muito bonito o que aconteceu comigo. Para qualquer outro seria algo normal, mas para mim, foi algo profundo que marcou minha vida.

Nas minhas melhores lembranças do SEI estão o Dia Maluco, a Noitada. Na noitada, o ponto alto eram as histórias de terror que o tio Fabio contava à noite, quando éramos crianças, eu me lembro muito que era o máximo. Quando sabíamos que ia ter noitada, ficávamos loucos. Depois que viemos para a escola atual, no prédio novo, lembro que teve o Dia Maluco, aquilo era diversão para nós. Pois era o dia de colocar as fantasias, contar histórias, era só alegria. Enquanto estive no SEI, participei de tudo, coral, festas, apresentações, tudo!

Atualmente, quando eu levo minhas filhas², não tem como não se emocionar ao vê-las cantando a música “SEI brincar na areia...” ou ainda “DEUS está aqui”, eu cantei todas essas músicas. Eu tinha um sonho, que era um dia, quando eu tivesse filhos/as eu iria colocá-

²As meninas, Bárbara Silva Figueredo e Fernanda Silva Figueredo são alunas da Escola SEI.

los/as na Escola SEI. Sempre pensei e pedi a Deus que me permitisse condições financeiras para que elas estudassem na mesma escola que eu, e, felizmente, consegui.

Hoje, tenho duas filhas que estudam no SEI, quando as ouço cantar as mesmas músicas que eu cantava, tendo as mesmas experiências boas que eu tive, parece um sonho! Tenho a sensação que estou revivendo aquelas experiências boas do mesmo jeito que foram para a minha vida. Agora, depois de adulto revivo com as meninas e é muito interessante. Mesmo quando saí do SEI e fui para outras escolas, para faculdade, sentia saudade do que nós tínhamos na escola. Eu fui lá duas vezes para ver os tios, as tias e a tia Ezir.

Interessante que eles conseguiram deixar algo para a gente querer voltar. É engraçada essa sensação, penso que eles não conseguem mensurar isso, ou seja, tudo o que deixaram no nosso coração, mas é uma coisa que faz com que a gente se sinta parte da família. Nas conversas com ex-alunos, hoje, já adultos, profissionais atuando em diversas áreas, sempre dizemos “temos que ir lá ver a tia Ezir, pois o tempo está passando e precisamos vê-la antes dela terminar seu ciclo da vida aqui”. Então, nós temos essa preocupação e a vemos como se ela fosse alguém da nossa família, olha que interessante!

Para mim, é muito importante reviver e ter a oportunidade de, novamente, estar na Escola SEI, eu pude fazer isso quando consegui colocar minhas filhas na escola, foi uma vitória saber que estou próximo a todos, foi para mim, uma coisa maravilhosa! Ter minhas filhas na Escola SEI e estar próximo novamente, poder encontrar o tio Gutierrez, o tio Fabio saindo da escola, vê-los diariamente, poder cumprimentá-los, saber sobre todos, para mim é o máximo. É uma coisa meio inexplicável, mas é muito boa. Eles conseguiram deixar isso na gente.

Quando eu retornei à escola e pude entrar na sala da tia Ezir e conversar com ela, conversar com os tios, contar a eles que eu estava voltando como pai para colocar minhas filhas na escola foi muito emocionante. As lembranças fazem parte da minha história na escola

e agora, tenho a oportunidade de construir uma nova história, como pai, acompanhando os passos das minhas filhas na escola. E, como pai, observando de longe, sinto uma nostalgia, um relembrar como se eu estivesse vivendo, novamente o passado.

Mas, eu não voltei à Escola SEI só pela minha história, existem outros motivos que me fizeram querer escolher a escola para que minhas filhas estudassem lá. Uma coisa que eu gosto na Escola SEI é que é uma instituição muito familiar, de continuidade, na qual a maioria dos que estudaram lá, retornam com seus filhos e filhas, assim a Escola vai formando gerações de famílias. O fato é que, não somente a educação da escola é de qualidade, mas traz para cada um de nós, uma “volta ao passado”, naquilo que foi bom, como se a gente estivesse revivendo, como se fosse uma terapia para nós (a festa junina, o coral, o teatro, a bandinha...), reviver tudo isso tira um pouquinho do nosso stress do dia a dia, faz a gente voltar a ser aquela criancinha que fomos no SEI. Estou vivendo tudo de novo, e é muito bom! Isso traz para nosso emocional uma sensação ótima. Traz uma paz, como se fosse possível voltar a ser criança e sentir aquela alegria novamente. No fundo, a gente não expõe, a gente esconde (risos), mas é o que sentimos - bem lá no fundo - e vou te falar é muito bom!

Quando matriculei as meninas no SEI, falei para minha esposa, queria uma escola onde o professor é professor. Eu quero que minhas filhas entendam que disciplina é bom, faz parte da vida e que hierarquia tem que ser respeitada, não subserviente, mas respeitada. Hoje, eu vejo que alguns pais querem mandar no professor, na escola, desrespeitam a escola, os professores, isso me fez pensar muito. Então, além das minhas boas lembranças vividas, uma coisa que eu valorizo na proposta do SEI é que o SEI nunca mudou. Aquilo para mim é uma poesia! A tia Ezir é uma pessoa maravilhosa! Ela é de outro mundo! Eu não sei de onde ela veio (risos), mas ela é fenomenal e eu vou te contar uma história para mostrar porque digo isso.

Vivi uma situação que me faz admirar cada vez mais sua postura assertiva, quando eu fui, como pai, na minha primeira reunião de pais na escola, pois eu sempre fui aluno do SEI, então cheguei na reunião pela primeira vez e para quem está colocando os filhos e chegando na Escola SEI ela explica como é a escola, o funcionamento, a organização, as regras, tudo claramente. Mas para mim, a última frase foi a melhor, para fechar a sua fala na reunião ela disse: “Ah! E quem manda aqui sou eu!”. Eu achei aquilo muito bom. Olhar os rostos daqueles pais todos assustados pois não esperavam ouvir aquilo abruptamente, com os olhos ‘esbugalhados’, foi ótimo! Na hora, eu tive vontade de jogar flores em cima dela e pensei: Essa é a tia Ezir! Maravilha! É isso mesmo! Quem manda aqui é a senhora e acabou! Quem quiser é assim. Coisa mais linda! E assim foi mais um motivo para eu ter certeza que as minhas filhas estão na escola certa.

Eu digo isso a você, pois eu já fui aluno dessa Escola, eu os conheço e sei que se a gente quiser falar ou reclamar tem que ter coerência, não é só os pais defenderem seus filhos por serem seus filhos, o “meu filhinho”, sem motivos coerentes, muitas vezes, só porque achamos que o nosso filho é melhor que o do outro, e muita gente age assim, sem se ater aos fatos. Os pais precisam conversar, saber o que aconteceu, dialogar e a educação é assim.

A Escola SEI ainda tem essa postura de ouvir a família, a criança. O que eu gosto no SEI é que lá ainda funciona de modo que o sim é sim, e o não é não, e isso é espetacular! As crianças são respeitadas. Nós éramos respeitados, eles conversavam, orientavam, davam bronca também, mas com respeito. Eles respeitam os pais pois, muitas vezes, percebo escolas que valorizam as questões financeiras e esquecem de impor limites, deixando pais ou crianças fazerem o que querem. E quem manda ou define as coisas fica sendo o pai, ou quem é mais rico, e todos ficam reféns e não podem corrigir o filho ou a filha deste ou daquele.

Na Escola SEI, não é assim, não tem nada disso. No SEI quem quer ficar fica. Quem não quer fique à vontade para sair pois impera o correto, o justo, o diálogo, a conversa, e era isso que eu buscava

para a educação das minhas filhas. Para educar, aprender tem que conversar sem escândalo, gritos, não vamos fazer porque o pai mandou, vamos conversar, ver o que aconteceu e resolver.

Eu aprendi tudo isso na minha educação e o SEI marcou muito positivamente minhas memórias, para ter uma noção são tantas coisas boas que as ruins não consigo lembrar, existiram coisas negativas, mas tiveram pouco impacto, tanto que não lembro e não marcaram, por isso retornei, pois sei que a Escola SEI é o melhor para a educação escolar de minhas filhas.

Hoje, sou professor de Educação Física, também estou na educação e sei como a escola é importante para a experiência escolar da criança. Sempre gostei de esporte, mas nunca fui atleta, sou apaixonado pelo esporte. Era sério, o treinamento na Escola, tanto que nós éramos campeões de todas as competições, quase sempre nós estávamos “nas cabeças”, e junto às escolas tinha muita competitividade, na época. Foi marcante de forma positiva e, de certo modo, me fez desejar essa profissão. Creio que foi algo que eu me identifiquei, tive boas experiências, com toda certeza influenciou na escolha do curso que resolvi fazer mais tarde.

Eu fiquei toda a minha trajetória escolar na Escola SEI e lembro de participar de todas as celebrações. Na época, a formatura foi realizada no CTG (Centro de Tradições Gaúchas). A cada término de uma fase eram realizadas as formaturas da pré-escola, do quarto ano e do oitavo ano. Participei de todas e pelas fotos que eu guardo, aconteciam no CTG. Eu gostava muito, também, hoje, minhas filhas participam de tudo na escola. Juntos participamos e comemoramos com elas em todos os eventos para os quais a família é convidada.

Figura 01 – Registro de formatura da Pré-escola no SEI (1988)



Fonte: Arquivo pessoal

Sempre tive muita dificuldade na escola, reprovei a sétima série, mas eu permaneci, sempre fui muito distraído e tinha dificuldade em assimilar, mas permaneci tranquilo e minha mãe nunca me tirou do SEI. Ela sempre foi apaixonada pelo SEI. Ela falava “você vai superar, vai vencer, se você cair vai levantar”. Sempre teve isso em casa e eu falo para a minha esposa que nós priorizamos o SEI para dar continuidade à educação das meninas, e enquanto houver condições financeiras, vamos dar continuidade à escola delas. Agora, tenho um menino que está vindo, e futuramente quero que ele estude na Escola SEI.

Por ter sido aluno da escola, falo, muitas vezes, não é questão de inteligência ou de aprendizado porque isso vai de cada pessoa, uns têm mais facilidade do que outros, mas a educação é importante, pessoas educadas fazem a diferença. Pela minha experiência, todas as pessoas que conheço e que passaram pelo SEI são pessoas educadas, com educação que vai além do estudo, falo da educação que aprendemos lá. Todos temos comportamentos parecidos, um pode ser um pouco mais brincalhão, um pouco mais enérgico, alguns mais

bagunceiros, mas, pessoas rudes, grosseiras, mal-educadas, cruéis, “não se criam no SEI”, ou a pessoa se transforma, ou procura outro lugar. Como disse, pela minha experiência, pois desde pequeno nós aprendemos, agora como pai, vejo as minhas filhas aprendendo modos e comportamentos como: cumprimentar as pessoas, pedir por favor, pedir desculpas, pedir licença, agradecer, respeitar os professores, respeitar a vez de falar. É impressionante! Então, eu digo, isso é educação e nós aprendemos no SEI.

Concluindo, penso que todos os meus amigos, nós que saímos do SEI, hoje ainda nos encontramos, muitos ainda estão vivendo aqui em Dourados e região, alguns mudaram, foram estudar e voltaram. Muitas vezes, a correria do dia a dia, o trabalho, não permite que a gente se encontre, mas quando nos encontramos, ou alguém encontra um ou outro, sempre perguntamos pelos outros, mantemos contato até hoje. Atualmente, atuamos em variadas profissões somos: comerciantes, professores, advogados, médicos, professores, psicólogos, arquitetas, pedagogos, engenheiros, funcionários públicos. Quase todos têm filhos e filhas na escola SEI, por tudo isso, eu penso que essa escola contribuiu, não somente com a minha vida, com a minha história, mas com a história de muitas outras famílias e merece uma vida longa!

II. O SEI FOI A MINHA FAMÍLIA³

Denis Morel

Eu tinha seis anos de idade, no ano de 1984, lembro do meu primeiro dia, quando meu pai me deixou na Escola SEI. Ele me deixou e foi embora, não entrou comigo, então a professora Marli que era recepcionista, na época, me direcionou para a sala de aula. A minha experiência no SEI foi tudo. O que a minha infância teve de coisas boas, a escola SEI está envolvida. Então, quando se fala que o SEI é mais que uma escola é a pura verdade, pois só quem viveu aqui sabe do que a gente está falando. Naquela época, o nosso tratamento era com amor e educação, ao mesmo tempo que éramos amados, éramos também educados.

A tia Ezir era uma diretora que não passava a mão na cabeça de ninguém, não tinha filho deste ou daquele, todo mundo era tratado da mesma maneira. Você errou como aluno, a tia Ezir, tio Fábio, tio Mauro estavam ali para corrigir. O tio Mauro e o tio Gutierrez eram mais tranquilos. A tia Ezir e o tio Fábio eram os mais enérgicos. Mas eu dou graças a Deus por ter passado por esta escola. Eu tive um aprendizado com amor e foi muito especial na minha vida. Eu carreguei o SEI no meu coração.

Nós tivemos muitas experiências e aprendizados que não eram só de matéria (aprender a ler e escrever), nós aprendemos a repartir, a ter compaixão com o próximo, a ter valores, aqui no SEI. A tia Ezir começou com a atividade da “noitada”. Nessa atividade, ela trabalhava vários temas e nos ensinava valores, como amizade, cuidados e prevenção contra uso de drogas e tantos outros valores e cuidados. Cada ano havia novos temas e ela caprichava cada vez mais. Naquela época, não tinha *internet* e a tia Ezir “suava” para

³ Este texto foi composto com a entrevista concedida por Denis Morel, ex-aluno da Escola SEI, à profa. Dra. Magda Sarat, em 19 de fevereiro de 2020. Agradeço a acadêmica de graduação em Pedagogia da UFGD, Suzana Maria Santos Pires, pela transcrição deste material.

passar as mensagens para os alunos. Se eu nunca bebi, fumei ou tive vícios, com certeza ela tem parte nisso, pois nos ensinou estes valores. Ela nos mostrou uma doutrina cristã, para mim, isso tudo foi magnífico.

Lembro de uma dessas passagens da noitada que era diversão e também aprendizado. Ela falava sobre temas e abria para os alunos fazerem perguntas, fazia uns debates, apresentava muitos conteúdos, respondia as nossas dúvidas, explicava sobre gravidez, sexo na adolescência, vários temas sobre os quais tínhamos curiosidade. Uma vez, eu estava lá no meio de todo mundo, o pátio lotado, na hora em que ela abriu para perguntas, eu me levantei, e eu era uma figura muito conhecida, então perguntei: “tia Ezir, quando é que a mulher entra no cio?”. Aquilo parou a escola! Parou tudo, ela perdeu o rumo da conversa (risos). A resposta foi uma baita gargalhada, que só ela tem, essa gargalhada que é característica dela, e é demais. Era muito divertido, a gente aprendia demais e ela ensinava sobre tudo de forma clara e respeitosa com nossas perguntas. Ensinava valores como amizade, lealdade, companheirismo, respeito ao outro.

Na Escola SEI, você não era tratado só como aluno, era mais do que isso, você era tratado como um filho. Ensinar todo mundo ensina, mas no SEI, a profa. Ezir educava até as mães, chamava as mães e falava: “seu filho está assim, tem que mudar nisso, o que está acontecendo?”. Cobrava os pais e suas atitudes referentes aos filhos. Tia Ezir sempre foi uma pessoa presente na educação de todos nós. Lembro que a disciplina era fundamental, se você errasse a professora te colocava para fora da sala. Se o tio Fábio visse que você estava fora da sala, te levava para a tia Ezir. Lá, ela colocava a gente no “cantinho de pensamento”, depois de uns quinze minutos, ela nos chamava, olhava firme no olho e perguntava o que tinha acontecido. “Por que você fez isso?”. Era uma bronca para você não fazer mais. Quando nós a víamos, depois da bronca, a nossa atitude como aluno, era pensar que ela poderia estar brava, e queríamos nos esconder dela. Mas, para ela, aquilo já tinha morrido, era esquecido,

ela vinha nos abraçar, beijava e perguntava se estava tudo bem. Agora, se repetisse o mesmo erro, então, a bronca era maior. Mas, eu era muito bagunceiro, nossa turma era muito bagunceira.

Com seis anos eu entrei na primeira série, ou no Pré II e fui para a primeira série, não me recordo. Lembro que entrei em 1984. A minha primeira professora, se não me engano, foi a professora Cleuza, na primeira série. Teve, também, a tia Marli, o professor Aristides de Inglês, a profa. Eliane de Matemática e a profa. Neide de Português. Eu gostava de ir para a escola, mas, de estudar eu não gostava. Eu gostava da escola. Eu amava e amo de paixão essa família. Eu tenho a tia Ezir como uma mãe, o tio Mauro, Fábio e o tio Marcos como família, pois nem os parentes de primeiro grau tiveram tanta convivência com a gente. A escola SEI é uma formadora de opiniões, a tia Ezir foi agraciada por Deus para fazer essa escola, pois ela ajudou muitas pessoas, muitos alunos e deu direcionamento para muitas famílias.

No SEI, eu participava do coral, dos louvores, lembro de muitas músicas até hoje, cantadas naquela época. Antes, as festas da escola eram feitas no CTG (Centro de Tradições Gaúchas), lembro das festas juninas. Lembro quando o SEI mudou da Rua Hayel Bon Faker para a Rua Monte Alegre. Era uma casa de esquina, tinha piscina, nós tivemos um bom período naquela escola, depois eu lembro quando começou a obra do prédio atual, eu participei da inauguração. Tive o privilégio de conhecer os três prédios do SEI em todas as mudanças que fizemos.

Participei das viagens, lembro como se fosse hoje, das comidas, dos churrascos que o tio Mauro fazia, pois só a família trabalhava na escola, imagina, para cuidar de todos os alunos, quando vínhamos dormir na escola, nas noitadas. No “Pensando juntos”, nós entrávamos na sexta e saíamos no domingo. Eles faziam almoço e janta para todos os alunos, fazíamos até competições para ver quem comia mais, era uma loucura. Essa atividade chamada “Pensando juntos” era para os adolescentes e a noitada era da quarta série para baixo.

O churrasco acontecia no “Pensando juntos”, e a meninada participava de tudo. O tio Gutierrez, o Marcos, o Mauro e o Fábio, cada um cuidava de uma sala, com uma turma. Fazíamos guerra de travesseiros, passávamos pasta de dente em quem estava dormindo, era fantástico! Dá uma saudade, vontade de voltar no tempo, mas infelizmente não dá e fica só na memória. Vou colocar meu filho no SEI, ele ainda está com dois anos, mas meu maior sonho é vê-lo estudando nesta escola, inclusive, hoje, minha sobrinha estuda no SEI.

Lembro que tive um professor de Educação Física, o prof. Sidney, que hoje não está mais conosco é falecido, era um professor muito querido, amoroso com os alunos, dava aula de handebol, futebol, gostávamos de correr e brincar. Eu fiquei muito triste quando soube do seu falecimento. Eu jogava handebol, na época. Em 1985, lembro da professora Rosana Reis, de Educação Artística, foi uma professora que ensinou muita coisa de Arte, tinha uma desenvoltura muito boa quanto ao conteúdo desta área. Tinha o professor Aristides, que queria que aprendêssemos inglês, de todo jeito, não era fácil aprender inglês, e ele era bravo, muito bravo.

Tinha uma professora que deixou muita saudade e, está em nossa memória, a professora Lurdinha, ela tinha amor para “dar e vender”, era uma professora diferente, tenho saudades dela. Eu penso que tudo se resume no amor, tínhamos o amor de cada funcionário, de todas as pessoas que trabalhavam na Escola SEI. Para dar aulas nesta escola, além da capacidade profissional, tinha que ter amor para trabalhar com as crianças e adolescentes. Eu conheço várias pessoas que passaram por outras escolas e, não têm um por cento das boas lembranças que nós, ex-alunos do SEI, temos, quando nos encontramos.

Há uns dois anos houve um encontro dos ex-alunos do SEI lá no ECOVILE, foi muito bom! Quando nos juntamos, temos muitas histórias, tem muito choro, muita emoção pelos reencontros, muita alegria e muitas lembranças boas. Os alunos do SEI eram ensinados a ser um só, não tinha o bom e o ruim, nós nos tornávamos uma família, essa era uma metodologia da escola, não existia distinção,

éramos todos iguais. Não tinha essa distinção, esse racismo de classes sociais ou raciais, não existia dentro da escola, poderia existir do portão para fora, mas do portão para dentro éramos todos iguais. Todas as crianças eram tratadas iguais, da mesma forma, os meninos sentavam nas rodas de meninas para conversarem, as meninas sentavam nas rodas dos meninos, nós jogávamos bolas com as meninas, a gente tinha carinho uns pelos outros.

Mas, também era assim, se saísse alguma brincadeira indevida, eu, por exemplo, sempre fui gordo e tinha brincadeiras, mas nunca algo que pudesse me constranger ou me diminuir. Não tinha essas coisas, naquela época, como nos dias de hoje, que tudo tem um nome para (depressão, bullying). Naquela época, todos se respeitavam e se passasse do limite, a tia Ezir intervia. Se alguém constrangesse o outro e chegasse ao conhecimento dela, ela chamava na hora a pessoa para uma conversa, dava uma bronca e, isso não se repetia. Inclusive, dentro da escola, ela tomava as atitudes necessárias, não interessava a opinião dos pais, se o filho errasse ela chamava a atenção, colocava-o no lugar dele e resolvia a questão. Ela corrigia o aluno e depois comunicava aos pais.

Eu posso dizer que a formação de caráter era a primeira coisa. O aprendizado de ler e escrever em todas as escolas ensinam isso é fácil, mas, eu quero ver é você formar uma pessoa, para quando ela sair da escola, ter uma opinião formada, uma fé sólida. Nós tivemos aula de religião com o tio Gutierrez, o SEI traz uma formação de caráter, de respeito e doutrina para o aluno. Você vai entregar o seu filho que é seu bem maior, para uma família que vai amar, educar e agregar valores a sua educação. Só ensinar, qualquer escola ensina, mas o SEI é muito mais que uma escola. A tia Ezir nos oportunizava um aprendizado pessoal, nos preparava para o futuro. Eu agradeço a Deus todos os dias por ter passado por essa escola, porque aprendi muito.

Os alunos do SEI são pessoas diferenciadas, quando você encontra um ex-aluno, você percebe a diferença, pois, os profissionais que saíram daqui e estão no mercado de trabalho são

de excelência, pelo menos todos os que eu conheço. As pessoas que eu conheço são excelentes profissionais, tratam os demais com muito respeito porque foram ensinados de forma positiva, tiveram formação de caráter e isto recebemos na Escola SEI. Quem ler minhas memórias, viveu e estudou aqui, vai concordar, vai lembrar das histórias que vivemos.

Por isso, nós, ex-alunos e alunas podemos dizer obrigada por terem cuidado de nós como filhos, pelo amor, pela dedicação, pelo carinho, isso é algo que não tem preço.

A semente que o SEI plantou em cada um de nós, sementes boas, foram bons cultivos. Se hoje o SEI está fazendo mais de 40 anos é merecido, pois cuidaram de cada aluno com toda dedicação. Eu deixo os meus sinceros parabéns a Escola SEI, não só pelos anos de trabalho, mas por cada aluno que entrou aqui, desde 1981, e os que estão até hoje. Desejo que o SEI possa continuar do mesmo jeito, que não mude, pois em time que está ganhando, não se mexe!

III. CARTA ABERTA À TIA EZIR

Janaina Bianchi

Querida tia Ezir!

Há muito tempo não nos falamos, não é mesmo? Mas ainda guardo viva na memória a lembrança da mulher inspiradora, de fala firme e doce, que comovia a todos nas aberturas e encerramentos das festas do SEI, fazendo com que saíssemos dali com lágrimas nos olhos e com a curiosa sensação de que tínhamos sido atravessados por um temporal interno que nos arrebatava de nós mesmos e logo em seguida nos devolvia ao nosso corpo inerte e ao nosso singelo universo simbólico, que já não era mais o mesmo após ouvi-la.

Sabe tia Ezir, há tempos atrás, algo curioso me aconteceu: recebi um convite que desejei por muito tempo; talvez, inclusive, fosse meu desejo ter tal oportunidade já desde minha infância, pois, de certo modo, sempre tive comigo a intenção de falar publicamente o quanto a experiência de ter estudado na escola SEI foi, indubitavelmente, relevante para o meu percurso profissional e também pessoal.

No entanto, mesmo tendo esperado muito por isso, percebo que agora, diante de tamanha tarefa, me faltam palavras... Elas fogem para longe, pois os sentimentos tão profundos que precisariam expressar são grandes demais para serem contidos em limitadas expressões significantes. Sabe, fico me perguntando, como poderei dar conta, de apenas com o uso da palavra, expressar tantas emoções intensas e vívidas? Por isso, estimada tia Ezir, decidi recorrer apenas à memória (recurso também bastante limitado), para dar conta de, minimamente, falar disto que se tratou de uma das experiências que, sem sombras de dúvidas, mais marcou a minha vida e a minha leitura de mundo.

Foi com você, tia Ezir, que aprendi a olhar para minhas memórias de um modo singular, você me ensinou que nossa história

nos constitui e que nossas lembranças são marcas daquilo que encontrou morada em nós. Por isso, esses pedacinhos que me habitam, me fazem voltar no tempo. Assim, voltarei ao início de tudo (será que podemos falar em início de tudo?), voltarei ao início daquilo que consigo saber através do que me foi transmitido: ao desejo de meus pais e àquilo que os fez escolher a escola SEI para matricularem as duas filhas. A senhora conhece essa história, tia Ezir? Vou contá-la brevemente para explicar um pouquinho de como, por contingências muito delicadas e generosas da vida, pude chegar ao SEI e, mais ainda, te conhecer.

Costumo me considerar alguém que teve privilégios genuínos ao longo da vida, um deles (provavelmente o maior de todos), certamente foi ser filha de um casal que via o mundo de forma um tanto quanto poética, exalando amor e afeto pela existência em toda sua grandiosa manifestação. Amor este que eles manifestavam em uma contínua aposta na vida, em suas inumeráveis e fascinantes facetas. Este modo tão característico de estar no mundo, se devia, por certo, ao fato de terem tido um encontro tão singular (um conto de fadas dos tempos modernos, em outro momento conto detalhes), que desde que se deu, passou a produzir neles (e em todos que os cercavam) um movimento de intensa abertura para a aventura, sem precedentes, que é o existir.

Menciono, brevemente esta história, pois considero que o originário tem uma importância fundamental nos rumos tomados por cada vida humana. Freud soube muito bem verificar isto, quando se abriu a uma escuta rigorosa da palavra dita, que lhe atestava que havia a escrita de uma fantasia que era anterior ao sujeito e que se apresentava inconscientemente, à revelia deste, presente naquilo que era considerado da ordem de escolhas conscientes. De modo que é exatamente por conta disto que introduzo essa história originária, para explicar de que maneira pude ser levada a outro grande privilégio que tive: estudar na escola SEI.

No que se refere à história de meus pais e como isso me levou ao SEI, o que se pode observar por meio de seus desdobramentos, é

que esse casal que via a vida por outro ângulo e a conduzia por distintas rotas, almejava para as filhas algo bastante diferente daquilo que é atualmente tão preconizado pela sociedade dita moderna, que propõe um valor exacerbado para o aspecto apenas material, no que diz respeito à obtenção de títulos e aquisições que visam atestar, apenas no sentido concreto, que aquele sujeito alcançou um suposto sucesso (que é somente medido em termos econômicos, na maioria das vezes).

Na contracorrente disso, o apaixonado casal (meus pais), que tinha como premissa a aposta contínua e ilimitada na vida, entendia que ter sucesso ou méritos, se referia a outra coisa: encontrar espaços onde fosse possível desenvolver amplamente nossas próprias habilidades inatas e subjetivas, isto é, fazer a aposta em algo que dissesse respeito ao estilo próprio de cada um, abrindo caminhos ao imenso potencial que poderia advir daí.

Deste modo, eles vislumbraram no SEI uma escola conduzida por uma família muito peculiar e sensível que, em sua opinião, conseguia produzir em parceria, um ambiente propício ao desenvolvimento não apenas do intelecto, mas, sobretudo do potencial humano. E, no entendimento de meus pais, se os filhos pudessem viver na escola uma extensão do que viviam em casa, seriam pessoas mais bem preparadas para a complexidade da existência humana.

Neste contexto, nunca fui forçada a viver uma intelectualidade opressora ou a ter méritos em notas ou nos esportes que viessem a esmagar a singeleza da experiência infantil, fato que, por sinal, percebemos ser muito comum nos dias de hoje, em instituições de ensino que se propõem a preparar a criança para a difícil vida profissional, repleta de escalas a serem galgadas, que muitos educadores acreditam, piamente, que o pequeno sujeito irá enfrentar pela frente.

Tenho impressão que você sempre teve muita clareza acerca destas importantes questões, tia Ezir. Hoje, olhando para o percurso educacional que trilhei no SEI (Serviço de Educação integral), vejo

que foi lá que pude também ir, aos poucos, adquirindo essa compreensão de mundo. Foi no SEI que adquiri algum “saber” acerca de disciplinas importantes que visam imprimir certos conhecimentos gerais a uma criança e a um adolescente. No entanto, o que de mais valioso essa escola me proporcionou (hoje, num *só depois*, posso dizer), foi o “Não-saber”, ou melhor, foi o saber “*não-todo*” inscrito na lógica fálica (termo cunhado por Lacan para designar uma forma Outra de se situar diante da fantasia e do campo significante, isto é, da linguagem).

É necessário que fique claro que quando se diz que em determinado contexto houve acesso não apenas ao saber, mas também ao não-saber, isto não quer, de modo algum dizer que ali não houve aprendizado. Ao contrário, dizer isto, se apropriando para tanto da teoria psicanalítica, diz respeito a pontuar que houve sim apreensão da experiência em diversas instâncias, inclusive em um campo, Outro (que está para além do que a linguagem pode representar) que se refere àquilo que não pode ser representado ou situado na linguagem, pois se passa também fora dela.

Dizer isto se refere a pontuar que no SEI, muito foi aprendido e apreendido, porém, a meu ver, a coisa mais importante que se deu neste processo, foi poder me situar mais além do campo referente a um saber apenas conceitual. Sendo que para a psicanálise este território Outro, diz de um campo não-todo, que significa estar não todo referenciado à lógica fálica, portanto, vigente. Para mim, olhando para trás a partir do hoje, isso significa muito, pois diz respeito a uma sutil autorização para que eu pudesse encontrar minhas próprias vias de construção de meu percurso pessoal e profissional.

Ter frequentado o SEI ao longo de minha infância e adolescência me possibilitou uma condição “*sine qua non*” de apropriação de uma singularidade que me era constitutiva e da qual eu poderia ter sido privada (como muitas crianças o são) em prol de um ensino em massa que busca sempre, ao final, uma acomodação

aos padrões de produtividade e normatização que, para se estabelecer, ferem o que há de mais íntimo no sujeito humano.

Você se lembra tia Ezir? Cheguei ao SEI com apenas nove anos de idade, tendo vindo de uma escola estadual e, portanto, pública, extremamente bem-conceituada na cidade de Dourados-MS; o nome desta escola era Castro Alves. Esta também foi uma experiência de imenso aprendizado para mim, pois além de adquirir diversos conhecimentos por meio de excelentes professores, pude ter noção daquilo que posteriormente eu compreenderia como as lamentáveis desigualdades sociais que marcam de forma indelével o sistema altamente competitivo do qual fazemos parte. A primeira experiência educacional foi primordial para que eu pudesse, desde muito cedo, apreciar o que muitos consideram diferente, estranho ou simplesmente aquilo que se situa à margem. Deste modo, quando cheguei ao Sei, já trazia minha pequena bagagem de compreensão de mundo, por haver passado por esta rica experiência anterior.

É fundamental mencionar aqui que minha mãe, nesta época, era chefe da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul com sua subsede em Dourados, de forma que, devido a isto, considerou importante que as filhas frequentassem a escola pública, podendo assim atestar o valor deste campo educacional. Também é válido mencionar que meus pais sempre tiveram uma profunda sensibilidade para temas sociais e humanos, de modo que, por conta disto, desejaram transmitir esta visão de mundo para as filhas através da escola que escolheram para estas. Essa escolha em um primeiro momento foi a escola pública enquanto espaço de experiência de uma alteridade que possibilitasse abertura da compreensão de mundo e de sociedade; e posteriormente, seria o SEI, uma escola particular que também, em decorrência de seu modo singular de operar com a educação, forneceria condições diferenciadas para que o pequeno sujeito pudesse ser e estar no laço social de modo aberto e criativo.

Essa escola que foi escolhida num segundo momento, não poderia ser qualquer, pois se mostrava necessário uma aposta que

dessa continuidade ao movimento que já estava sendo feito, que era o de imprimir aos filhos uma compreensão de mundo que abordasse o campo de alteridade (tudo o que é visto como diferente ao primeiro olhar) como legítimo e valioso, ou seja, uma escola que, de fato, transmitisse algo além apenas do ensino formal e conceitual. Tal instituição de ensino deveria ser capaz de apontar caminhos sobre como ser e estar no mundo não pertencendo a ele como simples objeto que serviria somente para incrementar a potente máquina de produção na qual se transformou o sistema social ao qual estamos submetidos.

Enfim, a escola escolhida deveria ser capaz de uma transmissão singular, que não seria possível empreender a partir de livros e teorias. Seria necessário que todo seu corpo discursivo e teórico apontasse para um Outro lugar. Mas que lugar? Um lugar onde a diferença poderia ser considerada, respeitada e inclusive valorizada. Um lugar onde sendo essa diferença reconhecida e apreciada, seria então interessante partilhar, trocar, dividir... Pois se o outro tem algo único que me falta e eu, por minha vez, também me encontro na mesma situação, a troca poderia se apresentar como possível e quiçá, desejável.

Hoje, sendo psicanalista e tendo passado por todos os atravessamentos que pude fazer a partir da psicanálise, posso dizer que ter estudado no SEI contribuiu imensamente para minha condição de sujeito capaz de bancar no mundo e no laço social, sua singularidade deseante. O que significa isto? De acordo com a teorização psicanalítica, este sujeito seria aquele que se apropriou da falta (que é estrutural) fazendo isto em lugar de negá-la; de modo que a partir desta condição faltosa (que nos marca a todos), pode então se autorizar a criar, aprender, transmitir, deliberar... enfim, inúmeros atributos que apenas aqueles que tem um encontro com a falta que nos constitui (a teoria psicanalítica chama isto de se deparar com o rochedo da castração) tem condições de fazer. Acho que estou sendo um pouquinho teórica (risos) e não era exatamente essa minha intenção. Mas como estou falando com você, tia Ezir, que é uma

grande psicóloga e educadora, além de mulher dotada de sensibilidade e inteligência ímpar; permiti-me usar conceitos psicanalíticos que nos são familiares.

Enfim, agora vamos parar de teorizações que o objetivo desta escrita não é necessariamente este, nem tampouco estou aqui para falar sobre mim (risos). O que pretendo hoje é falar sobre esse espaço educacional de excelência que é o SEI, mas para tanto preciso fazê-lo a partir do olhar da menina que fui quando estive lá. Sei que você me compreenderá, querida tia Ezir.

Lembro-me bem daquele primeiro dia, crianças correndo por todo lado... Cheguei tímida, mas aos poucos fui aderindo ao movimento. Em poucos meses minha turma foi presenteada com uma nova professora que veio cobrir a licença maternidade da professora anterior. A nova professora se chamava Maria Bezerra. Tia Maria nos tornou poetas.

Você se lembra, tia Ezir? Aquela sensível professora foi nos proporcionando não apenas o sabor da leitura (que carrego comigo até hoje) e a compreensão da gramática. Aconteceu muito mais que isso: fomos introduzidos ao reino dos sentimentos, nomeados e verbalizados por meio da beleza da poesia. Tia Maria nos trazia livros e mais livros de poesia e nos colocava sentados no chão para mergulharmos no paradisíaco universo da leitura. Ao final desta travessia, produzimos um livro só nosso. Neste momento, aprendi que viver é poesia e que eu poderia transformar todas as coisas em beleza por meio das palavras. Pude compreender que o “plano” dos meus pais estava funcionando: eu poderia ser apenas uma pequena poeta e não frequentar uma escola de forma obcecada pela profissional que eu deveria vir a ser no futuro.

Com isto não pretendo aqui dizer que não seja importante uma criança ser preparada para o competitivo mercado de trabalho que ela irá enfrentar; porém, sabemos, por meio de incontáveis evidências, que apenas o preparo cognitivo não define o futuro e não dá garantias de nenhuma ordem ao sujeito. Deste modo, no SEI, seguindo esta mesma proposta, outros professores incríveis vieram

e, em sua maioria, eles sempre abordavam o aprendizado por um viés que dava notícias do estilo desta escola: respeito e valorização ao modo de ser de cada um.

De certa maneira, fui percebendo ao longo dos anos, que nesta escola os alunos estavam sendo respeitados em sua singularidade, de forma que não quis interromper este processo prematuramente, por isso pedi aos meus pais para falarem com você, que era diretora da escola, sobre a possibilidade de existir ali uma continuidade aos estudos primários (algo que até então não havia por lá).

Eu desejava uma formação que desse seguimento a tudo aquilo que já estava sendo experienciado neste local. Então pedi, com toda a esperança que uma pré-adolescente consegue ter, a abertura de um magistério no SEI, pois além de desejar permanecer nessa escola, também almejava me tornar professora. Pedido feito, pedido aceito. Minha mãe, com toda sua bagagem educacional à frente da Secretaria de Educação do estado de MS, juntamente com você que tinha toda experiência conduzindo o SEI e Maria Marques, educadora sensível e de longa caminhada, toparam empreender tal projeto. Este trio foi inigualável, pois o quanto de delicadeza puderam colocar na construção desta proposta, não é possível explicitar.

O Magistério era um encanto, não consigo nem descrever o que era aquele corpo docente, nunca vi nada parecido em se tratando de uma escola. Era perceptível a sensibilidade utilizada para escolher estes professores que formariam outros professores. Assim, fui apresentada com a oportunidade ímpar de prosseguir no SEI e conduzir minha formação secundária de modo incomparável: praticamente tornando arte tudo o que era do campo cognitivo e conceitual.

Acredite, tia Ezir, pensei muitos anos acerca deste período e chego à conclusão que além de haver ali o Trio Maria Marques, tia Ezir e Nize Bianchi (minha mãe), todas com um estilo próprio e altamente sensível de educar, neste momento, para mim, surgiu algo inédito e que marcaria toda minha vida dali em diante: a psicologia.

A descoberta da psicologia foi um divisor de águas em minha vida e a devo totalmente a você.

Me lembro que você era psicóloga e passou a dar aulas no Magistério. Quando soube que seria minha professora de Psicologia Aplicada ao Ensino Fundamental, fiquei exultante de alegria. Por incrível que pareça, tia Ezir superou minhas expectativas. Foi a partir deste encontro com você que desejei ser psicóloga e, posteriormente, psicanalista.

As aulas de Psicologia me faziam pensar de um modo muito diferenciado, fui passando a fazer a leitura do oculto por trás do que é aparente. Compreendi que há um inconsciente que está lá se manifestando o tempo todo, mesmo que muitas vezes não tenhamos consciência disso. Isso me fascinou. *O Isso* me fascinou. *Isso* é o modo como Lacan (teórico que buscou um retorno radical a Freud) designou o que a psicanálise entende por inconsciente. Aos poucos fui me familiarizando com *Isso*, isto é, com o inconsciente, aquela parte de nós mesmos que desconhecemos.

Tia Ezir trazia filmes e propunha discussões que nos faziam pensar profundamente em diversas instâncias. Éramos adolescentes e tínhamos sede por todos aqueles conteúdos que nos permitiam ver o mundo por um outro ângulo. Além de tudo, havia também algo de místico em tia Ezir, pois todos os debates conduzidos por ela, ao final, apontavam sempre para algo de inefável, algo que o saber acadêmico e conceitual jamais poderia abarcar. Esse campo que não pode ser explicitado e muito menos conceitualizado, pois está para além do território significante e, portanto, da linguagem, se nomeia, para a psicanálise, de campo feminino, território de um gozo Outro, aquilo que para Freud foi tido como continente insondável.

Me pego pensando em como tudo isto, é incrível, e me emociono... afinal, hoje, além de ser psicanalista e poder escutar algo deste campo inconsciente a partir da fala de meus analisantes, bem como também ter o privilégio de conduzir a formação de outros psicanalistas no Corpo Freudiano, núcleo Dourados (Escola de formação em psicanálise na qual sou diretora e dou aulas), não à toa,

acabei de encerrar um Doutorado em teoria psicanalítica na UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, adivinhem só! Minha tese é sobre a experiência mística segundo a psicanálise. Ahh! querido SEI e amada tia Ezir, vejam só quantas marcas esse percurso me deixou. Traços que me constituíram e me fizeram ser quem sou hoje.

Não tenho condições de agradecer tamanha riqueza, isso seria humanamente impossível...a única coisa possível a mim é estar aqui, singelamente, devolvendo este testemunho de uma experiência que não pode ser contida em palavras, pois está para além delas... Gratidão infinita ao SEI e a todos que constituem seu corpo. Gratidão por tudo que hoje posso saber, porém, maior gratidão ainda, maior por tudo aquilo que fui autorizada a não saber... Essa sim é para mim a maior de todas as riquezas!

Com amor.

IV. ESCOLA SEI: UMA GESTÃO EM FAMÍLIA

Tatiane Silveira Doffinger Bruneto

A Escola SEI é uma gestão em família. A direção da escola é muito unida. São rígidos, prudentes e têm o pé no chão. O mais importante, sabem que Deus é que os capacita e são imensamente gratos por tudo que fazem e o que construíram em relação à Educação. Conhecem os alunos e os funcionários. Tia Ezir lidera a escola com maestria, sabedoria, muito trabalho e “broncas” (risos).

Mas, para nós alunas do Magistério, ela era simplesmente a nossa PROFESSORA. Tia Ezir deu aula durante os quatro anos ministrando Psicologia e Metodologia da Pré-escola, hoje Educação Infantil. Amávamos as aulas dela, com certeza todos os alunos lembram de cada pedacinho de suas aulas, e podemos chamar de “encantamento”.

Ela sempre estudou muito, ela pesquisava escolas, materiais e metodologias que dão certo em grandes centros e no exterior, ela é uma amante da pesquisa e da Educação. Juntos eles planejam e analisam cada projeto a ser iniciado na escola, e aos poucos esses projetos se tornam exemplos para outras escolas.

Desde a primeira vez quem nos recebeu no SEI foi o tio Gutierrez, ele nos levou em todos os pedacinhos da escola, nas salas e nos mostrou tudo, a piscina, o pátio, o parque, a sala dos professores, ficamos horas conversando com ele, com aquela paciência que só ele tem.

V. SEI SEMPRE SEI DESDE O INÍCIO!

Luciana Bagio Cassel

Eu sou da Escola SEI, desde o início. Eu estudei toda minha vida lá. Comecei junto com a escola SEI e estudei a vida toda lá dentro. [...] E agora os meus filhos estudam. Tenho dois guris que estão na Escola SEI também!

VI. O SEI É CINQUENTA POR CENTO DA MINHA VIDA!

Alessandro Silva Ferreira

A Escola SEI é cinquenta por cento do homem que eu sou. A formação que eu tenho, a educação e todos os predicados que um ser humano pode ter de forma positiva, foi o SEI que me encaminhou. A personalidade forte, o caráter, a capacidade de perseverar, de perseguir seus objetivos e vencer!

Posso dizer que minha vida é bem construída por conta do cinquenta por cento da família que tive, e a outra metade foi a Escola SEI.

Eu sou muito agradecido pelo fato de eles terem dado a mim e ao meu irmão a bolsa integral, o tempo todo que nós estudamos na escola. Se eles não tivessem feito isso, não teríamos completado o primeiro grau, quiçá conseguido fazer o segundo grau e o Magistério.

VII. PORQUE A ESCOLA SE CHAMA SERVIÇO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL?

Marina Sarat Suttana

O SEI marcou profundamente minha vida. Até hoje, 6 anos desde que saí da escola, frequentemente (praticamente mais de uma vez no mês), sonho que estou no prédio, assistindo alguma aula, fazendo alguma atividade extracurricular, usando a camiseta branca do uniforme e bermuda azul marinho. Passei pelos momentos mais memoráveis da minha vida nessa escola, e sou extremamente feliz e grata por tudo que vivi como aluna do SEI.

As minhas memórias mais antigas são numa sala amarela, do jardim, onde sentávamos juntos numa mesa grande. Lembro de tomar bronca das professoras por conversar demais, e elas me colocarem sentada longe das amigas para que eu ficasse (um pouco, pelo menos) quieta. Lembro das brincadeiras, do parquinho de areia azul, da parede mágica, das festas de aniversário na escola, da piscina que íamos uma vez na semana, do dia de levar o brinquedo para a escola e muitos outros momentos, como a bandinha, o coral, as festas, a diada, a tardada e a noitada, o dia maluco, e muitos outros eventos que a escola proporciona para os alunos.

Com o SEI fiz viagens, fomos para o sítio do Carroção, fiz passeios e visitas a outros lugares. Lembro de uma visita que fizemos à padaria vizinha à escola, na qual observamos o processo de produção dos pães e doces que iam para a venda. As professoras como a “Tia” Neusa no maternal, “Tia” Márcia no pré, “Tia” Aline no primeiro e segundo ano do fundamental, “Tia” Cida no terceiro ano, “Tia” Cássia no quarto, “Tia” Helen e “Tia” Fernanda no quinto ano, entre muitas outras que se fizeram presentes ao longo da minha formação e me ajudaram a me tornar o que eu sou hoje em dia, jamais poderei esquecê-las.

Lembro das leituras para a Dona Ezir, que nos deixava nervosos, e que no fim éramos recompensados com uma bala de

Coca-Cola. Lembro do carinho que a “Tia” Bete tinha com a gente na recepção da escola. Quando caíamos e nos machucávamos era sempre para ela que íamos pedir ajuda, e ela fazia um curativo, dava um chazinho ou ligava para os pais, em casos mais graves. De vez em quando, a gente ia na recepção e ela deixava apertar o botão do sino que anunciava o fim do recreio.

Me lembro das rígidas aulas de coral da professora Débora, as quais só faltei um semestre quando não estive no SEI. Lembro do “tio” Mauro, que todas as vezes que me encontrava pela escola começava a cantar a música de Dorival Caymmi, “Marina, morena, Marina você se pintou...” (que, coincidentemente, foi exatamente a música que inspirou o meu nome). Lembro das broncas do “tio” Fábio, que era firme e até hoje tem o nosso respeito (e ainda nos põe medo), e todas as vezes que ele ia tirar uma foto da turma ele falava “olha para minha barriga”, o que gerava risadas entre os alunos e contribuía para a foto.

“Tia” Mari, na cantina sempre preparando nosso lanche nos recreios, “Tio” Zé, que foi um professor de Educação Física muito querido e estava sempre presente, auxiliando em várias questões, “Tio” Carlos, o segurança que cuidava de nós e nos dava bronca quando aprontávamos, e muitas outras pessoas queridas que marcaram (e ainda marcam) a vida de muitos alunos, e especialmente a minha.

Me lembro da empolgação ao irmos para o ensino fundamental II e sentir que éramos mais velhos, indo de crianças para adolescentes, e passando a ter aulas no segundo andar da escola. Era quase um rito de passagem, o dia que começamos a ter aula no segundo andar. Eu, que estudava à tarde, passaria para a manhã, junto com os mais velhos. Nós que antes tínhamos uma professora por ano, agora passaríamos a ter um professor diferente por matéria, um horário específico para cada matéria, e isso era uma mudança imensa, que nos fazia sentir mais velhos e maduros (como se uma criança de 11 anos fosse muito mais madura que uma de 10).

Sempre fui uma aluna exemplar no quesito acadêmico. Tirava notas altíssimas em todas as matérias, fazia todos os trabalhos, todas as tarefas, tudo com empenho e dedicação. Odiava faltar nas aulas, com medo de perder algum acontecimento interessante, e lembro de receber o certificado de “Honra ao Mérito” pelas minhas notas por 2 anos. Mas, se tinha uma reclamação que faziam sobre mim era que eu conversava muito. Minha mãe me conta que quando ela atendia as reuniões de pais e mestres a única queixa que ela ouvia era “O único problema é que ela fala demais”.

Os professores, como a professora Lilian de Biologia, que fazia desenhos super elaborados no quadro, o professor Helly de História, que nos fazia rir muito em suas aulas, o professor Alessandro de Filosofia, que foi, inclusive, homenageado pela minha turma na formatura, o coordenador Aristides, professor de Gramática, que era rígido e (tentava) controlar um pouco a bagunça dos alunos e muitos outros que ainda são mencionados nas histórias contadas por mim e meus colegas, até os dias de hoje. Hoje, tendo inclusive alguma experiência na área da Educação, admiro ainda mais meus professores do fundamental II, por terem “aguentado” minha turma. Lembro de ser parte da “pior turma da escola”, por vários anos seguidos.

Lembro de sermos tão bagunceiros que tínhamos que subir em fila para a sala de aula, tal qual os aluninhos do fundamental I, como forma de punição. Lembro de ficarmos, inúmeras vezes, depois do horário da aula para levar bronca por conversar demais. Ainda sou muito amiga de colegas que estudaram comigo a vida toda no SEI, temos ótimas memórias dos dias passados lá, das risadas, das brincadeiras, mas também das brigas e das lágrimas. Não tenho arrependimentos, sinto que isso só demonstra como sempre fomos uma turma muito unida, mas realmente dávamos muita dor de cabeça aos professores. Claro que não foi só bagunça. A educação que recebi no SEI é algo que, até hoje, se destaca em minha vida.

Ainda me lembro de aulas, de certos assuntos, certos debates, e se hoje em dia estou em uma boa faculdade, fazendo pesquisa e almejando seguir para um mestrado e doutorado, é graças a educação

de base excepcional que recebi como aluna da escola (e realmente não é exagero). E não só no quesito acadêmico, mas o SEI me trouxe diversas outras lições e aprendizados que carregarei para a vida toda. Lembro que nós nos perguntávamos “Porque se chama ‘Serviço de Educação Integral’ se só temos aula em um período (de manhã ou de tarde)?” E os professores nos explicavam que era um outro tipo de “Integral”, se referia a uma educação completa, um aprendizado em todos os aspectos da vida. E isso realmente acontece.

Eu sou extremamente feliz e realizada por ter sido aluna do SEI. Hoje, faço faculdade em Curitiba, e planejo me mudar cada vez para mais longe, talvez, fora do país. Porém, às vezes tenho vontade de me mudar de volta para Dourados, no futuro, só para que meus filhos possam estudar no SEI e compartilhar da infância incrível que tive lá. Para muita gente a época da escola não traz tantas memórias boas, para muitos, a infância é um período amargo, mas para mim foi diferente. Quando penso na minha infância, meu peito se enche de coisas boas e nostalgia, às vezes, me dando vontade de voltar no tempo para aproveitar tudo aquilo novamente, e o SEI é em grande parte o responsável por isso.

Só tenho a agradecer a toda a equipe da escola, e especialmente a Dona Ezir, por ser como uma avó para todos nós e por fazer tudo com tanto carinho. Eu amo muito essa escola, e ela será para sempre parte inesquecível da minha vida, estando para sempre num local especial no meu coração.

VIII. DO SEI EU ME LEMBRO...

Mariana Barros

Meus melhores momentos da infância eu passei na Escola SEI. Eu me lembro com detalhes de cada lugar onde eu brinquei. Do maternal ao Pré, meus lugares preferidos eram a parede mágica e o parquinho de areia azul. Eu esperava a semana inteira por aquele momento que infelizmente, acontecia só uma vez por semana.

No fundamental, recordo bem de passar o recreio inteiro correndo pela escola, brincando de pega-pega. Recordo, também, das leituras que fazíamos para a tia Ezir, do frio na barriga que isso dava, mas que no final sempre dava certo. Ela nos dava uma balinha que, geralmente, era de coca-cola e eu saía toda feliz.

Depois que eu saí do SEI, no meu último ano, pensei em tudo o que vivi ali. Revivi as “diadas”, as “tardadas”, as “noitadas”, todas as danças da festa junina, a bandinha, o coral, os passeios de ônibus, as idas à piscina. Relembrei todas as professoras, coordenadores e pessoas especiais, que acompanharam o meu desenvolvimento, como a tia Mari e a tia Bete. Todos que passaram pelo meu caminho ajudaram a formar a pessoa que eu sou hoje.

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

Alexsandro Silva Ferreira

Ex-aluno da Escola SEI, fez o Magistério de 1995 a 1998, sendo o único menino de uma única turma de formandos. Tem graduação em Educação Física. Atualmente exerce a função de policial no estado do Rio Grande do Sul.

Almerinda Maria dos Reis Vieira Rodrigues

Mãe de ex-alunas da Escola SEI. Possui graduação em Pedagogia e Mestrado em História pela UFGD. Atualmente é professora titular aposentada da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Denis Morel

Ex-aluno da Escola SEI, estudou na instituição, toda a Educação Básica, desde 1984. Conheceu os três prédios nos quais a escola esteve alocada. Atualmente é profissional liberal e pai de aluno na escola.

Dirce Nei Teixeira de Freitas

Mãe de ex-aluna da Escola SEI. Possui graduação em Pedagogia. Mestrado (UFMS) e Doutorado em Educação (USP). Atuou na Escola SEI, na coordenação de um projeto de alfabetização no Ensino Fundamental, na década de 1990. Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Eliana Maria Ferreira

Graduada em Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Educação (UFGD). Coordenadora Pedagógica na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e professora colaboradora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS).

Ezir Bomfim Estremera Gutierre

Fundadora e proprietária da Escola SEI. Tem Magistério e graduação em Psicologia. Atualmente compartilha a coordenação e a direção da escola com sua equipe. No entanto, ainda é o lastro e o esteio no qual a escola está firmada.

Giana Amaral

Ex-professora da Escola SEI. Graduada em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Atualmente é Professora na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Membro do grupo Gestor do Fórum Permanente de Educação Infantil de Mato Grosso do Sul.

Ivan Valente

Professor aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pai de ex-alunos e alunas da Escola SEI.

Janaina Bianchi de Mattos

Ex-aluna da Escola SEI, fez o Magistério de 1995 a 1998, como única turma de formandos. Psicóloga. Possui Mestrado e Doutorado em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Jesus Estremera Gutierre

Fundador e proprietário da Escola SEI. Tem graduação em Pedagogia. Atualmente é o diretor da Escola, mas, compartilha a coordenação e a direção com sua equipe.

Jezio Hernani Bomfim Gutierre

Mestre e Doutor em Filosofia. Professor de Filosofia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Diretor presidente da fundação editora da UNESP. Presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias.

José Carlos Pereira

Segurança e porteiro da Escola SEI. Estudou em escolas públicas. Fez cursos na área de segurança. Foi do exército e trabalhou em vários espaços como segurança antes de trabalhar na Escola SEI, onde está há mais de doze anos.

Luana Tainah Alexandre Braz

Graduada em Pedagogia. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente é doutoranda em Educação no mesmo programa. Bolsista (FUNDECT/MS).

Luciana Bagio Cassel

Ex-aluna da Escola SEI, fez o Magistério de 1995 a 1998, como única turma de formandos. Estudou na Escola SEI, desde o início de sua vida escolar. Atualmente é arquiteta e mãe de filhos matriculados na Escola SEI.

Luciene da Silva

Graduada em Pedagogia e Letras. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco. Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente é professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS /Campo Grande).

Magda Sarat

Graduada em História e Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atualmente é professora titular da Faculdade de Educação na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Márcia Prenda

Ex-professora da Escola SEI. Graduada em Pedagogia. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente é coordenadora pedagógica da rede municipal de Educação da prefeitura municipal de Dourados e professora formadora da Secretaria Municipal de Educação de Dourados (SEMED).

Maria Elizabeth Bagio Cassel

Mãe de ex-aluna da Escola SEI. Atuou como professora antes de mudar-se para Dourados, foi professora em Porto Alegre. Atualmente, acompanha e participa como avó, pois seus netos seguem em atividades na Escola SEI.

Mariana Barros

Ex-aluna, estudou na Escola SEI toda a Educação Básica. Atualmente é aluna do curso de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Mato Grosso do Sul.

Marilei da Silva Flora Ortis

Merendeira e responsável pela cantina. Está na Escola SEI desde 1995, completando quase três décadas. O trabalho, na instituição foi seu segundo emprego. Não concluiu a escolaridade.

Marina Sarat Suttana

Ex-aluna, estudou na Escola SEI, desde o maternal até o final do Ensino Fundamental, ou seja, toda a Educação Básica. Atualmente é acadêmica do curso de Artes Visuais na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Curitiba.

Nedina Stein

Ex-professora da Escola Sei. Graduada em Pedagogia. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Atualmente é professora na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS).

Neusa Néspolo

Ex-professora da Escola SEI. Fez Magistério em Dourados na Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo e no Colégio Osvaldo Cruz. Foi aluna da professora Ezir. Está aposentada, tendo lecionado 30 anos nas turmas de maternal.

Renato Suttana

Pai de ex-aluna da Escola SEI. Graduado em Letras. Escritor e tradutor. Doutor em Literatura pela UNESP. Atualmente é professor titular da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Rosana Palhano Taveira de Mattos

Professora da Escola SEI, fez o curso de Magistério na Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo, e foi aluna da professora Ezir. Tem graduação em Educação Artística. Especialização em Educação Infantil. Leciona na Escola SEI, desde o ano de 1985.

Samara Grativol Neves

Graduada em Pedagogia. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente é professora da Rede Municipal de Dourados e Fátima do Sul.

Tadeu Fernando Figueiredo

Ex-aluno da Escola SEI, graduado em Educação Física. Atualmente trabalha como Educador Físico, personal *training* em academias e na área do esporte. Tem filhos/as matriculadas/os na Escola SEI.

Tatiane Silveira Doffinger Bruneto

Ex-aluna da Escola SEI, fez o Magistério de 1995 a 1998, como única turma de formandos. Foi estagiária e professora na instituição. Graduada em Pedagogia. Atualmente é professora na rede pública, no município de Dourados.

Telma Koller

Professora, coordenadora, secretária da Escola SEI. Formada em Letras, está na escola desde o início. Atualmente, aposentou-se da sala de aula e permanece atuando na secretaria e em outros setores que a demandem.

Wilson Correia Saraiva

Funcionário “faz tudo”. Pedreiro e mestre de obras por profissão. Não tem formação escolar, mas, foi ele quem construiu o prédio definitivo da Escola. Atualmente trabalha como auxiliar de serviços gerais e se destaca por ser um dos funcionários mais antigos da Escola, desde 1987.



© Paulo Takarada 2015

Convidamos leitores e leitoras a mergulhar em mais de quarenta anos de história e memórias da Escola Serviço de Educação Integral/SEI contada nessa Obra, resultado de uma pesquisa, que envolveu histórias de vida, memórias de profissionais da educação e de diferentes pessoas que passaram, e, ainda estão, na instituição. Experiências importantes de serem registradas, recuperadas e conhecidas, pois elas compõem a pesquisa em história da educação.

Pedro & João Editores



pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-1320-0



9 786526 513200 >